

CHEVY STEVENS

É MELHOR NÃO SABER

Algumas perguntas
devem ficar sem resposta





Sara Gallagher nunca sentiu que pertencesse de verdade à sua família de criação. Embora sua mãe seja amorosa e gentil e ela se dê bem com sua irmã Lauren, a relação com o pai e a irmã caçula, Melanie, sempre foi complicada.

Às vésperas de se casar, Sara decide que está pronta para investigar o passado e descobrir suas origens. Mas a verdade é muito mais aterrorizante do que ela poderia imaginar. Sara é fruto de um estupro, filha do Assassino do Acampamento, um famoso serial killer.

Toda a sua paz acaba quando essa história é divulgada na internet e o pai que ela anteriormente queria conhecer resolve entrar em sua vida de forma avassaladora. Eufórico com a descoberta de que tem uma filha, John vê nela sua única chance de redenção. E, para criar um vínculo com Sara, ele está disposto a tudo, até a voltar a matar.

Ao mesmo tempo, a polícia acredita que essa é sua única chance de prender o assassino e resolve usá-la como isca. Então Sara se vê numa caçada alucinante, lutando para preservar sua vida e a de sua filha.

Para Connel

PRIMEIRA SESSÃO



achei que conseguiria lidar com isso, Nadine.

Depois de todos aqueles anos com você, de todas as nossas conversas sobre a possibilidade de eu tentar encontrar minha mãe biológica, finalmente resolvi procurá-la. Dei esse passo. E você foi parte disso. Queria lhe mostrar a importância que você teve em minha vida, quanto cresci e estou equilibrada agora. Você sempre me disse: “A chave é o equilíbrio.” Mas me esqueci de outro conselho seu: “Vá com calma, Sara.”

Senti falta de nossos encontros. Lembra como eu estava desconfortável na nossa primeira sessão, principalmente quando expliquei por que precisava de ajuda? Mas você foi franca e engraçada – muito diferente de como eu imaginava que uma psiquiatra seria. Este consultório era sempre tão bonito e alegre que, não importavam minhas preocupações, invariavelmente eu me sentia me-lhor só de entrar aqui. Alguns dias, sobretudo no começo, eu nem queria ir embora.

Certa vez você me disse que a falta de notícias minhas era sinal de que as coisas estavam indo bem. Então, sempre que eu parava de vir, você sabia que tinha feito seu trabalho. E tinha mesmo. Os últimos anos foram os mais felizes da minha vida. Por isso achei que esse seria o momento certo, que poderia encarar tudo o que surgisse pela frente. Eu me sentia forte e segura. *Nada* traria de volta a crise nervosa que me fez vir aqui pela primeira vez.

Então ela, minha mãe biológica, mentiu quando finalmente a pressionei a falar comigo. Mentiu sobre meu pai biológico. A sensação foi a mesma de quando eu estava grávida de Ally e ela chutava minhas costelas – um súbito golpe interno que me deixava sem ar. Mas o que me desconcertou de verdade foi o medo que

minha mãe biológica demonstrou. Ela teve *medo* de mim. Tenho certeza disso. Só não sei por quê.



Tudo começou umas seis semanas atrás, no final de dezembro, depois que li uma matéria na internet. Naquele domingo eu me levantei absurdamente cedo – nenhuma possibilidade de um galo acordar quando você tem uma filha de 6 anos – e comecei a responder a alguns e-mails enquanto tomava minha primeira xícara de café. Agora os pedidos para restauração de móveis chegam de toda a ilha. Sentada diante do computador, eu pesquisava sobre uma escrivadinha da década de 1920 ao mesmo tempo que ria de Ally, no térreo. Em vez de assistir aos desenhos na TV, minha filha brigava com Moose, nosso buldogue francês malhado, por molestar seu coelhinho de pelúcia.

Foi quando um anúncio de Viagra surgiu na tela. Logo fechei a propaganda, clicando sem querer num link que me levou à página com o seguinte título:

Adoção: o outro lado da história

Dei uma lida nos comentários da matéria publicada no site do jornal *The Globe and Mail*. Histórias de pais que havia anos tentavam encontrar seus filhos e de pais que não queriam ser encontrados. Crianças adotadas que cresciam com a sensação de nunca terem sido bem-vindas, de não pertencerem ao lar adotivo. Algumas histórias dramáticas de rejeição. Outras alegres, de mães e filhas, irmãos e irmãs que enfim se reuniam e viviam felizes para sempre.

Minha cabeça começou a latejar. O que aconteceria se eu encontrasse minha mãe? Será que sentiríamos uma afinidade imediata? Ou ela me rejeitaria? E se eu descobrisse que ela estava morta? E se tivesse irmãos que nunca souberam da minha existência?

Só percebi que Evan tinha acordado quando ele beijou minha nuca e soltou uma espécie de gemido – um som que aprendemos com Moose e que usamos para indicar tudo, de *estou irritado* a *você é incrível!*

Minimizei a tela e girei a cadeira. Evan ergueu as sobrancelhas e abriu um sorriso.

– Está conversando com seu namorado virtual de novo?

– Qual deles? – respondi, sorrindo de volta

Evan levou as mãos ao peito, desabou em sua cadeira giratória e suspirou.

– Espero que ele tenha muitas roupas...

Comecei a rir. Eu sempre roubava as camisas de Evan, especialmente quando ele recebia turistas em sua pousada na floresta em Tofino, na costa oeste da ilha de Vancouver, a três horas de nossa casa em Nanaimo. Nessas ocasiões eu usava suas camisas direto e quase sempre as manchava, ao trabalhar em um novo móvel. Então quando ele chegava de viagem, me obrigava a lhe fazer todo tipo de favores em troca de seu perdão.

– Sinto dizer, querido, mas você é o único homem na minha vida. Ninguém mais aguentaria minha loucura – falei, colocando os pés em seu colo.

Evan parecia um universitário, com os cabelos negros espetados e o traje habitual: calça cargo e camisa polo. Por isso, na pousada, muitas pessoas pensam que ele é apenas um funcionário, e não o dono.

– Ah, estou certo de que em algum lugar há um médico com uma camisa de força que a acharia bonitinha – rebateu ele, sorrindo.

Fingi que ia acertá-lo com um chute e disse, enquanto massageava o lado esquerdo da minha cabeça, que latejava:

– Estava lendo uma matéria...

– Está com enxaqueca, querida?

– Com um pouquinho, mas vai passar logo – respondi. Ao perceber o olhar desconfiado de meu marido, emendei: – Tudo bem, admito que me esqueci de tomar o remédio ontem.

Após experimentar vários medicamentos durante anos, eu finalmente vinha conseguindo controlar minha enxaqueca com betabloqueadores. O segredo era não me esquecer de tomá-los.

Ele balançou a cabeça, demonstrando reprovação, e em seguida perguntou:

– Sobre o que era a matéria?

– A abertura dos arquivos de adoção de Ontário e... – gemi quando Evan apertou um ponto de pressão em meu pé – havia vários comentários de pessoas adotadas ou que entregaram seus filhos para adoção.

A risada de Ally ecoou no andar de baixo.

– Está pensando em encontrar sua mãe biológica?

– Não. Só achei a matéria interessante.

Mas a verdade é que eu *estava, sim*, pensando em procurá-la. Só não tinha certeza de estar pronta para isso. Sempre soube que era adotada, mas só percebi que isso significava que eu era diferente quando minha mãe me pôs sentada para me explicar que ela e papai teriam um bebê. Eu tinha 4 anos. À medida que sua barriga crescia, meu pai demonstrava estar cada vez mais orgulhoso, e então comecei a me preocupar com a possibilidade de que eles me devolvessem. O entendimento de quanto eu era diferente, porém, só veio quando trouxeram Lauren para casa e vi o modo como meu pai olhava para ela, e depois o jeito como me olhou quando pedi para segurá-la. Dois anos depois, eles tiveram Melanie, e meu pai também não deixou que eu a segurasse.

Evan, querendo mudar o assunto, fez um sinal afirmativo com a cabeça e perguntou:

– A que horas você quer sair para o *brunch*?

– Hora nenhuma – respondi, com um suspiro. – Mas graças a Deus Lauren e Greg vão, porque Melanie levará *Kyle*.

– Sua irmã é corajosa.

Meu pai adora Evan (provavelmente eles passariam todo o *brunch* planejando sua próxima viagem de pesca) tanto quanto despreza Kyle. Não posso culpá-lo. Kyle é um aspirante a astro do rock, mas pelo que sei a única coisa que ele toca é minha irmã. De qualquer forma, meu pai sempre detestou nossos namorados. Ainda me surpreendo com o fato de ele gostar de Evan. Bastou uma viagem à pousada para que meu pai se referisse a meu noivo como o filho que ele nunca teve. Ainda se vangloria do salmão que os dois pescaram.

– Ela acredita que se passarem mais tempo juntos, papai irá perceber todas as qualidades de Kyle – ironizei.

– Seja gentil, Sara. Melanie o ama.

Dei de ombros, rindo, e comentei:

– Na semana passada ela me disse que era melhor eu começar a tomar um sol, se não quisesse ficar da cor do meu vestido. Ainda faltam nove meses para o nosso casamento!

– Ela só está com ciúme. Não leve isso para o lado pessoal.

– Mas é claro que é pessoal!

Ally entrou correndo no quarto e se atirou em meus braços. Moose vinha logo atrás.

– Mamãe, Moose comeu todo o meu cereal!

– Você deixou a tigela no chão de novo, bobinha?

Ela riu com o rosto colado ao meu pescoço e senti seu cheiro refrescante quando seus cabelos fizeram cócegas em meu nariz. Morena e atarracada, Ally se parece mais com Evan que comigo, mesmo não sendo filha biológica dele. Mas ela tem meus olhos verdes – olhos de gato, como Evan os chama –, e meus cachos, também, embora aos 33 anos minhas mechas estejam um pouco mais lisas, enquanto as de Ally ainda formam anéis bem-definidos.

Evan se levantou e bateu as palmas das mãos.

– Família, é hora de nos arrumarmos para sair.

□

Na semana seguinte, logo após o ano-novo, Evan foi para a pousada por alguns dias. Eu tinha lido mais algumas histórias sobre adoção na internet e, na noite anterior à sua viagem, comentei que estava pensando em procurar minha mãe biológica enquanto ele estivesse fora.

– Tem certeza de que é uma boa ideia fazer isso agora? Você anda tão ocupada com os preparativos para o casamento...

– Mas isso faz parte dele. Nós vamos nos casar e, pelo que sei, fui deixada aqui por alguém do espaço sideral.

– Sabe, até que isso explicaria algumas coisas...

– Rá, rá, rá, muito engraçado.

Ele sorriu e então disse:

– Agora, falando sério, Sara: como você vai se sentir se não conseguir encontrá-la ou se ela não quiser vê-la?

Como eu iria me sentir? Afastei esse pensamento e dei de ombros.

– Terei de aceitar, se isso acontecer. As coisas já não me afetam tanto como antes. Mas realmente acho que preciso tentar, sobretudo se quisermos ter filhos. – Durante todo o tempo em que estive grávida da Ally tive medo do que eu pudesse transmitir a ela. Felizmente, ela é saudável. Mas sempre que Evan e eu conversamos sobre ter um filho, meu temor reaparece. – O que mais me preocupa é a possibilidade de chatear meus pais.

– Você não precisa contar a eles. Afinal, isso diz respeito à sua vida. Mas ainda acho que este não é o melhor momento.

Talvez ele estivesse certo. Cuidar da Ally e de meu próprio negócio já era estressante o suficiente, sem falar em todos os preparativos para o casamento.

– Vou pensar sobre o que você disse e talvez deixe isso para depois...

– Ah-hã, sei... – disse Evan, sorrindo. – Eu a conheço, querida: quando você toma uma decisão, não há quem a faça mudar de ideia!

– Mas prometo que irei pensar – falei, rindo.

□

Realmente cogitei esperar, principalmente quando imaginei a expressão no rosto de minha mãe caso descobrisse meus planos. Ela costumava dizer que o fato de eu ser adotada significava que eu era especial, porque tinha sido escolhida. Quando eu tinha 12 anos, Melanie me contou sua versão: que nossos pais me adotaram porque minha mãe não podia ter filhos, e que então não precisavam mais de mim. Logo depois, minha mãe me encontrou em meu quarto, fazendo as malas para ir embora. Quando lhe contei que iria ao encontro de meus “verdadeiros” pais, ela começou a chorar, dizendo: “Seus pais biológicos não podiam cuidar bem de você, mas quiseram que tivesse o melhor lar possível. Por isso cuidamos de você e a amamos muito.” Nunca me esqueci da mágoa que vi refletida em seus olhos, nem da fragilidade de seu corpo contra o meu quando ela me abraçou.

Após aquele episódio, voltei a pensar em procurar meus pais biológicos quando me formei na universidade, e também quando descobri que estava grávida, e ainda sete meses depois, quando peguei Ally no colo pela primeira vez. Mas, naquelas três ocasiões, eu me coloquei no lugar de minha mãe e imaginei como me sentiria se fosse comigo: se eu tivesse uma filha que quisesse procurar a mãe biológica, como eu ficaria magoada e assustada, então nunca levei a ideia adiante. Talvez também não houvesse levado desta vez, se meu pai não tivesse telefonado e convidado Evan para pescar.

– Sinto muito, pai: ele viajou ontem. Por que não leva o Greg?

– Greg fala demais.

Eu me senti mal pelo marido de Lauren. Para meu pai, enquanto Kyle era desprezível, Greg não tinha nenhuma utilidade. Eu já o vira dar as costas em meio a uma conversa e deixar meu cunhado falando sozinho.

– Vão ficar em casa? Vou pegar Ally na escola e pensei em passar aí para uma visita.

– É melhor fazer isso outro dia: sua mãe está tentando descansar.

– A doença de Crohn a está incomodando de novo?

– Ela só está cansada.

– Está certo, então. Se precisar de alguma coisa, me avise.

□

A saúde de minha mãe sempre teve altos e baixos. Ela ficava bem durante semanas, e então pintava nossos quartos, costurava cortinas e cozinhava muito. Nesses momentos, até mesmo meu pai parecia quase feliz. Lembro-me de que certa vez ele me pôs em seus ombros – e o que meus olhos viram de lá de cima foi tão inebriante quanto a rara atenção que ele me oferecia. Mas minha mãe sempre acabava fazendo coisas em excesso e adoecendo dias depois. Ela se enfraquecia diante de nossos olhos enquanto seu corpo se recusava a aceitar qualquer alimento – até mesmo comida para bebês a fazia correr para o banheiro.

Quando ela estava em crise, meu pai voltava para casa e me perguntava o que eu tinha feito durante todo o dia, como se tentasse encontrar algo – ou alguém – com que se irritar. Quando

eu tinha 9 anos, ele me encontrou um dia em frente à tevê enquanto minha mãe dormia. Arrastou-me pelo pulso até a cozinha, apontou para a pilha de louça suja e me chamou de filha preguiçosa e ingrata. No dia seguinte, ele se irritou com a pilha de roupas para lavar e, no outro, com os brinquedos de Melanie na entrada da garagem. Seu corpo enorme de operário se agigantava sobre mim e sua voz vibrava de raiva, mas nunca gritou nem fez nada que minha mãe pudesse ver ou ouvir. Ele me levava até a garagem e listava todos os meus defeitos, enquanto eu olhava para seus pés, morrendo de medo de que ele fosse dizer que não me queria mais. Então ele ficava uma semana inteira sem praticamente me dirigir a palavra.

Comecei a realizar as tarefas domésticas antes mesmo que minha mãe tivesse chance de fazê-las. Enquanto minhas irmãs saíam com os amigos, eu ficava em casa preparando jantares que nunca conquistavam a aprovação de meu pai, mas ao menos não mereciam seu silêncio. Eu fazia qualquer coisa para evitar o silêncio e para impedir que minha mãe adoecesse mais uma vez. Se ela estivesse saudável, eu estaria segura.



Naquela noite, quando telefonei para Lauren, ela me contou que tinha acabado de chegar com os garotos de um jantar na casa de nossos pais. Meu pai os convidara.

- Então foi só minha filha que não teve permissão para ir.
- Tenho certeza de que não foi isso, Sara. É só que Ally tem muita energia e...
- O que você quer dizer com isso?
- Não quero dizer nada. Ally é adorável, mas papai provavelmente achou que três crianças seriam demais.

Eu sabia que Lauren só estava tentando fazer com que eu me sentisse melhor e não me queixasse de nosso pai – algo que ela detestava que eu fizesse. Ainda assim, fico muito chateada com o fato de ela nunca perceber – ou não admitir – que nosso pai me trata de um jeito diferente. Depois que nos despedimos e desligamos, quase telefonei para saber como minha mãe estava, mas então me lembrei de meu pai dizendo para eu não ir lá, como se eu fosse um cachorro que só tem permissão de dormir na

varanda para não bagunçar a casa. Então, recoloquei o fone no gancho.



No dia seguinte, preenchi o formulário no Escritório Nacional de Registro Civil, paguei os cinquenta dólares e comecei a esperar. Gostaria de dizer que o fiz pacientemente, mas após a primeira semana quase me engalfinhei com o carteiro. Um mês depois, meu Registro de Nascimento Original (RNO) – como a mulher no Escritório Nacional o chamava – chegou pelo correio. Olhei para o envelope e percebi que minha mão tremia. Queria que Evan estivesse ao meu lado quando eu o abrisse, mas ele estava de novo na pousada e só voltaria em *uma semana*. Ally tinha ido para a escola e a casa estava em silêncio. Respirei fundo e rasguei o envelope.

O nome da minha mãe biológica era Julia Laroche e nasci em Victoria, na Colúmbia Britânica. Meu pai constava como desconhecido. Li várias vezes o registro de nascimento e o certificado de adoção, mas uma pergunta continuava sem resposta: “Por que você me entregou para adoção?”



Na manhã seguinte, acordei cedo e acessei a internet enquanto Ally ainda dormia. A primeira coisa que chequei foi o Cadastro Nacional de Adoção, mas quando percebi que demoraria outro mês para obter uma resposta, decidi procurar por conta própria. Depois de vinte minutos de buscas on-line, encontrei três mulheres chamadas Julia Laroche em Quebec e quatro nos Estados Unidos que pareciam ter a idade que minha mãe biológica teria. Duas moravam na ilha, e quando vi que ambas tinham nascido em Victoria, senti um frio na barriga. Será que, mesmo depois de tantos anos, minha mãe ainda morava lá? Cliquei rapidamente no primeiro link e suspirei quando percebi que a mulher era jovem demais, a julgar por seu comentário em um fórum de mães inexperientes. O segundo link me levou a um site de uma corretora de imóveis em Victoria. Seus cabelos eram castanho-avermelhados, como os meus, e ela parecia ter a idade compatível. Estudei seu rosto com uma mistura de empolgação e medo. Será que eu havia encontrado minha mãe biológica?

Depois de levar Ally de carro à escola, sentei-me à escrivaninha e circulei o número do telefone que anotara em um pedaço de papel. *Telefonarei daqui a um minuto. Depois de tomar outra xícara de café. Depois de ler o jornal. Depois de pintar cada unha do pé de uma cor diferente.* Finalmente me obriguei a pegar o telefone.

Trrim.

Talvez nem fosse ela.

Trrim.

Era só colocar o fone no gancho, simples assim. Essa era uma maneira ruim de...

– Alô, aqui é a Julia Laroche, em que posso ajudar?

Abri a boca, mas não consegui dizer nada.

– Alô? – repetiu ela.

– Oi, estou ligando... estou ligando porque... – *Porque sou uma idiota e achei que se dissesse algo brilhante você iria se lamentar por ter desistido de mim, só que agora não consigo nem me lembrar do meu nome.*

Percebi um tom de impaciência em sua voz:

– Está querendo comprar ou vender uma casa?

– Não, eu... – Respirei fundo e disse apressadamente: – Talvez eu seja sua filha.

– Isso é algum tipo de piada? Quem é você?

– Meu nome é Sara Gallagher. Nasci em Victoria e fui entregue para adoção. Você tem cabelos castanho-avermelhados e a idade bate, por isso pensei...

– Querida, não há como você ser minha filha. Não posso ter filhos.

Senti meu rosto arder.

– Ai, meu Deus, sinto muito! Só pensei... Quero dizer, eu esperava que...

A voz se tornou mais suave.

– Tudo bem. Boa sorte em sua busca. – Eu estava prestes a desligar quando ela disse: – Há uma Julia Laroche que trabalha na universidade. Às vezes ligam para mim por engano.

– Obrigada.

Meu rosto ainda estava quente quando coloquei o telefone na escrivaninha e me dirigi ao meu ateliê. Limpei a maioria dos pincéis, sentei-me e fiquei olhando para a parede, pensando no que a corretora de imóveis acabara de me dizer. Alguns minutos depois voltei ao computador. Após uma pesquisa rápida, o nome da outra Julia surgiu em uma lista de professores da Universidade de Victoria. Ela ensinava história da arte – será que viria daí minha paixão por coisas antigas? Balancei a cabeça. Por que estava me permitindo ficar animada? Aquilo não passava de um nome! Respirei fundo, telefonei para a universidade e fiquei surpresa quando transferiram a ligação direto para Julia Laroche.

Ela atendeu, só que dessa vez eu tinha um discurso pronto:

– Oi, meu nome é Sara Gallagher e estou procurando minha mãe biológica. Por acaso você entregou uma filha para adoção 33 anos atrás?

Ela arfou do outro lado da linha. Depois, o silêncio.

– Alô?

– Não telefone para cá de novo – disse ela. E então desligou.

□

Chorei muito. Por horas. E isso me provocou uma enxaqueca tão forte, que Lauren teve de ficar com Ally e Moose. Felizmente os dois filhos de minha irmã são quase da mesma idade de Ally, que adora ir para a casa da tia. Eu, porém, detesto ficar longe dela por uma noite que seja, mas tudo o que conseguia fazer era permanecer deitada, no escuro, com uma compressa fria na cabeça, esperando a enxaqueca passar. Evan ligou e contei a ele o que tinha acontecido, falando bem devagar, por causa da dor. Na tarde seguinte, parei de ver auras ao redor das coisas e então Ally e Moose puderam voltar. Evan telefonou novamente naquela noite.

– Está se sentindo melhor, querida?

– A dor passou. Foi muita burrice minha esquecer o remédio outra vez. Agora estou aqui no escritório e quero telefonar para alguns fotógrafos ainda nesta semana e...

– Sara, você não precisa fazer tudo agora, com tanta pressa. Deixe os fotógrafos para quando eu voltar.

– Não, está tudo bem: eu cuido disso.

Eu admirava a personalidade calma de Evan, mas nesses dois anos que passamos juntos aprendi que o “podemos deixar isso para depois” geralmente significa que eu teria de correr como uma louca para resolver as coisas no último minuto. Decidi mudar de assunto:

– Estava pensando no que aconteceu com minha mãe biológica...

– Sei...

– Pensei em escrever uma carta para ela. Não sei o endereço, mas posso deixar a correspondência na universidade..

– Sara... – começou Evan após alguns segundos de silêncio. – Não sei se é uma boa ideia...

– Se ela não quiser me conhecer, não tem problema, mas acho que o mínimo que poderia fazer é me dar meu histórico médico. E quanto à Ally? Você não acha que ela tem o direito de saber? Podemos ter tendência a problemas de saúde como... hipertensão, diabetes ou *câncer*...

– Querida. – A voz de Evan estava serena, mas firme. – Fique calma. Por que está deixando sua mãe aborrecê-la desse jeito?

– Não sou como você, sabia? Não consigo simplesmente ignorar as coisas.

– Ouça, sua estressadinha, eu estou do seu lado, sabia disso?

Fiquei em silêncio, com os olhos fechados, tentando respirar e me lembrando de que não era com Evan que eu estava zangada.

– Sara, faça o que tiver de fazer. Sabe que eu a apoiarei em tudo. Mas acho que deveria esquecer esse assunto.

□

No dia seguinte, enquanto fazia a viagem de uma hora e meia até o sul da ilha, eu já me sentia mais tranquila e confiante em que estava agindo da maneira certa. As cidades e os vales charmosos,

as plantações, a vista do mar e as cadeias de montanhas ao longo da Island Highway sempre me deixam mais calma. Quando me aproximei de Victoria e atravessei a floresta intocada do Parque Goldstream, lembrei-me do dia em que papai nos levou ali para ver a desova dos salmões no rio: Lauren ficou horrorizada com as gaivotas se banquetando nos peixes mortos e eu detestei sentir o cheiro de morte no ar, que se entranhava em nossas roupas e narinas. Detestei mais ainda o modo como papai explicou tudo às minhas irmãs, mas ignorou minhas perguntas – isto é, me ignorou.

Evan e eu já conversamos sobre um dia abrirmos um segundo ponto de observação de baleias em Victoria. Ally adora o museu e os artistas de rua no porto, e eu sou apaixonada pelos prédios antigos. Mas Nanaimo por enquanto é o lugar certo para nós. Embora seja a segunda maior cidade da ilha, ainda preserva uma atmosfera de cidade pequena. É possível caminhar no calçadão do porto, fazer compras no Centro Antigo e subir uma montanha com uma vista maravilhosa das ilhas do Golfo, tudo no mesmo dia. Quando queremos mudar de ares, pegamos a balsa para o continente ou dirigimos até Victoria para fazer compras. Mas se nesta viagem as coisas não dessem certo em Victoria, o caminho de volta para casa seria longo.



Meu plano era deixar a carta pedindo informações no escritório de Julia. Mas quando a mulher da recepção me disse que a professora Laroche estava dando aula no prédio vizinho, tive de ir ver como ela era. Afinal, Julia nem mesmo sabia que eu estava lá... Depois eu deixaria a carta na recepção.

Abri lentamente a porta da sala e me esgueirei para dentro com o rosto virado para a plateia. Encontrei um lugar em uma das últimas fileiras, sentei-me encolhida – sentindo-me uma perseguidora – e olhei para minha mãe.

– Como vocês podem ver, a arquitetura do mundo islâmico variava...

Em meus devaneios ela era uma versão mais velha de mim, mas enquanto meus cabelos são castanho-avermelhados e ondulam displicentemente sobre minhas costas, os dela eram pretos, lisos e cortados na altura dos ombros. Não pude ver a cor de seus olhos, mas seu rosto era redondo e revelava uma estrutura óssea delicada.

Tenho maçãs do rosto proeminentes e traços nórdicos. O vestido transpassado preto de Julia delineava um corpo ligeiramente infantil. Meu porte é atlético. Ela provavelmente media pouco mais de 1,50m e eu tenho quase 1,80m. Julia apontava para as imagens projetadas na tela de um modo calmo e elegante. Eu gesticulo tanto que estou sempre derrubando alguma coisa. Se não fosse por sua reação ao telefone, que não me saía do pensamento, eu diria que aquela não era a mulher que eu procurava.

Assisti à aula de Julia sem prestar muita atenção, fantasiando como teria sido minha infância se ela tivesse me criado. Teríamos discutido arte durante o jantar servido em lindas baixelas e, vez por outra, à luz de velas em candelabros de prata. Durante as férias, viajaríamos para outros países e visitaríamos museus, e nos cafés da Itália teríamos longas conversas inteligentes acompanhadas por cappuccinos.

Uma onda de culpa me atingiu. *Eu tenho mãe.* Pensei na mulher meiga que me criou; que fazia compressas de folhas de repolho para minhas dores de cabeça mesmo quando não estava se sentindo bem; e que não sabia que eu estava procurando minha mãe biológica.

Assim que a aula terminou, desci a escada em direção à porta lateral. Quando passei por Julia ela sorriu com um olhar indagador, como se estivesse se perguntando quem eu era. Quando um aluno parou para lhe perguntar algo, segui rapidamente até a porta. Antes de sair, porém, dei uma última olhada para trás. Seus olhos eram castanhos.

Fui direto para o carro. Ainda estava sentada lá, com o coração disparado dentro do peito, quando a vi sair do prédio. Julia caminhou até o estacionamento da faculdade. Virei o carro naquela direção e a observei entrar em um Jaguar clássico branco. Quando ela começou a se afastar, eu a segui.

Pare. Pense no que está fazendo. Pare o carro.

Como se isso fosse acontecer...

Segui Julia pela Dallas Road, uma das áreas litorâneas mais nobres de Victoria. Uns dez minutos depois ela virou em uma entrada de garagem circular de uma grande casa no estilo Tudor à beira-mar. Parei o carro e peguei um mapa. Julia estacionou em

frente a uma escadaria de mármore, caminhou em direção à lateral da casa e desapareceu por uma porta.

Ela não havia batido. Pelo visto, morava ali.

O que eu deveria fazer? Ir embora e me esquecer de tudo? Deixar a carta na caixa de correio junto à entrada da garagem e correr o risco de que outra pessoa a encontrasse? Entregá-la pessoalmente a ela?

Quando cheguei à grande porta da frente, feita de mogno, agi como se fosse uma idiota: fiquei paralisada, pensando se deveria enfiar a carta por baixo da porta ou dar as costas e voltar correndo até meu carro. Não bati nem toquei a campainha, e no entanto a porta se *abriu*. Eu estava cara a cara com minha mãe. E ela não parecia feliz em me ver.

– Pois não?

Meu rosto ardia.

– Oi... eu... assisti à sua aula. – Seus olhos se estreitaram, observando o envelope em minha mão. – Escrevi uma carta para você. – Minha voz parecia ofegante. – Queria lhe perguntar algumas coisas. Nós nos falamos há uns dias... – Julia me olhou fixamente. – Sou sua filha.

Ela arregalou os olhos ao dizer:

– Você precisa ir embora.

Em seguida, tentou fechar a porta, mas coloquei o pé na frente para impedi-la.

– *Espere*. Não quero aborrecê-la. Só gostaria de fazer algumas perguntas, coisas que minha filha precisa saber. – Tirei uma foto de dentro da carteira. – Ela se chama Ally. Tem 6 anos.

Julia não olhou para a foto. Quando falou, sua voz soou tensa e estridente.

– Este não é um bom momento. Não posso. Simplesmente *não posso*.

– Cinco minutos. É só disso que eu preciso, e depois a deixarei em paz. – Ela olhou por cima do ombro para o telefone que havia sobre uma mesa no saguão de entrada. – Por favor, prometo que nunca mais virei aqui.

Julia me levou para uma sala próxima, na qual havia uma escrivaninha de mogno e estantes de livros que iam do chão ao teto. Afastou um gato que estava deitado em uma cadeira de couro antiga de espaldar alto. Sentei-me e arrisquei um sorriso ao dizer:

– Os gatos himalaicos são lindos.

Mas ela não sorriu de volta. Ficou sentada na beirada de sua cadeira, com as mãos cruzadas no colo, tão apertadas que os nós dos dedos estavam brancos.

– Esta cadeira é maravilhosa – continuei. – Trabalho restaurando móveis, mas este está perfeito. Adoro antiguidades. Sou apaixonada por tudo o que é antigo, carros, roupas... – Minha mão roçou a jaqueta preta de veludo molhado que eu tinha combinado com jeans.

Ela olhou para o chão. Vi que suas mãos começaram a tremer. Respirei fundo e fui direto ao assunto:

– Só quero saber por que você me entregou para adoção. Não estou chateada, tenho uma vida boa. Só... só quero saber. *Preciso* saber.

– Eu era jovem. – Agora a voz de Julia estava fraca, monótona. – Aquilo foi um descuido, eu não queria filhos.

– Então, por que me teve?

– Eu era muito religiosa.

Era?

– E quanto à sua família, eles são...

– Meus pais morreram em um acidente... *depois* que você nasceu. – Aquelas últimas palavras foram pronunciadas muito rapidamente. Esperei que ela dissesse mais alguma coisa. O gato se enroscou em suas pernas, mas ela não tocou nele. Notei uma veia pulsando em seu pescoço.

– Sinto muito. O acidente foi na ilha?

– Nós... eles... viviam em Williams Lake – e ao dizer isso seu rosto ficou vermelho.

– Seu nome, Laroche, o que significa? É francês, não é? Você sabe de que parte da...

– Nunca pesquisei isso.

– E meu pai?

– Eu estava em uma festa e não me lembro de nada. Não sei onde ele pode estar.

Olhei para aquela mulher elegante e não havia nada nela que combinasse com bebedeira e uma aventura de uma única noite. Ela estava mentindo, eu tinha certeza disso. Queria que Julia me olhasse nos olhos, mas ela fitava o gato. Tive uma vontade louca de pegá-lo e atirá-lo nela.

– Ele era alto? Eu me pareço com ele ou...

– Já lhe disse que não me lembro. Acho que é melhor você ir, agora – interrompeu ela, levantando-se.

– Mas...

Ouvimos uma porta bater nos fundos da casa. Julia instantaneamente levou a mão à boca. Uma mulher mais velha com cabelos louros cacheados e um xale rosa sobre os ombros magros apareceu à porta.

– Julia! Que bom que está em casa! Deveríamos... – Ela parou ao me ver e seu rosto se abriu em um sorriso. – Ah! Oi, não sabia que Julia estava com uma aluna.

Levantei-me e lhe estendi a mão, apresentando-me:

– Sou Sara. A professora Laroche teve a gentileza de revisar um trabalho meu, mas agora preciso ir.

– Sou Katharine – disse a mulher, enquanto apertava minha mão. – Julia é minha... – continuou a dizer, mas sua voz foi sumindo enquanto seus olhos sondavam o rosto de Julia.

Adiantei-me ao silêncio incômodo:

– Prazer em conhecê-la. – E, virando-me para Julia: – Obrigada mais uma vez pela ajuda.

Ela esboçou um sorriso e assentiu com a cabeça.

De volta ao carro, olhei por cima do ombro. Elas ainda estavam em pé junto à porta aberta. Katharine sorriu e acenou, mas Julia ficou apenas olhando para mim.

□

Agora pode entender por que precisei vir falar com você. Eu me sinto como se estivesse no meio de um lago congelado e a

camada de gelo fino começasse a rachar. Não sei para onde ir. Será que devo tentar descobrir por que minha mãe biológica mentiu, ou devo seguir o conselho de Evan e esquecer esse assunto? Sei que vai dizer que sou a única que pode tomar essa decisão, mas preciso de sua ajuda.

Fico pensando em Moose. Em um sábado frio, quando ele era filhote, saímos e o deixamos na área de serviço porque ele não era treinado para fazer as necessidades fora de casa. Nosso cachorro fazia tanto xixi que Ally tentou pôr as fraldas de uma boneca nele. Tínhamos um lindo tapete de corda colorido que trouxemos de uma viagem a Saltspring Island. Moose deve ter mordido uma ponta dele e depois começado a puxar. Quando voltamos para casa, o tapete estava totalmente destruído. Minha vida é como aquele tapete: levou *anos* para ser costurada. Agora tenho medo de que, se eu continuar a puxar essa única ponta, tudo se desfaça.

Mas não sei ao certo se consigo parar.

SEGUNDA SESSÃO



ensei em tudo o que você me disse: que eu não

tinha de decidir imediatamente, que precisava ter certeza de minhas expectativas quanto ao meu passado e dos motivos de eu querer saber mais sobre ele. Até escrevi uma tabela dos prós e dos contras, como costumávamos fazer juntas. Dessa vez organizei tudo em pequenas colunas. No entanto, continuei sem resposta, por isso fui para o ateliê, fiquei ouvindo Sarah McLachlan e chorei todas as mágoas enquanto “atacava” o armário de carvalho em que estava trabalhando. A cada camada de tinta que arrancava, eu me sentia mais calma. Não mais me importavam a mentira ou não de minha mãe biológica nem minhas origens. Só a minha vida de agora era digna de consideração.

Eu tinha telefonado para Evan logo depois do encontro com Julia Laroche. Por isso, quando voltou para casa naquele fim de semana, ele me trouxe chocolates e vinho tinto, uma surpresa antecipada pelo Dia dos Namorados – aquele homem não tem nada de bobo! Porém, a atitude mais inteligente de sua parte foi ele não ter dado nenhum sermão: Evan só me deu um abraço e deixou que eu esbravejasse até perder a energia. E realmente a perdi. Então veio a depressão. Fazia tanto tempo que eu não ficava deprimida que, a princípio, não percebi que estava mal. É como dar de cara com um ex-namorado e não conseguir se lembrar o que nele a fazia se sentir tão mal, tão zangada com tudo. Somente algumas semanas depois comecei a voltar ao normal. Eu deveria ter parado por aí.



Evan tinha voltado para a pousada e Greg, o marido de Lauren, que trabalha na madeireira de meu pai, acabara de ir para o campo, por isso Ally e eu fomos jantar na casa de minha irmã. Eu me saio

bem na cozinha quando não estou obcecada por algum projeto, mas o rosbife e o pudim Yorkshire de Lauren humilham meus refogados.

Enquanto os dois filhos de Lauren – louros e com grandes olhos azuis, como ela – corriam atrás de Ally e de Moose no quintal, nós duas fomos comer a sobremesa e tomar nosso café na sala. Eu me sentia feliz pelo inverno brando que estava fazendo, embora nunca fosse realmente frio na ilha. De qualquer forma, minha irmã e eu aproveitamos para nos enroscar diante da lareira e pôr em dia as últimas fofocas sobre as crianças. Os dois meninos de Lauren estão sempre quebrando alguma coisa, enquanto minha filha tem problemas na escola por não parar de dar ordens aos outros ou por falar quando não deveria. Toda vez que eu reclamo, Evan ri e diz apenas: “Gostaria de saber a quem ela puxou.”

Quando eliminamos o último traço de chocolate de nossos pratos, Lauren perguntou:

– Como estão indo os preparativos para o casamento?

– Nem me pergunte! Minha lista de coisas a fazer está *enorme*.

Lauren riu, jogando a cabeça para trás e revelando uma cicatriz no queixo, resultado de uma queda de bicicleta muitos anos atrás. É claro que levei a maior bronca de meu pai por não ter tomado conta dela direito, mas nada consegue estragar a beleza natural de minha irmã. Ela raramente usa maquiagem, e, tendo o rosto em formato de coração, a pele de um tom dourado como mel e o nariz levemente sardento, nem seria necessário mesmo. E Lauren é uma daquelas raras pessoas que de fato são tão agradáveis quanto aparentam ser – o tipo que se lembra da marca de seu xampu favorito e guarda um cupom de desconto para você.

– Eu lhe disse que casamentos dão mais trabalho do que supomos. E você achou que seria muito fácil, hem? – observou Lauren.

– Vejam só: quem diz isso é uma mulher que não se estressou nem um pouquinho com o próprio casamento.

– Eu tinha 20 anos – explicou Lauren, dando de ombros. – Estava feliz pelo simples fato de me casar. O quintal da casa de nossos pais era tudo de que precisávamos. Mas na pousada será a coisa mais linda do mundo!

– Sim, também acho. Mas preciso lhe contar uma coisa...

– Você está com medo? – perguntou minha irmã, que me olhou de relance.

– O quê? É claro que não!

– Graças a Deus! Evan é muito bom para você – disse Lauren, suspirando.

– Por que todos dizem isso?

– Porque é verdade – respondeu Lauren, abrindo um sorriso.

Minha irmã tinha razão. Conheci Evan em uma oficina, enquanto esperávamos que nossos carros ficassem prontos. O dele estava lá para uma regulagem, enquanto o meu dava os últimos suspiros. Eu estava preocupada com a possibilidade de não conseguirem consertá-lo e não tinha a menor ideia de como faria para pegar Ally na escola, mas Evan me garantiu que tudo daria certo. Ainda me lembro da maneira como pôs o suporte de papelão embaixo do copo de café quente antes de entregá-lo a mim. Seus movimentos eram serenos e firmes. Eu me senti calma perto daquele homem.

– Então, o que você queria me contar? – perguntou Lauren, despertando-me de minhas recordações.

– Você se lembra de quando eu falava em encontrar minha família biológica?

– É claro que sim: você ficou obcecada por isso quando éramos crianças. Lembra aquele verão em que você cismou que era uma princesa indiana e tentou construir uma canoa no quintal? – Ela começou a rir e depois olhou para meu rosto e perguntou: – Espere aí! Você foi mesmo procurá-la?

– Encontrei minha mãe biológica algumas semanas atrás.

– Uau! Isso é... incrível. – A expressão de Lauren mudou de surpresa para confusa e depois para magoada. – Por que não me contou antes?

Aquela era uma boa pergunta, a que eu não sabia responder. Minha irmã se casou com o namorado da escola e ainda mantinha as amizades que fizera na infância. Ela não podia ter nem a mínima noção do que era ser rejeitada, de como era sentir solidão. Talvez esse tivesse sido um dos motivos. Mas o outro sem dúvida fora seu marido: era impossível conversar quando Greg estava por perto.

– Eu precisava digerir tudo o que aconteceu primeiro – expliquei. – As coisas não correram muito bem.

– Não? O que aconteceu? Ela mora na ilha?

Contei a Lauren toda a confusão.

– Deve ter sido horrível! Você está bem? – perguntou minha irmã ao final, fazendo uma careta.

– Estou decepcionada. Principalmente porque ela não me contou nada sobre meu pai biológico, e essa era minha única chance de encontrá-lo. – Quando eu era criança, sempre sonhava que meu pai verdadeiro me levaria para a sua mansão, onde me apresentaria a todos como a filha que ele tinha perdido havia muito tempo, enquanto mantinha a mão carinhosamente nas minhas costas.

– Você não contou à mamãe e ao papai, contou?

Neguei, balançando a cabeça.

Lauren pareceu aliviada e olhei para meu prato, sentindo na boca o chocolate agora amargo. Odeio a onda de culpa e medo que surge sempre que me preocupo com meus pais, com a possibilidade de eles descobrirem o que fiz. E me detesto por me sentir assim, tão mal.

– Não conte à Melanie nem ao Greg, está bem? – pedi.

– Fique tranquila. Não contarei.

Examinei o rosto de minha irmã, tentando imaginar o que estaria passando em sua cabeça. Após um instante, ela continuou:

– Será que seu pai era casado e ela teve medo de isso vir à tona depois de todos esses anos?

– Talvez... Mas acho que ela mentiu até mesmo o próprio nome.

– Você vai procurá-la de novo?

– Não, não mesmo. Com certeza ela poria a polícia atrás de mim. Vou esquecer o que aconteceu, só isso.

– Provavelmente será melhor assim.

Lauren mais uma vez pareceu estar aliviada. Desejei lhe perguntar para quem ela achava que seria melhor que a situação ficasse como estava, mas ela já recolhia nossos pratos e seguia para

a cozinha, deixando-me ali, sozinha e sentindo frio mesmo diante da lareira.



Assim que voltamos para casa, Ally e Moose se atiraram na cama e eu comecei a arrumação – tenho tendência a deixar as coisas fugirem um pouco ao controle quando Evan não está por perto. Depois de finalizar as tarefas domésticas, não estava com vontade de ir para o ateliê – como geralmente faço quando estou “energizada” por café e chocolate –, então liguei o computador. Planejava ler meus e-mails, mas me lembrei das palavras de Julia.

Meus pais morreram em um acidente.

Será que Julia me dissera algo que fosse verdadeiro? Talvez eu pudesse encontrar na internet ao menos os nomes dos pais dela. Primeiro digitei no Google “acidentes de carro, Williams Lake, Colúmbia Britânica”. Apareceram alguns resultados, mas um único episódio em que havia referência à morte de um casal, e era recente. O nome também era outro. Expandi minha busca para todo o Canadá, mas não consegui encontrar nenhuma vítima de acidente que tivesse o sobrenome de minha mãe biológica. Se eles morreram havia muitos anos, provavelmente a matéria não estaria na internet. Mas ainda não queria desistir: digitei “Laroche”. Surgiram poucos resultados, algumas menções ao sobrenome aqui e ali, mas, além da página da universidade que eu já havia acessado, nada relacionado com Julia.

Antes de dar a noite por encerrada, decidi pesquisar pelo nome da cidade: Williams Lake. Não a conhecia, mas sabia que ficava no centro de Cariboo, no interior da Colúmbia Britânica. Julia não parecia uma garota de cidade pequena e por isso me perguntei se ela não teria fugido de lá logo após ter se formado. Olhei para a tela. Queria saber mais sobre essa mulher, mas *como* isso seria possível? Eu não tinha contatos na universidade nem em órgãos públicos, e Evan tampouco. Precisava de alguém que tivesse conexões.

Quando busquei no Google “detetives particulares em Nanaimo”, fiquei surpresa ao encontrar a relação de alguns escritórios. Visitei seus sites, tornando-me mais confiante ao perceber que os profissionais geralmente eram policiais aposentados. Mais tarde, quando Evan telefonou, falei-lhe sobre minha ideia.

- Quanto cobram? – perguntou ele.
- Ainda não sei. Vou dar alguns telefonemas amanhã.
- Isso me parece uma atitude bastante extremada, Sara. Afinal, você nem tem certeza de que ela mentiu.
- Ela estava escondendo algo, isso é certo. E essa situação está me deixando louca.
- E se for algo que você não iria querer saber? Ela pode ter um bom motivo para não lhe contar.
- Prefiro lidar com isso a ter de passar o resto da vida com essa dúvida. E é bem possível que um detetive particular encontre meu pai biológico. E se ele nem souber que eu existo?
- Se você acha que precisa fazer isso, vá em frente. Mas se informe antes. Não contrate ninguém por um anúncio na internet.
- Pode deixar. Tomarei cuidado.



No dia seguinte, telefonei para o detetive particular que tinha o site mais bonito, mas assim que ele me disse quanto cobrava, entendi como pagara por ele. Dois números levaram direto a uma secretária eletrônica. O quarto, de um escritório chamado TBD Investigações, tinha um site simples, mas a esposa do detetive foi simpática ao telefone e me disse que “Tom” retornaria minha ligação. E isso aconteceu mesmo, uma hora depois. Quando lhe perguntei sobre sua formação, ele me disse que era policial aposentado e que fazia esse tipo de trabalho para custear a prática do golfe e para não ter a mulher constantemente no seu pé. Gostei dele.

Tom me disse quanto cobrava por hora, pediu um adiantamento de quinhentos dólares e concordamos em nos encontrar naquela mesma tarde. Parei meu carro ao lado do sedã de Tom no estacionamento, e embora a cena toda parecesse um clichê, comecei a me sentir mais à vontade depois de conversarmos por alguns minutos e de ele explicar que tudo o que viesse a descobrir seria confidencial. Preenchi os formulários que ele me entregou e fui embora sentindo-me dominada por emoções confusas: ao mesmo tempo que me sentia culpada por invadir a privacidade de Julia e revelar seu endereço, alimentava a esperança de

encontrar meu pai verdadeiro, ainda que tivesse medo de ele também não querer se encontrar comigo.

□

Tom me dissera que talvez demorasse um pouco a me dar notícias, mas alguns dias depois, enquanto eu lavava a louça do jantar, recebi sua ligação.

– Tenho a informação que está procurando. – A entoação de avô amigável se fora, substituída pela de policial compenetrado.

– Será que vou querer saber? – perguntei, rindo.

Mas o detetive continuou sério:

– Você estava certa: Julia Laroche não é o nome verdadeiro dela. É Karen Christianson.

– Hummm, *isso* é interessante. E por que será que ela mudou de nome?

– Esse nome não lhe diz nada?

– Deveria?

– Karen Christianson foi a única vítima que sobreviveu ao Assassino do Acampamento.

Prendi a respiração. Eu já tinha lido algo sobre ele – sempre me interessei por assassinos em série e seus crimes. Evan diz que sou mórbida, mas quando os canais de televisão apresentam um caso famoso de assassinato, fico grudada na tela. Todos eles tinham nomes assustadores, como Assassino do Zodíaco, Vampiro Estuprador, Assassino de Green River... Mas a verdade é que eu não conseguia me lembrar de muita coisa sobre o Assassino do Acampamento, a não ser do fato de que ele tinha matado várias pessoas no interior da Colúmbia Britânica.

Tom continuava falando:

– Eu quis ter certeza, por isso dirigi até Victoria e tirei algumas fotos de Julia na universidade e depois as comparei com as fotos de Karen Christianson que consegui na internet. Parece ser a mesma mulher.

– Meu Deus, não admira que tenha mudado de nome! Então ela deve ter conhecido meu pai depois que se mudou para a ilha. Há quanto tempo foi o ataque?

– Há 35 anos – respondeu Tom. – Ela se mudou para a ilha alguns meses depois e mudou de nome...

Algo frio e tenebroso se contorcia em meu estômago.

– Em que mês ela foi atacada?

– Julho.

Minha mente começou a fazer contas.

– Farei 34 anos em abril. Você acha que...

Tom ficou em silêncio.

Dei um passo para trás e desabei em uma cadeira, tentando entender o que ele tinha acabado de dizer. Mas meus pensamentos estavam embaralhados, como pedaços que eu não conseguia juntar. Então me lembrei do rosto pálido e das mãos trêmulas de Julia.

O Assassino do Acampamento é meu pai.

– Eu... eu só... você tem *certeza*? Desejei que o detetive me corrigisse, que me dissesse que eu tinha ouvido mal, cometido um erro, qualquer coisa.

– Karen é a única pessoa que pode confirmar isso, mas as datas coincidem.

Ele parou, esperando que eu dissesse algo, mas eu estava olhando para o calendário na porta da geladeira. A melhor amiga de Ally, Meghan, daria uma festa de aniversário no fim de semana, e eu não conseguia me lembrar se já comprara o presente.

A voz de Tom soou distante:

– Se você tiver mais perguntas, tem meu telefone. Mandarei por e-mail as fotos que tirei de Karen e seu recibo.

□

Fiquei sentada na cozinha por alguns minutos, ainda olhando para o calendário. Ouvi uma porta de armário bater no andar de cima e me lembrei de que Ally estava no banho. Teria de lidar com esse problema mais tarde. Forcei-me a me levantar. Ally já saíra do banheiro, deixando atrás de si um rastro de toalhas molhadas e espuma com cheiro de framboesa.

Normalmente adoro colocar minha filha para dormir. Quando ficamos abraçadinhas uma à outra, Ally me fala sobre seu dia, parecendo em parte uma menininha, quando pronuncia as palavras

errado, em parte uma mocinha, já, quando descreve o que as outras garotas estão usando. Quando eu era solteira sempre deixava que ela dormisse na minha cama: adorava a sensação de intimidade e amor produzida por sua respiração junto de mim. Até mesmo quando estava grávida e Jason saía para beber eu só conseguia dormir com a mão na barriga. Geralmente ele só voltava de madrugada. Quando eu ficava brava – e eu sempre ficava brava –, Jason me empurrava para fora do quarto e trancava a porta. Do lado de fora, eu gritava com ele até ficar rouca. Com cinco meses de gravidez, enfim o deixei. Jason nunca chegou a ver a filha: um mês antes de ela nascer, bateu violentamente com seu caminhão em uma árvore.

Mantive contato com os pais de Jason, que foram ótimos para Ally: contavam histórias sobre o filho, sempre deixando a realidade do que tinha acontecido com ele para quando a neta fosse mais velha. Às vezes ela dorme na casa dos avós. Na primeira vez fiquei preocupada com a possibilidade de Ally acordar gritando no meio da noite, mas tudo correu bem. Eu é que não consegui dormir. Foi assim também no seu primeiro dia de aula: Ally ficou tranquila, mas eu senti saudade a cada minuto, e também senti falta do barulho que ela fazia e de suas risadinhas pela casa. Agora, anseio por saber tudo o que ela faz quando não está em casa, quero ter conhecimento de como minha filha se sentiu em cada momento: “Aconteceu alguma coisa engraçada hoje?” “O que aprendeu de legal na escola?” Mas hoje eu não conseguia tirar da cabeça as palavras de Tom: *as datas coincidem*. Aquilo não parecia real, não podia ser.

Depois que Ally adormeceu, beijei sua testa morna e a deixei na companhia de Moose. No escritório, liguei o computador e digitei “Assassino do Acampamento” no Google. O primeiro link que apareceu era de um site dedicado às suas vítimas. Enquanto soava uma música melancólica, eram exibidas fotos de todas as pessoas assassinadas, com os respectivos nomes e datas da morte logo abaixo. A partir do início da década de 1970, a maioria dos ataques tinha ocorrido com alguns anos de intervalo entre si, mas houve vezes em que ele atacou dois verões seguidos e depois passou anos sem agir.

Cliquei em outro link, que me levou a um mapa no qual pequenas cruces indicavam cada local de ação do Assassino do

Acampamento. Ele andou por todo o interior e o norte da Colúmbia Britânica e nunca matou duas vezes em um mesmo parque. Se as garotas estivessem acampando com os pais ou o namorado, ele os matava primeiro. Mas estava claro que as mulheres eram seu verdadeiro alvo. Conteí quinze delas, todas sorridentes e parecendo muito saudáveis. No total, acreditava-se que ele era responsável por ao menos trinta mortes – um dos piores assassinos em série da história do Canadá.

O site também mencionava a única mulher que havia escapado: sua terceira vítima, Karen Christianson. A foto tinha saído granulada e a mulher não estava olhando para a câmera. Voltei para a página de busca do Google e digitei “Karen Christianson”. Dessa vez a pesquisa encontrou várias matérias. Trinta e cinco anos atrás, nas férias de verão, Karen e os pais estavam acampando no Parque Tweedsmuir, na região centro-oeste da Colúmbia Britânica. O casal, que estava na barraca, dormindo, foi baleado na cabeça, mas o assassino caçou Karen pelo parque durante horas, até que a encontrou e a estuprou. Antes que ele a matasse, Karen conseguiu acertá-lo na cabeça com uma pedra e fugiu. Ela estava perdida na floresta havia dois dias quando apareceu cambaleando na estrada próxima à montanha e acenou para um trailer que passava.

Na maioria das imagens, Karen estava escondendo o rosto, mas um jornalista esperto encontrou sua foto no anuário do último ano do ensino médio, tirada meses antes daquele verão fatídico. Examinei a foto da bela jovem de cabelos escuros e olhos castanhos. Ela realmente se parecia muito com Julia.

O telefone tocou, fazendo-me pular da cadeira. Era Evan.

– Oi, querida. Ally já dormiu?

– Sim, ela estava bastante cansada hoje.

– Como foi seu dia? Alguma notícia do detetive particular?

Costumo contar tudo a Evan – o bom, o mau e o feio – assim que ele entra pela porta de casa ou atende ao telefone, mas dessa vez as palavras ficaram presas em minha garganta. Eu precisava de tempo para pensar, para entender aquilo tudo.

– Sara?

– Ele ainda está investigando.

Naquela noite, na cama, fiquei olhando para o teto, buscando apagar aquele horror da memória, tentando não pensar na imagem de Julia escondendo-se das câmeras – de mim. Horas depois acordei de um pesadelo, e minha nuca estava ensopada de suor. Parecia que eu estava de ressaca, sentia a boca seca. Fragmentos do sonho ruim surgiram em minha mente: uma garota que corria descalça pela floresta sombria, uma barraca cheia de sangue, corpos em sacos pretos.

Foi quando me lembrei.

Eu me virei na cama e olhei para o relógio: cinco e meia. Não havia a menor possibilidade de eu voltar a dormir depois daquele pesadelo. Como metal grudado a um ímã, logo eu estava novamente sentada na frente do computador. Tomada pelo medo e pela repulsa, pesquisei as fotos das vítimas e matérias sobre o Assassino do Acampamento. Li cada matéria de jornal sobre Julia, cada informação publicada em todas as revistas, e examinei cada foto, uma por uma. Os repórteres a perseguiram durante semanas, ficaram instalados na porta de sua casa e a seguiram aonde quer que ela fosse. A agitação nos meios de comunicação e seu imenso interesse no caso se fez sentir principalmente no Canadá, mas alguns jornais dos Estados Unidos também publicaram a história, comparando Karen a uma das vítimas, também sobrevivente, do assassino norte-americano Ted Bundy. Quando a jovem desapareceu, as matérias começaram a especular sobre seu paradeiro, e então, gradualmente, o assunto foi esquecido pela imprensa.

Naquela manhã também recebi o e-mail de Tom com as fotos de Julia: na universidade, caminhando para o carro e do lado de fora de sua casa, com Katharine. Comparei-as com as de Karen Christianson, pesquisadas na internet. Definitivamente mostravam a mesma mulher. Em uma das fotografias, Julia segurava o braço de uma aluna, sorrindo encorajadoramente. Imaginei se, após o parto, ela chegara a tocar em mim, ou se simplesmente pedira que me levassem embora.



Durante a semana, segui com minha rotina, mas me sentia desanimada, desligada e zangada. Não sabia o que fazer com essa nova realidade: o horror da minha concepção. Queria enterrá-lo no

quintal, bem distante dos olhos de todos. Minha pele formigava sempre que eu pensava no demônio que havia investigado e que me gerara. Tomei longos banhos de chuveiro. Nada adiantou. A sujeira estava dentro de mim.

Quando eu era criança, pensava que, se eu fosse boa o suficiente, meus pais biológicos voltariam. Tinha medo de que descobrissem caso eu me metesse em encrencas. Todas as boas notas na escola foram para que eles soubessem que eu era inteligente. Na vez em que meu pai me olhou como se estivesse tentando descobrir quem tinha permitido que eu entrasse na casa dele, disse a mim mesma que meus pais de verdade estavam vindo. Quando o vi carregar Melanie e Lauren nos ombros depois de me dizer que estava muito cansado, disse a mim mesma que eles estavam vindo. Quando ele levou as meninas para a piscina e me deixou cortando a grama, disse a mim mesma que eles estavam vindo. Mas eles nunca vieram.

Agora eu só queria esquecer que eles existiam. Mas não importava o que eu fizesse ou como tentasse me distrair, não conseguia me livrar do sentimento de tristeza e do peso comprimindo meu peito e descendo até minhas pernas. O celular de Evan tinha ficado fora da área de cobertura durante a maior parte da semana que ele estava passando com um grupo.

Quando ele finalmente conseguiu me ligar, tentei prestar atenção no que ele estava contando sobre a pousada, e dar-lhe as respostas apropriadas, e conversar sobre o dia de Ally. Depois de algum tempo, porém, encerrei o telefonema alegando cansaço. Iria lhe contar o que tinha descoberto, só que precisava de mais tempo. Mas na manhã seguinte ele foi direto ao assunto.

– O que está acontecendo, Sara? Diga. Não quer mais se casar comigo? – Ele riu, mas sua voz estava preocupada.

– Talvez *você* não queira mais se casar comigo depois de ouvir o que tenho a lhe dizer. – Respirei profundamente. – Descobri por que Julia mentiu. – Olhei para a porta, sabendo que Ally logo iria acordar.

– Julia? Não sei quem...

– Minha mãe biológica, lembra? O detetive particular ligou na semana passada. Ele tinha notícias: disse que o nome verdadeiro de Julia é Karen Christianson.

– E por que não me disse antes que a tinha encontrado, Sara? – Evan parecia confuso.

– Porque também descobri que meu pai verdadeiro é o Assassino do Acampamento.

Silêncio.

Então, ele finalmente disse:

– Ah, não! Você não está querendo dizer...

– Sim, meu pai verdadeiro é um *assassino*, Evan. Quero dizer que ele *estuprou* minha mãe. Quero dizer... – Não consegui falar o que estava fazendo com que eu tivesse pesadelos: meu pai ainda estava por aí.

– Sara, vá com calma. Estou tentando entender tudo isso. – Quando continuei calada, ele se inquietou: – Sara?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, embora Evan não pudesse me ver, e falei:

– Eu não sei... não sei o que fazer.

– Apenas comece do início e me diga o que está acontecendo.

Apoiei-me no travesseiro, contando com a força na voz de Evan. Quando terminei de lhe explicar tudo, ele perguntou:

– Então você não sabe ao certo se a Julia é essa Karen?

– Eu mesma vi as fotos na internet. É ela, sim.

– Mas não há nenhuma prova de que o Assassino do Acampamento seja seu pai. Tudo isso não passa de especulação. Ela pode ter se relacionado com um cara logo depois do incidente.

– As vítimas de estupro não costumam “se relacionar” com ninguém logo depois do crime. E havia uma mulher na casa dela. É possível que Julia seja homossexual.

– Hoje, pode ser, mas você não sabe como ela era naquele tempo. Tudo o que você sabe é que Julia engravidou na época do ataque. Esse detetive particular pode ter enganando você.

– Ele é um policial aposentado, Evan.

– Isso é o que ele diz. Aposto que irá telefonar dizendo que por uns dólares a mais poderia continuar investigando.

– Não, ele não é assim. – Mas as palavras de Evan me fizeram duvidar: será que ele tinha razão? Será que eu tirara conclusões apressadas? Então me lembrei do olhar no rosto de Julia e decidi: – Não fui enganada nem me enganei, Evan. Ela realmente ficou apavorada quando me viu.

– Sara, você apareceu do nada na porta da casa da mulher, insistindo para que ela falasse com você. Qualquer pessoa ficaria assustada.

– Foi mais que isso. Posso sentir... dentro de mim.

Evan parou por um momento, antes de dizer:

– Mande para mim, por e-mail, os links, as fotos que aquele cara lhe enviou e o site dele. Tenho um tempinho agora de manhã. Vou ler tudo e lhe telefonar na hora do almoço, então conversaremos sobre isso. Está bem?

– Talvez eu devesse telefonar para Julia...

– Não acho que essa seja uma boa ideia. Não faça *nada*.

Fiquei quieta.

– Sara. – A voz dele foi firme.

– Sim.

– *Não*.

– Está bem, está bem.



No quarto, Ally tinha acordado e estava falando com Moose, por isso Evan e eu nos despedimos. Tentei parecer alegre enquanto preparávamos salsichas assadas com pudim Yorkshire, desenhando carinhas sorridentes com ketchup. Mas sempre que olhava para os olhos inocentes de minha filha tinha vontade de chorar. *O que direi a Ally quando ela tiver idade suficiente para começar a perguntar sobre minha família?*

Depois de levá-la de carro para a escola, fui dar uma volta com Moose, imaginando que o ar fresco pudesse ajudar. Mas assim que entrei na floresta soube que tinha sido um erro. Normalmente adoro o aroma das folhas cônicas dos abetos e o cheiro forte de terra molhada após uma noite de chuva. Gosto de cada uma das diferentes madeiras: cedro-vermelho, abeto de Douglas, abeto de

Sitka. Mas hoje o que me chamava a atenção eram as árvores cobertas de líquen que assomavam sobre mim e bloqueavam qualquer luz e o ar, que, denso e quieto, destacava o som de meus passos, alto. Cada canto escuro da floresta atraía meu olhar: um galho que se estendia de um pedaço de tronco retorcido, as samambaias que brotavam de uma árvore morta e o solo que, atrás dessa árvore, estava coberto de folhas em putrefação. *Será que foi em um lugar como este que ele a estuprou?* Moose, correndo à minha frente, assustou um cervo, que, com seus olhos castanhos aterrorizados, fugiu. Imaginei Julia fugindo pela floresta, caçada como se fosse um animal: o corpo ferido, sangrando, a respiração entrecortada.

Voltei para casa e me assustei com o estado de meu ateliê. O plano era organizar os suprimentos, limpar as ferramentas e depois pendurá-las com alguma ordem, mas quando vi a bagunça que tinha feito – cinzéis, martelo de borracha, grampos, lixadeira orbital, pincéis, trapos e toalhas de papel estavam empilhados por toda a bancada de trabalho –, não consegui raciocinar com clareza suficiente para pendurar nem mesmo uma régua. Peguei uma vassoura e comecei a varrer lascas.

Evan telefonou na hora do almoço, como prometera, mas seu celular estava falhando.

– Telefonarei quando... sair... água... Seguindo... jubartes.

De volta ao ateliê, concentrei-me em lixar uma arca em estilo Chippendale. Enquanto removia anos de arranhões e sulcos, apreciei o cheiro de madeira fresca liberado pela lixa. A cada movimento, meus músculos relaxavam um pouco mais e minha mente ia se acalmando. Mas então o mogno me fez pensar no escritório de Julia. Não admirava que ela não quisesse falar comigo: ainda estava traumatizada com o que acontecera e olhar para mim trazia tudo de volta. Mas ela não precisava ter medo de mim. Será que o medo na verdade era de que eu revelasse seu segredo? Parei de lixar. Se eu lhe garantisse que não contaria a ninguém...

O telefone estava sobre a escrivaninha e em um adesivo colado na base do computador ainda podia ver o número de Julia na universidade.



Depois de quatro toques ouvi uma mensagem: “Você ligou para a professora Laroche, no Departamento de História da Arte. Por favor, deixe sua mensagem.”

“Oi, aqui é Sara Gallagher. Não quero incomodá-la de novo, só...”

O silêncio se prolongou. Comecei a entrar em pânico. E se eu dissesse algo errado? *Pare, acalme-se!* Respirei fundo e continuei: “Queria lhe dizer que lamento ter ido à sua casa daquele modo, mas agora entendo por que você ficou tão perturbada. Só queria conhecer meu histórico médico. Será que poderíamos conversar?” Disse duas vezes meu número de telefone e meu e-mail. “Sei que você passou por muitas coisas, mas sou uma boa pessoa, tenho família, não sei o que dizer à minha filha e...” Para meu horror, minha voz se fez ouvir entrecortada e comecei a chorar. Desliguei.



Quase precisei quebrar minha mão para não telefonar de novo e deixar outra mensagem me desculpando pela primeira, e depois outra, com tudo o que eu queria dizer, mas não disse. Durante a hora seguinte fiquei me lembrando da mensagem na secretária, cada vez mais constrangida. À noite, quando Evan finalmente ligou, eu me senti tão mal por ter ignorado o conselho que ele me dera que não consegui lhe contar o que tinha feito. Depois de conferir as matérias na internet e as fotos que o detetive enviara, ele concordava conosco: Julia Laroche realmente se parecia muito com Karen Christianson. Mas ainda não estava convencido de que o Assassino do Acampamento fosse meu pai.

– Então, o que eu devo fazer? – perguntei.

– Você só tem duas opções: contar à polícia, que poderá verificar as informações, ou deixar as coisas como estão.

– Se eu contar à polícia, eles provavelmente farão um exame de DNA, e estou certa de que o resultado será positivo. E se a informação vazar? Ele poderia me encontrar. Não quero que ninguém saiba disso. – Respirei fundo antes de perguntar: – O fato de saber quem é meu pai verdadeiro muda o que você sente por mim? – Odiei-me por ter feito essa pergunta e por ter me sentido fraca depois de fazê-la.

– Depende. Você vai pedir a ele que me mate?

– Evan!

A voz dele estava muito séria quando disse:

– É claro que isso não muda nada! Se ele for seu pai, é assustador pensar que pode estar por aí, mas superaremos isso.

Suspirei, puxando essas palavras sobre mim como se fossem um cobertor reconfortante.

– Mas se você não falar com a polícia, terá de aceitar isso, esquecer essa história e seguir em frente – continuou ele.

Como se fosse fácil.



Evan também acha que não devo contar nada a mais ninguém além de você. Como eu, ele tem medo de que isso vaze e o inferno comece. Pensei em contar a Lauren, mas ela gosta de coisas leves e fofas e nem mesmo assiste aos noticiários. Como posso contar isso a ela? Eu mesma tenho medo de ler sobre ele.

Quando comecei a ver você, logo depois de ter empurrado escada abaixo o único homem por quem me permiti ficar interessada depois da morte de Jason – Derek –, tive medo de ter herdado uma predisposição genética tenebrosa, mas você sugeriu que eu talvez só estivesse à procura de algo ou alguém que pudesse culpar, para não ter de assumir a responsabilidade sobre meus atos. Isso fez sentido na época. Não me orgulhei do que fiz, ainda que aquele traidor desgraçado não tenha se ferido seriamente. Mas aquilo me assustou.

Ainda posso ouvir as palavras que saíram da boca de Derek, sentir a dor que havia nelas: “Quando nos conhecemos, você sabia que eu ainda gostava dela.” E ele estava certo. Eu realmente sabia, mas isso não me impediu de ir atrás dele. Eu lhe contei como nos conhecemos? Foi em uma festa. Ally tinha poucos meses e eu detestava deixá-la, mas Lauren me obrigou a sair um pouco. Derek era inteligente e divertido, mas não foram essas qualidades que me seduziram. Eu me senti fascinada no instante em que ele disse: “Não estou pronto para nada sério agora, porque acabei de romper com uma garota.” Era isso que me atraía irresistivelmente em todos os relacionamentos: indisponibilidade e uma grande chance de partir meu coração. Somente depois que essa relação chegou ao fim

de uma forma tão brutal, percebi que deveria procurar ajuda – por mim mesma e por minha filha.

Gostaria de poder dizer que parou por aí, mas, como você sabe, nos anos seguintes, pulei de um relacionamento ruim para outro pior ainda. Acho que foi por isso que dei tanto trabalho a Evan no começo de nosso namoro. Provavelmente você não se lembra da história, pois parei de vir aqui pouco depois de conhecê-lo, mas foi assim: após aquele encontro casual na oficina, ele me enviou uma mensagem pelo Facebook. Pensei que um homem bonito e bem-sucedido como ele, dono de uma pousada de pesca, devia ser um gigolô, então o ignorei. Mas ele continuou a mandar pequenas mensagens do tipo “Como foi seu dia?”, a perguntar sobre meu trabalho e minha filha e a comentar minhas atualizações de status. Porque eu não o via como um possível namorado, contei-lhe meus problemas, meus medos, minha visão negativa dos homens e dos relacionamentos, tudo o que estava na minha cabeça. Certa noite conversamos pelo MSN até as três da madrugada: tomamos vinho juntos e ficamos um pouco bêbados, via internet. No dia seguinte, ele me enviou um link para sua canção de amor favorita, “These Arms of Mine”, de Colin James, que eu devo ter ouvido umas dez vezes seguidas.

Após um mês de conversas a distância, finalmente concordei em me encontrar com ele: levaríamos Moose para passear no parque. As horas voaram e não me senti ansiosa em nenhum momento: houve apenas risos e a sensação maravilhosa de segurança e de estar sendo totalmente eu mesma. Alguns meses depois, quando Evan conheceu Ally, foi instantâneo o sentimento de um pelo outro: eles se adoraram. Foi fácil até mesmo para morarmos juntos: o que faltava na casa de um, o outro tinha. Mas naquele início eu ainda provoquei discussões, tentando afastá-lo e testando sua lealdade. Tinha muito medo de voltar a ser magoada, de me perder de novo, como me perdi com Derek – e do que poderia acontecer se eu me perdesse.

Quando eu era criança, sentia muita raiva, mas a guardava para mim mesma, o que talvez explique o fato de eu ter sido uma adolescente tão deprimida. Foi só quando comecei a namorar que perdi as estribeiras. Mas sempre conseguia manter certo controle – até empurrar Derek escada abaixo. Quando ele me disse que tinha passado a noite com a ex-namorada, tudo o que consegui sentir foi

vergonha. Só pensava que todos saberiam que eu não era boa o suficiente. Então estendi as mãos e ele caiu.

Depois fiquei chocada e horrorizada com minha atitude, e ainda mais com o fato de ela ter feito com que eu me sentisse poderosa. Essa sensação me apavorou: havia algo sombrio dentro de mim, algo que eu não conseguia controlar. E quis acreditar no que você disse, que o gatilho tinha sido o mesmo de sempre: problemas de abandono e intimidade, baixa autoestima, tudo isso junto. Mas agora sabemos que um dos meus pais é violento, *mais que violento*. Talvez eu tivesse razão em sentir medo.

Hoje cedo eu estava no ateliê, lixando a arca de mogno, tentando me esquecer de tudo, e isso funcionou por algumas horas. Então cortei o dedo. Enquanto o sangue jorrava, pensei: *Corre em mim o sangue de um assassino*.

TERCEIRA SESSÃO



É

verdade que estou zangada e confusa, sinto-me tão estressada que tenho vontade de pegar um taco de beisebol e esmagar alguma coisa. Não consigo acreditar que já estou aqui há mais de um mês. Durante todo o fim de semana fiz aquele exercício mental que você me ensinou: imaginei como a vida seria, o que eu estaria fazendo com meu tempo se não estivesse preocupada com minha família ou com a questão genética. Tentei me visualizar feliz e despreocupada, vendo decorações e convites de casamento. Mas ainda assim não consegui parar de pensar no Assassino do Acampamento – em onde ele estava e quem era. Cheguei até mesmo a olhar de novo no site todas as fotos das vítimas. Meus pensamentos sempre voltavam para Julia. Será que ela tinha recebido minha mensagem? Será que ela me odiava? Em uma segunda-feira, obtive a resposta.

□

Eu estava no ateliê, limpando o verniz de minhas mãos e ouvindo Fleetwood Mac, quando o telefone tocou. Procurei no meio da pilha de ferramentas e equipamentos que estava sobre a bancada e encontrei o telefone sem fio debaixo de um monte de trapos. O número era confidencial.

– Alô.

– Posso falar com a Sara, por favor?

Reconheci a voz refinada e meu pulso se acelerou.

– Julia?

– Você está sozinha? – A voz dela pareceu tensa.

– Estou no ateliê e Ally foi para a escola. Estava me preparando para entrar e almoçar. Hoje não tomei café da manhã... – comecei, falando sem conseguir me conter.

– Você não deveria ter telefonado.

– Sinto muito. Tinha acabado de descobrir quem você realmente é e não pensei...

– Obviamente. – Aquilo doeu e tomei fôlego. – Não telefone para cá de novo.

E então ela desligou.



Lidei com isso com a graça e a calma que me são costumeiras: atirei o telefone longe, o que fez a bateria cair e rolar para baixo de uma prateleira. Em seguida, entrei furiosamente em casa e comi um monte dos biscoitos que compro para Ally, xingando a cada mordida. Julia tinha falado comigo como se eu fosse algo que ela tivesse pisado e que quisesse tirar da sola do sapato. Senti meu rosto queimar e meus olhos arderem em lágrimas quando pensei o que sempre pensava quando um ex-namorado me insultava ou desafiava, ou quando meu pai não segurava a mão que eu lhe estendia: *O que há de errado comigo?*

Uma hora depois, ainda estava perturbada demais para me concentrar no trabalho. E os preparativos para o casamento? Esqueça! Pensei em ligar para Evan, mas então teria de explicar o que tinha feito. Peguei as chaves do carro.



Lauren e Greg ainda moram na casa que compraram logo após o casamento – minha mãe e meu pai os ajudaram a pagar o sinal, o que significa que papai lhes disse o que comprar. É apenas uma casa de quatro quartos básica, no estilo dos anos 1970, mas tem vista para a baía, com a fantástica imagem das balsas que nela trafegam. Eu quis me mudar para o mesmo bairro, mas não havia nada à venda quando Evan e eu fomos procurar. Acabamos escolhendo um loteamento mais novo, mas adoro nossa casa. É no estilo contemporâneo da costa oeste, com revestimento de tábuas, bancadas de granito cor de terra e equipamentos em aço inoxidável.

Greg ainda está reformando a casa deles, mas ela vai ficar linda quando estiver pronta. Ao longo dos anos, Lauren a tinha

deixado muito alegre, com cortinas feitas à mão, paredes em tons pastel e vasos cheios de flores frescas. Estou sempre saqueando sua horta.

Bati à porta dos fundos e entrei.

– Olá, é a Sara!

Ela gritou do andar de cima:

– Quarto do Brandon!

Quando cheguei ao quarto – decorado com motivos de hóquei –, Lauren estava separando roupa para lavar. Enrolei-me no edredom com o emblema da equipe hóquei Vancouver Canucks e abracei o travesseiro enquanto a observava, invejando quanto minha irmã era feliz com a vida que tinha.

– O que há de errado? – perguntou ela, parada com um par de meias na mão.

– Não quero falar sobre isso. É sério, não mesmo.

– Você tem de me contar agora – disse ela, com uma voz provocadora, erguendo uma das meias como se fosse atirá-la em mim.

– Estou bem. Só quis sair um pouco.

– Você ainda está chateada por causa da história com sua mãe biológica? – Ela se virou, pôs o par de meias de lado e abriu outra gaveta.

Eu não havia planejado contar nada, só queria sentir um pouco do calor humano de minha irmã. Mas, quando dei por mim, as palavras já estavam saindo:

– Descobri quem é meu pai verdadeiro.

Segurando uma pequena camiseta azul, ela se virou para me olhar.

– Você não parece feliz. Quem é ele?

Fiquei dividida entre meu medo do que Lauren pudesse pensar e minha necessidade de que ela me dissesse que tudo estava bem, de que fizesse com que eu me sentisse melhor, como sempre fazia. Lembrei que Evan me advertira de que não contasse a ninguém. Lembrei-me de ter prometido a Julia que não contaria a ninguém. Mas Lauren era minha irmã.

– Você não poderá contar a *ninguém* nada do que vou lhe dizer, nem mesmo a Greg.

– Prometo não contar – disse ela, pondo as mãos sobre o coração.

– Você já ouviu falar do Assassino do Acampamento, não é? – perguntei, e meu rosto estava quente.

– Todos ouviram falar dele. Por quê?

– Ele é meu pai.

Ela ficou boquiaberta, olhando-me com uma expressão chocada pelo que pareceram horas. Finalmente se sentou ao meu lado na cama.

– Isso é simplesmente... Tem certeza? Como descobriu?

Sentei-me com o travesseiro no colo e lhe falei sobre o detetive particular e tudo o que tinha acontecido desde que o contratara. Examinei o rosto de minha irmã, esperando ver refletidas em seus olhos todas as coisas horríveis em que eu estivera pensando. Mas ela só me pareceu preocupada.

– Será que Evan não está certo? Que isso não é apenas uma coincidência? – perguntou.

Balancei a cabeça negativamente ao responder:

– O modo como ela falou comigo hoje... ela me odeia.

– Estou certa de que isso não é verdade. Ela não a odeia. Provavelmente só...

– Não, você está certa, é pior que ódio: é como se ela tivesse nojo de mim. – Minha voz estava embargada e tentei não chorar.

– Sinto muito, Sara. Ajuda saber que as pessoas que realmente importam amam você? – perguntou Lauren, afagando minhas costas.

Só que meu pai não me amava, e o fato de ela não perceber isso tornava tudo ainda mais doloroso.

– Você não entende como é ser adotada, como é saber que sua mãe biológica lhe deu como se você não valesse nada, e depois ainda ser novamente rejeitada. Há anos que espero conhecê-la e agora... – Sacudi a cabeça.

– Sei que isso dói, mas você não pode se esquecer de tudo de bom que tem na vida.

Lauren ia dizer outra coisa quando ouvimos alguém chamar no andar de baixo.

– Oi, meninas. Vocês estão aí?

Era Melanie.

– Estamos aqui em cima – respondeu Lauren, e em seguida fez um gesto como se estivesse fechando sua boca com um zíper.

Melanie entrou e jogou a bolsa no chão, dizendo:

– Obrigada por ocupar toda a entrada da garagem com sua caminhonete, Sara.

– Eu não sabia que você viria.

Ela me ignorou e se virou para Lauren.

– Obrigada pela ajuda no outro dia. Kyle e eu ficamos agradecidos.

– Não foi nada – respondeu Lauren, balançando uma das mãos no ar.

– O que está acontecendo? – perguntei.

– Nem tudo tem a ver com você e seu casamento.

Melanie disse isso sorrindo, como se estivesse brincando, mas seus olhos traíam seu sentimento. Ela parece italiana, como nossa mãe, mas costuma cortar os cabelos escuros bem curtos e arrepiados, e quase sempre usa batom vermelho e sombra nos olhos. Quando não está com raiva do mundo ou mal-humorada, é muito atraente.

Meu pai adorava levá-la a todos os seus campos madeireiros, convencido de que ela seria contadora e o ajudaria a dirigir seu negócio. Mas, quando chegou à adolescência, a única coisa que Melanie queria contabilizar era a quantidade de namorados. E ela encontrou muitos no pub em que trabalha como bartender e que costumava ser o ponto de encontro preferido de meu pai. Ele, porém, não põe mais os pés lá desde que ela começou a trabalhar no local, ao fazer 19 anos.

– Há uns dias, Kyle precisou de um lugar onde pudesse ensaiar e então eu ofereci nossa garagem – explicou Lauren.

– Você já contratou alguém para tocar no casamento? – perguntou Melanie, voltando-se para mim.

– Evan e eu ainda estamos decidindo essa questão.

– Perfeito, porque Kyle quer tocar para vocês, como presente de casamento. – Ela abriu um grande sorriso.

Esse “presente” estava longe de ser perfeito. Alguns meses atrás eu tinha ouvido a banda de Kyle tocar e eles mal tinham afinação. Relanceei os olhos para Lauren, que alternava o olhar entre mim e Melanie.

– É uma sugestão interessante, mas tenho de falar com Evan. Não sei bem o que ele tem em mente.

– Evan? Ah, ele é tranquilo, não vai se importar.

– Talvez, mas preciso falar com ele primeiro.

Melanie riu.

– Desde quando você espera pela aprovação de Evan? – Ela parou e seus olhos se estreitaram. – Ah, entendi! Você não quer que Kyle toque.

Lá vamos nós de novo. Na infância, Melanie foi mimada por todos, principalmente por meu pai. Quando minha mãe estava doente e eu assumia o comando, os problemas começavam de verdade. Lauren era tranquila: eu podia lhe pedir que guardasse os brinquedos, que ela prontamente começava a recolhê-los. Mas Melanie ficava com as mãos na cintura e apenas olhava para mim, e então eu ou Lauren acabávamos fazendo o que cabia a ela.

– Eu não disse isso, Melanie.

– *Não dá para acreditar, Sara!* A banda do Kyle realmente ficou boa, ele está disposto a ser legal com vocês e você vai mesmo dizer não? – Antes que eu pudesse responder, Melanie balançou a cabeça e completou: – Eu falei para você que ela não iria querer, Lauren.

– Vocês duas já conversaram sobre isso? – perguntei.

– Não – respondeu Lauren. – Bem, um pouquinho, na verdade. Ontem à noite Melanie mencionou que Kyle poderia aproveitar a exposição e...

– E você disse que ele poderia encontrar algumas pessoas no casamento – interrompeu Melanie. – Disse que seria uma boa oportunidade para ele.

Meu rosto ficou quente e meu pulso, acelerado. Melanie queria usar meu casamento como um teste para o namorado? E fora Lauren quem *lhe dera* essa ideia?

– Mas eu não sabia que Sara já tinha outros planos – observou Lauren.

– Ela *não tem* – disse Melanie. – Só está fazendo isso porque não gosta do Kyle.

Melanie olhou para mim com o queixo erguido, desafiando-me a negar o que ela tinha dito. Tive vontade de lhe dizer o que realmente pensava: *ele não é bom o suficiente para você e com toda a certeza não é bom o suficiente para tocar em meu casamento*. Mas contei até dez, respirei fundo algumas vezes e disse:

– Vou pensar sobre isso, está bem?

– É claaaaro que vai – disse Melanie.

– Ela vai pensar, sim. Não é mesmo, Sara? – O rosto de Lauren implorava enquanto ela olhava para mim, preocupada com a possibilidade de uma briga. E haveria uma bem grande, se eu não saísse logo dali.

– Sim. Preciso ir. – Levantei-me.

– Você não pode ficar para um café? – perguntou Lauren.

Eu sabia que ela queria que eu ficasse para podermos esclarecer tudo ou ao menos fingir que não havia nada de errado, mas, se eu ouvisse mais alguma coisa da boca de Melanie, simplesmente explodiria. Forcei um sorriso.

– Sinto muito, tenho de pegar Ally. Da próxima vez, está bem?

Não olhei para Melanie quando saí.



Naquela noite, fiquei me revirando na cama. Finalmente me levantei e fiz anotações – o único modo de conseguir me acalmar. Primeiro tomei nota de que deveria telefonar para Lauren de manhã e me desculpar por ter ido embora de forma tão abrupta. Em seguida, escrevi uma carta a Melanie dizendo todas as coisas que

sempre quis falar para ela, mas nunca tive coragem. Depois de quatro anos de terapia, finalmente aprendi a administrar minha raiva – contando até dez, escrevendo cartas, saindo do ambiente estressante a fim de me acalmar –, mas Melanie conseguia me irritar mais rápido que qualquer outra pessoa. Eu odiava a facilidade com que ela me exasperava e meu descontrole quando isso acontecia. Mas, na maioria das vezes, apenas me sentia triste. Eu a amava muito quando ela era pequena, adorava o modo como erguia os olhos para mim e me seguia por toda parte. Então, quando ela tinha 4 anos, eu a perdi no shopping.

Estávamos fazendo compras de Natal e meu pai me pediu que tomasse conta dela enquanto ele entrava em uma loja. Melanie queria dar uma volta, mas eu sabia que meu pai ficaria furioso se nos movêssemos um centímetro que fosse, por isso segurei a parte de trás do casaco de minha irmã. Quanto mais forte eu a segurava, mais ela lutava, puxando e batendo em mim, até que conseguiu se soltar e saiu correndo em direção a uma multidão de pessoas que andavam pelo shopping. Os próximos vinte minutos foram os mais apavorantes da minha vida: comecei a chamá-la freneticamente, aos gritos. Meu pai saiu correndo da loja, com o rosto branco. Quando finalmente a encontramos – brincando em um pônei mecânico –, meu pai me arrastou para o estacionamento e me deu uma surra atrás de seu caminhão. Ainda me lembro de ter tentado escapar, chorando tanto que mal podia respirar, mas a mão dele descia sobre mim de novo e de novo.

Quase todas as minhas piores lembranças da infância são encrencas causadas por Melanie. Em um Dia das Bruxas, Lauren e eu estávamos nos fantasiando de líderes de torcida. Melanie quis a mesma fantasia, mas só tínhamos duas, por isso eu lhe disse que ela poderia ser uma princesa. Ela agarrou meus pompons e saiu correndo do quarto, dizendo que iria jogá-los no fogo. Corri atrás dela, escorreguei no corredor, derrubei um abajur e quebrei a cúpula. Quando contei ao meu pai, ele ficou furioso – não por causa do abajur, mas porque eu deveria ter incluído Melanie. Fui proibida de participar da brincadeira e ele deixou Melanie usar minha fantasia. O pior é que me fez ir com minhas irmãs de casa em casa. Ainda me lembro de Melanie saltitando até as portas com a fantasia que eu passara semanas produzindo: a pequena saia balançava a

cada passo e meu coração se partia quando as pessoas lhe diziam que ela estava bonita.

Quando tínhamos 20 e poucos anos – e não morávamos mais com nossos pais –, começamos a nos dar melhor. Depois que tive Ally, Melanie à vezes ia me visitar e ver filmes comigo, e então dávamos boas risadas e comíamos pipoca. Aquilo era ótimo, como se finalmente fôssemos irmãs. Ainda discutíamos de vez em quando, mas as únicas vezes em que realmente brigamos foram quando tentei aconselhá-la sobre amizades ou alguns dos homens com quem ela saía. Quando Melanie começou a namorar Kyle, eu lhe disse que me preocupava com a possibilidade de ele estar usando pelo fato de ela trabalhar em um bar e ela se irritou e ficamos sem nos falar por um tempo. Então conheci Evan e meu pai começou a nos convidar para jantar – ele só telefonava quando Evan estava em casa – e a marcar *brunches* e churrascos em família.

Melanie faltou a muitos desses encontros porque estava trabalhando, mas quando conseguia ir, começava a me alfinetar – especialmente se o namorado estivesse presente. Não sei se ficava chateada porque meu pai gostava mais de Evan que de Kyle ou porque eu também não gostava de Kyle, mas ela insistia em fazer com que eu me sentisse mal. E quando eu perdia a paciência, meu pai ficava contra mim e não dizia nada a Melanie. Quanto mais eu tentava reagir, mais ela atacava. Agora, todas as vezes que falamos sobre o casamento, parece que vamos terminar brigando.

Lauren sempre acabava no meio da confusão e eu sabia que ela devia se sentir péssima com isso, o que fazia com que *eu* me sentisse péssima. Mas havia outro motivo para eu me sentir culpada, e então fiz uma terceira anotação: lembrar a Lauren que ela não deve contar a ninguém sobre meu pai biológico.

Na manhã seguinte, acordei atrasada e tive de arrumar Ally às pressas para ir à escola. Então um cliente ligou. Ele precisava de uma restauração de emergência: um bengaleiro que deveria ir para uma exposição de antiguidades. Não tive oportunidade de telefonar para Lauren e naquela noite desabei na cama jurando que faria isso no dia seguinte. Mas não fiz e, ao fim de uma semana, entrei novamente em depressão.

A tarefa mais simples parecia impossível e todo o meu corpo doía. Por isso eu dormia muito e passava as tardes no sofá, vendo

filmes. Tive de me forçar a sair com Moose, porém troquei seu caminho preferido na floresta por um parque próximo de casa, mais seguro e movimentado. Geralmente adoro vê-lo correr atrás de coelhos no parque, com o cheiro de relva e animais ainda pairando no ar. Mas agora, enquanto meus pés contornavam poças, tudo me parecia velho e abandonado.

Além dos passeios com Moose, os únicos momentos diferentes em que me forcei a sair de casa foram por causa de Ally, e usei a energia que me restava para esconder o que sentia. Mas não fiz um bom trabalho. Certo dia estávamos voltando para casa de carro sob uma chuvarada incomum e isso piorou meu estado de espírito. Paramos em um sinal vermelho e olhei para minha filha, que estava no banco de trás, pelo para-brisa.

– Por que você está triste, mamãe? – perguntou Ally.

– Mamãe não está se sentindo bem, querida.

– Vou cuidar de você – disse ela.

Naquela noite Ally foi muito meiga, tentando fazer sopa para mim e dizendo a Moose que ele tinha de ficar quieto. Além disso, passou a noite em minha cama. Nós ficamos bem juntinhas enquanto ela lia histórias para mim, emprestando-me sua Barbie favorita para me consolar enquanto a chuva batia na janela. Na manhã seguinte, finalmente telefonei para Lauren a fim de me desculpar por ter ido embora de sua casa daquela forma, mas ela se adiantou:

– Sara, lamento ter falado com Melanie sobre Kyle tocar no casamento. Mas vocês duas estão sempre brigando e isso torna difícil dizer o que quer que seja a qualquer uma de vocês.

– Melanie me deixa louca.

– Eu gostaria que vocês não tivessem tanto ciúme uma da outra.

– Eu não tenho ciúme dela, só detesto o modo como escapa impune de tudo.

– Papai também é duro com Melanie, você sabe.

– Ah, é claro – falei, rindo.

– Ele é, só que você não percebe. Papai está sempre no pé de Melanie por causa do trabalho dela, dizendo quanto seu negócio

está indo bem, quanto sua casa é grande e quanto Evan é bem-sucedido. Acho que às vezes vocês duas entram em conflito porque são muito parecidas.

– Não sou nada parecida com Melanie.

– Vocês duas são realmente fortes e...

– *Nada*, Lauren.

Ela se calou.

– Sinto muito. Estou passando por um momento difícil – desculpei-me, suspirando.

A voz de Lauren foi gentil:

– Eu sei, querida. Telefone sempre que quiser conversar.

Mas não fiz isso, porque, por mais que eu gostasse de minha irmã, havia coisas em que ela não podia me ajudar e que sempre nos separariam. Ela conhecia minhas origens.



Quando outra semana se passou sem que meu desânimo me abandonasse, decidi que era hora de algumas mudanças. Parei de digitar no Google “Assassino do Acampamento” dez vezes por dia e de ler sobre genética e desvios de comportamento, o que só me fazia ter pesadelos, e comprei material para construirmos uma casa de passarinho – algo que Ally queria fazer havia séculos. Nós nos divertimos muito trabalhando juntas. Ally ria enquanto pintava, brandindo o pincel e respingando tinta em seus dedos e na mesa. E pouco a pouco a escuridão começou a desaparecer. Evan e eu até mesmo conseguimos ir a um agradável jantar na casa de Lauren e Greg, em um fim de semana. Ou ao menos foi agradável até meu pai aparecer para falar sobre trabalho com Greg.

Eu me senti péssima ao ver Greg ser repreendido por meu pai no andar de baixo, pois ele sabia que poderíamos ouvir da cozinha. Isso foi especialmente ruim porque depois meu pai disse a todos que tinha acabado de contratar um novo supervisor e havia muito tempo que Greg esperava por uma promoção. Meu pai ficou para tomar uma cerveja e passou o tempo todo conversando com Evan sobre pescaria. Sinto raiva dele por demonstrar favoritismo, e também de mim, por me orgulhar do fato de ele gostar do meu noivo.

Na primeira semana de abril, finalmente senti que minha depressão passara. Dormia a noite toda e ficava acordada durante o dia. Voltara a passar horas no ateliê e a me envolver em projetos. Sentia-me tão bem que até mesmo me levantei cedo nesta manhã e fui fazer compras para Ally. Gastei um dinheirão na compra de material de artesanato e de um netbook, dizendo a mim mesma que ele ajudaria no aprendizado de minha filha. Adoro comprar coisas para ela: fantasias, livros, jogos, tintas, roupas e bichos de pelúcia. Se Ally está feliz, também estou. Quando entrei em casa carregando as sacolas, o telefone tocou.

– É melhor você vir aqui hoje à noite.

Era meu pai. E o tom de voz dele me dizia que eu estava com um problema, um grande problema.

– O que eu fiz de errado?

– Recebi um telefonema... – Meu pai parou por um minuto torturante, que me fez prender a respiração. – Está na internet que seu pai é o Assassino do Acampamento. – Sua voz soava cheia de raiva, deixando claro que ele *exigia* uma explicação. Tentei entender o que tinha acabado de ouvir, mas parecia que o ar me faltava. – Você sabia disso? É verdade?

Suas palavras fizeram meu coração disparar. Essa seria a última forma como eu desejaria que ele soubesse. Pensei em minha mãe, em como ficaria magoada. Sentei-me no banco do corredor, fechei os olhos e acabei logo com aquilo.

– Encontrei minha mãe biológica alguns meses atrás. – Respirei fundo e prossegui: – E parece que meu pai biológico é o Assassino do Acampamento.

Meu pai ficou em silêncio.

– Quem lhe telefonou? – perguntei.

– Big Mike.

O primeiro capataz do meu pai? Como ele descobriu isso? O homem mal sabe ler. Meu pai respondeu às perguntas em meu pensamento.

– Ele disse que a filha viu a notícia no *As últimas novidades de Nanaimo*.

– Aquele site de fofocas? – Eu já estava correndo para o andar de cima, rumo ao computador.

– Você encontrou sua mãe biológica dois meses atrás e não disse nada? Por que não contou que estava procurando por ela? – perguntou meu pai, e sua voz era dura.

– Eu quis contar, mas... Espere um minuto, pai.

Digitei o endereço do site e encontrei a notícia.

Karen Christianson encontrada em Victoria...

– Ah, não!

Tentei ler a matéria, mas o choque me fez ver as palavras todas embaralhadas. Li fragmentos do texto: *Karen Christianson... Única vítima sobrevivente do Assassino do Acampamento... Julia Laroche... professora da Universidade de Victoria. Filha de 33 anos, Sara Gallagher... Empresa familiar Gallagher Logging, em Nanaimo...*

Eu estava distante, tudo estava distante.

– Como eles descobriram que ela era sua mãe? – perguntou meu pai.

– Não tenho a menor ideia. – Olhei para a tela e pensamentos apavorantes passaram por minha cabeça. Quantas pessoas tinham lido a matéria?

– Vou telefonar para Melanie e Lauren. Quero vocês três aqui em casa às seis. Falaremos sobre isso.

– Pai, vou enviar um e-mail para o site agora mesmo e dizer...

– Já falei com meu advogado. Vamos processá-los se eles não retirarem essa notícia do ar imediatamente.

– Pai, posso cuidar disso.

– Eu já estou cuidando disso, Sara. – E seu tom deixava claro sua opinião de que eu não podia cuidar de coisa nenhuma.

Depois que desligou foi que me dei conta de que ele tinha dito “seu pai é o Assassino do Acampamento”. Não “seu pai *biológico*”, mas apenas “seu pai”.

□

Agora você sabe por que estou tão estressada, Nadine. Depois que meu pai desligou, li o restante da matéria, e o tempo todo senti

vontade de vomitar. Havia um monte de fotos de Karen Christianson – eles postaram até mesmo a foto da equipe com que ela trabalha na universidade. Não pude acreditar em quantos detalhes havia também sobre mim: minha profissão, a pousada de Evan. A única coisa que eles não mencionaram foi que eu tinha uma filha – graças a Deus!

Embora meu pai tivesse contactado o advogado dele, enviei um e-mail para o site, pedindo que retirassem a matéria do ar, e liguei para todos os números de telefone informados para contato, mas ninguém retornou minha ligação. Mais uma vez me senti uma idiota que não consegue fazer nada direito. Tentei falar com Evan, mas ele tinha saído com um grupo em um dos barcos da pousada e só voltaria depois do jantar. Lauren não estava atendendo ao telefone, e ela é o tipo de mãe que fica em casa. Provavelmente estava se escondendo no jardim. Tenho certeza de que está temendo tanto quanto eu a reunião desta noite – Lauren detesta ver as pessoas chateadas.

Fico me perguntando se Melanie poderia ter ouvido minha conversa com Lauren. Mas, por mais arrogante que ela seja, simplesmente não consigo imaginar que ela possa ter feito algo tão mesquinho. É claro que, se ela contou a Kyle... Ele parece ser o tipo de pessoa que venderia a própria mãe se achasse que isso poderia lhe trazer algum benefício. Não há a menor possibilidade de Lauren ou o detetive Tom terem dito alguma coisa. Não sinto tanto medo de uma reunião de família desde que tive de contar a meus pais que estava grávida. Meu pai se levantou em meio à conversa e saiu da sala.

Levei Moose para dar uma caminhada, esperando me livrar do nervosismo que vibrava em meu corpo, mas acabei voltando às pressas para a frente do computador. A matéria ainda estava no ar quando saí para vir para cá. Tenho tentado ficar calma lembrando a mim mesma que isso não dará em nada se eu não confirmar os fatos. O advogado do meu pai trabalha em uma das melhores empresas de Nanaimo. Ele conseguirá retirar a notícia do site até o final do dia. As pessoas podem fofocar durante algum tempo e depois mudarão de assunto. Só preciso esperar até que isso caia no esquecimento.

Mas tenho a sensação de que há algo pior à minha espera.

QUARTA SESSÃO



raças a Deus você conseguiu me encaixar! Sei que estive aqui ontem, mas quando entro em pânico dessa maneira, tudo fica girando na minha cabeça. Eu só conseguia pensar que precisava vir aqui. Você tem de me acalmar porque, se acontecer mais alguma coisa hoje, vou ficar completamente maluca.



Quando saí de casa para a reunião em família, meu humor estava ainda pior. Em nada ajudou eu ter tido uma discussão acalorada com uma menina de 6 anos que *não* tinha gostado da mudança de planos.

– Você disse que poderíamos fazer panquecas para o jantar. De formatos diferentes, como as do Evan.

Minha filha estava ansiosa, era possível perceber pelo seu tom de voz. Ally é metódica e todas as suas decisões exigem muita deliberação, o que é adorável quando ela estende a língua para fora da boca enquanto pensa no que comprar para Moose com o dinheiro que ganhou de aniversário, mas um pesadelo completo quando precisamos fazer qualquer coisa às pressas.

– Hoje não estou com tempo, gatinha. Vamos ter que tomar canja.

– Mas você prometeu! – disse ela, com as mãos nos quadris.

Outra característica da natureza metódica de Ally é que ela precisa saber nossos planos para cada dia e o que esperar de todas as situações. Se há uma mudança no rumo dos acontecimentos ou – Deus me livre! – afobação em alguma parte do processo, ela perde o controle emocional.

– Eu sei. Sinto muito, mas não podemos fazer panquecas hoje.

- Você *prometeu*! – Seu grito agudo me irritou muito.
- *Hoje não* – falei, virando-me rapidamente para olhá-la.

Com os cachos escuros balançando na cabeça, Ally correu para o quarto e bateu a porta. Ouvi um barulho parecido com o de algo sendo arrastado. Moose, que tinha sido deixado do lado de fora, me olhava com ar de reprovação. Não a ouvi chorar, mas ela raramente chora. É mais fácil vê-la atirando alguma coisa pelos ares que derramando uma única lágrima. Certa vez a vi tropeçar e em seguida chutar o pé da mesa que a tinha machucado.

Segurei a maçaneta. Ela girou, mas havia algo prendendo a porta. Ah! Evan a ensinara a pôr a cadeira sob a maçaneta, caso houvesse algum intruso na casa.

– Ally, gostaria que você saísse para podermos conversar sobre isso. Por favor. – Tudo continuou em silêncio e eu respirei fundo. – Quando sair, poderemos escolher outra noite da semana para fazermos as panquecas. Vou ensinar você a preparar a massa. Mas tem de sair logo. Vou contar até três. – Ainda o silêncio. – Um... dois... – Nada. – Ally, se você não sair *imediatamente*, vai ficar sem ver *tevé durante uma semana*.

Ela abriu a porta, passou por mim com os braços cruzados e a cabeça baixa e me lançou um olhar triste por cima do ombro.

- Evan *nunca* grita comigo.



As coisas não ficaram melhores na casa de meus pais. Quando parei em frente à construção de madeira nos arredores de Nanaimo, os carros de Melanie e Lauren já estavam estacionados lá. Ally, que em um segundo tinha saído do carro, estava com Moose em seus calcanhares. Marchei em direção à porta de entrada, vestindo minha armadura e sabendo que isso não iria adiantar nem um pouco.

Todos estavam na sala de estar. Melanie não olhou para mim, mas Lauren esboçou um sorriso. O rosto do meu pai era uma máscara de ferro. Ele estava em sua cadeira de braço no meio da sala, usando suas costumeiras botas de trabalho com biqueira de aço, camiseta preta e as calças jeans com tira vermelha que, na ilha, todo madeireiro que se preza usa. Com peitoral largo e forte, os

cabelos formando uma coroa branca como neve sobre a cabeça e a esposa e as filhas ao lado, ele parecia um rei.

– Vovó! – Ally correu na direção de minha mãe e abraçou suas pernas, com o capuz de seu casaco cor-de-rosa roçando nas orelhas.

Por um momento desejei correr para minha mãe e abraçá-la também. Tudo nela é suave: os cabelos escuros agora com fios prateados, o perfume leve que sempre usa, a voz, a pele. Procurei raiva em seu rosto, mas vi apenas cansaço. Olhei para ela com olhos suplicantes. *Perdão, mãe. Eu não queria magoá-la.*

– Vamos para a cozinha, Ally – disse ela. – Tenho pão de canela para você. Os garotos já estão nos fundos. – Então pegou a mão da neta e a conduziu para fora.

– Oi, mãe – falei, quando elas passaram por mim.

Ela tocou minha mão e esboçou um sorriso tranquilizador. Desejei lhe dizer quanto a amava, que aquilo não tinha nada a ver com ela, mas antes que eu conseguisse encontrar as palavras ela já tinha ido embora.

Mantendo meu queixo erguido, atirei-me em uma cadeira diante de meu pai. Nós nos encaramos por um tempo, até que eu desviei meu olhar.

– Você deveria ter falado com a gente antes de procurar seus pais biológicos – disse ele finalmente.

Anos de trabalho sob o sol aprofundaram as rugas ao redor de sua boca, que forma uma linha reta. Embora meu pai tenha mais de 60 anos, essa foi a primeira vez que me pareceu velho, e me senti muito envergonhada, culpada. Ele tinha razão: eu deveria ter contado a eles. Estava evitando ferir seus sentimentos – e também ter a conversa que teríamos agora. Mas tinha, na verdade, piorado a coisa toda.

– Eu sei. Sinto muito, pai. Não contar a vocês fez sentido para mim na época.

Ele ergueu a sobrancelha esquerda daquele modo que sempre fazia com que eu me sentisse um enorme fracasso. E essa vez não foi uma exceção.

– Quero saber como aquele site obteve a informação.

– Eu também gostaria de saber. – Olhei para Melanie.

– Por que você está olhando para mim? – perguntou ela. – Eu não sabia de nada disso até papai me contar.

– É claro que não.

Melanie girou um dedo na têmpora e murmurou: “maluca.” A raiva fez meu sangue ferver.

– Sabe, Melanie, você não pode ser uma verdadeira...

– *Basta* – rugiu meu pai.

Nós nos calamos. Meus olhos encontraram os de Lauren. Sua expressão – parte culpa, parte medo – deixava claro que ela tinha contado a meu pai que já sabia sobre meus pais biológicos. Eu me virei para ele.

– As outras pessoas que sabem são Evan e o detetive particular que contratei, mas ele é policial aposentado.

– Você checkou as credenciais dele?

– Ele me deu um cartão e...

– O que você sabe sobre ele?

– Eu já disse: que é policial aposentado.

– Você telefonou para a polícia e confirmou isso?

– Não, mas...

– Não, você não se informou de nada sobre ele. – Meu pai balançou a cabeça e meu rosto ardeu. – Sara, me dê o número do telefone desse detetive.

Eu queria lhe dizer que ele não era a única pessoa capaz de fazer alguma coisa, mas como sempre meu pai me fez duvidar de mim mesma.

– Eu lhe passo por e-mail.

– Alguém quer pão de canela? – perguntou minha mãe.

Ela se sentou no sofá e pôs o prato e alguns guardanapos sobre a mesa de centro. Ninguém estendeu a mão para se servir. Meu pai olhou fixamente para Melanie e Lauren e ambas pegaram um pão. Fiz o mesmo, embora não estivesse em condições de engolir nada. Mamãe sorriu, mas seus olhos estavam vermelhos. Ela tinha chorado. Droga!

– Sara, nós entendemos que você tenha desejado encontrar sua família biológica. Só ficamos desapontados com o fato de não ter nos contado nada – começou minha mãe. – Deve ter sido muito perturbador descobrir sobre seu pai verdadeiro. – Seu rosto pálido me disse que ela própria ainda estava bastante transtornada.

– Sinto muito, mãe. Isso era algo que eu precisava fazer por mim mesma. Estava tentando digerir a informação antes de contar a alguém.

– A matéria dizia que sua mãe é professora? – continuou ela.

– Sim. Mas ela não quer nada comigo. – Desviei os olhos, piscando-os com força.

– Não é nada pessoal, Sara. – A voz de minha mãe foi gentil. – Qualquer mãe se orgulharia de tê-la como filha.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

– *Realmente* sinto muito, mãe. Eu deveria ter lhe contado, mas não quis que você pensasse que eu era ingrata ou qualquer coisa assim. Você é uma ótima mãe. – Foi um elogio sincero: minha mãe adorava cada trabalhinho de artes que trazíamos para casa, cada fantasia que tinha de fazer no último minuto, cada jeans rasgado que só ela poderia costurar. Ela adorava ser mãe. Nunca perguntei, mas acho que foi minha mãe quem quis me adotar. Posso apostar que meu pai só fez isso por ela. – Vocês sempre serão meus pais de verdade. Vocês me criaram. Eu só estava curiosa de conhecer minha história. Mas quando descobri a identidade de meu pai biológico, achei que vocês talvez não fossem querer saber. – Olhei para meu pai e depois de volta para minha mãe. – Não quis chateá-los.

– Estamos preocupados com você e temerosos do que possa lhe acontecer, mas isso *nunca* mudará a maneira como nos sentimos com relação a você – prosseguiu minha mãe.

Olhei para meu pai outra vez. Ele assentiu, mas seu rosto estava distante.

– Evan saiu de barco – falei –, mas vou contar a ele que a notícia está na internet assim que Ally e eu voltarmos para casa.

– A matéria foi retirada do site, mas ainda vamos processar os canalhas – disse meu pai.

Repousei a cabeça nas costas da cadeira e suspirei. Tudo ficaria bem. Por um momento eu me senti protegida – meu pai estava me defendendo. Mas então ele acrescentou:

– Os idiotas jamais deveriam ter usado o nome da minha empresa! E aí eu soube o que ele realmente estava defendendo.

Senti outra pontada de culpa quando vi minha mãe pôr a mão na barriga e fazer uma careta. Meu pai também notou e seus olhos se tornaram duros quando se fixaram nos meus. Ele não precisou dizer as palavras. Já as tinha dito muitas vezes, de inúmeros modos. Mas quando não as pronunciava sempre feria mais. *Olhe o que você fez com a sua mãe.*

Minha mãe começou a falar sobre o casamento, mas a conversa pareceu forçada. Melanie e eu nos ignoramos o tempo todo.

– Tenho de ir para casa pôr Ally na cama. – Quando fui chamar minha filha, Lauren me seguiu e fechou a porta atrás de nós.

– Desculpe-me de ter contado ao papai, mas ele perguntou se eu sabia e eu não quis mentir.

– Tudo bem. Ele ficou furioso com você por ter guardado segredo?

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Acho que só ficou preocupado.

– Foi por isso que você não atendeu o telefone hoje?

– Eu não queria ficar no meio disso. – Ela parecia infeliz. – Sinto muito.

Eu também não queria que ela ficasse no meio de nada. Queria que ficasse do meu lado, mas isso nunca iria acontecer. Quando éramos crianças e meu pai me dava uma bronca, Lauren sempre se escondia em seu quarto. Depois vinha me ajudar nas tarefas domésticas, mas de algum modo eu apenas me sentia mais só.

– Você não tinha contado nada sobre meu pai verdadeiro a Melanie, tinha?

– É claro que não!

Então Melanie tinha ouvido por acaso e provavelmente contado a Kyle, que contou só Deus sabe a quem. Eu não podia fazer nada quanto a isso agora.



No caminho de volta para casa eu me sentia um pouco mais calma, mas ainda estava preocupada com a quantidade de pessoas que havia lido a matéria antes de ela ser retirada do site. Então me lembrei de minha mãe dizendo que eles estavam preocupados e *temendo* por mim. Parei em um sinal vermelho e pude me concentrar em relembrar aquele momento: o rosto tenso de meu pai, a preocupação nos olhos de minha mãe. Ambos pareciam estar pensando em algo que não disseram. O que eu deixara escapar?

Então eu soube: o Assassino do Acampamento podia ter lido a matéria.

Só percebi que o sinal estava aberto quando um carro buzinou atrás de mim e Ally disse: “Ande, mamãe!” Dirigi atordoada o restante do caminho. Eu estivera tão preocupada em me defender, tão receosa da raiva de meu pai, que tinha deixado escapar o que mais deveria temer: se o Assassino do Acampamento tivesse lido aquela matéria, não saberia apenas onde eu morava em Nanaimo, mas também meu nome.

Assim que chegamos, Ally tomou banho e eu li uma história para ela, mas fiquei tropeçando nas palavras e me perdendo na página. Precisava falar com Evan. Assim que ela dormiu, tentei telefonar, mas ele não atendia ao celular. Enrolei-me em um cobertor no sofá, vendo tevê distraidamente e esperando que ele me ligasse de volta. Quando estava prestes a desistir e ir para a cama, o telefone tocou. Antes que ele pudesse perguntar o que eu queria, perguntei-lhe como tinha sido seu dia.

– Encontramos um grupo de jubartes e o pessoal ficou feliz.

Evan construiu sua pousada na costa oeste remota da ilha, por isso oferece passeios de caiaque guiados e observação de baleias, além de saídas para pescar.

– Isso é ótimo.

– É claro que estou ansioso para voltar para casa neste fim de semana, mas... – murmurou ele.

Tentei prestar atenção, porém não consegui. Então respirei fundo e vomitei tudo. Primeiro falei sobre a mensagem que deixei para Julia e como foi horrível quando ela me telefonou, depois confessei que tinha contado tudo a Lauren e finalmente contei que aquilo fora parar na internet. Ele reagiu melhor do que eu esperava, muito melhor do que eu reagiria, mas isso não era nenhuma novidade.

– Isso não vai dar em nada – disse.

– Mas as pessoas são obcecadas por assassinos em série. Metade dos livros e filmes produzidos é sobre eles. E se descobrirem que sou filha dele...

– Você sabe onde está a espingarda de caça e a chave para o fecho do gatilho...

– A espingarda de caça!

– Você vai ficar bem. Não é possível que aquele site tenha muitos leitores.

– E se *ele* for um deles?

– O Assassino do Acampamento? – Ele parou por um momento. – Não, ele nunca leria um blog de Nanaimo.

– Você acha mesmo que tudo vai ficar bem?

– Sim, acho. Deixe o advogado de seu pai cuidar disso.

– Estou apavorada.

– Voltarei logo – disse ele, suavizando a voz.

□

Na noite passada, antes de ir para a cama, não pude evitar dar uma olhada no site e fiquei feliz ao ver que a matéria não estava mais no ar. Também fiz uma rápida pesquisa no Google e não surgiu nada novo. Fui dormir convencida de que Evan tinha razão: aquilo não ia dar em nada. Na verdade, foi até bom isso ter acontecido, porque forçou minha família a falar abertamente sobre as coisas. Não tenho um talento especial para guardar segredos.

Hoje de manhã, entre mordidas na torrada com manteiga de amendoim, Ally cantou uma canção para Moose. Nós duas adoramos manteiga de amendoim e ninguém acreditaria na quantidade de potes que consumimos. Depois que a deixei na

escola, peguei um café e fui para o ateliê atacar um novo armário. Em poucos minutos já estava totalmente concentrada e nem parei para almoçar. À tarde, finalmente decidi lancher e tomar mais um café. Antes de retomar o trabalho decidi subir e dar outra espiada no *As últimas novidades de Nanaimo*. Nenhum sinal da matéria. Para tranquilizar meu espírito, fiz outra busca no Google por Karen Christianson. Dessa vez surgiram vários resultados novos.

Pousei meu copo tão rápido que o café derramou. Cliquei no primeiro link, que me levou até o site de um fã-club de assassinos em série nos Estados Unidos. No fórum de discussão, alguém chamado “Dahmersdinner” postara que Karen Christianson estava escondida em Victoria usando o nome de Julia Laroche e que tinha uma filha, chamada Sara Gallagher, que morava em Nanaimo. Olhei para a tela com o coração disparado e os ouvidos latejando. Não havia nada que eu pudesse fazer, nenhum modo de apagar aquilo. Então notei que havia comentários – muitos deles. Cliquei na aba e expandi a página. Os primeiros eram coisas do tipo “Gostaria de saber se isso é verdade” e “Você pode imaginar como são os filhos dele?”. Mas depois havia comentários de mais e mais membros.

Alguém tinha visitado o site da universidade e encontrado a informação sobre o escritório de Julia. Havia links para artigos escritos por ela e sites com fotos de Karen Christianson. Uma pessoa usou o Photoshop para fazer parecer que o Assassino do Acampamento estivesse em pé atrás dela: em uma das mãos ele segurava uma corda ensanguentada e, na outra, o pênis. Eles comentaram a aparência de Julia, elogiando o bom gosto do Assassino do Acampamento. Um idiota disse que gostaria de saber se a filha – eu – seria tão tarada quanto o pai. Outro me comparou com a filha de Ted Bundy, dizendo que as “putas” – eu e ela – deveriam ser caçadas antes que pudessem espalhar a doença. Li cada comentário vil, cheia de vergonha e medo. Senti-me despedaçada e exposta ao mundo inteiro.

Cliquei de um site para outro o mais rápido que pude – a maioria dos resultados levava a blogs sobre crimes e alguns sites dedicados a assassinos em série, inclusive o que eu encontrara antes sobre o Assassino do Acampamento. Os sites mais sérios tiveram o cuidado de dizer apenas que havia “boatos” de que Karen tivera uma filha. Era nos comentários que as pessoas, sempre

anonimamente, acrescentavam a informação de meu nome e diziam que eu morava em Nanaimo. Então notei que um dos resultados apontava para um fórum de alunos da Universidade de Victoria. Com o estômago embrulhado, cliquei no link, mas não consegui entrar sem um número de identificação de estudante.

Uma onda de pânico se abateu sobre mim. *O que eu faço agora? Como faço isso parar?* O telefone sem fio ao meu lado tocou e tive um sobressalto. Era Lauren, que disse:

– Tenho de lhe contar uma coisa.

– É sobre as fofocas na internet?

– Você está on-line?

Olhei para a tela.

– Isso está *em toda parte*.

Lauren ficou em silêncio por um momento e depois perguntou:

– O que você vai fazer?

– Não tenho a menor ideia. Mas acho que deveria falar com Julia.

– Você realmente...

– Se ela não sabe, eu deveria avisá-la. E, se sabe, vai pensar que fui eu que contei a todo mundo. Mas se eu telefonar para explicar, provavelmente irá desligar na minha cara. – Suspirei. – Preciso ir. Tenho de pensar no que fazer.

A voz de Lauren foi gentil.

– Está bem, querida. Se precisar de mim, telefone.

□

Depois que desliguei, me atirei no sofá. Moose se juntou a mim, gemendo e cheirando meu pescoço. Minha mente girou assustadoramente em um milhão de direções. Todo mundo saberá a verdade sobre meu pai. O Assassino do Acampamento poderá encontrar Julia – e me encontrar. O negócio de Evan poderá ser arruinado. Meu negócio poderá ser arruinado. Irão debochar de Ally na escola.

O telefone tocou. Olhei para o número no visor. Confidencial.

Julia?

Atendi no terceiro toque.

– Alô.

Uma voz masculina disse:

– É a Sara Gallagher?

– Quem está falando?

– Sou seu pai.

– *Quem?*

– Seu pai verdadeiro. – A voz dele se tornou apressada. – Li sobre isso na internet.

Senti um arrepio de medo. Então percebi que a voz era jovem demais.

– Não sei quem você realmente é ou o que leu, mas...

– Você é gostosa como sua mãe?

Ouvi a risada ao fundo e depois outro jovem gritando:

– Pergunte se ela também gosta de sexo violento.

– Ouça, seu...

Ele desligou.



Telefonei imediatamente para Evan, mas caiu direto na caixa postal. Pensei em telefonar para Lauren, mas ela ficaria preocupada comigo. Droga! Eu estava com medo, e isso me deixou ainda mais zangada. Sim, alguns adolescentes tinham me telefonado e fingido ser meu pai, apenas para se divertir. E se Ally tivesse atendido o telefone? Eu estava andando de um lado para outro, furiosa, quando o telefone tocou novamente. Esperava que fosse Evan, mas era a professora de Ally.

– Sara, você tem tempo para conversar quando vier buscar a Ally hoje?

– O que está acontecendo?

– Ally teve uma... desavença com uma colega de turma que tentou usar algumas das tintas dela e eu gostaria de discutir isso com você.

Ótimo, justamente do que eu precisava agora.

– Vou conversar com ela sobre compartilhar, mas talvez possamos nos encontrar em outra hora...

– Ally empurrou a menina, com força suficiente para fazê-la cair.



Foi por isso que lhe telefonei. Não havia a menor possibilidade de eu me encontrar com a professora de Ally sem antes falar com você. Preciso assimilar o fato de que tudo foi exposto. Não consigo me esquecer daqueles comentários doentios, daquele telefonema horrível. Sei que a professora irá sugerir que Ally receba ajuda da orientadora educacional até aprender a lidar sozinha com as próprias questões. Minha filha já teve problemas – gritou com outras crianças, discutiu com a professora –, mas isso só acontece quando ela se sente pressionada. A professora também disse que Ally tem dificuldade de passar de um tema para o seguinte e é nos momentos em que isso é necessário que ela se estressa mais. Tentei explicar que não há nada de errado com minha filha – que ela só não gosta de mudar. Mas a professora fica perguntando se há problemas em casa. Só espero que ela não tenha ouvido falar que o Assassino do Acampamento é meu pai.

Odeio ficar tão perturbada assim, e detesto o modo como meu corpo reage a isso. Sinto um aperto tão forte na garganta e no peito que mal consigo respirar, minha frequência cardíaca dispara, meu rosto fica quente, começo a suar e minhas panturrilhas doem por causa do acúmulo de adrenalina. É como se uma bomba tivesse explodido dentro de minha cabeça, fazendo meus pensamentos voarem por toda parte.

Nós costumávamos falar sobre as causas de minha ansiedade serem os fatos de eu ter sido adotada e de ter um pai distante. Meu subconsciente temia que eu fosse abandonada de novo, por isso nunca me senti segura. Mas acho que não é só isso. Quando eu estava grávida de Ally li que a mãe precisa estar calma para que o bebê não absorva sua energia negativa. Passei nove *meses* dentro de uma mulher que se sentia constantemente apavorada. A ansiedade dela passou para meu sangue, para minhas moléculas. Eu nasci com medo.

QUINTA SESSÃO



Quando comecei a fazer terapia e evitava falar sobre

minha infância, você me disse: “Para construirmos um futuro, temos de conhecer o passado.” Depois disse que essa era uma citação de Otto Frank, o pai de Anne Frank, e que você tinha visitado a casa dela em Amsterdã. Lembro que você tinha ido pegar um café para nós, e fiquei sentada aqui olhando as fotos na sua parede, os objetos de arte que trouxe de suas viagens, os entalhes e as esculturas que colecionou, os livros que escreveu, pensando que você era a mulher mais legal que eu conhecia.

Nunca tinha conhecido ninguém como você, com seu modo de se vestir, sua elegância artística, seu ar de intelectual boêmia, seu suéter-xale jogado sobre os ombros, seu corte de cabelo com todas essas mechas grisalhas tão incomuns. Era como se você não só aceitasse sua idade, mas também se *orgulhasse* dela. O modo como tirava os óculos quando se inclinava para me perguntar alguma coisa e como batia com o dedo na caneca craquelada que você mesma fez na aula de cerâmica porque estava entediada e achava importante nunca parar de aprender. Estudei cada movimento seu, prestei atenção em tudo, e pensei: *Esta é uma mulher que não tem medo de nada. É assim que quero ser.*

Foi por isso que fiquei tão surpresa quando você me contou que também vinha de uma família disfuncional e que seu pai era alcoólatra. Fiquei ainda mais admirada quando soube que você não guarda ressentimento ou raiva, que enfrentou seus problemas e seguiu em frente. Que construiu um futuro. Naquele dia saí daqui com muita esperança, achando que tudo era possível. Mas depois pensei no que você disse sobre conhecer o passado e percebi que eu nunca conseguiria construir um futuro *real* porque não conhecia meu passado *real*. Aquilo era como construir uma casa sem

nenhum alicerce. Ela até poderia ficar em pé por algum tempo, mas acabaria desabando.



Quando cheguei de volta à minha casa, Moose bufou e pulou em cima de mim como se houvesse um milhão de anos que não me visse. Depois que o deixei sair para fazer xixi – o pobre coitado só se afastou um centímetro da porta – pensei em telefonar para a polícia e denunciar o trote, mas decidi esperar e conversar com Evan. Quando examinei o visor para verificar se ele havia telefonado enquanto eu estivera fora, notei dois números confidenciais. Chequei as mensagens na caixa postal e eram de jornais.

Durante a hora seguinte fiquei andando pela casa com o telefone sem fio na mão, rezando para que Evan ligasse logo. O telefone tocou uma vez e eu pulei, sobressaltada, mas era apenas outro repórter. Depois de algum tempo decidi telefonar para meu pai e contar a ele o que tinha descoberto na internet e também sobre os telefonemas.

– Não atenda o telefone se não conhecer o número – instruiu ele. – Se alguém perguntar sobre o Assassino do Acampamento, negue tudo. Você foi adotada, mas sua mãe biológica não é Karen Christianson, está certo?

– Você acha que devo mentir?

– É claro que sim. Vou instruir Melanie e Lauren sobre isso também. E se algum idiota ligar, simplesmente desligue.

– Devo procurar a polícia?

– Eles não podem fazer nada. Eu cuidarei disso. Envie os links para mim.

– A maioria é apenas de fóruns de discussão.

– Só os envie para mim, está bem?



Fiz o que meu pai disse e depois me torturei relendo os comentários. Dez eram novos, um mais doentio que o outro. Visitei os outros sites, que tinham comentários igualmente ruins. Fiquei chocada com a mesquinhez que as pessoas podem reservar a alguém que nem conhecem – e apavorada diante da constatação de que elas sabiam meu nome. Tive vontade de ficar acompanhando as

atualizações e participações nos sites, de nos defender – Julia e eu –, mas estava na hora da reunião com a professora de Ally.

Aquilo não era tão ruim quanto eu pensava. Acontece que a outra garotinha vinha atormentando Ally já fazia algum tempo – bagunçava a carteira dela, pegava as tintas que ela ainda estava usando –, até que minha filha finalmente perdeu a paciência. É claro que eu disse à professora que explicaria a ela que empurrar não era o modo certo de resolver desavenças e que ela deveria contar a um adulto caso tivesse problemas, mas eu teria dito qualquer coisa para sair logo dali. O que Ally tinha feito era errado e realmente falei com ela sobre aquilo, mas, sendo franca, não pareceu nada muito sério, se comparado com o fato de que eu acabara de arruinar a vida de Julia – para não falar da minha. E arrastara toda a minha família comigo. Essa última parte era a que mais me doía.

O telefone finalmente tocou, às oito da noite. Atendi assim que vi o número do celular de Evan.

– Precisamos conversar.

– O que está acontecendo?

– Aquele site... de algum modo a notícia se espalhou, talvez eles não tenham feito uma varredura no Google. Mas agora está em outros blogs. Quase tudo é sobre Julia, mas há muitos comentários nojentos e alguns citam *meu* nome. Então um adolescente telefonou para cá e disse que era meu pai. Os repórteres estão telefonando, mas não estou atendendo e meu pai disse...

– Sara, fale mais devagar. Não consigo entender o que você está dizendo.

Respirei fundo e recomecei. Quando terminei, Evan ficou calado por um minuto e depois perguntou:

– Você telefonou para a polícia?

– Meu pai disse que eles não podem fazer nada.

– Ainda assim acho que deveria lhes contar o que está acontecendo.

– Não sei... meu pai disse que cuidará disso.

A última coisa que eu queria era que meu pai se irritasse comigo por eu ter desobedecido às ordens dele.

- Então deixe que ele cuide disso, mas faça algum registro.
- Mas ele está certo, Evan. A polícia não pode fazer nada sobre alguém passando um trote.
- Você pediu minha opinião. Telefone para a polícia de manhã e não faça comentários em nenhum desses blogs.
- Está bem, está bem.



Depois que desliguei, fui para a cama, vi tevê até tarde da noite e caí em um sono agitado. De manhã cedo, o telefone tocou. Sem olhar para o número no visor, estendi o braço e atendi.

- Alô.
- Bom dia. Soube que você restaura móveis – disse uma voz masculina.
- Sim. Em que posso ajudá-lo? – perguntei, sentando-me na cama.
- Tenho algumas peças, uma mesa, algumas cadeiras. Não creio que valham muito, mas foram da minha mãe e gostaria que minha filha ficasse com elas.
- O valor de um objeto nem sempre está no preço de venda, mas no que ele significa para você.
- Essa mesa significa muito. Passei a maior parte do meu tempo nela. Gosto de comer. – Ele riu e eu ri também.
- Mesas de cozinha contam a história de uma família. Há pessoas que me pedem que eu apenas as limpe um pouco, deixando preservadas as marcas que os filhos deixaram, coisas assim.
- Quanto você costuma cobrar?
- Que tal eu dar uma olhada e então fazer um orçamento? – Saí da cama e vesti um robe enquanto me dirigia ao escritório para pegar uma caneta. – Posso ir à sua casa, mas muitos dos meus clientes simplesmente me enviam fotos por e-mail.
- Você vai à casa de estranhos?
- Parei no meio do corredor.
- Vai sozinha? – insistiu ele.

Certo, é claro que eu não aceitaria aquele trabalho de modo algum. Minha voz se tornou inexpressiva, fria.

– Sinto muito, não ouvi seu nome.

Ele ficou em silêncio por um momento e em seguida disse:

– Sou seu pai.

Isso explicava tudo: apenas outro idiota passando um trote.

– *Quem é você?*

– Já disse: seu pai.

– Eu *tenho* um pai e não gosto...

– Ele não é seu pai. – A voz do homem se tornou amarga. – Eu não teria dado minha filha. – Ele se calou e ao fundo pude ouvir som de trânsito. Quase desliguei, mas estava muito zangada.

– Não sei que tipo de piada de mau gosto você está fazendo...

– Não é uma piada. Vi a foto de Karen e a reconheci. Ela foi minha terceira.

– Todos sabem que Karen foi a terceira vítima dele.

– Mas ainda tenho os brincos dela.

Tive vontade de vomitar. Que tipo de pessoa finge ser um assassino?

– Você acha que isso é engraçado? Telefonar para uma pessoa e tentar assustá-la? É assim que você se excita?

– Não estou tentando assustá-la.

– Então o que você quer?

– Quero conhecê-la.

Desliguei. O telefone voltou a tocar imediatamente. O visor mostrou um código de área da Colúmbia Britânica, mas não reconheci o prefixo. Enfim o toque parou – só para recomendar em seguida. Minhas mãos tremiam enquanto eu tirava o telefone da tomada.

Disparei pelo corredor, acordei Ally, disse a ela que se arrumasse para ir à escola e tomei uma chuva. Em seguida mandei que ela fosse escovar os dentes e fez torrada com manteiga de amendoim para Ally. Enquanto ela comia, preparei seu lanche e depois saí rapidamente de casa.

Quando entrei na delegacia, dois homens mais velhos à paisana estavam na recepção. Enquanto eu me dirigia até eles, uma policial entrou pela porta que ficava atrás do balcão e pegou um arquivo em uma escrivaninha. Imaginei que ela fosse descendente de indígenas: as maçãs do rosto eram proeminentes, a pele, da cor do café e ela tinha grandes olhos castanhos e cabelos lisos e grossos, que trazia presos em um coque firme. Chegando ao balcão, eu disse:

– Quero falar com alguém sobre uns telefonemas que estou recebendo.

Um dos homens perguntou:

– Que tipo de telefonemas?

– Eu cuidarei disso – disse a policial.

Então ela me levou até a porta da “Sala de interrogatório” – segundo informava a placa de metal afixada nela – e fez um sinal para que eu entrasse. A sala estava praticamente vazia, a não ser pelo escasso mobiliário: uma mesa comprida e duas cadeiras de plástico duro. E, sobre a mesa, um bloco de papel, um catálogo telefônico e um telefone.

Ela se sentou em uma das cadeiras e se inclinou bastante para trás. Agora que estava de frente para mim, pude ver o nome em seu distintivo: S. Taylor.

– Como posso ajudá-la?

Naquele instante percebi que o que estava prestes a dizer pareceria loucura. Mas eu lhe apresentaria os fatos, esperando que ela acreditasse em mim.

– Meu nome é Sara Gallagher. Fui adotada e recentemente encontrei minha mãe biológica em Victoria. Contratei um detetive particular e ele descobriu que ela é Karen Christianson...

A policial me olhou sem compreender.

– Ela é a única vítima sobrevivente do Assassino do Acampamento, sabe?

Ela se aprumou na cadeira, ouvindo-me continuar.

– O detetive particular acha que é provável que o Assassino do Acampamento seja meu pai. Então o site *As últimas novidades de Nanaimo* de algum modo obteve essa informação, que se espalhou por toda a internet. Ontem recebi um trote de adolescentes fingindo ser meu pai. Então hoje de manhã um homem telefonou, também dizendo que era meu pai. Mas desta vez ele disse que tinha os brincos de Karen.

– Você reconheceu a voz dele?

Fiz um sinal negativo com a cabeça.

– E o número do telefone?

– Ele telefonou de um código de área 250, mas o prefixo era 374 ou 376, algo assim. Anotei tudo, mas esqueci o papel e...

– Ele lhe disse por que estava telefonando?

– Disse que queria me conhecer. – Fiz uma careta. – Sei que possivelmente é apenas um trote, mas tenho uma filha e...

– Sua mãe biológica confirmou que você foi concebida durante um estupro?

– Não com todas as palavras, mas sim.

– Eu gostaria de gravar sua declaração.

– Ah, sim. Certo.

– Voltarei em um minuto – disse a policial, levantando-se e deixando a sala.

Enquanto a esperava, olhei o ambiente ao meu redor e fiquei mexendo no celular.

A porta se abriu. Ela se sentou, pôs um pequeno gravador na mesa e puxou sua cadeira para mais perto de mim. Disse o nome dela, o meu nome, a data e depois me pediu que eu informasse meu nome completo e meu endereço. Minha boca ficou seca e senti meu rosto quente.

– Em outras palavras, gostaria que você dissesse por que acha que o Assassino do Acampamento é seu pai biológico e contasse os detalhes dos telefonemas que recebeu recentemente. – Seu tom sério me deixou ainda mais nervosa e meu coração disparou. – Vá em frente.

Fiz o melhor que pude, mas divaguei em alguns momentos, quando ela me trouxe de volta ao que interessava com um rápido “E o que ele disse depois?”. Quis saber até mesmo o endereço de Julia e todas as demais informações que eu pudesse ter sobre ela. Considerando que obtive essas informações um pouco na base do assédio, me senti mal em ter de revelá-las. Também lhe disse que estávamos tentando entrar em contato com o detetive particular e que ele era policial aposentado. Sua expressão neutra em momento nenhum se alterou.

Quando terminamos, perguntei:

- O que acontecerá agora?
- Investigaremos tudo o que você disse.
- Mas você não acha que quem telefonou foi *realmente* o Assassino do Acampamento, acha?
- Quando tivermos mais informações, avisaremos. Alguém em breve entrará em contato com você.
- E se ele telefonar de novo? Devo mudar meu número?
- Você tem identificador de chamadas e caixa postal?
- Sim, mas tenho um negócio e...
- Não atenda a telefonemas de números desconhecidos, deixe que entrem na caixa postal. Anote o número e a hora e nos avise assim que possível. – Ela me estendeu seu cartão de visita e depois ficou em pé ao lado da porta.

Atordoadada, eu a segui pelo corredor.

– Mas você acha que é apenas alguém que está tentando me assustar? E no entanto tem de levar isso a sério por causa da conexão com o Assassino do Acampamento?

Ela me olhou por cima do ombro.

– Realmente não posso dizer nada enquanto não investigarmos, mas tome cuidado. E obrigada por vir. Se tiver alguma pergunta, me ligue.

□

No estacionamento, sentada em meu carro, olhei para o cartão de visita que tinha na mão. Todo meu corpo tremia. Esperava que a polícia fosse me dizer que não havia nada com que me preocupar,

mas a policial Taylor perdeu todas as oportunidades de me tranquilizar. Agora eu estava apavorada com a possibilidade de o telefonema realmente ter sido do Assassino do Acampamento.

Será que a polícia iria procurar Julia? Quanto tempo demoraria até que eles entrassem em contato comigo? Como eu aguentaria mais dias sem saber? Pensei no homem que falara sobre os brincos de Karen. Não poderia ser esse o modo mais rápido de provar que ele era um mentiroso? Mas, se eu telefonasse para Julia, ela desligaria antes que eu conseguisse lhe fazer qualquer pergunta.

Olhei para o relógio. Eram apenas nove da manhã – eu teria tempo suficiente para ir a Victoria e voltar para pegar Ally na escola.



Como era sexta-feira e ainda não estava na hora do almoço, achei que Julia pudesse estar na universidade, por isso fui direto para o campus. Passei toda a viagem ensaiando modos de lhe contar o que estava acontecendo, mas primeiro tinha de conseguir que ela falasse comigo. Imaginei que, se eu aparecesse em seu trabalho, ela não poderia bater a porta na minha cara. Mas quando liguei para seu escritório de um telefone público, uma assistente me disse que Julia não tinha aulas no dia e que não sabia quando ela voltaria.

Eu teria de ir à casa dela.

Ao dirigir pela Dallas Road, comecei a questionar a genialidade do meu plano. Eu só podia estar louca. Julia ficaria furiosa ao me ver. Eu deveria ter deixado isso para a polícia. Mas ainda assim me vi parada diante de sua casa, olhando para a porta da frente.

Tinha de lhe contar o que estava acontecendo. Julia era a única pessoa que sabia sobre os brincos. Eu tinha o direito de perguntar. A segurança de minha família dependia disso. A segurança *dela* dependia disso.

Quando bati à porta, meu coração disparou e senti um aperto na garganta. Julia não atendeu, mas seu carro estava na entrada da garagem. Ela tinha me visto andando? O que eu deveria dizer se Katharine estivesse em casa? Essa não tinha sido uma boa ideia. Então ouvi vozes nos fundos.

Ao me aproximar de lá pela lateral da casa, vi Julia e um homem mais velho em pé perto de uma janela de porão na outra

extremidade do edifício. O homem segurava uma prancheta e Julia apontava para a janela, com o rosto pálido e tenso. Parei, perguntando-me se deveria ir embora. Ouvi parte da conversa, algo sobre barras de aço. Então me lembrei de ter visto a van de uma empresa de segurança na estrada. O homem disse algo enquanto se despedia apertando a mão de Julia, mas ela pareceu distraída. Ainda estava olhando para a janela quando o homem passou por mim e me cumprimentou com um movimento de cabeça. Esperei até que ele descesse pela entrada da garagem e então pigarreei. Em um movimento rápido, Julia virou a cabeça em minha direção.

– Oi, eu precisava falar com...

– Chega! Vou chamar a polícia.

Ela andou altivamente na direção de um deque nos fundos.

– É por isso que estou aqui. É *sobre* a polícia.

Isso a fez parar. Julia se voltou para mim e perguntou:

– O que você quer dizer?

– Tenho recebido telefonemas de jornais e...

– Como você acha que está a *minha* vida? – Seu rosto estava vermelho de raiva. – Tive de cancelar as aulas de hoje porque os repórteres estão importunando meus alunos e ficam me esperando no estacionamento. Meu telefone e endereço não constam do catálogo telefônico, mas eles não vão demorar para obter essa informação. Ou você já lhes disse isso também?

– Eu nunca...

– Está tentando ganhar *dinheiro* com essa situação? É isso?

Ela começou a andar de um lado para outro com passos curtos e bruscos, repentinos, como se quisesse fugir mas não soubesse para onde.

– Eu não tive nenhuma relação com a divulgação dessa história. Essa era a última coisa que eu queria. Só falei com um detetive particular e com minha irmã, porque estava angustiada, mas não sei como a notícia vazou.

– Você contratou um detetive particular. – Ela balançou a cabeça e fechou os olhos com força. Quando os abriu, eles pareciam desesperados. – O que você *quer*?

– Não quero nada – respondi.

Mas não era verdade. E agora ela nunca me daria o que eu realmente queria.

– Você sabe quanto tempo demorei para construir uma vida aqui? – perguntou Julia. – Você arruinou *tudo*.

Suas palavras me atingiram de tal modo que seu golpe quase me fez recuar. Julia estava certa: eu arruinara tudo. E a situação estava prestes a piorar. A próxima parte a apavoraria ainda mais, no entanto tinha de ser dita. Preparei-me para o que precisava fazer.

– Estou aqui porque achei que você deveria saber que um homem me telefonou hoje de manhã. Ele disse... disse que é meu pai biológico. Reconheceu sua foto e falou que ainda tem seus brincos.

Julia ficou totalmente parada. O único movimento visível em seu corpo era o de suas pupilas se dilatando. Então ela começou a enxugar as lágrimas que surgiram no canto dos olhos.

– Foram presente dos meus pais. Pérolas. Pérolas cor-de-rosa com folhas de prata, por minha formatura. – Sua voz ficou presa e ela engoliu em seco. – Fiquei preocupada com a possibilidade de perdê-los no acampamento, mas minha mãe me disse que as coisas bonitas eram para ser usadas.

Ele *realmente* tinha pegado os brincos dela. Lembrei-me da voz do homem, do modo como falou sobre a filha. O sangue latejou em meus ouvidos quando olhei para Julia, tentando pensar no que dizer, tentando não pensar no que aquilo significava.

Finalmente encontrei algumas palavras.

– Eu... eu sinto muito por ele ter levado seus brincos.

Os olhos de Julia encontraram os meus.

– Ele me agradeceu, disse *obrigado*. – Ela desviou o olhar novamente. – A polícia nunca tornou público que ele tinha levado meus brincos. Mas disse que o prenderia. – Ela balançou a cabeça. – Então descobri que estava grávida, mas não podia abortar. Mudei de nome, fui embora, e só queria me esquecer do que havia acontecido. Mas sempre que ele mata alguém a polícia me encontra. Certa vez um policial me disse que eu tive sorte. – Ela riu amargamente e depois olhou de novo para mim. – Vivi durante 35

anos com medo de que ele me encontrasse. Até hoje, não houve uma única noite em que eu não tivesse acordado de um pesadelo no qual ele ainda me perseguia. – Sua voz ficou trêmula. – Se você me encontrou, *ele* também pode me encontrar.

Pela primeira vez ela não estava na defensiva e pude ver a dor genuína e pura que seus olhos refletiam. Pude ver *Julia*. Cada pedaço partido. Essa pobre mulher vivera com medo por muito tempo – e agora esse sentimento aumentara, por minha culpa.

Dei um passo à frente.

– Eu realmente...

– Você precisa ir. – Sua cara estava fechada mais uma vez.

– Está bem, é claro. Você quer meu telefone?

– Já tenho.

As portas do pátio se fecharam atrás dela com um forte clique.



Naquela noite, Evan veio para casa e eu lhe disse que precisávamos conversar, mas só tivemos chance de fazer isso quando Ally e Moose foram dormir e nós dois nos jogamos no sofá. Evan estava com as pernas sobre a mesa de centro e eu, do lado oposto do sofá, abraçava os joelhos dobrados. Ele ficou preocupado com o segundo telefonema, mas feliz por eu ter ido imediatamente à delegacia depois que o recebi. Quando lhe contei que também tinha ido ver Julia, ele apenas balançou a cabeça. Mas o que *realmente* não gostou de ouvir foi sobre os brincos.

– Se ele telefonar de novo, não atenda.

– A polícia também me deu essa orientação.

– Não gosto do que está acontecendo e tenho que voltar à pousada na segunda. Talvez seja melhor pedir a um dos outros guias que leve esse grupo.

– Achei que todos estivessem fora.

– Frank poderia me cobrir, mas ele só saiu uma vez sozinho e esse grupo é grande. Eles vêm todos os anos – disse Evan, coçando o queixo.

Evan trabalhara durante anos para elevar a reputação da pousada a um patamar que justificava as reservas durante todo o

verão. Mas bastaria um passeio ruim com um guia inexperiente ou, pior ainda, um acidente, para que seu negócio fosse arruinado.

– Você *tem* que levá-los.

– Talvez você devesse ficar na casa de seu pai ou na de Lauren.

Refleti sobre sua sugestão por um momento e depois disse:

– Não quero contar a meu pai a história do telefonema enquanto não tivermos mais informações. Ele vai querer assumir o controle e eu vou me estressar. E também não quero preocupar Lauren. Greg está no campo, então eu não estaria mais segura lá. Além disso, ela também tem que pensar nos filhos.

Evan ainda pareceu inseguro, mas falou:

– Está bem. Vou pôr a espingarda de caça debaixo da cama e um taco de beisebol perto da porta de entrada. Tranque tudo todas as noites e leve o celular se for dar uma caminhada...

– Querido, não sou nenhuma boba. Tomarei cuidado até que a polícia descubra o que está acontecendo.

– Estou aqui para protegê-la hoje... – disse Evan, subindo a mão quente por minha coxa.

– Está tentando me distrair? – perguntei, erguendo uma das sobancelhas.

– Talvez. – Ele sorriu.

– Estou com muitas coisas na cabeça agora – expliquei.

– Deixe-me ajudá-la com isso – disse Evan, vindo para cima de mim e gemendo em meu pescoço.

Quando ele tentou me beijar, virei o rosto para o lado, mas ele segurou minha cabeça por trás, provocando minha boca com a dele. Meus pensamentos começaram a se estabilizar e meu corpo relaxou. Concentrei-me na sensação dos músculos dos ombros de Evan sob minha mão. Enquanto nossas línguas brincavam, abri o zíper de sua calça jeans e usei o pé para tirá-la. Ela ficou presa em seus tornozelos e ele a soltou com um chute. Em seguida, abriu os botões do meu pijama e deu um tapinha em meu traseiro que lhe rendeu um falso grito. Dei um soco de leve em seu ombro. Nós nos beijamos por alguns minutos.

Então o telefone tocou.

– Deixe tocar – pediu Evan, no meu pescoço.

E deixei, mas quando esfreguei o nariz em suas orelhas e apertei suas nádegas, minha mente estava inquieta. Seria o Assassino do Acampamento? A polícia? Julia? Evan parou de beijar minha clavícula e repousou sobre mim por um momento. Senti seu coração batendo acelerado. Ele se apoiou nos cotovelos, me deu um longo beijo e então disse:

– Está certo, vá ver quem telefonou.

Tentei recusar. Evan me olhou enquanto se sentava e procurava sua calça.

– Sei que isso está matando você.

Dei um sorriso envergonhado e fui rapidamente para a cozinha.

Era apenas Lauren, ligando para falar sobre os garotos, mas durante o resto do fim de semana nos sobressaltávamos toda vez que o telefone tocava. Evan foi embora na segunda-feira de manhã, mas não antes de me dar outro sermão sobre segurança. Naquela tarde recebi um telefonema de um número confidencial. Meu corpo se retesou e esperei que a ligação fosse para a caixa postal. O primeiro-sargento Dubois queria que eu lhe retornasse a ligação o mais rápido possível.

□

O primeiro-sargento Mark Dubois era extremamente alto – media no mínimo 1,90m – e afável, apesar da estatura intimidadora e da voz grave.

– Oi, Sara. Obrigado por vir. – Ele se sentou atrás de uma enorme escrivaninha em forma de L e fez um sinal para que eu me sentasse à sua frente. – Você recebeu mais telefonemas estranhos?

Fiz um sinal negativo com a cabeça e disse em seguida:

– Mas estive com minha mãe biológica na sexta passada e ela disse que os brincos que o Assassino do Acampamento levou eram de pérola. Foram presente de formatura dos pais.

– Humm... – murmurou o sargento, estalando a língua contra os dentes. – Gos-taríamos de interrogar você, mas dessa vez faremos uma gravação em áudio e vídeo, pode ser?

– Acho que sim.

Ele me conduziu pelo corredor até outra sala. Esta era mais amigável, com um sofá macio, uma luminária e um quadro que retratava uma paisagem marinha. Também havia uma câmera no canto superior. Sentei-me em uma extremidade do sofá e o sargento se sentou na outra, repousando seu longo braço no encosto.

Foram basicamente as mesmas perguntas que a policial fizera na sexta-feira, mas o tom de Dubois era agradável, de conversa, e eu me abri mais. Eu lhe contei até mesmo minha última visita a Julia e a reação emocionada dela.

– Bom trabalho, Sara – disse ele com um sorriso, depois que terminei. – Isso será muito útil para nós. – Seu rosto ficou sério. – Receio que tenhamos de grampear seu telefone e...

– Então você *realmente* acha que era ele?

Eu me arrepiei com o desespero que minha voz revelou.

– Ainda não sabemos, mas o Assassino do Acampamento é um caso de alta prioridade e precisamos investigar todas as pistas. Até podermos confirmar que o telefonema não passou de um trote, nossa preocupação fundamental é com sua proteção. Assim que possível, instalaremos um dispositivo de segurança na sua casa: um sistema de alarme que usamos quando acreditamos que a vítima está em perigo.

Sou uma vítima agora.

– O detetive particular que você contratou de fato é policial aposentado, mas ainda não conseguimos localizá-lo para um interrogatório. É melhor que você não tenha mais nenhum contato com ele sobre este caso. Nos próximos dias, dois integrantes da Unidade de Crimes Hediondos, de Vancouver, virão à ilha conversar com você.

– Nanaimo não pode lidar com isso sozinha?

– A Unidade de Crimes Hediondos tem mais pessoal e recursos. O suspeito é o provável autor de alguns crimes hediondos. Se a pessoa que está lhe telefonando realmente for ele, gostaríamos de prendê-lo, é claro, mas antes precisamos nos certificar de que nem você nem sua família corram perigo.

O medo me deixou com as pernas bambas.

– Eu deveria mandar minha filha para algum lugar?

– Ele não fez nenhuma ameaça direta e tentamos não separar famílias, mas sugiro que você siga algumas regras básicas de segurança com ela. Seu marido está viajando?

– Noivo. Vamos nos casar em setembro. Ele já sabe sobre o telefonema. Devo contar também à minha família?

– É muito importante não discutir esse assunto com ninguém, inclusive sua família, e seu noivo também tem de guardar segredo. Não podemos correr o risco de que isso vaze para a imprensa e o suspeito descubra que essa investigação está acontecendo.

– Mas e se minha família também estiver em perigo?

– Até agora ele não indicou que quer machucar ninguém. Se houver uma ameaça, tomaremos as medidas apropriadas. Alguém irá à sua casa amanhã de manhã para grampear seu telefone e instalar o alarme. Nesse meio-tempo, não atenda se ele telefonar e entre em contato comigo imediatamente. – Ele me estendeu seu cartão. – Você tem mais alguma pergunta?

– Acho que não. É só que isso é tão... surreal!

Ele se levantou e apertou brevemente meu ombro.

– Você agiu certo falando com a gente.

Fiz um sinal com a cabeça indicando que acreditava nele.



Naquela noite, Ally brincava com Moose no quintal, enquanto eu, com o olhar perdido além da porta de vidro corrediça, descascava cenouras e ouvia a tevê ligada atrás de mim. Quando o noticiário local entrou no ar, quase me cortei. Como era de esperar, o assunto em destaque era Karen Christianson. Eles mostraram imagens da universidade – coelhos mordiscando o gramado da frente, estudantes barulhentos na cafeteria, a porta de uma sala de aula – enquanto um locutor dizia que uma professora fora identificada como Karen Christianson, a única vítima sobrevivente do Assassino da Acampamento. Eles não mencionaram o nome “Julia”, só disseram que havia boatos de que a professora – Karen –, que não fora encontrada para comentar o assunto, tinha uma filha que morava em Nanaimo. O locutor encerrou a reportagem dizendo com uma voz sombria: “Enquanto os dias vão se tornando mais quentes, não podemos evitar nos perguntar por onde o Assassino

do Acampamento andar­á agora, e onde estar­á neste ver­ão.” Foi ent­ão que desliguei a tevê.

Quando Ally entrou eu lhe disse que ir­íamos brincar de “faz de conta” e lhe passei nossas regras de segurança. Evan e eu já tínhamos feito isso com ela, mas desta vez cada detalhe era muito importante. Ally logo se cansou da brincadeira, mas repassamos tudo duas vezes: nossa senha – Moose; ela não iria a lugar nenhum com um adulto que não conhecesse; o número em nosso telefone programado para discar 911 e as coisas que a telefonista poderia perguntar, especialmente nosso endereço. Havia ainda uma nova regra: ela nunca atenderia o telefone nem abriria a porta sem que antes um adulto verificasse e lhe desse permissão. Meu coração parava sempre que ela se esquecia de alguma regra. Quando, apenas vinte minutos após minhas explicações, precisei brigar com Ally por ela ter atendido o telefone sem minha autorização – por acaso tinha sido uma ligação de Lauren –, ela se trancou no quarto e se recusou a falar comigo. Fiz panquecas para o jantar e escrevi “Desculpe” nelas com mirtilos. Ela se recuperou do susto que tomou com minha reação a seu esquecimento, mas eu ainda me sentia mal no momento em que a deixei na escola hoje mais cedo.

A polícia estava me esperando quando voltei para casa. Poriam o grampo em meu telefone fixo. Logo depois chegaram os funcionários da empresa que iria instalar o alarme e que também me mostraram como ativar o pequeno alarme pessoal, que eu deveria usar ao redor do pescoço. Não quero que Ally me pergunte o que é, por isso o estou carregando na bolsa. Assim que todos saíram, olhei para o alarme e para meu telefone agora grampeado tentando não entrar em pânico. Quanto tempo essa situação iria durar? Não posso mais nem mesmo ter uma conversa particular com Evan...

E ent­ão o telefone tocou.

Apenas vá olhar. Talvez nem seja ele.

E tocou novamente.

Pode ser a polícia.

Vi o número do celular de Evan e suspirei, aliviada.

– Oi, querida, eu... – começou ele, mas a ligação caiu.

O telefone ficou mudo. Quando liguei de volta, caiu direto na caixa postal. Ótimo, outra conexão encerrada! Bati com o fone no gancho.

O telefone voltou a tocar e estava prestes a atender à chamada quando, no último minuto, vi o número no visor. Era de um telefone público. Prendi a respiração e esperei que parasse de chamar. Tocou cinco vezes.



Dessa vez liguei para a polícia de imediato, Nadine. Mas como o homem não deixou nenhuma mensagem, não progredimos muito. O sargento Dubois me disse que eu não deveria atender o telefone até falar com o pessoal da Unidade de Crimes Hediondos, e eles só poderão vir à ilha amanhã. A primeira coisa que eles querem de mim é que eu lhes forneça uma amostra do meu DNA. Foi por isso que remarquei nosso horário para esta tarde. Bem, por isso e porque não consigo pensar direito.

Experimentei algumas das técnicas que você sugeriu: sair para uma corrida, escrever em um diário, meditar, cantarolar para diminuir o aperto na garganta – tentei cantarolar até *enquanto* meditava. A pior parte disso tudo é que não posso contar nada à minha família, não posso contar nada a Lauren. Você me conhece: eu antes despejo tudo e *depois* penso no que fazer. Graças a Deus que tenho Evan! Nós conversamos na noite passada e ele está me apoiando bastante, mas sinto muita falta dele aqui comigo. Quando ele está por perto, eu me sinto mais centrada, tranquila, como se tudo fosse ficar bem.

Hoje o advogado de Julia fez uma declaração: disse que ela não é Karen Christianson e que nunca deu uma filha para adoção. E que qualquer pessoa que diga o contrário terá de enfrentar um processo judicial. Hoje de manhã, depois que deixei Ally na escola, um repórter e um cinegrafista estavam à minha espera na frente de casa. Seguindo o conselho de meu pai, eu lhes disse que a declaração era verdadeira e que nem Julia Laroche nem Karen Christianson eram minha mãe biológica. Então fechei a porta na cara deles.

Entendo por que Julia mentiu: ela só está tentando se proteger. No meu caso, estou tentando proteger Ally. Mas foi estranho ler a notícia de que Julia negou ter tido uma filha. Fez com que eu me

sentisse irreal – ou quase isso. Mas não considero que seja uma coisa tão ruim agora. Não estou ansiosa para fazer o exame de DNA. Se minha amostra combinar com a que foi coletada pela polícia na cena do crime, há muito tempo arquivada, tudo isso será realidade. Continuo a esperar que não combinem. É possível que tenha havido uma confusão nos registros de adoção e no final das contas eu não seja a filha de Julia. Isso seria muita sorte.

SEXTA Sessão



ão consigo nem me lembrar da última vez que

segurei uma ferramenta. Outro dia me irritei com Lauren, e apenas porque ela me perguntou se eu já tinha enviado os convites do casamento. Acontece que fico desorientada só de *pensar* em fazer uma lista de convidados.

Quando tentei falar com Evan sobre isso ele disse que talvez devêssemos adiar o casamento até que as coisas se acalmassem. Você pode imaginar qual foi minha reação. Ele não deixa de ter razão, o momento realmente é péssimo, mas esperei a vida inteira para me sentir como me sinto quando estou ao lado dele. Eu não sabia nem mesmo que homens como Evan pudessem existir. Ele é muito protetor, leva comida para mim quando estou no ateliê, prepara banhos quando estou com dor de cabeça e é forte o suficiente para lidar com minha intensidade. Além disso, nós dois somos caseiros: preferimos ver filmes, relaxados no sofá, a sair à noite. Raramente brigamos, mas, quando isso acontece, logo fazemos as pazes. Ele é muito bom e gentil e isso me faz querer ser assim também.

Não suporto a ideia de esperar para me casar com ele. Mas do modo como as coisas estão indo, é possível que eu não tenha alternativa.



Na quarta-feira passada, pela manhã, fui direto para a delegacia de polícia. Já no estacionamento, fiquei no carro por alguns minutos, segurando o volante com força e pensando: *Vai ficar tudo bem. Seja o que for que eles descubram, conseguirei lidar com a realidade.*

Lá dentro tirei uma amostra de sangue para o exame de DNA e em seguida fui novamente levada pelo sargento Dubois para aquela

sala com o sofá, onde esperaríamos o pessoal da Unidade de Crimes Hediondos. Assim que me sentei houve uma batida na porta e um homem e uma mulher entraram.

Eu esperava homens mais velhos e de aparência severa, usando ternos pretos e óculos escuros. Mas a mulher tinha cerca de 40 anos e vestia uma calça social azul-marinho, com uma camisa branca simples sob uma jaqueta de couro marrom. Os cabelos curtos de um tom louro-escuro estavam queimados pelo sol e a pele era brilhante e bronzeada. O homem era mais jovem, devia estar perto dos 30, e usava elegantes calças pretas e uma camisa preta que, com as mangas enroladas, revelava símbolos asiáticos tatuados nos dois antebraços. A pele azeitonada, a cabeça rapada e os olhos velados lhe conferiam um ar mediterrâneo – e a impressão de que não lhe faltava atenção feminina.

– Sara, vou deixá-la com a primeira-sargenta McBride e o cabo Reynolds – disse o sargento Dubois, saindo da sala. A mulher se sentou na outra extremidade do sofá enquanto o homem puxou uma cadeira, que colocou diante de mim.

– Então vocês são da Unidade de Crimes Hediondos de Vancouver? – perguntei.

Ele assentiu com a cabeça ao dizer:

– Sim, chegamos na noite passada.

Não consegui identificar seu sotaque, talvez fosse de algum canto da costa oeste. Ele me estendeu seu cartão e vi que era o cabo B. Reynolds.

– Pode me chamar de Sandy – disse a primeira-sargenta. E, apontando para o cabo, completou: – E este é o Billy.

– Bill – corrigiu o homem, ameaçando Sandy com um punho, o que a fez rir.

– Sou mais velha e sábia, e isso significa que posso chamá-lo como quiser.

Sorri, achando graça da brincadeira dos dois. Então Sandy se virou para mim e perguntou:

– Podemos lhe trazer um café ou uma água, Sara?

– Não, estou bem. Só vou precisar ir ao banheiro um milhão de vezes.

Sandy balançou a cabeça e disse:

– Isso é chato, não é? Fiz Billy parar duas vezes a caminho daqui.

O cabo assentiu com a cabeça e revirou os olhos.

– Piorou depois que tive minha filha – comentei. – Você tem filhos, Sandy?

– Não, mas tenho um cachorro.

– Tyson não é um cachorro. É um humano vestido de Rottweiler – zombou Billy.

– É, ele dá trabalho – respondeu Sandy, rindo. Seus olhos encontraram os meus. – E tenho certeza de que Ally a mantém ocupada.

Por um momento fiquei surpresa com o fato de saberem o nome de minha filha, mas então percebi que eles provavelmente conheciam tudo sobre mim. Caí na real. Não estávamos em um encontro social. Aquelas pessoas tinham vindo pegar um assassino em série.

Billy começou a folhear um arquivo bastante volumoso, mas o deixou cair. Fui ajudá-lo a recolher os papéis e recuei ao ver o rosto pálido e machucado de uma mulher.

– Ah, meu Deus, essa é...

Olhei para Sandy. Ao meu lado, ela observava tudo com atenção, mas não fez nenhum comentário. Voltei os olhos para Billy, que recolocava as fotos no arquivo.

– Sinto muito por isso – disse ele.

Tornei a me sentar, com o olhar fixo em Billy, perguntando-me se ele deixara o arquivo cair de propósito, mas o cabo parecia sincero.

– Essa situação deve ser muito difícil para você – prosseguiu Sandy.

– É uma loucura. – Agora os dois me observavam, e então acrescentei: – Não era bem isso que eu esperava quando decidi procurar minha mãe biológica.

O olhar de Sandy foi solidário, mas ela estava batendo com os dedos nos joelhos.

– Você voltou a ter notícias dele? – perguntou Billy, inclinándose em minha direção.

Seus bíceps se destacaram quando descansou os cotovelos na cadeira. No canto da sala, uma luminária jogava uma luz fraca sobre o lado direito de seu rosto, fazendo com que seus olhos parecessem quase pretos. Escorreguei mais para o fundo do sofá, mexendo no meu anel de noivado. Sandy pigarreou.

– Só os telefonemas que recebi na segunda-feira à noite – respondi. – Já falei com o sargento Dubois sobre isso e ele está com os números dos telefones.

O olhar de Billy passeou de Sandy para o arquivo que ele estava segurando. Isso me deixou nervosa, o que me irritou.

– Não atendi às ligações porque o sargento Dubois disse que vocês iriam me instruir sobre o que dizer, mas o número ainda está na memória do telefone, se quiserem checar.

– Você lidou muito bem com isso. – A voz de Sandy estava calma. – Na próxima vez que ele telefonar, gostaríamos que atendesse. Deixe-o conduzir a conversa, mas, se houver chance, tente ver se ele lhe dá alguma informação sobre os brincos, as vítimas, o lugar de onde está ligando, coisas desse tipo. Até mesmo detalhes que a princípio parecem insignificantes podem nos ajudar a determinar se ele realmente é o Assassino do Acampamento. Mas se perceber agitação da parte dele, mude de assunto.

– E se ele for realmente o Assassino do Acampamento?

– Se for – começou Sandy –, você poderia conseguir estabelecer um relacionamento com ele e...

– Você quer que eu *continue* a falar com ele? – levantei a voz, em pânico.

– Vamos dar um passo de cada vez -- observou Billy. – Não lhe pediremos que faça nada que não queira.

– Isso mesmo – concordou Sandy. – Por enquanto, só precisamos saber quem é esse homem e por que ele está telefonando para você.

Meu corpo relaxou um pouco.

– Vocês têm alguma ideia de onde ele poderia estar?

– Os telefonemas vieram da área de Kamloops – disse Billy –, mas ele usou telefones públicos de locais distantes e desertos, portanto está sendo cuidadoso.

Eu me senti aliviada quando soube que ele estava distante da minha casa: uma hora e meia de balsa e algumas horas de carro.

– Billy e eu ficaremos na cidade – disse Sandy. – Vamos lhe dar nossos números para que você nos ligue assim que tiver notícias dele, a qualquer hora do dia.

Nós três ficamos em silêncio por um instante, até que falei com a voz abafada:

– O verão está chegando. Acham que ele ainda está... ativo?

– Nunca sabemos quando ele irá atacar – disse Sandy –, mas enquanto estiver solto, isso sempre será uma possibilidade. Por isso a pista que temos é tão importante.

– Vocês têm uma pista? – perguntei, fazendo os dois me olharem ao mesmo tempo. – Ah, vocês estão se referindo a mim! – Meu rosto estava quente.

– Os perfis mostram alguém que conhece a floresta – disse Billy. – Ele é astuto e está acostumado a se virar sozinho. Provavelmente é uma pessoa solitária, que passa muito tempo caçando. – Fiquei arrepiada quando a imagem de uma mulher correndo apavorada pela floresta surgiu em minha mente. Billy continuou: – A descrição que obtivemos com Julia ontem...

– Vocês viram Julia?

– Nós a interrogamos em Victoria – respondeu Sandy. – Com base em suas descrições originais, é provável que o suspeito tivesse cerca de 20 anos quando a atacou. Agora deve estar com uns 50, ou um pouco mais. Os métodos mudaram nos últimos anos, por isso tivemos de fazê-la se sentar novamente com um desenhista da polícia da Unidade de Ciência Comportamental.

Billy me entregou uma folha de papel.

– Este é um retrato falado de como o suspeito deve ser hoje.

Prendi a respiração. Não admirava que Julia se apavorasse ao me ver. Até mesmo naquele desenho rudimentar era possível ver a semelhança: os olhos de gato, a sobrancelha esquerda um pouco mais arqueada que a direita, a estrutura óssea do tipo nórdico.

Olhei para o desenho.

– Os cabelos dele...

– Julia os descreveu como de um tom castanho-avermelhado profundo... e ondulados – observou Sandy.

Ergui os olhos justamente quando seu olhar se dirigia aos meus cabelos. Meu estômago ficou embrulhado. Billy pegou o retrato falado das minhas mãos enquanto Sandy dizia:

– Julia foi atacada em meados de julho, mas outra mulher foi morta em Prince Rupert em agosto daquele mesmo ano. Essa foi a única vez em que ele atacou duas vezes no mesmo verão, e isso provavelmente só aconteceu porque falhou com Julia. Ele é muito cuidadoso e praticamente não deixa vestígios. É por isso que precisamos que você converse com o autor dessas ligações, para podermos descobrir se ele realmente é o Assassino do Acampamento. Isso é tudo o que temos como ponto de partida agora.

Fiquei olhando alternadamente para Billy e para Sandy. Os olhos de ambos estavam fixos em mim. Respirei fundo e concordei com relutância:

– Está bem, vou tentar fazer o que vocês estão me pedindo.

□

Assim que saí da delegacia telefonei para Evan. Como ele não atendeu, deixei uma mensagem na qual dizia que estava com saudade e que precisava dele. Eu não estava pronta para ir para casa e enfrentar a possibilidade de outro telefonema de meu suposto pai, por isso comprei um café com leite e baunilha e caminhei pelo calçadão, obcecada com tudo o que Sandy e Billy tinham dito. Os resultados do exame de DNA ainda levariam de três a seis semanas para sair, mas eu tinha a sensação de que a polícia já estava certa de que eu era filha do Assassino do Acampamento.

Antes de sair da delegacia eu lhes perguntara sobre outros casos e quisera saber que tipo de evidência tinham, mas eles não me deram nenhum detalhe – nem mesmo do caso de Julia. Disseram que era melhor que eu não soubesse demais, para não correr o risco de, por acaso, revelar alguma coisa. Também me disseram que eu deveria lhes telefonar imediatamente se visse

alguma pessoa de quem viesse a suspeitar. O problema era que agora todos me pareciam suspeitos.

Quando saía para caminhar geralmente conversava com todo mundo, mas agora evito até mesmo fazer contato visual e observo com muita cautela cada homem de meia-idade. Será que era ele? Será aquele homem alto que está debaixo da árvore? Ou aquele sentado no banco, olhando para mim?

Para variar, o dia estava ensolarado, mas ainda frio para o meio de abril, e o vento que soprava do oceano era cortante. Depois de caminhar duas vezes pelo calçadão, minhas bochechas ardiam e minhas mãos pareciam feitas de gelo. Evan ainda não retornara meu telefonema e eu não podia mais evitar ir para casa – Moose precisava sair e eu tinha um monte de coisas a fazer antes de pegar Ally na escola. Respirei fundo e caminhei em direção ao carro. Se o homem que se dizia meu pai ligasse, eu teria de lidar com isso.

Mas nada aconteceu durante todo o resto da semana. Na tarde de sexta-feira eu já estava começando a me perguntar se afinal de contas o telefonema não teria sido um trote. Todos os dias Sandy ou Billy entravam em contato comigo e suas vozes se tornavam mais falsamente casuais a cada telefonema, então desejei saber se eles achavam que eu tinha inventado aquilo. A agitação inicial dos repórteres diminuía e quando eu pesquisava na internet não havia nenhum comentário novo nos blogs. Algumas pessoas fizeram perguntas a Evan e a Lauren, mas eles responderam que tudo não passava de boato, nada mais que isso. Ninguém ousou perguntar nada a mim. Eu notava, contudo, que alguns pais me olhavam esquisito quando eu ia buscar Ally na escola. Tinha certeza de que as pessoas ainda faziam fofocas, o que me deixava louca – no entanto, desde que não afetasse minha filha, eu podia lidar com aquilo também. Conversando com meu pai, soube que o detetive não tinha retornado a ligação dele e constatei que ele ainda falava em processar o site *As últimas novidades de Nanaimo*. Mas parecia que esse interesse estava diminuindo à medida que tudo esfriava e a conta do advogado aumentava.

Tudo ia passar. Nunca me senti tão aliviada.



Na manhã de domingo, eu estava sentindo muita falta de Evan e mal podia esperar por sua chegada no dia seguinte. Enquanto Ally

brincava na casa de Meghan, fiquei algumas horinhas no ateliê e fiz mais coisas do que havia feito durante toda a semana. Ainda eufórica com toda essa minha produtividade, tomei uma chuveirada antes de ir buscar minha filha.

Enquanto tirava serragem do cabelo, planejei mentalmente o restante do dia. Talvez tingíssemos algumas camisetas e fôssemos ao cinema mais tarde. Eu não passava uma noite com minhas amigas havia um bom tempo. Quando éramos solteiras, costumávamos nos vestir e ir a encontros juntas todos os fins de semana. Por mais que eu adorasse a vida que tinha agora, sentia falta desses momentos especiais de amizade. Depois que Ally dormisse eu poderia fazer uma rápida lista de convidados para Evan examinar. Há quanto tempo *nós dois* não fazíamos nada de especial juntos? Vesti minha calça jeans e uma das camisetas de Evan e, ao parar para sentir os traços remanescentes do perfume de meu noivo, sonhei acordada: um piquenique à luz de velas e depois um banho de espuma para dois, seguido de...

Ouvi a campainha tocar.

Espiei pelas venezianas laterais e vi um caminhão de entrega. O nome pintado nele era de uma empresa local, mas ainda assim agarrei com uma das mãos o taco de beisebol que Evan deixara em um canto e abri a porta.

Um homem baixo com cabelos pretos e uma grande papada estava em pé na escada e segurava uma pequena caixa com uma das mãos e uma prancheta com a outra.

– Sara Gallagher? – Fiz que sim com a cabeça. Ele estendeu a prancheta na minha direção. – Por favor, assine embaixo.

Encostei o taco de beisebol na parede atrás da porta, assinei o documento que ele me mostrou e peguei a caixa. Enquanto acompanhava a caminhada do homem de volta ao caminhão, vi de relance o endereço do remetente:

Loja de Antiguidades João e Maria

4589 Lonesome Way

Williams Lake, Colúmbia Britânica

A caixa estava endereçada à minha empresa, Melhor que Antes, Reforma de Móveis e Restauração de Antiguidades, mas não reconheci a loja de onde ela viera. Na cozinha, cortei a fita que

lacrava a caixa. Quando revirei a camada de espuma que servia de proteção, minhas mãos tocaram algo quadrado. Puxei uma caixa de veludo azul e a abri. Sobre o cetim havia um bonito par de...

Brincos, brincos de pérolas *cor-de-rosa*.

Deixei a caixa cair.



Sandy atendeu no primeiro toque.

– Acho que ele acabou de me enviar os brincos de Julia... – Tentei tomar fôlego. – Mas não há nenhum bilhete nem...

– Ele lhe *enviou* alguma coisa? – A voz de Sandy estava alta demais, então ela se controlou e diminuiu o tom. – Apenas deixe tudo como está. Não toque em nada, estamos a caminho.

Fiquei olhando para a caixa no balcão e todo o meu corpo tremia.

– O endereço diz que veio da Loja de Antiguidades João e Maria.

– Você reconhece essa empresa?

– Não, mas a história de João e Maria era uma das favoritas de Ally. – Em minha mente ressurgiu a imagem de uma mulher que corria para salvar a própria vida. – Nela, as duas crianças ficam perdidas na floresta.

Sandy parou por um instante antes de dizer:

– Segure as pontas, Sara, estamos a caminho. Está sozinha em casa?

– Tenho de buscar Ally. Ela está na casa de uma amiga e eu ia...

– Telefone e peça que ela fique um pouco mais. Chegaremos em poucos minutos.



Dez minutos depois ouvi o barulho de pneus triturando ruidosamente o cascalho. Espiei pela janela da frente – tinha me escondido na sala de estar, o mais longe possível daquela caixa – e vi um Chevy Tahoe preto se aproximar, com Billy ao volante. Sandy saltou antes mesmo de o carro parar. Embora o tempo estivesse nublado, ambos usavam óculos escuros.

– Vocês têm de tirar aquela caixa daqui – falei, assim que abri a porta.

– Agiremos com a máxima rapidez possível – disse Billy.

Dentro da casa, eles puseram luvas e examinaram a caixa e os brincos enquanto eu me sentava à mesa. Moose pousou seu traseiro redondo sobre meus pés, rosnando baixinho para os policiais.

Meu celular tocou sobre a mesa. Sandy e Billy se viraram para olhar para mim.

– Deve ser Evan. – Peguei o telefone, examinei o visor e então me levantei de um pulo. – Acho que é *ele*. – Estendi-lhes o aparelho como se esperasse que um deles atendesse.

A voz de Sandy foi contida:

– É o mesmo número de antes?

– Acho que não. Mas o prefixo parece o mesmo. Não sei como ele conseguiu o número do meu celular.

O telefone parou de tocar.

– O que nós... – comecei.

Sandy tirou o telefone da minha mão e examinou o visor.

– Tem uma caneta?

– Na escrivaninha, atrás de você.

Ela abriu a gaveta, encontrou uma caneta e papel e anotou alguma coisa. Entregou meu celular para Billy e foi para a outra sala. Lá fez uma ligação usando o próprio celular e falando muito rapidamente, de modo que não consegui ouvir o que dizia. Ela erguia as mãos para o ar em movimentos bruscos.

Eu me sentei, largando todo o meu peso na cadeira e produzindo um baque. Então olhei para Billy e disse:

– É ele. Sei disso.

Agora Billy examinava o visor do meu celular.

– Vamos esperar um pouco e ver se ele telefona de novo.

– E se ele perceber que vocês estão aqui, ficar louco de raiva e...

– Um passo de cada vez, Sara. Parece que desta vez ele usou um celular, por isso Sandy está lá neste momento falando com uma operadora. Espero que consigam triangular a chamada.

– Triangular?

– Se ele estiver em uma área populosa perto de várias torres de telefonia celular é possível reduzir sua localização a um raio de 200 metros, o tamanho aproximado de dois campos de futebol. Mas se ele estiver em uma área remota na qual só exista uma torre, ou em trânsito, essa área poderá ser de vários quilômetros. Se ele telefonar novamente, respire fundo, finja que não estamos aqui e deixe que ele fale. Tudo vai dar certo. Você consegue fazer isso, Sara.

Sandy foi mais para o fundo da sala de estar. Sua voz parecia zangada.

– Esses são os brincos de Julia – observei. – Têm folhas de prata, como ela disse. Ele os tirou dela quando... – Cobri a boca com uma das mãos.

– Você está bem, Sara? – perguntou Billy.

Balancei a cabeça negativamente.

– Respire fundo algumas vezes: puxe o ar pelo nariz, imagine-o chegando aos pulmões e depois o solte pela boca até não restar mais nada.

– Eu sei *respirar*, Billy. E se os brincos tiverem marcas de sangue e...

– Respire fundo. – A voz dele soou firme.

Respirei rápido uma vez.

– Só estou tentando dizer que ele poderia ter arrancado os brincos dela e...

– Agora seu corpo vai entrar em estado de luta ou fuga. Você precisa se acalmar ou não registrará nada do que eu disser. Ponha a mão no peito e se concentre nele se inflando enquanto respira. Não pense em nada que não seja a sua mão. Isso irá ajudar, Sara.

– Ótimo.

Fiz o que ele mandou, encarando-o enquanto meu peito subia e descia. Creio que meu olhar lhe dizia: *só estou fazendo isto porque você está me obrigando.*

Ele sorriu e fez um sinal para que eu repetisse. Finalmente falou:

– Eu estava certo, não estava?

Eu de fato me sentia muito melhor, mas pedi:

– Por favor, me dê um minuto.

No banheiro do andar de baixo, joguei água fria no rosto. Então me olhei no espelho e vi meus olhos molhados, meu rosto corado e meus cabelos – os cabelos dele. Desejei cortá-los rente à cabeça.



Sandy e Billy esperavam na cozinha. Sandy andava de um lado para o outro e Billy estava encostado no balcão com Moose nos braços. Moose se contorceu ao me ver e Billy o deixou descer, dizendo:

– Tudo bem, tudo bem.

Sandy sorriu e perguntou:

– Sente-se melhor?

Mas seus olhos não sorriam, todo seu rosto irradiava tensão.

Os brincos, assim como a caixa, estavam em um saco plástico sobre o balcão, ao lado de Billy.

Evidência.

Billy pegou um copo na bandeja e me serviu um pouco de água. Agradei.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça, cruzou os braços sobre o peito e voltou a se apoiar no balcão. O telefone de Sandy tocou de novo:

– O quê? – Seu rosto corou enquanto ela dizia a alguém do outro lado da linha: – Isso não é suficiente. – Sandy ouvia com as sobrancelhas franzidas, passando os dedos pelos cabelos até deixá-los arrepiados.

Com os braços ao redor do corpo, apoiei-me no balcão perto de Billy.

– Não dá para acreditar que isso esteja acontecendo – desabafei.

– É muita coisa para digerir – observou Billy.

– Você acha?

Sandy nos olhou de relance e saiu a passos largos da sala de estar.

Billy falou mais baixo ao me explicar:

– Mandaremos examinar o depósito de onde a caixa foi enviada. Agora que sabemos que ele tem o número do seu celular, também iremos grampeá-lo. Alguém irá monitorar todas as chamadas para sua linha fixa e seu celular, 24 horas por dia.

Enquanto ele me explicava o processo, informando-me de detalhes e fatos, minha mente começou a se acalmar e senti que minha confiança ia voltando aos poucos. Ele estava certo: eu daria conta disso. Então meu celular tocou.

Billy pegou o aparelho. Sandy fechou o dela, voltando às pressas para a sala.

– Mesmo número – observou ele.

Sandy assentiu com a cabeça e Billy me entregou meu telefone.

– Bom, Sara, pode atender agora – disse Sandy. Mas eu não consegui.

O telefone continuou a tocar. Eles olharam para mim.

Sandy ergueu a voz:

– *Atenda* o telefone.

Billy disse:

– Está certo, Sara: faça exatamente como falamos. Você sabe o que tem de fazer, está pronta para isso.

Olhei para o telefone que estava segurando. Cada toque soava alto em minha cabeça. Tudo o que eu precisava fazer era atender. Atenda. Atenda...

O telefone parou de tocar.

– Merda! – xingou Sandy. – Nós o perdemos.

– Sandy, vamos dar um minuto a ela, está bem? – pediu Billy. – Ele vai telefonar mais uma vez.

– Se não ligar, teremos perdido nossa única chance de fazê-lo parar.

– Sinto muito. Eu só... entrei em pânico.

Sandy me olhou como se estivesse se forçando a parecer paciente.

– Não tem problema, Sara. O mais provável é que ele volte a telefonar. – Ela tentou sorrir, mas tive certeza de que estava com vontade de me bater. Sandy estendeu a mão para pegar o telefone. – Quando ele ligar, fingirei ser você.

– Você acha que é uma boa ideia, Sandy? – perguntou Billy. – O cara já ouviu a voz da Sara. – Sandy o fuzilou com os olhos, mas ele disse apenas: – Não se preocupe, você terá sua chance de picá-lo em pedacinhos. Quando o pegarmos, eu a deixarei sozinha na sala com ele durante algumas horas.

Para minha surpresa, Sandy começou a rir e fingiu que iria atirar seu telefone em Billy, e isso me fez rir também. A tensão desapareceu da sala e me apoiei de novo no balcão. Estava tudo bem. Se ainda podíamos rir, estava tudo bem.

Billy se virou para mim:

– Sara, sei que você está com medo. Mas sei também que você pode fazer isso, ou não lhe pediríamos que fizesse. Só precisa vencer o medo inicial. Quando começar a falar, irá se sair muito bem. Você tem café?

No exato momento em que apontei para a garrafa térmica de aço inoxidável no balcão atrás deles, o telefone tocou. Eles se viraram.

– Lembre-se de que você pode fazer isso. – A voz de Billy foi baixa, firme e cheia de convicção. – Agora atenda o telefone.

Respirei fundo e atendi à ligação do meu pai.

– Alô?

– Oi, Sara. Como vai você? – Ele parecia nervoso, ansioso.

– Por que você continua a me telefonar?

Meu corpo começou a tremer e eu me sentei à mesa da cozinha. Sandy e Billy se acomodaram em cadeiras à minha frente.

– Porque sou seu pai.

– Eu *tenho* um pai.

Ele ficou em silêncio. A mão de Sandy se fechou sobre a mesa como se ela estivesse se controlando para não arrancar o telefone de mim.

– Por enquanto você pode me chamar de John.

Eu não disse nada.

– Recebeu meu presente? – perguntou ele.

– Sim. Como conseguiu este número?

– Estava na internet.

É claro: minha empresa estava em uma lista telefônica virtual. Deve ter sido assim que ele me encontrou. Lembrei-me tarde demais da advertência de Evan: *Você tem certeza de que quer o número do seu celular lá?*

– Gostou dos brincos?

– Onde os conseguiu?

Percebi que parecia zangada, mas não podia evitar que a emoção transparecesse em minha voz. Olhei de relance para Billy e ele disse sem emitir som, apenas movendo os lábios: *Continue*. Não olhei para Sandy.

– Karen me deu – respondeu John.

Fechi os olhos tentando não ver a imagem que as palavras dele criaram. Ele disse outra coisa, que foi abafada pelo ronco de um veículo ao fundo.

– Sinto muito pelo barulho. Estou no meu caminhão – continuou ele.

– Onde você está?

Ele parou por um momento e depois respondeu:

– Isso não vai funcionar, Sara. Você provavelmente chamou a polícia e sua linha está grampeada. Mas não revelarei nada que eles possam usar. Se ras-trearem este telefonema, conheço o interior como a palma da minha mão. Nunca irão me encontrar.

Olhei para os dois policiais sentados à mesa comigo. Ele realmente sabia que eu os havia chamado ou estava apenas blefando? Meu coração pulsou com força em meus ouvidos. Tinha de responder rápido.

– Não contei a ninguém. Achei que fosse somente um trote.

Houve um instante de silêncio antes de ele dizer:

– Sim, você deve ter recebido alguns trotes. E sua família deve ter ficado chateada. Foi por isso que você disse aos jornais que Karen Christianson não era sua mãe?

Meu estômago se contraiu ao tom íntimo da voz dele, a seu modo casual de falar sobre minha família. Então percebi que tinha encontrado minha saída.

– Ela *não* é minha mãe. Isso foi apenas um boato que alguém inventou. Eu lhe disse...

– Eu vi a foto no seu Facebook. Você é minha filha.

A foto no *meu* Facebook. Quantas outras ele viu? Ele sabia sobre Ally? Minha mente ficou confusa enquanto eu tentava me lembrar das configurações do meu perfil.

– E vi a foto de Julia no jornal – acrescentou ele. – Sei que ela é Karen Christianson. Ela me bateu na cabeça. – Ele disse a última frase com ressentido respeito.

– É disso que se trata? Você está tentando encontrá-la?

– Não tenho mais nenhum interesse nela.

– Então o que você *quer*?

– Quero conversar com você sempre que tiver vontade. Esse é o único modo de eu conseguir parar.

– Parar... Parar o quê?

– Parar de machucar as pessoas.

Prendi a respiração enquanto meus pensamentos corriam em todas as direções.

– Agora tenho que desligar – disse ele. – Falaremos mais na próxima vez. Mantenha seu telefone perto de você.

– Nem sempre poderei atender quando você...

– Você tem que atender.

– Mas talvez eu não possa. Às vezes estou ocupada e...

– Se você não atender, terei que fazer outra coisa.

– O que você quer dizer?

- Terei de encontrar *alguém*.
- Não! Não, não faça isso. Vou manter meu telefone...
- Eu não sou mau, Sara. Você vai ver – disse. E desligou.



Desde então ele não telefonou mais. Sei que eu deveria estar feliz – nenhuma notícia é uma boa notícia, certo? Mas ando em um estado de constante ansiedade. A primeira coisa que fiz foi checar o Facebook. Graças a Deus ele só pôde ver minha foto do perfil, porque o restante da página estava configurado como privado. Mesmo assim, removi tudo. Billy e Sandy ficaram comigo até que eu me sentisse mais tranquila – ou o mais calma possível diante do que tinha acabado de acontecer –, e então aproveitamos para revisar o que eu devo fazer na próxima vez em que ele telefonar. Eles querem que eu continue a dizer que não contei nada à polícia. Billy disse que quanto mais confiante John ficar, maior será sua tendência a cometer um erro. Mas acho que ele tem um bom motivo para se sentir confiante.

A polícia não conseguiu triangular a chamada porque ele a fez de algum lugar a oeste de Williams Lake, onde só conseguiram obter o sinal de uma única torre. Demorou quase uma hora até que a polícia local chegasse à área rastreada, e então ele já poderia estar em qualquer lugar. Tudo o que a polícia pôde fazer foi patrulhar as rodovias principais e as estradas secundárias, perguntando aos donos das propriedades se eles tinham visto algum estranho na região. Mas sem uma descrição do veículo, eles não tinham muito com o que prosseguir. Além disso, John usara um telefone roubado, o que os levou a outra caçada inútil quando tentaram investigar o dono.

Viajei pela Colúmbia Britânica e sei que as cidades mais populosas ficam na parte sul do interior, na região de Okanagan, mas no centro e no norte, a maioria das cidades é pequena. Ficam a horas de distância umas das outras, tendo nada além de montanhas e vales ao redor. Não é preciso dirigir muito para desaparecer na imensidão. E como se a distância do local não bastasse, Billy explicou que eles podiam demorar a obter informações da operadora e que às vezes o sinal partia da torre errada. Perguntei sobre GPS, mas parece que ele pode simplesmente desligá-lo.

Billy acha que John sabia exatamente quanto tempo a polícia levaria para chegar ao local. Até mesmo os telefones públicos de onde ele ligou ficavam todos em locais remotos, como áreas de camping e descanso, o que significava ausência de testemunhas e de câmeras. Eles também acham que ele se certifica de haver várias rotas para o local, de modo que muito dificilmente ele seria interceptado. A polícia ainda parece certa de que irá encontrá-lo, mas tenho sérias dúvidas quanto a isso. Eles acham que ele não sabe que é possível grampear meu celular, mas ele mesmo disse que não importava o que eu dissesse à polícia ou que rastreassem a chamada, porque ele conhecia o interior como a palma de sua mão. Ele tem escapado impunemente há mais de trinta *anos*. O que vai fazê-lo parar agora?



Quando contei a Evan o que tinha acontecido, ele ficou fora de si e quis que eu avisasse à polícia que não faria mais aquilo. Eu disse a ele que a polícia achava que eu era a única chance que eles tinham de encontrar o Assassino do Acampamento e que, se não o encontrassem, ele continuaria a matar. Finalmente concordamos com que eu viveria um dia de cada vez. Evan voltou para casa na segunda-feira, e Deus, como fiquei feliz em vê-lo! Mas ainda não consegui relaxar. Enfim nos sentamos e fizemos a lista de convidados, mas então Billy veio ver como eu estava passando. Sai da mesa para falar com ele no ateliê e quando voltei Evan disse:

– Era um dos seus namorados?

– Rá, rá, que engraçadinho! Era um dos policiais que estão cuidando do caso. Peço desculpas por falar tanto. Estávamos conversando sobre John.

– Não se preocupe.

Mas eu *estava* preocupada. Não conseguia parar de pensar no que deveria dizer na próxima vez que John telefonasse. Naquela noite, demos uma longa caminhada com Ally e Moose e alugamos uma comédia, mas eu não saberia dizer nada sobre o filme. Evan disse que detesta me ver assim tão assustada e chateada, mas não posso evitar esses sentimentos, porque tudo em que consigo pensar o tempo todo – enquanto faço o jantar para Ally, ou a ponho na cama à noite, ou ainda enquanto escovamos nossos dentes de manhã – é se a polícia pegará John antes que ele mate mais alguém.

Li todas as matérias sobre as vítimas dele. Sei de Samantha, a bela loira de 19 anos que estava acampando em um parque provincial com o namorado – ele levou dois tiros pelas costas ao tentar escapar. O corpo de Samantha foi encontrado alguns quilômetros para dentro do parque. Seu braço estava quebrado em três lugares por causa de uma queda, e enquanto ela fugia pela floresta, algo foi enfiado em seu rosto. O Assassino do Acampamento o cobriu com a camiseta Nike que ela usava, depois a estuprou e estrangulou. Eu tinha uma camiseta igual.

Sei também de Erin, a atleta morena que decidiu acampar sozinha e foi encontrada morta duas semanas depois pelo cachorro de alguém – o cão levou a mão da garota para a fogueira na qual seus donos estavam assando marshmallows. A polícia teve de usar registros dentários para identificar o que restou depois que os animais a encontraram.

Ficou difícil dormir à noite. Perambulo pela casa ou vejo tevê até tarde enquanto ouço o tique-taque do relógio. Tomo banhos de banheira e chuveiro, bebo leite morno e fico deitada na cama de Ally acariciando seus cachos enquanto a vejo dormir. Se Evan está em casa, eu me enroscó nele, tento respirar no mesmo ritmo que ele e sonho acordada que nosso casamento será lindo. Mas nada disso ajuda.

Quando não estou lendo sobre John na internet, estou pesquisando a vida de assassinos em série: Ed Kemper, Ted Bundy, Albert Fish, o Assassino de Green River, BTK, os Estranguladores de Hillside, o Assassino do Zodíaco e muitos outros. Estudo seus padrões e gatilhos, suas vítimas, cada detalhe de seus crimes hediondos. Também leio livros de traçadores de perfis e psicólogos do FBI.

Comparo teorias e argumentos – psicopatia, deficiência mental, desequilíbrio químico, infância disfuncional? Preencho páginas e mais páginas com anotações e quando finalmente caio no sono, exausta, tenho pesadelos com mulheres pulando de trampolins para a calçada ou correndo através de campos de vidro quebrado. Ouço seus gritos. Ouço-as implorar que eu pare de persegui-las. Nos sonhos, estão fugindo de *mim*.

SÉTIMA SESSÃO



exta-feira foi meu aniversário, mas eu não estava com

vontade de comemorar. Evan tentou de verdade me animar. É claro que levou Ally para fazer compras – ela me deu um lindo cardigã de caxemira verde – e me mimou com uma nova mountain bike. Fiz questão de agradecer efusivamente os presentes, forcei-me a comer três pedaços da pizza que eles fizeram e ri em todos os momentos certos durante o filme que alugamos. Mas minha cabeça estava cheia de pensamentos sobre Julia.

Ao longo da minha infância, nos meus aniversários, eu ficava me perguntando o que minha mãe verdadeira estaria fazendo, imaginando se ela ao menos se lembraria da data. Agora o que me pergunto é se durante todos aqueles anos em que comemorei o dia do meu nascimento Julia estaria sendo torturada pelas memórias: lembranças de uma criança – eu – lutando para sair de seu corpo e de John lutando para entrar nele.

Quando tive Ally em meus braços pela primeira vez, não pude mais me imaginar longe dela. Tive medo de não ser boa mãe, de cometer erros, mas, assim que seus pequeninos dedos agarraram os meus, fiquei completamente apaixonada por ela. Também me tornei muito protetora: observava com muito cuidado quando alguém segurava minha filha e a pegava de volta se percebesse que ela estava ficando agitada. Foi difícil ser mãe solteira, porque o dinheiro era curto e eu tinha de levar Ally comigo, em minhas costas – eu a colocava em um suporte tipo canguru –, quando ia trabalhar no ateliê. Mas eu adorava que fôssemos só eu e ela contra o mundo. Antes de minha filha, eu nunca sentira que tinha raízes e em minhas piores depressões cheguei a pensar que não faria diferença se eu morresse, que ninguém sentiria minha falta. Mas quando Ally nasceu, finalmente tive alguém que me amava incondicionalmente, que *precisava* de mim.

Ela está crescendo tão rápido! Foi-se o tempo em que brincava de fada comigo. Não quero perder nenhum momento de sua vida. Não quero estar distraída quando ela me contar histórias sobre sua professora, a Srta. Hooly – que Ally idolatra, porque ela tem cabelos louros compridos e sabe sapatear –, ou sobre um inseto que Moose tenha acabado de engolir, nem quando ela cantar todas as canções de *Hannah Montana*. Não quero apressá-la a ir para a cama de noite nem a sair de casa pela manhã. Mas tenho medo de que John possa telefonar e ouvir sua voz ao fundo.

A imprensa largou do nosso pé porque negamos tudo, mas os boatos e as fofocas ainda circulam. Espero que acabem antes de chegar aos ouvidos de Ally ou de qualquer um de seus amigos. Como quem não quer nada, estou sempre lhe perguntando – ainda mais que antes – como vão as coisas na escola, e nada parece ter mudado. Mas... e se isso vier à tona mais tarde, quando Ally for adolescente? E se a verdade algum dia for revelada? Como as pessoas irão tratá-la, sabendo quem foi seu avô? Será que irão sentir medo dela?

Eu a observo brincar com outras crianças e fazer algazarra com Moose, e tudo o que antes parecia apenas parte de sua personalidade agora me deixa assustada. O modo como Ally às vezes fica tão zangada que cerra os punhos com força, enquanto seu rosto ruboriza. O modo como chuta, bate ou morde quando está frustrada ou cansada demais. Eu me questiono se essas reações são somente uma fração de seu temperamento, da índole de uma criança de 6 anos que está aprendendo a lidar com as emoções, ou se revelam algo mais sério.

Eu me pego me olhando no espelho, estudando meus traços, pensando no homem que também os tem e me perguntando o que mais será que temos em comum. Então percebi, hoje de manhã, por que sonho com mulheres que fogem de mim e por que me assusta tanto analisar aqueles assassinos em série: quando leio coisas sobre eles, vejo *minhas* características. Os assassinos em série têm fantasias grandiosas – a vida toda sonhei acordada e fantasiei. Eles são obsessivo-compulsivos – quando estou fazendo algo, o resto do mundo desaparece. Eles têm explosões de raiva, variações de humor, depressão – também tenho tudo isso. Eles tendem a ser solitários – sempre fui solitária, prefiro me concentrar em Ally e em meu trabalho. Nunca quis matar ninguém e, pelo que sei, o desejo

de matar não é hereditário, mas em algumas ocasiões nas quais fiquei realmente zangada, quebrei coisas, empurrei pessoas, atirei objetos e me imaginei jogando meu carro contra um muro, para me machucar. O que seria preciso para exteriorizar essa raiva?

É claro que é fácil para mim me concentrar em meus pontos negativos e atribuir todos eles à herança genética de John. Mas – e você mesma acabou de salientar isso – como posso saber se essas características não têm relação com o fato de eu ter sido adotada? Ou não provêm de Julia? É provável que eu nunca vá saber, porque ela nunca permitirá que eu me aproxime o suficiente para descobrir. Billy disse que Julia confirmou que os brincos eram dela. Sabendo como fiquei perturbada ao ver a joia, posso imaginar como ela se sentiu. Gostaria de poder falar com ela. Certa vez cheguei a pegar o telefone, mas em seguida o pus de volta no gancho.

Evan foi embora no sábado de manhã. Estava muito animado porque um barco pesqueiro enorme iria chegar dos Estados Unidos, mas também estava preocupado por me deixar nesse momento difícil. Ele me disse que eu não devia mais ler livros sobre assassinos em série, mas não consigo parar de pesquisar. Tenho de descobrir alguma coisa, preciso ter um insight ou achar uma pista que possa ajudar a parar John.

Mas ultimamente tenho sentido muito cansaço. Não do tipo que dá sono, mas me deixa tensa e nervosa. Quase todas as noites vou de janela em janela esperando o telefone tocar. Era onde eu estava quando John enfim telefonou de novo, na segunda-feira: em pé, à janela do meu quarto no andar de cima, vendo Moose e Ally correrem um atrás do outro no quintal, pensando em como eles pareciam felizes e me lembrando de quanto eu costumava ser feliz.

□

O celular tocou em meu bolso. Não reconheci o número, mas sabia que era ele.

– Oi, Sara – disse, com a voz animada.

– John.

Senti a boca seca e um aperto no peito. A polícia tinha grampeado meu celular, mas eu não me sentia nem um pouco segura.

Houve um momento de silêncio, quebrado por ele:

– Então... – pigarreou. – Seu negócio... você gosta de fazer móveis?

– Eu *reformato* móveis, não os faço.

Sandy me dissera para ser mais amigável na próxima vez em que ele telefonasse, mas eu estava tendo dificuldade até mesmo de ser gentil. Meu corpo se enrijeceu quando ouvi Ally lá embaixo na cozinha.

Por favor, por favor, fique aí.

– Aposto que poderia fazer, se quisesse – disse ele.

Ally estava subindo as escadas, tagarelando com Moose.

Fui na direção da porta.

– Gosto do que faço.

Ally estava na entrada do meu quarto.

– Mãe, Moose quer jantar e...

Fiz um sinal para que ela ficasse quieta.

– Qual é sua parte favorita? – perguntou John.

– Podemos brincar de massinha agora? – perguntou Ally.

Olhei para ela e apontei para a escada, dizendo sem som:
Estou ao telefone.

– Mas você *prometeu*...

Tranquei a porta. Do outro lado, ela começou a bater na madeira e a gritar:

– *Mãe!*

Cobri o microfone do celular e corri para o lado mais distante do quarto.

– Que barulho é esse? – perguntou John.

Droga! Droga! Droga!

– Eu ia desligar a tevê e sem querer acabei aumentando o volume.

Ally bateu na porta de novo. Prendi a respiração. Agora eles dois estavam quietos.

– Eu lhe perguntei qual é sua parte favorita – disse John, por fim.

– Não sei. Gosto de trabalhar com as mãos, só isso.

Havia muitas coisas que eu adorava em trabalhar com madeira, mas não queria contar nada a ele.

– Também sou bom com as mãos. Você gostava de construir coisas quando era pequena?

Nenhum som vinha do corredor. Onde estaria minha filha?

– Acho que sim. Eu costumava roubar as ferramentas de meu pai.

Silêncio dos dois lados. Prendi novamente a respiração e me esforcei para ouvir. Finalmente um armário bateu na cozinha. Ally estava lá embaixo. Soltei o ar e pousei a testa nos joelhos.

– Eu teria comprado ferramentas para você – disse ele. – Não foi certo eu não saber que tinha uma filha.

– Acho que as circunstâncias em que fui concebida não lhe deixaram essa opção – falei, explodindo de raiva.

Ele ficou em silêncio, então continuei:

– Por que você faz isso? Por que machuca as pessoas?

Nenhuma resposta.

Meu sangue pulsou nos ouvidos, avisando-me de que eu estava indo longe demais, mas não consegui parar.

– Você está com raiva? Elas fazem com que se lembre de alguém ou...

A voz dele foi firme.

– Eu *preciso* fazer isso.

– Ninguém precisa matar...

– Eu não gosto disso.

Dava para ouvir sua respiração acelerada do outro lado da linha.

Recue, recue AGORA.

– Tudo bem, eu só...

– Telefonarei amanhã – disse ele, e então desligou.



Telefonei imediatamente para Billy. Enquanto conversávamos, preparei alguma coisa para Ally jantar e pus comida na tigela de Moose. Dessa vez, John havia telefonado do norte de Williams Lake e a polícia demorou quarenta minutos para chegar lá. Eles patrulharam a área novamente: pararam veículos, falaram com os habitantes locais, mostraram o retrato falado de John em postos de gasolina e lojas, mas ninguém tinha visto nada. Perguntei a Billy como fariam para pegá-lo, se ele ligava de áreas rurais. Billy respondeu que teriam de continuar a fazer o que estavam fazendo e esperar por uma pista. Mas eles tinham encontrado o detetive particular, que estava com a esposa em um cruzeiro pelo Caribe.

Quando enfim desliguei o telefone, fui ao encontro de minha filha, que desabara de sono em frente à tevê. Eu me senti péssima por tê-la ignorado e lhe disse que ela poderia dormir comigo naquela noite, uma concessão que geralmente provoca gritos de alegria. Mas ela estava quieta quando a coloquei na cama e comecei a ler *A menina e o porquinho* – Ally só se interessa por livros em que há animais. Quando ela sussurrou algo no ouvido de Moose, parei de ler.

– O que há de errado, gatinha?

Um novo sussurro e Moose moveu as orelhas de morcego e me olhou com os olhos redondos e úmidos.

– Vou ter de fazer cócegas em Moose até ele me contar? – Ergui as mãos e fingi aproximá-las dele.

– Não! – Ela me fuzilou com seus olhos de gato.

– Então acho que você vai ter de me contar.

Sorri e fiz cara de boba, mas Ally nem olhou para mim ao dizer:

– Você fechou a porta.

– Sim, fechei. – Como eu poderia explicar aquilo? – Aquilo não foi gentil, é verdade, mas tenho um novo cliente que é muito importante. Ele provavelmente irá telefonar várias vezes e tenho de lhe dar toda a minha atenção, por isso você realmente precisa ficar quieta, está bem?

Ela franziu as sobrancelhas e suas bochechas ficaram coradas. Um de seus pés começou a chutar por baixo do cobertor.

– Você disse que poderíamos brincar de massinha.

– Eu sei, querida. Sinto muito. – Suspirei, sentindo-me mal por decepcioná-la de novo e odiando que o motivo fosse John. – Mas é como quando preciso trabalhar no ateliê ou quando Evan vai para a pousada. Nós a amamos mais que tudo, porém às vezes temos de fazer coisas de adultos. – Agora os dois pés estavam chutando. Moose se levantou e foi para a ponta da cama. Ally o chutou por baixo do cobertor. Uma onda de raiva tomou conta de mim.

– Ally, pare com isso! – ordenei, segurando sua perna.

– *Não!* – gritou ela na minha cara.

– Já chega. Não se fala assim com...

Ela chutou de novo. Moose uivou e caiu no chão com um baque.

– Ally! – Saí da cama num pulo.

Moose gemeu e se aproximou de mim quando me ajoelhei no chão. Acariciei suas orelhas e me virei para Ally.

– Isso *não* foi legal. Não machucamos animais nesta casa.

Ally me olhou com raiva, sua boca mesquinha e pequena.

Levantei.

– Vá para sua cama. *Agora* – mandei, apontando para o quarto dela. Ally agarrou seu livro e o levantou como se fosse atirá-lo em Moose.

– Não ouse, Ally!

Um olhar que eu nunca vira surgiu em seu rosto – um olhar de ódio.

– Ally, se você atirar esse livro, vai se meter em uma grande encrenca.

Ficamos nos encarando por um tempo. Moose gemeu. Ally olhou para ele e depois de novo para mim. Estava com o rosto vermelho e os olhos semicerrados.

– Estou falando sério, Ally, se você...

Ela atirou o livro com o máximo de força que pôde. Moose se esquivou e o livro bateu na parede. Meu sangue ferveu de raiva e a agarrei pelo pulso, puxando-a para fora da cama. Com minhas mãos em seus ombros, gritei com meu rosto bem perto do dela:

– Nunca, *jamais* machuque um animal! *Está me ouvindo?*

Ally olhou para mim com o lábio superior projetado para fora, desafiante. Ainda agarrando seu pulso, arrastei-a pelo corredor até o quarto dela. Então a soltei e aponte para a cama.

– Não quero ouvir mais nada de você, a não ser que seja um pedido de desculpas.

Ally entrou no quarto pisando forte e bateu a porta.



Eu quis entrar, explicar, tentar amenizar a situação, dizer alguma coisa – mas não sabia o quê. Foi a primeira vez que tive medo da minha filha. E a primeira vez que tive medo da raiva que senti dela.

Moose ficou na cama comigo. Eu não podia acreditar que Ally o tivesse atacado daquele jeito. Ele sempre conseguiu acalmá-la mais rápido que eu. Quando o peguei, morava sozinha e queria companhia enquanto Ally estava na pré-escola. Ele trouxe risos para os meus dias e proteção para as minhas noites, mas o melhor de tudo era que a pequena bola de pelos tinha um efeito estabilizador em Ally. Se ela estivesse com medo de experimentar algo novo, eu lhe dizia que Moose gostava daquilo. Quando precisava que ela se concentrasse em algo ou que me ouvisse, usava Moose como uma ameaça ou um suborno, e quando ela estava realmente doente ou chateada, ele era um conforto. Mas naquela noite era eu quem precisava de conforto. Puxei Moose para baixo das cobertas e aconcheguei sua grande cabeça em meu pescoço.



Na manhã seguinte, à mesa do café, Ally cantou, comeu o cereal e soprou bolhas no suco, como se nada tivesse acontecido. Até fez um desenho de flores para mim com seus lápis de cor e me abraçou, dizendo: “Eu te amo, mamãe.” Costumo conversar com ela depois que temos um conflito. Como cresci em uma casa na qual um dos pais gritava enquanto o outro ficava no quarto, jurei a mim mesma que sempre conversaria com meus filhos. Mas dessa vez, apenas me contentei com o fato de a noite ruim ter passado.

Depois que deixei Ally na escola fui para casa pintar a cabeceira de uma cama que precisava terminar. Mas na verdade

fiquei esperando o celular tocar – a qualquer momento. Finalmente desisti e fiz um intervalo para tomar café. Estava me servindo de uma xícara quando ouvi uma batida.

Moose correu para a porta da frente latindo e resfolegando. Andei pelo corredor com o corpo encostado na parede. Agarrei o taco de beisebol que Evan deixara atrás da porta e espiei pelas venezianas da janela lateral, mas não consegui ver nenhum carro.

– Quem é? – gritei.

– Droga, mulher, está treinando para a Marinha? – Era Billy.

Abri a porta e Moose disparou para fora como um foguete, uma massa agitada compacta fungando e cheirando. Billy riu e o pegou no colo.

– Oi, seu danadinho!

– O que está acontecendo, Billy? Por que você está aqui? Ele matou alguém?

– Não, a menos que você saiba de algo que não sabemos. Só vim ver como você está depois daquele último telefonema.

– Entre. Onde está Sandy?

– Coordenando outros departamentos envolvidos na investigação.

– E você ficou encarregado de mim?

– Mais ou menos isso – respondeu Billy, sorrindo. Ele me seguiu até a cozinha, cheirando o ar. – É café?

– Sim. Aceita um pouco?

– Sente-se. Eu vou pegar.

Sentei-me à mesa da cozinha. Billy pôs o paletó nas costas de uma cadeira e, parecendo estar à vontade, apanhou uma caneca no armário e abriu a geladeira para se servir de leite. Então parou e olhou para mim.

– Que foi? – perguntei.

– Sua geladeira está tão vazia quanto a minha. Não tem nada para comer?

– Está assaltando minha geladeira?

– Estou tentando assaltar, mas acho que só vi uma bola de ervas secas rolando. Você precisa fazer compras urgentemente.

– Tenho andado com outras coisas na cabeça.

Billy fechou a geladeira e começou a fazer sanduíches de manteiga de amendoim. Ele me olhou por cima do ombro.

– Quer um?

Balancei a cabeça em um gesto de negação, mas ele pegou mais duas fatias de pão.

– O que você quis dizer com tão vazia quanto a sua? Você não é casado? – perguntei.

– Não. Divorciado. Minha ex ainda está em Halifax.

Isso explicava o sotaque da costa oeste que eu notara em sua voz.

Billy deixou Moose sair antes de se sentar à mesa. Entregou-me meu sanduíche enquanto dava uma grande mordida no dele.

– Nossa, isto está ótimo! – exclamou, revirando os olhos. Tomou um gole de café e me observou mordiscar o sanduíche. – Você parece péssima.

– Muito obrigada.

Billy sorriu e depois ficou sério.

– Como você está aguentando o rojão? Isso é barra-pesada.

– Estou bem, mas passando bastante tempo com minha psiquiatra. Posso enviar-lhes a conta dos remédios? – perguntei, sorrindo.

– Você pode conseguir alguns recursos por meio da Lei de Proteção a Vítimas. Vou lhe trazer os formulários. Mas fico feliz que esteja falando com alguém, Sara. Esse fardo é pesado demais, você não pode carregá-lo sozinha.

– Sinto como se estivesse tudo em cima de mim, entende? Quero ajudar, mas quero mais ainda que isso tudo acabe. Quero minha vida de volta.

– Quanto mais cedo o pegarmos, mais cedo isso acontecerá. Você se saiu muito bem na noite passada.

– Não sei, Billy, talvez eu tenha ido longe demais.

– Você recuou na hora certa. “Para um inimigo cercado, é preciso deixar uma saída.”

– Como?

– Li isso em *A arte da guerra*, de Sun Tzu.

– Não é daquele filme com o Michael Douglas? – perguntei, rindo.

– *Wall Street: o dinheiro nunca dorme*. Sei, sei. Sou um policial bem clichê – disse ele, balançando a cabeça. Em seguida, completou, sorrindo: – Sandy também implica comigo por causa disso. Em minha defesa, digo que esse é o mais bem-sucedido livro sobre estratégia militar já escrito.

– Eu não estou nas Forças Armadas!

Billy riu.

– E nem precisa estar. O livro fala apenas sobre estratégia e se aplica a muitas coisas na vida. Não vou a nenhum lugar sem um exemplar de *A arte da guerra*. Você deveria ler. Isso vai ajudá-la com John.

– Isso é tão estranho!

– O que é estranho?

– Falar com ele. Só na última ligação John fez mais perguntas sobre meu trabalho que meu pai verdadeiro fez durante a vida toda. – Caí em mim. – Acho que *ele* é o meu pai verdadeiro... eu quis dizer “meu pai adotivo”.

Billy colocou o sanduíche sobre a mesa, inclinou o corpo em minha direção e me lançou um olhar intenso ao dizer:

– Sara, os assassinos, em sua maior parte, não parecem assassinos. É isso que os torna tão perigosos. Tome cuidado para não...

Uma batida na porta de correr fez nossos corpos recuarem nas cadeiras. Eu me virei. Melanie estava em pé junto à porta, com Moose nos braços. Devia ter entrado pelo portão lateral. Billy estava em pé, com a mão parada no ar, perto da arma.

– É minha irmã.

Ele abaixou a mão. Melanie abriu a porta e entrou.

– Cheguei numa hora ruim?

Seu sorriso malicioso dizia tudo. Eu sabia que meu rosto estava vermelho, mas lancei a ela um olhar casual.

– Melanie, este é Billy. Ele...

– Sara vai restaurar um móvel para mim – interrompeu-me Billy.

– Entendo. – Ela se apoiou no balcão e estendeu o braço para o pote de manteiga de amendoim. Enfiou o dedo no pote e o levou à boca. Enquanto lambia a manteiga de amendoim, disse: – Por que a arma, Billy?

– Sou um oficial de polícia, por isso é melhor ser gentil comigo – explicou ele, sorrindo.

O rosto de Melanie dizia que ela adoraria ser gentil com ele.

– Já estávamos terminando – falei. – Eu o acompanho até a porta, Billy. Melanie, pegue uma xícara de café.

Ela assentiu com a cabeça, mas seus olhos permaneciam fixos no policial.

– Peço desculpas por isso, minha irmã... – comecei, balançando a cabeça, quando já estávamos fora de casa – ...é só que... não nos damos bem.

Ele sorriu e deu de ombros.

– Não se preocupe. Apenas mantenha o disfarce e tudo vai dar certo. – Seu rosto se tornou sério. – Quando John telefonar, lembre-se de que ele não se importa com você de verdade, Sara. É um homem que consegue o que quer, e acha que você pertence a ele.

□

Melanie me esperava junto à porta da frente.

– Evan sabe que você se encontra com policiais bonitões?

– Ele conhece todos os meus *clientes*. O que você veio fazer aqui, Melanie?

– Não posso visitar minha irmã mais velha?

Ela saracoteou pela sala de estar e se esparramou no sofá. Moose subiu em seu colo e lambeu seu rosto enquanto ela coçava a cabeça dele. Traidor.

– Tenho de voltar ao trabalho. O que houve?

Lembrei que meu celular estava sobre a mesa da cozinha.
Deus, por favor, não permita que John telefone agora.

– Papai quer que conversemos antes da festa de aniversário do Brandon, no sábado. Disse que temos de nos entender. Mamãe não está se sentindo bem.

Ela projetou o queixo à frente, denunciando sua irritação. Com tudo o que estava acontecendo, eu tinha me esquecido completamente de que Lauren daria uma festa para Brandon e detestei saber que minha mãe estava doente de novo, mas não pretendia lhe revelar nada disso.

– Sabe – começou ela –, não contei àquele site que seu pai biológico é um assassino em série.

– Eu não achei realmente que você tivesse feito isso. Só estava chateada.

– Sim, está certo.

Suspirei.

– É verdade, Melanie. – Seu rosto estava duro e eu sabia que não poderia lhe perguntar se havia contado alguma coisa ao namorado. Ela ficaria furiosa. – Apenas diga ao papai que resolvemos tudo.

– É claro. Se é assim que você quer jogar.

– Não estou *jogando*. – Queria que ela fosse embora logo. – Acredito em você. Acredito, está bem? Lamento ter tido uma reação exagerada.

Os olhos de Melanie se estreitaram.

– Como está Kyle? – perguntei.

Ela estava me observando. Forcei-me a manter um olhar interessado.

– Ele acabou de conseguir um trabalho regular como músico no pub.

– Isso é bom.

– Sim.

Nós nos olhamos.

– Então... escute – comecei. – Ainda não tive chance de falar com Evan sobre Kyle tocar no casamento, mas vou fazer isso assim que ele voltar para casa.

– O que está acontecendo? – perguntou Melanie, endireitando-se no sofá.

– Só estou tentando me entender com você, está bem?

– Por quê?

– Porque somos *irmãs*.

– Você nunca foi tão gentil desse jeito. Está com medo de que eu conte ao Evan sobre o policial?

Olhei fixamente para minha irmã. Minhas mãos estavam loucas para lhe dar um soco e arrancar o sorriso de seu rosto.

Não morda a isca, não morda a isca.

– Realmente preciso voltar ao ateliê – falei.

Melanie se levantou.

– Não se preocupe, estou indo. Mas quando é que você pretende decidir sobre a compra dos vestidos das madrinhas?

Lauren e Melanie são minhas madrinhas e os dois irmãos mais novos de Evan são os padrinhos dele. Lauren e eu tínhamos falado sobre uma viagem de compras, mas a adiei por causa de John e porque temia ter de suportar a atitude de Melanie. Cada fibra do meu ser desejava lhe dizer que ela não estava mais convidada para a minha festa de casamento, mas sabia que era exatamente isso que ela queria.

– Ainda não sei ao certo – respondi. – Eu lhe direi assim que decidir, não vai demorar.

– Que seja.

Levantei-me e a segui para fora da sala de estar, mas parei perto da porta que dava para a garagem. Melanie estava quase na cozinha quando o telefone tocou sobre a mesa. Ela parou e se virou. Precipitei-me para o telefone e quase derrubei uma cadeira. Era um número que eu não reconhecia: só podia ser John.

Melanie me olhava com uma sobrancelha erguida.

– Estou esperando o telefonema de um cliente, mas é apenas uma daquelas ligações de telemarketing – expliquei-me, dando de ombros.

– Certo... – respondeu ela, olhando para mim de forma estranha.

Forcei-me a manter uma expressão neutra. Melanie abria devagar a porta de correr. O telefone ainda tocava. Meu coração batia acelerado no peito. Ela olhou por cima do ombro. Sorri e lhe fiz um pequeno aceno. Melanie continuou olhando para mim. *Vá embora, vá embora.* Finalmente ela se virou.

Quando Melanie havia passado pela janela, atendi ao telefone, ofegante.

– Alô?

– Por que demorou tanto? – perguntou ele, irritado.

– Estava no banheiro.

– Eu lhe disse que deveria manter o telefone com você o tempo todo.

– Estou fazendo o melhor que posso, John.

Ele suspirou.

– Desculpe-me, tive um dia difícil.

– Que pena.

Eu me esforçava terrivelmente, tentando não soar sarcástica, mas ainda assim acabei parecendo áspera. Fui até a janela e vi Melanie saindo de carro. Por um momento me perguntei o que ela faria na minha situação. Provavelmente mandaria John se ferrar.

– Algumas pessoas com quem trabalho se acham melhores que eu.

– Onde você trabalha?

– Não posso dizer.

– Pode me dizer o que faz?

Ele parou.

– Ainda não. Que tipo de coisas você gosta de fazer para se divertir?

Meu corpo se retesou.

– Por quê?

– Só estou tentando conhecê-la melhor. – Seu tom se elevou. – Gosto de estar ao ar livre.

– É? Como em um camping ou algo parecido?

Não consegui perguntar se ele gostava de caçar. Achei que tinha percebido minha falta de interesse sincero, mas sua voz estava animada quando respondeu.

– Eu acampo por toda parte. Lugares a que a maioria das pessoas tem medo de ir. Não há muito na Colúmbia Britânica que eu não conheça. Você poderia me deixar no alto de uma montanha, que eu encontraria o caminho de volta. Mas permaneço em terra.

Forcei meu cérebro a encontrar algo que dizer:

– Por quê?

– Não sei nadar. – Ele riu. – Você gosta de acampar?

– Às vezes.

– Vai com seu namorado? – perguntou John, e agora sua voz soou neutra.

Hesitei por um momento. Seria melhor que ele soubesse sobre Evan? Então ele acharia que eu morava com alguém que me protegeria...

– Ele é meu noivo.

– Como se chama?

Hesitei de novo. Detestava a ideia de lhe dizer o nome de Evan, mas e se ele já soubesse?

– Evan.

– Quando vocês vão se casar? – Havia um indício de algo em sua voz.

Demorei um pouco para encontrar uma resposta.

– Hum, ainda não sabemos ao certo, estamos tentando resolver tudo...

– Preciso ir. – Ele desligou.



Telefonei imediatamente para Billy. Dessa vez John estava em algum lugar entre Prince George e Quesnel, ainda mais ao norte de Williams Lake. Assim que desligamos, ele praticamente desapareceu. Poderia estar bem atrás de um policial e eles não conseguiriam determinar sua localização, apenas a área geral. Billy me garantiu que John logo iria cometer um erro, mas novamente me perguntei quem ele estava tentando convencer.

Não ajudava o fato de não sabermos que tipo de caminhão ele dirigia – *todos* tinham um caminhão no interior – e se ele mudara de aparência. Perguntei sobre a possibilidade de fazer barreiras nas estradas, mas Billy disse que seria um desperdício de recursos, a menos que sua localização exata fosse conhecida. A melhor aposta era continuar mostrando a foto de John e falando com os habitantes locais. Ao menos todo mundo se conhece nas áreas rurais. A polícia também estava trabalhando com agentes ambientais para que pudessem parar caçadores ou qualquer um que estivesse dirigindo pelas estradas do Serviço Florestal. Espero que encontrem logo uma pista, porque não sei quanto tempo mais vou conseguir aguentar.

Gostaria de saber o que ele faz depois de nossas ligações. Será que vai para casa, prepara um belo jantar e depois se senta diante da tevê e ri dos seriados enquanto limpa suas armas? Talvez pare em um pub e peça hambúrguer e cerveja, gabando-se da filha para a garçonete, como um pai comum. Será que ele fica relembrando repetidamente nossos telefonemas, como eu faço? Ou se esquece de tudo, como eu gostaria de ser capaz de fazer?

OITAVASessão



Estou tentando me acalmar. Mas não sei nem por onde

começar. Estou doente de preocupação. Para não dizer cansada e faminta. Há tanta coisa acontecendo que eu nem deveria estar aqui, mas não quis desmarcar de novo. *Sei* que estou falando rápido demais. O açúcar no meu sangue está despencando e é por isso que estou me forçando a comer esta barra de cereais horrível que encontrei no porta-luvas do carro. Certo, vou desacelerar e começar do início.

Depois da nossa última sessão, experimentei aquela técnica que você me ensinou para permanecer no presente. Eu me sentei e fechei os olhos, aguçando todos os meus sentidos: me concentrei no tecido macio sob minhas mãos, na secadora que trabalhava ao fundo e na madeira fria sob meus pés descalços. Mas minha mente sempre voltava a John. Havia três dias que ele não telefonava e eu realmente estava com dificuldade de me lembrar de que não tinha nenhum controle sobre o que ele faz. Mas não conseguia parar de pensar na razão de ele ter desligado tão abruptamente. Talvez tivesse sido porque mencionei Evan, talvez por ele ter percebido que menti ao dizer que ainda não tinha marcado a data do casamento. Fico pensando no que ele poderia fazer.

Graças a Deus Evan voltou para casa no fim de semana! Por mais nervosa que eu esteja, ele sempre consegue me acalmar um pouco, ao menos o suficiente para evitar que eu exploda. Antes de irmos ao aniversário de Brandon tivemos uma conversa sobre como agir se John telefonasse, e eu estava me sentindo melhor em relação a toda essa história. Estava até mesmo esperando pela festa com um pouco de ansiedade. Sempre tive um carinho especial por Brandon e mal podia acreditar que ele já estivesse fazendo 10 anos. Foi com ele que pratiquei a troca de *fraldas*. Embora minhas

tentativas e erros com Brandon não tenham ajudado muito quando precisei lidar com uma garotinha voluntariosa.

Levar Ally ao shopping para comprar um presente foi uma loucura. Primeiro ela ficou andando de um lado para outro em todos os corredores. Finalmente nos decidimos por um jogo de Nintendo, mas Ally não conseguia parar de olhar para os que tinham ficado na prateleira. “Talvez ele goste mais do de hóquei, mãe.” Eu disse que Brandon ficaria feliz com qualquer um deles, mas ela começou a examinar um após o outro mais uma vez. Quando enfim me irritei e peguei o que tinha sido sua escolha anterior, Ally gritou: “Esse é o errado, mãe!” Parecia que toda a sua vida dependia daquilo. Então ela parou no meio do corredor, com os braços cruzados, e se recusou a sair de lá, apesar dos meus argumentos. Quando minha paciência chegou ao limite, eu disse: “Bem, você pode ficar aqui o dia inteiro.” E então comecei a me afastar. Após um momento ela me seguiu com seus pequenos ombros curvados e seus lábios apertados, como se estivesse tentando não chorar.

Alguns quilômetros depois, na estrada, ela ainda olhava pela janela do passageiro. Agora que eu estava mais calma, senti-me mal por tê-la apressado e disse: “Brandon vai ficar muito feliz quando vir o presente.” Mas ela ainda não olhava para mim, por isso comecei a cantar junto com o rádio, criando a minha letra: “Minha doçura, minha gatinha, você sabe que eu amo *você*. Não posso evitar, amo *você* e ninguém mais, exceto Evan, Moose, vovó, tia Lauren e...” Respirei fundo. Os cantos dos lábios de Ally se retorceram, como se ela se esforçasse para não rir. Comecei a cantar mais alto. Quando fomos buscar Evan, ela também estava cantando – entre risadinhas, o que me fez rir também. Ela inclinou a cabeça para um lado, sorriu para mim e disse: “Você é tão linda, mamãe!” Deus, eu adoro essa criança!

Ainda estávamos nos divertindo quando chegamos à entrada da garagem de Lauren e Greg. O tema da festa era Transformers. Eu sabia que a casa inteira estaria decorada e que haveria todos os tipos de brincadeiras para as crianças. Provavelmente eu me divertiria muito, se meus pais não tivessem estragado minha festa.



Meu pai estava tirando uma caixa de cerveja de seu caminhão quando saímos do carro. Enquanto Ally e Moose corriam na frente para encontrar os garotos, segui meu pai e Evan até o quintal dos fundos, onde eles conversaram sobre pescaria. Greg, debruçado sobre uma churrasqueira a gás, com um avental amarrado no pescoço, sorriu ao nos ver. Grande como um urso, ele me puxou, e depois Evan, para um forte abraço. Depois que nos soltou, abriu uma caixa de isopor que estava a seus pés e passou uma cerveja para Evan. A julgar por suas bochechas rosadas, Greg já havia tomado algumas.

– Quer alguma coisa, Sara?

– Vou pegar um café lá dentro, obrigada.

Na cozinha, Lauren colocava salgadinhos em uma tigela enquanto minha mãe terminava de lavar a louça. Lauren tem uma máquina de lavar louças, mas minha mãe se recusa a usá-la, porque acha que não limpa nada direito.

– Posso ajudar em alguma coisa? – perguntei.

Lauren se virou com um sorriso e soprou uma mecha de cabelos louros para longe do rosto.

– Acho que por enquanto não.

Dei um beijo na bochecha da minha mãe, notando que o rosto dela parecia mais magro que na última vez em que nos vimos. Ela sorriu, mas seus olhos estavam cansados. Ela definitivamente emagrecera. Servi-me de uma xícara de café e senti minha alegria ir diminuindo.

Quando tomei o primeiro gole, avistei Melanie e Kyle vindo pela lateral da casa. Meu pai mal cumprimentou Kyle – que usava calças jeans pretas apertadas e uma camiseta preta justa – antes de voltar a conversar com Evan.

Lauren veio por trás de mim e pousou o queixo em meu ombro. Obser-vamos os homens por um momento. Greg estava contando uma história, com uma cerveja em uma das mãos e um espeto na outra. Evan e Melanie riram quando ele terminou. Greg olhou rapidamente para papai, querendo ver se ele também estava rindo: não estava.

– Cerveja e exploração de madeira – falei. – Os temas favoritos de Greg.

– Seja boazinha – disse Lauren cutucando minhas costas.



Enquanto as crianças comiam com avidez às suas mesas, os adultos se sentaram ao redor da mesa de piquenique que Greg construíra usando um tronco. Eu dava minha primeira mordida em um hambúrguer quando o celular tocou em meu bolso. Peguei-o e olhei casualmente para o visor. Outro número desconhecido. John.

O celular tocou de novo. Quando me levantei, todos à mesa pararam de falar. O único som vinha das crianças.

– Vou pedir licença a vocês por um minuto.

O rosto de meu pai parecia uma nuvem antes da trovoada. Tentando não correr, dei a volta na casa até que eles não me vissem e atendi o telefone.

– Alô?

– Precisava ouvir sua voz.

Essas palavras fizeram com que eu me encolhesse de medo, mas perguntei:

– Está tudo bem?

O que eu tinha que fazer para que ele desligasse?

– Estou feliz por tê-la encontrado. – A voz de John estava tensa, como se ele estivesse com dificuldade de pronunciar as palavras. – Saber... saber que tenho você... ajuda. – Ouvi um barulho ao fundo, mas não consegui identificá-lo.

– Que som foi esse? De onde você está ligando?

– Não é tarde demais.

– Não é tarde demais para quê?

– Para nós.

Fiquei em silêncio por um momento, tentando me concentrar nos sons ao fundo. Animais ou humanos?

– *Diga-me* que não é tarde demais.

– Não, não, é claro que não é tarde demais.

John exalou o ar dos pulmões. Aquilo soou forçado, como se ele estivesse respirando por entre dentes cerrados.

– Preciso ir – disse ele.



Depois que fechei o aparelho tentei me recompor, mas minha garganta estava tão seca que tive uma sensação de sufocamento. Minha visão ficou turva. Pressionei as mãos fechadas contra as têmporas e cerrei com força os olhos. Como iria lidar com isso? Não podia deixar que minha família percebesse quanto estava perturbada. Quis ligar para Billy, mas todos achariam que eu estava demorando muito. *Não pense em John, apenas o ignore e se concentre. Controle-se, Sara.* Quando voltei à mesa, vi o olhar de Evan e fiz um pequeno sinal afirmativo com a cabeça.

– Era o cliente que você estava esperando? – perguntou ele quando me sentei.

Obrigada, querido.

– Sim. – Evitei o olhar de meu pai do outro lado da mesa e peguei meu hambúrguer. – Peço desculpas, pessoal. Esse cliente é realmente importante.

– Ele poderia ter esperado – disse meu pai.

– O tempo dele é limitado, por isso tenho de...

Meu pai já tinha voltado sua atenção para Evan. Do outro lado da mesa, Kyle beliscava a comida. Suas unhas estavam pintadas de preto.

Melanie me pegou observando-a.

– Era aquele policial bonitão?

O corpo de Evan se retesou ao meu lado. Balancei a cabeça em negação.

– Não, é outro cliente – respondi.

– Como era mesmo o nome dele? Bill?

Assenti com a cabeça e me forcei a dar outra mordida no hambúrguer.

– Está ótimo, Greg – falei.

– Ele não parecia do tipo que coleciona antiguidades – continuou Melanie.

Agora todos estavam me observando. Minha mãe pareceu confusa.

– Você conheceu um dos clientes de Sara?

– Sim – confirmou Melanie. – Quando passei na casa dela outro dia eles estavam lanchando.

Cale a boca, Melanie.

Evan parou de comer e olhou para mim.

– Ele só veio conhecer meu ateliê e, como eu estava fazendo um sanduíche para mim, ofereci um a ele.

Não foi bem isso, mas quase.

– Então, o que você *está* fazendo para ele? – perguntou Melanie.

Tive vontade de esmagar meu hambúrguer no rosto sorridente de minha irmã.

Pense. Pense.

– A mãe dele, que acabou de morrer, tinha um porão cheio de antiguidades. Estou tentando classificar e limpar as peças para que ele possa vendê-las. Há muitas coisas. – Gostei da mentira que criei. – Esse trabalho vai me tomar um bom tempo. – Olhei de relance para Evan. Ele tinha os olhos fixos no prato.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, meu celular tocou de novo.

Meu pai deixou o hambúrguer cair no prato e pareceu indignado.

Olhei para o visor. Era John, mais uma vez. Minha pulsação se acelerou. Suspirei e me levantei, dizendo:

– Sinto muito.

– Sente-se – ordenou meu pai.

– É meu cliente de novo...

– *Sente-se.* – Meu pai fechou as mãos ao lado do prato.

– Sinto muito, preciso atender.

Quando saí da mesa meu pai balançou a cabeça e disse algo a minha mãe. Olhei para trás por cima do ombro e tentei estabelecer

contato visual com Evan, mas ele não ergueu os olhos. Quando estava do outro lado da casa, atendi à ligação e perguntei:

- O que há de errado?
- O barulho. – Ele gemeu. Ouvi algo bater.
- Você está ferido?
- Você *tem* que falar comigo. Tem que me ajudar.

Sons de trânsito.

- Você está dirigindo?

Pneus cantaram. Um carro buzinou. Eram esses sons que o estavam incomodando?

- Talvez você devesse parar e... – Ally deu a volta pela casa.

Ah, droga! Por que Evan não a impediu?

Cobri o microfone enquanto ela dizia:

- Vovô disse que você tem que ir comer o bolo agora.
- Está bem, querida. Irei em um minuto. Vá na frente.

Quando ela se afastou saltitante, perguntei:

- John? Você ainda está aí?

Ouvi apenas sons de trânsito.

Estava prestes a desligar quando ele disse, com uma voz desesperada:

- Preciso que você fale comigo.
- Do que você quer falar?
- Diga... quais são suas comidas favoritas.

Enxuguei o suor da testa. Estava perdendo o aniversário de meu sobrinho porque ele queria saber o que eu gosto de comer?

– Você não pode simplesmente me dizer o que há de errado? Estou em uma festa de família e as pessoas estão...

– Achei que você tivesse dito que não contaria a ninguém sobre mim. – Sua voz soou dura.

– Não contei. Mas vai começar a parecer estranho eu estar falando ao telefone. As pessoas vão fazer perguntas e eu não...

Ele desligou.

Depois disso, até o fim da festa cada terminação nervosa do meu corpo ficou vibrando com perguntas não respondidas. Que sons eram aqueles que eu ouvira ao fundo? Por que John falou sobre um barulho? O que ele iria fazer depois que desligássemos? Todo o meu corpo estava em marcha acelerada – meu rosto ardia, minhas axilas estavam empapadas de suor, minhas pernas gritavam para que eu caísse fora, fosse para casa, telefonasse para Billy, para *qualquer um* que pudesse fazer aquela sensação horrível passar. Tentei me concentrar na conversa ao meu redor, mas não consegui pegar o fio da meada. Todas as vozes de crianças me irritavam, todos os gritos me faziam sentir raiva. Eu olhava constantemente para o relógio, apertando o telefone na mão.

Em nada ajudou meu pai ter me insultado na frente de Ally: ele me chamou de egoísta e mal-educada, por eu ter atendido o telefone. Pedi desculpas, como sempre faço, mas ele continuou a me lançar um olhar irado depois que voltei para a festa. O sorriso de minha mãe surgia e desaparecia enquanto ela olhava para mim e meu pai. Melanie e eu simplesmente nos evitamos. Pelo menos Lauren não pareceu zangada, embora certamente estivesse distraída. Sempre que eu a olhava, ela estava observando Greg. Houve uma hora em que a flagrei olhando com ar de reprovação quando ele pegou outra cerveja – não que isso adiantasse. Mas eu tinha meus próprios problemas de relacionamento. Evan estava rindo e brincando com todos e pôs o braço em meu ombro quando Brandon abriu nosso presente, mas não olhava nos meus olhos. Finalmente chegou a hora de irmos. Minhas despedidas foram curtas, o que produziu um olhar preocupado em minha mãe, mas eu estava concentrada em pôr Ally e Moose no carro. Tive de praticamente arrastar Ally e me irritei quando ela reclamou. Evan ficou em silêncio.

Estávamos dando ré quando meu celular zuniu, anunciando a chegada de uma mensagem.

Era de Billy: *Como foi a festa? Telefone-me quando estiver em casa.*

– Quem era? – perguntou Evan.

– A polícia quer examinar os telefonemas de John.

Eu já estava ligando para Billy, mas caiu direto na caixa postal.

– Droga, ele deve estar fora de área!

Evan olhava para a estrada à nossa frente.

Durante o restante da viagem, permanecemos em silêncio. Quando finalmente entramos em casa, Ally se atirou no sofá e ligou a televisão para ver *Hannah Montana*. Telefonei para Billy de novo e dessa vez deixei uma mensagem. Após dez minutos, que passei lavando os pratos do café da manhã, fui procurar Evan. Ele estava no quintal limpando o cocô de Moose.

– Sei o que você está pensando, mas não é nada disso – comecei.

– Estou pensando que você deveria limpar o cocô do seu cão.

Meu cão? Aquilo me irritou.

– Eu tento fazer as coisas, Evan, mas tenho de cuidar de tudo sozinha quando você não está aqui.

– Isso só demora cinco minutos.

– Você sabe quanto eu tenho andado ocupada ultimamente.

– Sim, ocupada demais para me contar que anda lanchando com outros homens.

– Aquilo não foi *nada*. Melanie só estava tentando causar confusão.

Ele enfiou a pá na terra com movimentos curtos e abruptos.

– Bem, ela fez um bom trabalho. Greg ficou me lançando olhares estranhos a tarde inteira.

– O que eu deveria dizer? Você sabe que não tenho permissão para falar sobre isso.

– Por que não me contou que ele esteve aqui?

– Quando nós conversamos, John tinha telefonado de novo e eu estava apavorada. Nem pensei em lhe contar que Billy veio aqui porque achei que isso não tivesse importância. Provavelmente ele virá muito e...

– Agora é *Billy*? – Evan largou a pá e olhou para mim.

– Ah, meu Deus, Evan! Esse é apenas o modo como Sandy o chama. Ele nem faz o meu tipo, tá? Veste-se bem demais, tem tatuagens e...

– Isso deveria fazer com que eu me sentisse melhor?

Tive vontade de arrancar a pá das mãos de Evan e de dar com ela na cabeça dele.

– Sabe de uma coisa? Não preciso disso. Se Billy puder encontrar esse cara, vou falar com ele todos os dias, porque o quero fora da minha vida, e você também deveria querer. Achei que ficaria feliz com o fato de alguém vir ver como eu estou passando quando você não está em casa. Se não confia em mim, talvez não devêssemos nos casar.

Eu me virei e entrei em casa soltando faíscas.

Quando passei pela sala de estar dei uma espiada em Ally, enrolada em um cobertor no sofá, com Moose no colo, olhando para a tevê, sonolenta.

– Você deveria ir logo para a cama, Ally.

– Nãooooo...

Cansada de discutir, deixei para lá e subi para o escritório.

Na tentativa de me acalmar, escrevi tudo de que me lembrava dos telefonemas – tomando nota para perguntar a Billy se eles dispõem de tecnologia para isolar os sons de fundo. Fechei os olhos e tentei me concentrar. Que sons seriam aqueles? Meus olhos se arregalaram: e se ele tivesse sequestrado uma mulher? Talvez estivessem no caminhão, ele a estivesse levando para algum lugar e os sons viessem dela, que tentava escapar!

No exato momento em que peguei o telefone sem fio para ligar novamente para Billy, ouvi a porta de correr se abrir lá embaixo e, depois, passos. Evan estava na cozinha. Hesitei por um momento. Talvez devesse esperar até de manhã. Mas isso era importante. Billy atendeu no primeiro toque.

– Estava pensando que os sons ao fundo poderiam ser de uma mulher – comecei. – Talvez ele a esteja levando para algum lugar e...

– Pare, pare, espere. Esse não é o *modus operandi* dele e não temos nenhum registro de mulheres desaparecidas.

– Então o que eram aqueles sons?

– Ainda estamos tentando isolá-los, mas até agora não conseguimos nada que seja aproveitável.

– Talvez seja preciso mais gente na força-tarefa.

– Temos todo o efetivo disponível da Unidade de Crimes Hediondos de Vancouver e alguns policiais de Nanaimo...

– Vocês podem trazer gente de Toronto?

– Isso não funciona assim, Sara. Os arquivos são quase todos velhos e já foram investigados. Temos acesso a muitos recursos e esse caso é de alta prioridade, mas enquanto John não fizer um movimento ou alguém vir alguma coisa, não há muito que possamos fazer.

– Parece que eles não estão fazendo *nada*.

– Sei que a impressão é essa, mas eles estão seguindo pistas, em conjunto com o laboratório e outros departamentos. Neste momento, estamos tentando descobrir quem é o dono do celular que ele usou.

Sei que soei irritada quando perguntei:

– Vocês ao menos sabem de onde ele ligou?

Billy apenas respondeu:

– Ele foi para o oeste de Prince George, provavelmente para algum lugar perto de Burns Lake. É possível que esteja se dirigindo a Prince Rupert, por isso notificamos os destacamentos locais e eles distribuirão o retrato falado em paradas de caminhões, postos de gasolina e lugares nos quais ele poderia parar ao longo do caminho.

– O que você acha que havia de errado com ele? – perguntei, suavizando a voz. – Ele estava se queixando de um barulho.

– Esperamos que você consiga fazê-lo falar mais da próxima vez.

– Não sei se vamos ter uma próxima vez. Estou farta disso.

– Você deve fazer o que lhe parecer certo, Sara. Mas não vou mentir: realmente precisamos de sua ajuda. É provável que você seja nossa única chance de encontrá-lo.

Ao ouvir as palavras de Billy, fechei os olhos e apoiei a testa na escrivaninha. Ele continuou:

– Sei que parece que ele detém todo o poder, mas é certo que deseja uma conexão com você. É por isso que fica telefonando. Ninguém sabe até onde poderemos levar isso. Mas, como diz Sun

Tzu, “A oportunidade de derrotar o inimigo é fornecida pelo próprio inimigo”. Ele acabará nos dando algo com que prosseguir.

Evan estava subindo a escada.

– Preciso ir.

– Está bem, manteremos contato. Vá descansar um pouco.

No instante em que larguei o telefone sem fio, Evan entrou e se jogou numa cadeira perto da porta. Eu, que estava de costas para a entrada do escritório, me virei.

– Era Bill? – perguntou ele.

Deus, ele consegue ler minha mente!

– Eu precisava contar a ele. Pelo amor de Deus, Evan!

Seu rosto estava inexpressivo. Parte de mim desejou discutir e me defender, explodir em uma raiva justa. Senti meu rosto quente e estava prestes a perder o controle.

Recue. Explodir não vai resolver o problema.

Respirei fundo.

– Peço desculpas por ter perdido a calma. É que isso tudo é tão difícil que realmente preciso de você do meu lado.

– Eu estou do seu lado.

– Não é o que parece. Não gosto que fique com raiva de mim.

Evan suspirou e pôs meus pés em seu colo. Enquanto os massageava, disse:

– Não estou com raiva de você. Estou com raiva dessa situação. É um pesadelo.

– Você acha que eu não sei? Deus, talvez ele esteja matando uma mulher neste exato momento, e não há nada que eu possa fazer!

– Se ele matar alguém, a culpa não será sua. Ele é um assassino, é o que ele faz.

– Mas seria minha culpa se eu não o impedisse. – Lembrei-me das palavras de Billy. – Sou a única chance que a polícia tem de pegá-lo.

– A polícia a está usando como isca! Sabe, você não precisa falar com ele. Acho que deveria ficar fora disso.

– Não posso ficar aqui sentada sem fazer nada, enquanto ele está solto à procura de sua próxima vítima.

– Sara, você está sempre estressada e suas emoções estão exacerbadas. – Ele ergueu uma das mãos. – Você tem todos os motivos para estar perturbada. Estou preocupado com você.

– Está preocupado *comigo* ou com Billy?

– Peço desculpas por ter sido um idiota ciumento, está bem? Se você diz que não tenho com que me preocupar, eu acredito. Só detesto a ideia de outro homem ter de protegê-la. Você é minha garota.

Sentei-me no colo de Evan e coloquei meus braços ao redor de seus ombros. Esfregando meu nariz em sua orelha, falei:

– Querido, ele não chega aos seus pés. E agora é ele quem tem de lidar com todas as minhas crises paranoicas. Você ficou com a parte boa.

– Hmmm... continue falando.

Passei minha boca por sua clavícula. Lambi o lóbulo de sua orelha e sussurrei junto à pele morna de seu pescoço:

– Ally?

– Dormindo no sofá com Moose. Eu ia carregá-la para cima mais tarde. Mas posso fazer isso agora se...

Aproximei meu rosto do de Evan e segurei seus cabelos. Ele ergueu as sobrancelhas. Encostei meus lábios nos dele e o beijei suavemente, depois com mais força, fazendo mais pressão com os lábios e enfiando minha língua em sua boca. Quando ele tentou sugá-la, eu me afastei e sorri. Ele segurou uma mecha dos meus cabelos, puxou meu rosto e me beijou com força. Eu me levantei, chamei-o com o dedo e saí do escritório andando de forma exageradamente sensual.

Evan riu e me seguiu até nosso quarto. Deslizei para a cama, joguei os cabelos sobre o ombro e disse com um falso sotaque do sul:

– Ah, marujo, você esteve no mar por tanto tempo que nem sei se me lembro do que fazer!

Evan fez sua própria caminhada sensual até a cama e tirou a camisa pela cabeça com uma das mãos – do jeito que eu gosto.

Rodou-a no dedo e depois a deixou cair no chão, erguendo e abaixando as sobrancelhas.

Sorri.

– Acho que estou me lembrando.

Evan riu e se deitou ao meu lado na cama. Nós nos beijamos durante algum tempo, nossa raiva já desaparecera. Ele esfregou em meu rosto sua barba por fazer, rindo quando reclamei. Evan prendeu minhas mãos por um momento. Pensei em John. Ele teria feito isso com Julia? Como ele segurava as mulheres quando as estuprava? Afastei a imagem violenta. Agora Evan estava crescendo sobre mim. Vi John sobre uma mulher. Evan olhou para meu rosto e perguntou:

– O que há de errado?

– Nada.

Puxei-o para cima de mim, escondendo meu rosto em seu pescoço. E, durante os momentos que se seguiram, quase acreditei na minha resposta.



Na manhã seguinte, após o café, levamos Ally e Moose a Neck Point, para observar os leões-marinhos, e depois Ally foi brincar na casa de Meghan. Fiz um grande esforço para tirar John da cabeça, mas o de Evan foi ainda maior. Mencionei algo sobre o caso e Evan me deu um beijo, mencionei outra coisa e ele esfregou o nariz em meu pescoço, tentei afastá-lo e completar meu pensamento e ele mordiscou minha orelha. Tentei me desvencilhar e de algum modo meu sutiã foi tirado. Depois Evan e eu ficamos descansando na cama, fazendo planos sobre o que servir no jantar de ensaio do casamento. Agora que eu me permitira relaxar um pouco, comecei novamente a ansiar pelo grande dia. Mas isso também me fez lembrar de que ainda precisava arranjar um tempo para fazer compras com as garotas, e a ideia de aguentar Melanie durante horas me fez trincar os dentes. Porém, não havia como escapar daquilo. Quando Evan e eu estávamos discutindo decorações e eu já começava a ficar animada com a ideia de pendurar as luzes de Natal, meu celular tocou no escritório.

Olhei para Evan.

– Vá em frente – disse ele.

Com um cobertor enrolado no corpo nu, disparei pelo corredor e peguei o telefone na escrivaninha.

Era o número do qual John havia ligado da última vez.

– Está tendo um bom dia? – perguntou ele assim que atendi.

Havia na voz dele um tom que eu nunca tinha ouvido: frieza.

– Estou, e você? – Tentei parecer agradável, mas sentia ainda mais raiva que de costume por ele ter ligado e arruinado o que fora uma tarde tão bonita.

– Evan está aí?

– Sim... – respondi, incerta sobre o tom dele. – Mas não está na sala, se você...

– Você tem sido honesta comigo, Sara?

Meu estômago se contraiu.

– É claro.

– Você... tem... sido... honesta?

Eu me sentei na cadeira. Ele sabia que eu andava falando com a polícia? Ah, Deus! Será que ele teria descoberto sobre Ally?

– O que há de errado?

– Eu vi o site.

Minha mente começou a trabalhar rápido. Haveria outra matéria?

– Não sei ao certo o que...

– Está *tudo* lá.

Do que ele estava falando? Decidi aguardar que ele continuasse.

Alguns segundos depois, ele disse:

– Você está com a data do casamento marcada... está tentando me enganar.

– Não sei do que...

Então lembrei que Evan fizera um site para o casamento algumas semanas antes. Como eu poderia sair dessa?

– Nós *tínhamos* uma data marcada. Mas ultimamente temos falado em adiá-la. É por isso que eu disse que não sabia ao certo. Não estava mentindo. Não faria isso. – Prendi a respiração.

Ele desligou.

Eu ainda estava sentada ali quando Evan entrou, alguns minutos depois, e se sentou atrás de mim em frente à escrivaninha dele.

– Era ele? – perguntou.

Fiz que sim com a cabeça. Evan girou minha cadeira para que eu ficasse de frente para ele.

– Você está bem?

– Ele encontrou o site do casamento. Eu tinha dito que não sabia a data. Ele parecia *realmente* furioso.

– Ele a ameaçou?

– Não, foi apenas... a voz dele.

– Vou pôr uma senha no site agora mesmo. Você deveria telefonar para Bill.

– Isso não é bom, Evan.

– Vai dar tudo certo. Ele não vai conseguir matar ninguém pelo site.

Ao dizer isso, Evan já estava ligando o computador.

□

Naquela noite, fiquei me revirando na cama enquanto Evan dormia – ou tentava dormir – ao meu lado. Quando rolei sobre ele pela centésima vez, murmurou: “Vá dormir, Sara.” Forcei meu corpo a ficar quieto, mas minha mente corria em círculos estonteantes, mostrando imagens horríveis de John arrancando as roupas de uma mulher: suas mãos apertavam-lhe o pescoço e o grito dela rasgava o ar enquanto ele a estuprava.

De manhã, assim que Evan saiu, fui me encontrar com Billy e Sandy na delegacia. De ressaca devido à noite insone e com um copo de café na mão, falei sem parar. Finalmente comecei a me acalmar quando Billy disse que eu tinha lidado muito bem com o telefonema de John e que era preciso “saber quando lutar e quando não lutar”. Sandy sorriu e assentiu com a cabeça, mas tive a nítida

sensação de que ela estava chateada. Eu também não me sentia muito feliz. Havia esperado que o fato de John ter ligado com o mesmo aparelho de telefone pudesse nos ajudar de alguma maneira, mas Billy e Sandy disseram que ele usara um celular pré-pago comprado com dinheiro vivo. Ninguém na loja se lembrava da aparência dele. De agora em diante, tudo o que John precisava fazer era carregar seus créditos.

A chamada viera de perto de Vanderhoof, portanto ele estava novamente se dirigindo para o leste, o que significava que talvez estivesse voltando para o entroncamento em Prince George. A primeira coisa em que pensei foi na possibilidade de ele estar vindo para a ilha – se tivesse dirigido a noite toda, talvez já até estivesse em Vancouver. Perguntei a eles se eu corria perigo e Billy respondeu que achavam que não, mas que, por precaução, uma viatura policial passaria por nossa casa várias vezes ao dia.

Mesmo com essas garantias e com o torpedo que Billy enviara depois – “Aguente firme, você está se saindo muito bem” –, precisei de horas para parar de me sobressaltar a cada som que ouvia. Na terça-feira à noite, como não tinha recebido outros telefonemas de John, comecei a esperar que ele tivesse ido embora para sempre. Mas não conseguia me livrar da sensação de que ele estava apenas se preparando.



Ontem, depois que levei Ally para a escola, voltei para casa e deixei Moose no quintal. Sentindo-me mais tranquila do que me sentia havia um bom tempo, decidi gastar um pouco de energia no ateliê antes de nossa sessão à tarde. Fiquei totalmente entretida com a reforma de uma mesinha de cerejeira para abajur e, sem que percebesse, algumas horas se passaram. Então me lembrei de Moose no quintal. Achei que ele estaria esperando junto à porta de correr, deixando as marcas de seu focinho molhado em todo o vidro, mas ele não estava lá. Abri a porta e assoviei. Nada.

– Moose?

Como ele não apareceu, fui procurá-lo. Será que o safadinho estava na pilha de lenha de novo? Fui conferir e vi que não. Talvez estivesse remexendo no adubo. Percorri o caminho de pedras que circundava a casa, mas ele também não estava lá. Fui até o portão e olhei para fora. Estava destrancado. Corri pela entrada da

garagem, gritando por ele bem alto. Um cão latiu e preendi a respiração. Um novo latido – muito grave para ser de Moose. Corri até a caixa de correio. *Por favor! Ah, por favor, apareça!* Mas ele tampouco estava por lá.



Moose também não estava na casa de nenhum dos vizinhos. Foi por isso que tive de cancelar nossa sessão. Depois que telefonei para você, passei a tarde toda ligando para o canil municipal, a Sociedade Protetora dos Animais, veterinários – *todo mundo*. Ninguém tinha visto nosso cachorro. Telefonei para Evan quase histérica – totalmente desesperada, eu o acusei de ter deixado o portão destrancado quando foi limpar o quintal. Ele só erguia a voz cada vez mais, repetindo: “Sara, acalme-se por um minuto. Sara, pare!” Até que eu calei a boca por tempo suficiente para que ele me dissesse que tinha certeza de tê-lo trancado.

Depois que desligamos o telefone, liguei para Billy, certa de que tinha sido John que levara Moose, em retaliação. Billy imediatamente entrou em contato com a viatura policial que vigiava minha casa. O policial disse que não tinha visto nada suspeito ao passar por ela de manhã, mas ainda assim Billy deu uma volta pelos arredores. Não que houvesse muito que ver. Seria difícil abrir o portão por fora, mas se a pessoa fosse bem alta, poderia conseguir: bastaria estender a mão por cima.

Quando Billy terminou de verificar as redondezas, pediu que eu me sentasse e fizesse uma lista de pessoas a quem telefonar, de lugares onde pendurar cartazes com avisos do desaparecimento e dos sites nos quais postar a notícia. A princípio, hesitei: queria apenas sair e começar as buscas. Mas Billy disse que a lista pouparia tempo e que “correr às cegas como um frango com a cabeça cortada” não ajudaria Moose em nada. Finalmente peguei um bloco de papel e comecei a fazer o que ele pedira. Meus batimentos cardíacos foram se desacelerando a cada item que acrescentava.

Billy sugeriu que eu tentasse ligar para John para ver se ele estava na ilha. Não sabíamos se ele ainda estava usando o mesmo celular, mas resolvi tentar. Ouvi a gravação: “Este número encontra-se fora da área de cobertura.” Billy disse que, se tivesse sido John que levara Moose, ele provavelmente não demoraria a

telefonar. A polícia colocaria uma viatura permanente na estrada até descobrirmos se John estava na ilha. Quando Billy voltou para a delegacia, liguei para Lauren. Minha irmã veio correndo e fizemos cartazes, que penduramos por toda parte. Mas ninguém telefonou.

Estava na hora de pegar Ally na escola e eu não sabia o que dizer à minha filha. Tento nunca mentir, mas na outra vez em que perdemos Moose – em um parque –, ela surtou e mordeu Evan quando ele tentou impedi-la de atravessar correndo a estrada atrás de seu cachorrinho. Eu continuava com a esperança de que desta vez iríamos encontrá-lo antes de precisar contar a verdade a ela. Se ele não voltasse para casa... eu não conseguia nem pensar nessa possibilidade. Não sei se fiz a coisa certa – *nunca* sei –, mas disse a Ally que Moose tivera de fazer um check-up e que ficaria no consultório do veterinário. Ela quis visitá-lo, mas eu a distraí e dissuadi com filmes e jogos durante toda a tarde.

Ally caiu no sono, mas fiquei acordada durante horas me perguntando onde Moose poderia estar, com muito medo de quem pudesse tê-lo levado – e por quê.

NONA Sessão



Estou tão deprimida hoje! Mas espero que falar com

você ajude. Além de Evan e Billy, você é a única pessoa com quem posso falar, ao menos sobre o que realmente está acontecendo. Fico sentada em casa a manhã inteira esperando nossa consulta. Ter tempo livre não tem sido uma coisa boa.

Não consigo parar de visitar aquele site sobre John e de olhar as fotos de suas vítimas e das famílias delas. Depois fico pensando nas mulheres e então me pergunto como seria a vida que levavam e como poderia ter sido. Concentro-me nos detalhes, como o colar de conchas que uma garota usava e que nunca foi recuperado. Gostaria de saber se está com John. O namorado, que tinha acabado de ganhar uma moto de presente de formatura, levou um tiro na nuca. Ele era capaz de consertar qualquer coisa e adorava restaurar carros antigos. Seu pai ainda guarda o automóvel em que o filho estava trabalhando quando foi assassinado. Recusa-se a terminá-lo, e o carro fica na garagem com todas as ferramentas ao seu redor, tal como foram deixadas. Chorei muito ao ver a imagem daquele carro eternamente desmontado e da família que também nunca voltará a se reconstruir.

Penso no momento em que as famílias receberam a notícia. E me torturo com pensamentos de algo horrível acontecendo a Evan ou a Ally. Tenho certeza de que a dor me mataria. Como é possível que os parentes dessas vítimas se levantem todos os dias e continuem a viver. A todo lugar que vou, eu vejo morte. Porém, o que mais me assombra é a rapidez com que a desgraça atingiu essas pessoas. Não me refiro apenas às vítimas de John, mas a todas as pessoas assassinadas sobre as quais tenho lido. Elas só estavam vivendo a própria vida: dormiam, dirigiam, estavam correndo no parque ou simplesmente parando para ajudar um estranho e, de repente, tudo acabado... Algumas das coisas que

esses assassinos fizeram... não consigo parar de pensar nos últimos momentos de suas vítimas. Em como devem ter ficado apavoradas e em quanta dor sentiram.

Eu gostava de assistir a programas sobre crimes reais. “Era um dia quente de verão nas Montanhas Rochosas quando o jovem repórter louro decidiu dar uma corrida no parque...” *Gostava* do arrepio de medo que descia por minhas costas e do modo como me sentava na beirada da cadeira durante as representações dramáticas, agarrando a almofada, com o corpo tenso. Olhar para aquele lado sombrio da natureza humana era fascinante.

Evan sempre tentou fazer com que eu pensasse de forma mais positiva – ou ao menos mais racional. Mas isso exigiria antes de tudo que eu me acalmasse, o que sempre foi um desafio, e no entanto tenho me esforçado de verdade para consegui-lo. Contudo, quando o carro faz um barulho, automaticamente penso que os freios estão falhando; quando Ally pega um resfriado, logo penso que é pneumonia, e quando Moose desapareceu...



Assim que voltei para casa depois de nossa última sessão, dei novamente todos aqueles telefonemas – para o canil municipal, a Sociedade Protetora dos Animais e todos os veterinários da cidade –, mas ainda não havia nenhum sinal de Moose. Bill veio ajudar, trazendo um saco engordurado com hambúrgueres e batatas fritas, que praticamente engoli, sem mastigar. Ele disse que parecia que eu não tinha comido nada o dia inteiro, e não tinha mesmo. Saímos de carro e penduramos cartazes em todos os postos de gasolina e lojas dos arredores. Minha casa fica perto da base de Mount Benson, então chegamos a subir nessa direção, parando algumas vezes para procurar Moose.

Foi bom ter companhia, sobretudo em um momento em que eu já começava a tecer fantasias medonhas sobre quem poderia estar com Moose. Billy simplesmente me perguntava algo ou me dava alguma tarefa que me forçava a manter a concentração. Em determinado ponto, comecei a falar tão rápido e fiquei tão ansiosa que ele disse: “Quando você sentir que está entrando em pânico, simplesmente respire, busque se recompor e se concentre em sua estratégia. Acredite em mim, funciona.” Então Billy me fez olhar para minha lista de lugares onde pendurar cartazes e lhe dizer em

quais já havia pendurado, interrompendo-me se eu me esquecia de algum. Aquilo era muito frustrante, mas pouco a pouco o aperto em meu peito começou a diminuir.

Quando Billy teve de voltar para a delegacia, continuei a dirigir sozinha por mais uma hora. Estava perto de casa quando fiz uma curva fechada e quase atrolei alguns corvos que, no meio da estrada, lutavam pelo que pareciam ser vísceras. Então vi o rastro de sangue cor de ferrugem que levava à vala, onde outro corvo bicava um pequeno monte escuro. Depois de parar no acostamento de cascalho, caminhei na direção dos pássaros, com os olhos marejados de lágrimas.

Deus, por favor, não permita que seja Moose!

Com minha aproximação, os corvos voaram e se empoleiraram na linha de transmissão de força, grasnando. Com os olhos fixos no rastro de sangue, dei os últimos passos com as pernas trêmulas e olhei para o cadáver destroçado dentro da vala.

Era um guaxinim.

Quando voltei para o carro e comecei a dirigir pela estrada, os corvos se precipitaram de volta para seu tesouro. Dei de ombros enquanto o bicavam repetidamente, lamentando pelo guaxinim, mas aliviada por não ser Moose.



Estava quase em casa quando meu celular vibrou com um torpedo de Billy, que me pedia que ligasse para ele, porque os resultados do exame de DNA tinham saído.

Somente depois que entrei em casa – que parecia muito vazia sem os resfregos e latidos de Moose – e telefonei para Evan, reuni coragem suficiente para ligar para Billy. Sentei-me em minha cadeira favorita na sala de estar, me enrolei no edredom com estampas da Barbie de Ally e disquei o número do celular dele. Por acaso Sandy atendeu.

– Obrigada por retornar a ligação, Sara. Billy está na outra linha agora, mas posso falar com você.

– Vocês já têm os resultados?

– Saíram há uma hora. – Sandy estava tentando manter a voz neutra, mas vibrava de excitação. – A amostra coletada em você

definitivamente combina com o material genético que tínhamos arquivado.

Agora era real: o Assassino do Acampamento *era* meu pai. Esperei a emoção bater, as lágrimas chegarem. Mas elas não chegaram. Foi como se Sandy tivesse simplesmente me dito o número do meu telefone. Olhei pela janela para minha cerejeira, totalmente florida. Sandy ainda falava:

– Não conseguimos coletar amostras biológicas de todas as cenas de crime, mas quando o exame de DNA se tornou válido, nós ligamos John de forma conclusiva a muitas das vítimas.

– Como vocês sabem que ele é responsável pelos outros assassinatos?

– O *modus operandi* é compatível.

– E quanto às mulheres que ainda estão desaparecidas?

A voz de Sandy demonstrou uma paciência forçada.

– O Assassino do Acampamento só ataca no verão e não tenta esconder os corpos das vítimas, por isso não é considerado suspeito em outros desaparecimentos.

– Mas o fato de ele só atacar no verão não é incomum? Sei sobre períodos de inatividade entre assassinatos, mas os dele são...

– Não é incomum que os assassinos em série fiquem um longo período inativos. Quando suas necessidades são supridas, eles costumam parar por algum tempo, durante o qual revivem repetidamente o crime.

– E é por isso que levam lembrancinhas.

– No caso de alguns, sim. Mas John provavelmente pega joias para se manter conectado com as vítimas. Contudo, ainda não sabemos qual é o gatilho dele, ou por que seus assassinatos são tão ritualizados. Por isso suas conversas com ele são muito importantes.

– Estou fazendo o melhor que posso, Sandy. Não sabia que ele tinha visto o site.

– É claro, um erro perfeitamente compreensível.

– Não foi um *erro*. Não quero que ele saiba detalhes da minha família nem da minha vida – corrija, cerando os dentes.

– Não queremos que você faça nada que ache perigoso, mas é preciso que ele confie em você, Sara – disse Sandy.

Porém eu sabia que ela não estava falando a verdade quanto ao fato de eu não precisar me arriscar. Mais que tudo, ela queria pegar John, e detestava precisar de mim para isso.

– Você já disse isso várias vezes. Agora preciso ir. Ainda tenho de encontrar um cachorro desaparecido. Desliguei antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

□

Mas não encontrei Moose. E quando Ally voltou da escola, tive de lhe dar a notícia de que ele havia desaparecido.

– Você mentiu! Disse que ele estava no veterinário!

Então ela começou a bater em minhas pernas e a gritar “Por quê, por quê, por quê?” até ficar rouca. Tudo o que pude fazer foi afastar seu corpo raivoso e trêmulo do meu até que ela se cansasse. Por fim, Ally desabou no chão e chorou. Fiquei com o coração partido quando ela gemeu: “E se ele não voltar para *casa*, mãe?” Prometi que faria tudo o que pudesse para encontrá-lo, mas Ally estava inconsolável e soluçava em meus braços enquanto eu tentava conter minhas lágrimas. Naquela noite, ela subiu na minha cama e ficamos abraçadas. Permaneci acordada durante horas, olhando para o relógio.

□

Na manhã seguinte, Ally e eu estávamos sérias no café da manhã. Quando ela disse pela centésima vez “Você *tem* de encontrar o Moose, mãe”, respondi que o encontraria. Mas a cada dia que passava, ia perdendo as esperanças. Tentei até mesmo telefonar de novo para John, ensaiando modos – alguns ameaçadores, outros suplicantes – de perguntar a ele se tinha pegado meu cachorro, mas ainda sem sucesso.

Depois que levei Ally para a escola, coloquei na máquina de lavar um cesto de roupa suja após o outro e passei aspirador de pó em toda a casa, de alto a baixo. A visão do bichinho de pelúcia de Moose – com o rabo endurecido pela baba que secara – quase partiu meu coração. Geralmente eu o lavo todas as semanas, mas não estava com vontade de apagar nenhum sinal de Moose, então simplesmente o coloquei na caminha dele.

Estava prestes a tomar um banho de chuveiro quando o telefone sem fio tocou na cozinha. Esperando que fosse alguém com notícias de Moose, desci a escada correndo, mas, quando examinei o visor, era apenas Billy.

– Tenho uma boa notícia para você, Sara.

– Você encontrou Moose!

Meu coração foi parar na garganta enquanto esperava sua resposta.

– Pedi aos rapazes que ficassem de olho durante a patrulha. Um deles parou alguns adolescentes no parque de skate e estava pedindo informações sobre o veículo deles quando viu um buldogue francês no banco traseiro. Leu a placa de identificação e de fato era o Moose.

– Ah, graças a Deus! Como eles o encontraram?

– Disseram que o encontraram correndo pela estrada e que iriam devolvê-lo logo. Mas o policial disse que a namorada de um dos rapazes estava chorando quando o entregou, por isso talvez você não fosse tê-lo de volta.

– Ally vai ficar *tão* feliz!

– Ele está na delegacia comigo. Vou levá-lo o mais rápido possível.

– Isso seria ótimo. Muito obrigada, Billy.

– Ei, sempre pegamos nosso homem... ou cachorro! – disse ele, e nós rimos.

Telefonei para a escola de Ally e me disseram que lhe dariam a notícia. Depois telefonei para Evan e ele ficou emocionado. Precisei de muito autocontrole para não fazer um comentário irônico sobre o portão, mas, como sempre, ele leu minha mente e disse:

– Ainda acho que fechei o portão, mas talvez eu esteja enganado.

Eu estava tão feliz por termos Moose de volta que deixei aquilo para lá. Quando lhe disse que Billy traria Moose o mais rápido possível, Evan co-mentou:

– Isso é gentil da parte dele.

– Sim, ele tem ajudado muito – respondi. – E não só a encontrar Moose. Tam-bém está me ensinando a me acalmar e a me concentrar quando estou chateada.

Silêncio do outro lado da linha.

– Alô?

– Como exatamente ele está lhe ensinando isso?

– Não sei, de várias maneiras. Ele me dá tarefas porque diz que é importante que eu tenha algo em que canalizar minha energia, por exemplo.

– Eu lhe digo a mesma coisa.

O tom de Evan estava começando a me irritar.

– É diferente quando ele faz isso. Ele é policial, não o meu noivo. Você fica chateado.

– Não fico *chateado*. Só acho que às vezes você se aflige por nada.

– E você faz com que eu me sinta um caso louco de estresse. – Eu sabia que deveria recuar, que compará-lo a Billy faria o tiro sair pela culatra, mas a raiva fez as palavras saírem da minha boca. – Billy não faz com que eu me sinta uma porcaria.

– Bem, não gosto que você fique se encontrando com ele.

– Ele é o policial que está cuidando do meu caso!

– Então por que ele está dirigindo por aí à procura de Moose?

– Não posso acreditar que você está sendo...

A campainha tocou.

– Chegou alguém aí? – perguntou Evan.

– Eu disse a você que Billy traria Moose.

– Então acho que é melhor você abrir a porta. – Ele desligou.

□

Moose estava se contorcendo tanto que Billy quase o deixou cair. Quando terminamos nosso alegre reencontro, que envolveu muitos latidos e gemidos da parte dele, ofereci um café a Billy.

– Certo, bem rapidinho.

Servi uma xícara de café para nós dois e estávamos indo para a sala de estar quando ele parou à porta da garagem.

– É aí que fica o seu ateliê?

– Sim, nós sempre falamos em construir um nos fundos, mas gosto de ficar mais perto da casa.

– Posso vê-lo?

– É claro, mas está uma bagunça falei, abrindo a porta.

Eu lhe mostrei alguns dos meus equipamentos, rindo quando ele ligou e acelerou a lixadeira. Como um homem típico, Billy teve de experimentar todas as ferramentas mecânicas de Evan. Depois que fechou a última, fomos até a mesinha de cerejeira para abajur e ele passou a mão sobre sua superfície.

– É nisso que você está trabalhando?

– Sim, aplainei essa mesinha ontem. – Cheguei mais perto dele e coloquei a mão sobre a mesa. – Ainda está áspera em alguns pontos.

Ergui os olhos ao ouvir o som de botas pesadas pisando na cozinha. A porta se abriu. Eu e Billy pulamos para trás. O braço de Billy me puxou para as suas costas. O corpo largo do meu pai ocupou o vão da porta. Seus olhos se concentraram em Billy e depois na mão protetora do policial na minha frente.

– Pai! Você quase me matou de susto!

Levei a mão ao peito. As ferramentas deviam ter abafado o som do caminhão.

– Eu bati. A porta estava aberta – disse ele, entrando no ateliê.

– Este é Billy, pai. Um dos meus clientes.

Meu pai o cumprimentou com um sinal de cabeça, mas não sorriu. Olhou para Billy da cabeça aos pés e depois se virou para mim.

– Lauren disse que Moose estava desaparecido, por isso vim ver se você precisava de ajuda.

– Obrigada, pai, mas ele foi devolvido hoje de manhã.

– Estou vendo – resmungou, voltando a olhar para Billy. – Você é policial?

– Sim, há quase quinze anos.

– Conhece Ken Safford?

– Não tenho certeza...

– E Pete Jenkins?

– Acho que não. Acabei de ser transferido do continente, por isso ainda estou tentando conhecer todo mundo.

Fiquei impressionada com a tranquilidade que Billy demonstrava ao mentir.

– Bem, preciso ir – disse Billy. – Obrigado pelo café. Envie-me o novo orçamento por e-mail quando estiver pronto, Sara.

– Está bem. Quer que eu o leve até a porta?

– Não é preciso. Faça companhia ao seu pai.

Meu pai não se moveu, forçando Billy a dar a volta para passar por ele. Nós ficamos sozinhos. Estremeci na garagem fria.

– Está vendo a mesa em que estou trabalhando? – Ele olhou de relance para ela e fez um sinal afirmativo com a cabeça. – Quer uma xícara de café? – Meu pai nunca se sentava e tomava café, mas me surpreendeu dessa vez.

– Se estiver fresco.

Ele estava em pé junto à porta de correr olhando para o quintal quando lhe entreguei a xícara. Fez um sinal afirmativo com a cabeça e depois perguntou:

– Vocês precisam de mais lenha?

– Acho que não. O que temos já é suficiente.

– Pergunte a Evan na próxima vez que ele telefonar. Se precisarem, me avise.

É claro que eu deveria consultar Evan. Imagine se uma mulher saberia alguma coisa sobre isso.

Meu pai tomou um gole de café. Ainda olhando para o quintal, disse:

– Evan é um bom homem.

– É por isso que vou me casar com ele, pai.

Ele resmungou e tomou outro gole.

– É melhor você manter a cabeça no lugar, Sara, ou perderá tudo.

Lágrimas arderam em meus olhos.

– Minha cabeça *está* no lugar. Isso é por causa do que Melanie disse sobre Billy? Eu lhe disse: ele é apenas um cliente. Evan o conhece e...

– Tenho de voltar para o campo. – Ele se virou e pôs a xícara sobre o balcão. Quando estava junto à porta, disse: – Sara, não parece certo outro homem vir aqui quando Evan está fora.

– Não *parece* certo? Para quem?

Ele já estava voltando para o caminhão. Eu o segui.

– Pai, você não pode vir aqui, dizer uma coisa dessas e depois ir embora.

Enquanto entrava no caminhão, ele falou:

– Diga a Evan que suas calhas precisam ser limpas. Parece que a da esquerda está transbordando.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, meu pai fechou a porta e começou a dar ré na entrada da garagem. Fiquei olhando para ele até o som de seu caminhão a diesel desaparecer na distância.



Quando entrei na cozinha, meu celular tocou. Examinei o visor: era John. Ele ainda estava furioso por causa da data do meu casamento? E se tivesse descoberto que menti sobre outra coisa? *Pare. Acalme-se. Apenas atenda o telefone, ou ele ficará realmente zangado.* Engoli em seco e respirei fundo algumas vezes.

– Alô?

– Você não pode mentir de novo.

– Eu não estava... – *Não discuta.* – Tem razão, sinto muito.

Nós dois paramos. Ele perguntou:

– O que há de errado?

– Estou bem. – Lutei contra a vontade de chorar.

– Você não parece bem. – A voz dele mostrava preocupação.

– São só problemas de trabalho – respondi.

- No que está trabalhando?
- Neste momento, em uma mesinha para abajur.
- De que tipo de madeira?
- Cerejeira.
- É uma madeira linda, com tons vivos e bonitos.

Surpresa com a observação dele, concordei:

- Sim, é mesmo.
- Que tipo de ferramenta você usa?
- Na maioria das vezes, ferramentas menores: plainas, tubos de lixa, brocas. Mas trabalhos assim geralmente são feitos com pincéis. – Olhei para os meus. – Logo terei de comprar alguns novos. Eles estão ficando gastos, mas também quero uma garlopa nova.

- Evan deveria lhe comprar essas coisas.
- Posso comprar minhas coisas sozinha. É que me esqueço, só isso.

– Vi o site de Evan. Ele é um dos guias, por isso acho que fica fora o tempo todo. Um marido deveria estar sempre presente.

Ótimo! Um pai acha que meu noivo é bom demais para mim e o outro acha que ele não é bom o suficiente.

- Ele vem para casa com frequência.

Exceto nas próximas semanas, quando tem reservas sucessivas.

- Ele está em casa agora?

Olhei para a porta. Eu a trancara quando entrei?

- Ele vai voltar logo. – Corri para o alarme e me certifiquei de que estava ligado. – E meu cunhado sempre passa por aqui.

Greg nunca passara na minha casa.

- Mas Evan deixa você sozinha e desprotegida?

Prendi a respiração.

- Preciso de proteção?
- Não mais. Tenho que ir, mas telefonarei em breve.



Quando ligou naquela noite, Evan se desculpou por ter se zangado mais cedo e disse que ficava feliz por Billy estar me ajudando. Eu sabia que ele só estava dizendo isso para podermos seguir em frente, mas fiquei mais que feliz em concordar. Não lhe contei que havia acabado de falar com Billy, que me disse que John ligara de algum lugar entre Prince George e Mackenzie. Mais uma vez, eles não tinham chegado lá a tempo, mas fiquei satisfeita por ele ao menos estar indo na direção oposta à da minha casa.

Mais tarde, deitada na cama, pensei em minha conversa telefônica com John, em como ele pareceu preocupado quando achou que eu não estivesse bem. Então percebi que nunca ouvira aquele tom na voz de meu pai. Nem uma única vez. Se John não fosse o Assassino do Acampamento, eu provavelmente teria ficado feliz por enfim ter um pai. Não sabia que pensamento era pior, mas ambos me fizeram chorar.



Na segunda-feira, chegou outra caixa – entregue pelo mesmo motorista e com o mesmo remetente. Quando vi que era da Loja de Antiguidades João e Maria, telefonei imediatamente para Billy. Ele estava em Vancouver com Sandy, reunido com o restante do pessoal da força-tarefa, e me orientou que não a abrisse. Eu ainda estava sentada ao balcão quando John telefonou naquela tarde.

– Recebeu meu presente?

– Ainda não tive chance de abri-lo. – A caixa era maior e mais pesada que a última, mas ainda assim perguntei: – É uma joia de novo?

A voz dele estava excitada.

– Abra agora.

– Agora?

– Gostaria de poder ver a sua cara.

Essa era a última coisa que eu queria.

– Espere, vou abrir.

Com John ainda ao telefone, peguei um par de luvas de jardinagem no ateliê e uma faca para cortar a fita adesiva, sentindo-me culpada por não esperar Billy.

– Já abriu? – perguntou John.

– Estou tirando o papel.

Fosse o que fosse, ele o havia embalado cuidadosamente. Peguei o objeto e tirei o plástico-bolha. Era uma garlopa novinha em folha.

– É linda.

E era mesmo. O cabo era de madeira de lei envernizada, cor chocolate-escuro, e as lâminas brilhavam. Meus dedos coçaram para experimentá-la, mas só me permiti erguê-la, sentir seu peso e imaginá-la deslizando sobre a madeira, com as lascas caindo no chão, retirando anos de... Pare. Ponha-a de volta na caixa.

– Você gostou *de verdade*? Eu poderia comprar uma diferente...

– É perfeita. Foi muita gentileza.

Lembrei-me de como meu pai observava Lauren e Melanie na manhã de Natal, de como sorria quando elas abriam seus presentes e de como saía da sala para buscar outro café quando era a minha vez.

Nós dois ficamos em silêncio.

– John, você parece uma boa pessoa... – *Quando não está matando ninguém nem me ameaçando.* Reuni coragem para a parte seguinte: – Só não entendo por que machuca pessoas.

Nenhuma resposta. Tentei ouvir a respiração dele. Estaria furioso? Tornei-me mais branda.

– Não precisa responder hoje. Mas gostaria que fosse honesto comigo.

– Eu sou. – A voz dele estava fria.

– Eu sei, é claro. Só queria dizer que, se o entendesse, isso me ajudaria a me entender. Às vezes... – Imaginei Sandy e Billy ouvindo. Ignorei-os. – Às vezes tenho pensamentos terríveis.

– Como o quê?

– Eu me irrita muito. Estou tentando mudar isso, mas é difícil. – Esperei, mas, como ele não disse nada, prossegui: – Sinto uma escuridão cair sobre mim e digo coisas horríveis, ou faço coisas realmente estúpidas. Isso melhorou agora que estou mais velha, mas não gosto desse meu lado. Quando era mais nova, cheguei a usar drogas e álcool durante algum tempo, só para tentar

bloquear isso tudo. E fiz algumas coisas das quais me arrependo de verdade. Por isso comecei a frequentar uma psiquiatra.

– Ainda frequenta? – Isso seria considerado ruim ou o encorajaria a procurar ajuda? Quando hesitei, ele me chamou: – Sara?

– Às vezes.

– Você fala sobre mim?

O tom de voz dele me disse o que responder.

– Não, eu não faria isso, a menos que você dissesse que posso.

– Não pode.

– Tudo bem. – Tentei manter a voz casual. – Pode me dizer alguma coisa sobre seus pais? O problema de ser adotada é nunca conhecer sua história.

Meus avós adotivos, tanto maternos quanto paternos, já tinham morrido, mas ainda me lembrava do jeito brusco do meu avô materno alemão e de como minha avó materna mal falava inglês e vivia correndo pela cozinha como se tivesse medo de parar de se mover. Meus avós paternos eram trabalhadores: um carpinteiro casado com uma dona de casa. Eles eram bons para mim, mas bons *demais*. Tentavam com tanta intensidade fazer com que eu me sentisse parte da família que eu me sentia diferente. Minha avó sempre me observava com olhos preocupados e me dava um abraço e um beijo extras junto à porta.

– O que você quer saber?

– Como era seu pai?

– Era escocês. Quando ele falava, você tinha de ouvir. – Imaginei um homem grande com cabelos ruivos, gritando com John com uma voz grossa. – Mas aprendi a sobreviver.

– Sobreviver? – Ele não disse mais nada, por isso perguntei: – Como ele ganhava a vida?

– Ele trabalhava com exploração de madeira e cortou árvores até o dia em que morreu. Apesar de estar tendo um ataque cardíaco, derrubou um abeto de Douglas de 45 metros. – John riu e continuou: – Ele era um filho da mãe desgraçado. – John riu de novo e eu me perguntei se isso era algo que ele fazia quando se sentia desconfortável.

- E sua mãe? Como ela era?
- Era uma boa mulher. As coisas não foram fáceis para ela.
- Então os dois morreram?
- Sim. De que tipo de filme você gosta?

Desconcertada com a brusca mudança de assunto, demorei a responder.

– Filmes... gosto de muitos diferentes. Precisam ter ação. Eu me sinto entediada com facilidade.

– Eu também. – Ele ficou calado por alguns segundos e depois disse: – Aproveite bem o resto do seu dia, Sara. Conversaremos mais em breve.



Telefonei para Billy logo em seguida, mas ele só podia falar comigo dali a dez minutos, tempo que passei andando de um lado para outro. Ele me disse que John agora estava em algum lugar perto de Mackenzie, que fica a nordeste de Prince George. Toda a área é de parques municipais e cadeias de montanhas, e por isso ele desaparecera de novo, mas Billy disse que eu tinha me saído muito bem e que realmente parecia que John estava estabelecendo uma conexão comigo. Billy também não reclamou de eu ter aberto a caixa. Disse apenas que entendia que eu de fato tinha ficado em uma situação difícil e que logo eles iriam buscá-la. Achavam que era provável que John a tivesse enviado de Prince George. Fazia sentido, porque aquela era a maior cidade do norte, onde havia, portanto, mais depósitos e menos chances de ele chamar atenção. Então Billy me lembrou de telefonar para eles imediatamente se John enviasse outra caixa. Mais tarde, Billy me mandou um e-mail com uma ótima citação:

“Se você conhece o inimigo e a si mesmo,
não precisa temer o resultado de cem batalhas.”

Ele devia estar sentado ao computador, porque quando respondi a seu e-mail perguntando o que aquilo significava, ele respondeu em questão de segundos: “Significa que você fez um ótimo trabalho hoje, garota. Agora vá para a cama!”

Eu ri e lhe enviei outra resposta rápida: “Você também!” E desliguei o computador. Quando estava indo me deitar, o telefone

fixo tocou de novo. Pensei que fosse Evan querendo me desejar uma boa noite, mas era John.

– Oi, John. Está tudo bem?

– Só queria ouvir sua voz de novo antes de encerrar a noite.

Encolhi-me de medo, mas disse:

– Isso é bom.

– Realmente gostei de nossa conversa hoje.

– Eu também. Gostei quando você me falou sobre sua família.

– Por quê?

– Bem... – Eu não havia esperado que ele perguntasse detalhes. – As outras crianças na escola, todos os meus amigos, sabiam de onde tinham vindo. Mas meu passado era apenas um buraco negro. Isso fez com que eu me sentisse isolada das pessoas comuns, como se fosse diferente ou estranha. Acho que finalmente ouvir algumas histórias fez com que eu me sentisse normal.

– É bom passar a conhecê-la. – Ele parou por um instante e então disse: – Enquanto estava jantando, pensei no que você me disse antes.

– Sobre o quê?

– Sobre se irritar. Também fico zangado.

Lá vamos nós.

– Que tipo de coisa deixa você zangado?

– É difícil de explicar. Você poderia não entender.

– Gostaria de tentar. Também quero conhecê-lo melhor.

Estava sendo sincera. Não porque ele poderia revelar algo que ajudasse a polícia a pegá-lo. Também queria saber quanto tínhamos em comum.

John não disse nada imediatamente, por isso continuei:

– Naquele dia, parecia que você estava com dor quando telefonou.

– Estou bem. Já lhe contei que quando eu era criança tivemos um rancho?

Frustrada por ele ter mudado de assunto de novo, tomei fôlego e disse:

– Não, mas deve ter sido ótimo crescer em um lugar assim. Quanta terra vocês tinham? – perguntei, esperando que ele mencionasse de onde era.

– Tínhamos uns quatro hectares na base de uma montanha. – A voz de John pareceu excitada. – Os vizinhos traziam animais doentes para minha mãe o tempo todo. Ela só usava remédios naturais, ervas para tosse, coisas assim. Colocava os pintinhos e os gatinhos dentro da blusa para mantê-los aquecidos e podia quase ressuscitá-los. – Ele deu uma risada alegre. – Quando eu era criança, tínhamos muitos cães de fazenda que já estavam tendo filhotes. O menor dos filhotes, Angel, era meu. Ele era mestiço de husky com lobo e eu o criei dando a ele leite de uma garrafa. Ele ia para todo canto comigo... – A voz de John se tornou desanimada. – Mas então ele fugiu. Minha mãe disse que era a natureza dele. Tentei encontrá-lo, mas nunca consegui.

– Eu... sinto muito.

– Estou feliz por ter encontrado você, Sara. Boa noite.

Fiquei acordada durante horas.



Eu esperava me sentir melhor depois de falar com você. Mas estou começando a achar que nada poderá fazer com que eu me sinta melhor. E também que nunca irão pegar John. O segundo telefonema veio do norte de Mackenzie, de perto de Chetwynd, que fica nos contrafortes das Montanhas Rochosas. Eles pensaram ter alguma coisa quando um rancheiro local disse ter visto um caminhão na beira da estrada, mas eram apenas caçadores. Marquei em um mapa todos os lugares dos quais John ligou. Todos o levavam para mais longe de mim, fisicamente, mas cada vez mais para dentro da minha mente, distorcendo minhas percepções, como se alguém estivesse me virando de lado e fazendo tudo parecer diferente.

Estou certa de que faz sentido para você eu estar desequilibrada, considerando-se tudo, mas acho que é mais que isso. Mais como uma reviravolta interior. Como um daqueles vulcões que ficam inativos durante anos e um dia simplesmente

explodem. Não estou dizendo que vou explodir, embora isso seja possível, mas parece que algo grande se rompeu dentro de mim. Talvez porque durante muitos anos usei o fato de ter pais verdadeiros em algum lugar no mundo como um consolo para tudo de que não gostava na minha família.

Isso é como achar que lhe deram a vida errada e que você precisa ter a vida *certa* para que tudo fique bem, e depois descobrir que não existe uma vida certa. Ou que a vida certa no final das contas era a vida errada ou... não importa, você sabe o que quero dizer. Mas então penso em meu temperamento e em meus impulsos de atacar os outros com palavras e às vezes fisicamente, nas explosões de raiva de Ally, na linha que nós duas às vezes cruzamos quando perdemos o controle, e me pergunto se realmente pertencemos àquela outra vida, àquela outra família.

Quando lhe contei que tinha encontrado minha mãe, disse que isso era como andar sobre gelo fino. Como cair diretamente na água gelada. Você luta para voltar à superfície, com os pulmões ardendo e concentrada naquele feixe de luz acima de você. Mas quando finalmente consegue chegar lá, a água voltou a congelar e o buraco se fechou.

DÉCIMA SESSÃO



unca senti tanto medo na vida. Ainda não posso

acreditar que realmente pensei que estivesse no controle da situação com John. Sou uma grande *idiota*. Você me preveniu contra o excesso de confiança. Realmente pensei que só porque John tinha me perguntado sobre minhas ferramentas e meu trabalho e me falado sobre seu *cão* eu tinha algum controle sobre ele? John está totalmente no controle, e sabe por quê? Porque morro de medo dele, e ele sabe disso.



Um dia depois de nossa última sessão, outra caixa foi entregue em minha casa. Eu sabia que deveria esperar até que Sandy e Billy a abrissem, mas queria saber se John havia me enviado outra ferramenta. Por um momento, me perguntei por que isso importava e depois afastei esse pensamento. A tal caixa era menor e mais leve que a que tinha vindo com a garlopa. Sacudi-a um pouco, mas não ouvi nada. Depois de encontrar algumas luvas, abri-a cuidadosamente e tirei uma caixa ainda menor de dentro dela. E se fosse a joia de outra vítima? Ponderei durante meio segundo sobre telefonar para Billy e depois levantei a tampa da caixa.

Uma pequena boneca rústica de metal, de uns dez centímetros de altura e alguns centímetros de largura nos ombros estava acomodada sobre camadas de algodão. O corpo parecia feito de algum tipo de metal pesado escuro, como ferro ou aço. Os braços e as pernas eram grossos e retos como os de um soldado de brinquedo. Os pés e as mãos eram apenas bolas de metal. A boneca usava uma pequena saia de brim e uma camiseta amarela. As roupas eram delicadas, com pontos de costura elaborados. A cabeça também era uma bola de metal. Mas ela não tinha rosto. Nem boca nem olhos. Seus cabelos castanhos eram lisos e longos,

divididos no meio, e estavam presos no alto da cabeça. Leves traços de cola eram visíveis nos fios, mas apenas se você olhasse atentamente. Por que John me enviara aquilo? Examinei de novo a caixa principal para ver se ele incluía um bilhete, mas a caixa estava vazia. Olhei de novo para a boneca, maravilhada com as roupas, os cabelos...

Os cabelos.

Recoloquei a boneca na caixa e telefonei para Billy. Vinte minutos depois ele e Sandy chegaram à minha casa. Eu estava esperando na entrada da garagem, andando de um lado para outro com Moose nos braços, quando Billy saiu do carro.

- A caixa está na cozinha – falei.
- Você está bem?
- Estou *surtando*.
- Vamos tirar a caixa daqui o mais rápido possível.

Ele deu um rápido aperto em meu ombro e acariciou o alto da cabeça de Moose.

As primeiras palavras de Sandy quando ela saiu do carro foram:

- Pensei que tivéssemos combinado que você entraria em contato conosco na próxima vez que uma caixa chegasse.
- Mudei de ideia – falei, entrando de volta em casa.
- Sara, isto é uma investigação.

Ela estava bem atrás de mim quando chegamos aos degraus da frente.

- Eu sei – respondi, lutando contra a vontade de bater a porta na cara dela.

- Você poderia contaminar as evidências.

Eu me virei.

- Usei *luvas*.
- Isso ainda não...

- Venha, Sandy – chamou Billy. – Vamos dar uma olhada.

Ela passou rapidamente por mim e foi direto para a cozinha. Billy ergueu um dedo para mim, repreendendo-me pelas costas dela.

Dei de ombros como se dissesse não ter podido evitar. Ele sorriu e depois se concentrou na caixa.

Sandy pôs uma maleta flexível sobre o balcão da cozinha, retirou dela dois pares de luva, entregando um a Billy. Eles ficaram de costas para mim enquanto examinavam a caixa. Depois de um minuto que passou arrastado, Sandy pegou a caixa de joias menor e levantou a tampa.

– Isso é cabelo de verdade, não é? – perguntei. – Vocês acham que é de uma das vítimas?

Nenhum dos dois se virou. Sandy ergueu uma das mãos.

– Sshhh...

Se eu ainda gostasse dela, isso teria me feito parar de gostar.

Finalmente, depois de alguns minutos que pareceram horas, Sandy murmurou algo para Billy. Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça. Sandy pôs a caixa de joias em um saco plástico enquanto Billy ensacava a caixa maior.

– Vamos levar isto para a delegacia – disse Sandy, virando-se.

– Então o cabelo é de uma das garotas?

– Só teremos certeza depois que o laboratório fizer alguns testes. – Ela passou por mim segurando o saco com a evidência. – Manteremos contato. – Parou com a mão na maçaneta da porta da frente e franziu as sobrancelhas para Billy, que ainda estava na cozinha.

– Vamos, Billy.

– Vá na frente. Já estou indo.

Ela lhe lançou outro olhar e saiu.

Virei-me para Billy.

– Qual é o problema dela?

– Sandy só está frustrada porque nenhuma das pistas está levando a lugar nenhum.

– Você não parece frustrado.

– Tenho momentos de frustração, mas permaneço focado. Estou construindo o caso na base de um tijolo de cada vez. Se um deles cai, passo para o próximo. Mas procuro o tijolo *certo*. Se eu

juntar os tijolos sem me certificar de que todos se encaixam, a estrutura irá desabar. Mesmo depois de pegarmos John, ainda haverá um julgamento. É por isso que é importante ser paciente. – Ele me lançou um olhar severo. – Não podemos nos arriscar a perder e a contaminar evidências com uma fibra de suas roupas. Um erro, e ele escapará para sempre. Acredite em mim, isso já aconteceu.

– Eu entendo. Não deveria ter aberto a caixa.

Billy assentiu com a cabeça.

– Sei que você foi cuidadosa e usou luvas, mas essa é uma das normas do departamento da qual não podemos fugir. Lembre-se de que estou do seu lado. Nós dois temos o mesmo objetivo: pôr John atrás das grades. Uma peça de evidência certa, e o pegaremos.

– E quanto às caixas? Alguém viu quando ele as enviou?

– Um balconista em Prince George achou que se lembrava da pessoa que enviou a primeira caixa, mas sua descrição foi de um homem com uma barba escura, óculos de sol e um boné de beisebol puxado sobre o rosto. Provavelmente John estava usando um disfarce. Nós rastrearemos esta caixa imediatamente, mas a menos que o depósito tenha uma câmera ou que alguém tenha visto o veículo dele, não avançaremos muito mais que isso.

– E quanto à garlopa? Vocês não podem descobrir onde ele a comprou?

– Notificamos todas as lojas do interior que as vendem, mas há literalmente centenas delas.

– Que droga! E entendo por que vocês ficam frustrados, mas gostaria que Sandy deixasse a pose de lado.

– Ela fez amizade com muitas das famílias das vítimas e sempre que John escorrega por entre nossos dedos ela sente que as está decepcionando. Sandy libera sua tensão em voz alta. Mas isso não tem nenhuma relação com você. Você está se saindo muito bem. O telefonema da noite passada foi perfeito.

– Ainda acho que não estou arrancando o suficiente dele.

– Lembre-se: um tijolo de cada vez. Qualquer coisa que ele revele é mais do que sabíamos. “Não persiga um inimigo que finja

retroceder.” Se o pressionar demais, é possível que ele fique desconfiado.

– Não sei, talvez... Às vezes parece que ele é um pouco desligado mentalmente, sabe? Não apenas violento, mas também desconectado da realidade. Ele não parece nem um pouco preocupado.

– Ele é confiante e arrogante. Mas isso não o torna menos perigoso. Lembre-se disso. – Lá fora, uma buzina tocou. Billy sorriu. – É melhor eu ir, antes que ela vá embora e me deixe aqui.

Enquanto eu o levava até a porta, falei:

– Outro dia li uma matéria sobre assassinos que guardam troféus e lembrancinhas. Você disse que as joias são as lembrancinhas de John. Então, o que é a boneca?

– É isso que precisamos descobrir. Mas sinta-se à vontade para me enviar por e-mail qualquer matéria que desperte algo em você, mesmo que sejam dúvidas apenas ou observações fortuitas. Estamos acostumados a ver tudo da nossa perspectiva, mas você poderia ter uma perspectiva nova.

– Vou me lembrar disso. Ando fazendo muitas pesquisas, mas não sei se isso vai me ajudar muito: apenas me assusta e depois demoro horas para conseguir dormir.

– Você comprou um exemplar de *A arte da guerra*?

– Sempre me esqueço, mas vou tentar comprar nesta semana.

– Isso a ajudará. Geralmente fico acordado até tarde revendo minhas anotações ou o arquivo, portanto sinta-se à vontade para me ligar quando precisar tirar algo da cabeça. – Ele sustentou meu olhar. – Nós vamos pegá-lo, Sara. Farei tudo o que estiver ao meu alcance, está bem?

– Obrigada, Billy. Eu realmente precisava ouvir isso.



John telefonou mais tarde naquela noite. Felizmente Ally já estava na cama, mas permaneci no andar de baixo, para ter certeza de que ela não me ouviria.

– Recebeu meu presente?

– É realmente bonito. Obrigada. Foi você que fez?

Ao lhe agradecer, percebi que era a primeira vez que fazia isso.

– Sim.

– Os detalhes são incríveis. Como você aprendeu a fazer isso?

– Minha mãe me ensinou a costurar. Também me ensinou a trabalhar com couro.

– Isso é realmente ótimo. Sua mãe deve ter sido uma mulher caprichosa. Você nunca me disse qual era a origem dela.

– Ela era haida, das ilhas da Rainha Carlota.

– Então sou em parte descendente das *Primeiras Nações*?

O tom dele era de orgulho agora.

– Os haidas acreditam na transmissão de suas histórias através das gerações, e agora posso passar a minha a você. Tenho algumas boas histórias de caçadas. Poderia escrever um livro. – Ele deu uma risadinha. – Você sabia que um urso é parecido com um humano quando tem a pele arrancada? Principalmente as mãos e os pés. Só que os pés são para trás e o dedão é para fora.

– Não, eu não sabia disso. – E *não queria* saber. – Você caça ursos?

Mantive o tom interessado enquanto tentava assimilar o fato de minha avó ser das *Primeiras Nações*.

– Alces, renas, ursos – respondeu ele.

Lembrando que Sandy me pedira que descobrisse tudo o que pudesse sobre as armas dele, perguntei:

– Você tem uma arma especial que gosta de usar?

– Tenho algumas armas, mas minha favorita é uma Remington .223. Atirei no meu primeiro urso quando tinha 4 anos. – Ele pareceu satisfeito consigo mesmo. – Abati meu primeiro veado quando tinha apenas 5.

– Com seu pai?

– Atiro melhor que ele. – Sua voz se tornou séria. – E serei um pai melhor. – Antes que eu pudesse lhe perguntar o que aquilo queria dizer, ele perguntou: – Qual era seu sorvete favorito quando criança?

Durante o resto do telefonema ele fez mais perguntas desse gênero. Qual era meu refrigerante favorito, de que tipo de biscoito eu gostava mais, se os de chocolate com manteiga de amendoim ou os sem recheio? As perguntas vinham com tanta rapidez que eu não tinha tempo de pensar em mentiras. Estava ficando com a sensação de que ele era um apreciador de junk food. Mas a única coisa específica que John revelou sobre si mesmo foi que adorava o McDonald's, principalmente Big Macs. Perguntei se esse pequeno detalhe deixaria Sandy feliz ou apenas frustrada por não poder inspecionar todos os McDonald's sozinha.

Nós estávamos ao telefone havia dez minutos, mas eu me sentia exausta, esgotada com as perguntas de John e o esforço para avaliar a reação dele a cada resposta. Forçando-me a parecer gentil para não perder o terreno que acabara de conquistar, disse:

– John, estou adorando falar com você, mas realmente preciso ir para a cama.

Ele suspirou.

– Vá descansar um pouco, nos falaremos em breve.

□

Billy me telefonou alguns minutos depois para dizer que John estava viajando para o sul pela Yellowhead Highway. Eles achavam que ele estava em McBride, uma cidadezinha entre as Montanhas Rochosas e Cariboo. A cidade tem menos de mil habitantes, mas ninguém notou a presença de uma pessoa que se encaixasse na descrição de John. A polícia estava começando a se perguntar se ele já não havia frequentado essas áreas, pois ele poderia não estar aparecendo na tela do radar de ninguém como um estranho por ser uma pessoa *conhecida*. Esperando que John continuasse rumo ao sul pela mesma rodovia, a polícia estava se certificando de que todos os postos de gasolina, paradas de caminhões e lojas tivessem sua descrição. Quando finalmente desligamos, fui direto para a cama, mas não consegui dormir. Fiquei apenas olhando para o teto e me perguntando se John estava na rodovia agora, mais perto a cada minuto que passava.

□

No dia seguinte, mais uma caixa. Dessa vez, telefonei para Sandy e Billy imediatamente. Achei que fossem apenas pegá-la e ir

embora, mas eles a abriram comigo para que, se John telefonasse, eu soubesse o que havia dentro.

A boneca agora era loura.

Eu quis chorar ao ver os cachos sedosos, a pequena blusa sem mangas de poá e o short branco, me perguntando de que mulher eram aqueles cabelos e se tinham sido motivo de orgulho e alegria para ela.

Eles acharam que John havia enviado a caixa de Prince George e checariam todos os depósitos da área, mas eu já sabia que John era esperto o suficiente para usar um disfarce. Depois que Sandy e Billy saíram, subi a escada e visitei novamente o site do Assassino do Acampamento. As fotos de sua primeira vítima mostravam uma mulher de cabelos pretos. Depois vi as fotos da segunda. Suzanne Atkinson tinha cabelos castanhos lisos divididos no meio. A terceira vítima, Heather Dawson, a mulher que ele matou depois que Julia fugiu, estava com um grande sorriso na foto, seu rosto em forma de coração emoldurado por cachos louros brilhantes. Eles deviam ter sido motivo de orgulho para ela. Na última vez em que foi vista, usava uma blusa sem mangas de poá.

Telefonei para Billy imediatamente.

– Vocês *sabiam* que ele pegava pedaços das roupas e dos cabelos delas.

Billy ficou quieto por um instante e depois disse:

– Sabíamos, mas não sabíamos o que ele fazia com isso.

– O que mais vocês estão escondendo?

– Nós tentamos lhe dar o máximo possível de informações sem pôr em risco a investigação.

– E quanto a me pôr em risco? Eu não deveria...

– Nós a estamos *protegendo*, Sara. John é um homem que realmente sabe ler a mente das pessoas. Quanto menos você souber, melhor. Se você inadvertidamente revelasse algo que só a polícia poderia saber, nós o perderíamos, ou talvez acontecesse algo pior.

Inspirei fundo, soltando o ar devagar. Gostasse disso ou não, havia sentido no que Billy estava dizendo.

– Odeio ser deixada na ignorância. *Odeio*.

Ele riu.

– Não posso culpá-la nem um pouco por isso. Prometo lhe dizer tudo o que você precisar saber, quando o soubermos, está bem?

– Você pode me dizer por que ele as deixa sem rosto?

– Meu palpite é que ele as está despersonalizando. Por algum motivo põe as blusas das vítimas sobre as cabeças delas. Não consegue olhá-las no rosto.

– Foi o que pensei também. Você acha que ele sente vergonha?

– Se você lhe perguntasse, ele diria que sim. John é um psicopata. Sabe fingir emoções. Mas não acredito que ele realmente as sinta nem por um minuto.



John telefonou de novo naquela noite e consegui lhe agradecer pela boneca. Mas dessa vez perguntei:

– Você pode me falar sobre a garota?

– Por quê?

Então ele não ia negar que aquilo era de uma de suas vítimas.

– Não sei. Curiosidade, talvez. Como ela era?

– Ela tinha um belo sorriso.

A foto dela surgiu em minha mente. Pensei em John tocando-a. Pensei em sua linda boca implorando para que ele parasse. Fechei os olhos.

– Foi por isso que você a matou?

Ele ficou quieto. Prendi a respiração. Depois de um instante John respondeu:

– Eu a matei porque tive de fazer isso. Já lhe disse, Sara. Não sou mau.

– Eu sei, mas é por isso que não entendo por que você *teve* de matá-la.

Ele pareceu frustrado quando falou:

– Ainda não posso lhe dizer.

– Pode me dizer por que fez uma boneca com as roupas dela? Estou realmente interessada em seu... – Como eu deveria chamar isso? – Seu processo.

– Assim ela fica comigo por mais tempo.

– E isso é importante? Ela ficar com você?

– Isso ajuda.

– Ajuda em quê?

– Apenas ajuda, está bem? Falaremos mais sobre isso em outro momento. Você sabia que o besouro do pinheiro deixa a madeira azul?

Não tive a sensação de que ele mudou de assunto para evitar alguma coisa. Foi mais como se outro pensamento lhe tivesse ocorrido e ele o expressasse. Eu odiava o modo como ele me fazia lembrar de mim mesma.

– Eu li sobre isso, mas nunca trabalhei com nada do tipo.

– Sabe, não é o besouro que mata as árvores. É o fungo que ele carrega. – John parou, mas eu não soube o que dizer e ele continuou: – Tenho lido sobre madeiras diferentes e ferramentas para podermos ter coisas sobre as quais falar. Quero saber tudo sobre você.

Estremeci.

– Eu também. E quanto a você? Faz outras coisas além de bonecas?

– Gosto de trabalhar com materiais diferentes.

– Mas obviamente você tem talento para trabalhar com metal. É soldador?

– Sei fazer muitas coisas. – Aquela não foi uma resposta direta, por isso eu estava prestes a repetir a pergunta quando ele disse: – Preciso ir, mas tenho uma pergunta para você.

– Sim, diga.

– Como se chama um urso-pardo sem pelo?

– Hum... não sei.

– Um urso-pelado!



Ele telefonara de Kamloops, uma das maiores cidades do interior, a cerca de cinco horas de sua última localização. Mas o fato de John estar em uma área mais populosa não nos ajudava – havia um rodeio com duração de três dias e ele telefonou de algum lugar no meio dele. Billy parecia confiante ao me dizer que estavam procurando na multidão, mas senti raiva em seu tom contido, suas frases curtas.

John telefonou três vezes na manhã seguinte. A primeira coisa que perguntou foi onde as bonecas estavam e o que eu faria com elas.

Sua voz estava tensa, por isso eu disse rapidamente:

– Fiz uma prateleira especial para elas em meu ateliê, que é onde passo a maior parte do tempo.

– Está bem, isso é ótimo. – Mas então ele perguntou: – Tem certeza de que elas estão seguras lá? E quanto à serragem? Ou substâncias químicas? Você trabalha com substâncias químicas?

Eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça:

– É uma vitrine trancada: elas estão protegidas pelo vidro. – John não disse nada, mas ao fundo pude ouvir barulho de trânsito. Perguntei: – Você gostaria de que eu as mandasse de volta? Vou entender se você...

– Não. Preciso ir.

Ele telefonou vinte minutos depois, perguntando mais uma vez se eu havia gostado das bonecas. Dez minutos mais tarde ligou de novo. Sua voz parecia mais ansiosa a cada telefonema. Finalmente ele disse que precisava ir, que não estava se sentindo bem.

Eu também não estava me sentindo muito bem. Mal dormia desde que ele começara a me enviar coisas. Quando dormia, meus sonhos eram assombrados por mulheres gritando ao serem perseguidas por figuras de metal. Eu esperara dormir naquela manhã porque era sábado e não tinha de levar Ally para a escola, mas não havia nenhuma chance de isso acontecer depois daqueles telefonemas de John. Billy ligou imediatamente para me dizer que o últimos telefonemas vinham dos arredores de Kamloops e que todos os policiais disponíveis na área estavam patrulhando as estradas.

Ally e eu brigamos a manhã inteira. Juro que ela sente quando estou no limite da paciência e escolhe esse momento para protelar

tudo. Quanto mais eu tentava apressá-la, mais perturbada ela ficava. Chegou a arrancar o celular da minha mão e a jogá-lo na outra extremidade da sala de estar. Graças a Deus caiu no sofá. Mas realmente me irritei – quase me esqueci de que ela tinha de ir a uma festa de aniversário naquela tarde, por isso tivemos de parar no caminho para comprar um presente.

Ally queria dar um walkie-talkie do Homem-Aranha para o garoto, mas a loja não tinha e estávamos sem tempo para ir a outra. Eu lhe garanti que Jake gostaria do kit de ciências, sentindo-me a pior mãe do mundo ao ver como ela ficou decepcionada. Depois que deixei Ally na festa e voltei para casa, planejei trabalhar um pouco. Mas então recebi um telefonema de Julia.



Não reconheci o número no telefone sem fio, mas o código de área era de Victoria e podia ser um cliente.

As primeiras palavras que saíram da boca de Julia foram:

– Ele telefonou para você de novo?

– Ah...

A polícia me dissera para não falar nada a ninguém, mas ela estava no mesmo barco que eu. Não tinha o direito de saber?

– Sim, telefonou.

– Ele lhe enviou meus brincos. Precisei *identificá-los*.

Eu não tinha nada a dizer sobre aquilo, mas tive a impressão de que ela não esperava que eu dissesse nada.

– Ele falou algo sobre mim? – perguntou Julia.

A voz de John soou em minha cabeça. *Vi a foto de Julia no jornal.*

– Não, nada.

– Quero me mudar, mas Katharine acha que deveríamos ficar. Não consigo nem dormir. – Seu tom estava amargo. Acusatório.

– Eles disseram que vão pegá-lo...

– É isso que Sandy diz, mas já me disseram isso tantas vezes...

– Você tem falado com Sandy?

– A polícia me mantém atualizada. – Que ótimo, pensei. – Tenho de ir.

– Quer que eu telefone para você se...

Se o quê?

Mas ela já tinha desligado, e fiquei sem saber por que telefonara. Então me perguntei se ela própria sabia.

□

Liguei para o celular de Sandy e, assim que ela atendeu, falei:

– Acabei de falar com Julia.

– Você telefonou para ela de novo?

Por que Sandy presumia que eu tivesse ligado para Julia, e não o contrário? Meu rosto ficou quente.

– *Ela* ligou para mim.

– Espero que não tenha discutido o caso com ela.

– Julia perguntou se ele telefonou de novo, e respondi que sim. Só isso.

– Sara, você precisa tomar cuidado com...

– Ela já sabia que ele tinha telefonado e me enviado os brincos dela. Se eu negasse tudo, teria perguntado mais. De qualquer modo, Julia disse que você a está mantendo informada.

Sandy ficou calada, por isso fiz minhas próprias perguntas.

– O que vocês descobriram sobre as bonecas? São os cabelos das vítimas, não são?

– Ainda estamos esperando os resultados do exame de DNA.

– Vocês avisaram às famílias?

– Ainda não. Precisamos tomar cuidado com a maneira de abordar o assunto. As famílias não sabem que o Assassino do Acampamento está em contato com alguém.

– Depois de todos esses telefonemas de hoje, por favor, diga que vocês têm uma pista.

– Ainda não. – Sua voz soou seca. – Os telefonemas indicam que John estava se aproximando de Cache Creek, indo para o oeste

de Kamloops. Há muitos parques municipais na área, por isso é provável que ele esteja viajando por estradas secundárias.

– Será que está voltando para o norte?

– Tente não especular, Sara. – Seu tom de professora estava me irritando.

– Não é isso que a polícia faz?

Eu estava orgulhosa de minha resposta mordaz até ela explicar:

– Não, fazemos uma análise cuidadosa de dados e fatos e depois chegamos a uma conclusão baseada em provas concretas.

– Está certo. Então há *dados* ou *fatos* que possam nos dar uma ideia do que John faz para ganhar a vida? Ele parece viajar muito, por isso eu estava pensando se não poderia ser um motorista de caminhão, entregador ou...

– Tudo são possibilidades. Vou entrar em uma reunião agora. Quer que eu peça a Billy que lhe telefone para que vocês possam conversar mais sobre isso?

– Não, não é preciso.

Desliguei o telefone de mau humor. O que eu tinha feito àquela mulher?



Trabalhei no ateliê até a hora de buscar Ally. Tentava terminar a mesinha de cerejeira para abajur, mas meu coração não estava nela. Não ajudou o fato de o comentário de John sobre “tons vivos” ficar continuamente ressurgindo em meu cérebro. É claro que ele gostava de madeira! Provavelmente o fazia se lembrar de sangue. Estremeci àquele pensamento macabro. Estava acostumada a ficar longe de Evan por longos períodos, sobretudo no verão, e isso nunca fora fácil. Mas hoje, especialmente, estava sentindo uma falta terrível dele e desejava poder lhe telefonar, mas Evan saíra de barco e ficaria fora o dia inteiro.

Nós nos falávamos todas as noites. Tivemos uma longa conversa depois que descobri que era descendente das Primeiras Nações, o que Evan achou ótimo. Mas era estranho saber que Sandy ou Billy, ou qualquer outra pessoa, poderia nos ouvir sempre que quisesse. Também era difícil quando eu conversava com Lauren,

porque ela frequentemente dizia algo pessoal e eu sabia que o telefone estava grampeado, mas ela não. Tentava me ater a dois assuntos: filhos e casamento. Mas não contar a ela a realidade estava me matando.

Finalmente fizemos planos de comprar vestidos no domingo. Nós nos encontraríamos em minha casa de manhã e iríamos para Victoria em meu carro. Lauren já estava assando alguma coisa e eu sabia que traria uma garrafa térmica com café. Quanto à Melanie, bem... eu tinha certeza de que ela traria seu ar desafiador. Torcia desesperadamente para que John não desse notícias.

O resto da tarde passou tranquilamente e depois fui buscar Ally, que estava tão cansada que caiu na cama depois do banho. Quando a coloquei para dormir, ela me contou que Jake já tinha dois kits de ciências. Eu me senti tão mal que lhe disse que em breve levaria alguns de seus amigos a uma matinê, mas ela observou: “Você vai esquecer, mãe.” Jurei que não me esqueceria, e meu coração estava partido por Ally duvidar de mim. Quando lhe dei um beijo e lhe desejei boa noite, sussurrando que a amava, ela não retribuiu dizendo que também me amava. Eu disse a mim mesma que ela só estava cansada. Mais tarde, Evan telefonou e conseguimos conversar bastante, até que eu ouvi o celular tocar.

– Espere um segundo, querido. – Examinei o visor. – É John.

– Depois me telefone.

Peguei o celular.

– Alô?

– Sara... – Houve uma longa pausa.

– Você ainda está aí? – perguntei.

– Gostou das bonecas?

As últimas palavras saíram arrastadas e me perguntei se ele estivera bebendo. Ouvi barulho de trânsito ao fundo.

– Você está dirigindo?

– Eu lhe fiz uma pergunta, Sara.

Essa era uma frase que meu pai usava com frequência quando eu era pequena e que sempre me fazia não ter nenhuma vontade de responder, mas respondi:

– Sim, gostei. Já lhe disse isso.

– Eu não tinha certeza... não tinha certeza de que você gostaria.

A fala estava arrastada de novo.

O que eu deveria fazer agora? Esperei ele continuar.

– É assim que deveria ser. Pai e filha... conversando.

– É claro.

Tudo o que ouvi foi sua respiração.

– Significou muito para mim você ter enviado as bonecas – falei. – Sei que elas são importantes para você. – Fiz uma pausa, mas ele continuou quieto. – E gosto quando conversamos. Você é um homem interessante.

Deixá-lo acreditar que eu gostava de algo nele era a morte para mim.

– Sou?

– Sim, muito. Tem ótimas histórias.

– Lembre-me de lhe contar sobre a vez... em que matei um urso usando apenas minha .22 e com um único tiro. O desgraçado estava me rastreando... Você sabia que os ursos-pardos rastreiam e matam outros ursos?

Eu ia responder à pergunta quando, do outro lado da linha, a buzina de um carro se fez ouvir ao fundo.

– Falaremos mais em breve. – Então desligou.

Telefonei de novo para Evan e lhe contei o que acabara de acontecer.

– Isso é estranho.

– Estou falando sério. Amanhã vou a Victoria com as garotas e não sei o que farei se John telefonar.

– Fale com ele como se falasse com uma pessoa normal. Diga-lhe que está ocupada.

– Mas ele *não* é uma pessoa normal.

– Vamos mudar de assunto. Como foi a festa de Ally hoje?

– Quase a perdemos porque John telefonou três vezes pela manhã. Foi horrível. Eu me esqueci da festa, então tivemos de comprar um presente a caminho de lá. Ally ficou muito chateada.

– Pobre Ally! Ela está se sentindo negligenciada.

– Como? Está dizendo que eu estou *negligenciando* minha filha?

– Não quis dizer isso. Não vamos começar novamente.

– Você já começou, Evan. Já me sinto mal o suficiente sem suas críticas.

– Desculpe-me se eu disse algo errado. Sei que você está passando por um momento difícil.

Ficamos em silêncio por um momento. Imaginei Sandy em uma sala em algum lugar, com os fones de ouvido, ouvindo meus problemas de relacionamento e dando aquele sorriso condescendente.

– Fico grata por se preocupar comigo – falei.

– Eu me preocupo.

– Eu sei, mas sou capaz de cuidar de mim mesma.

Ele riu.

– Ei! Eu fiz isso muito bem durante anos! – reclamei.

A voz de Evan foi provocadora:

– Admita que você era desequilibrada antes de se apaixonar por mim.

Dessa vez eu ri, não me importando com o fato de Sandy estar ouvindo ou não.



No dia seguinte, as garotas chegaram por volta das nove e meia da manhã, logo depois que deixei Ally na casa de Meghan. Entramos no carro. Lauren trouxera pães e café. A viagem foi divertida: as três falávamos ao mesmo tempo e Lauren fazia piadas sobre noivas em fuga. Até mesmo Melanie estava de bom humor, embora quase tivéssemos brigado quando ela me pediu meu celular emprestado porque tinha esquecido o dela. Quando hesitei, ela ficou olhando para mim, então eu o peguei em minha bolsa e o entreguei a ela. Estava morrendo de medo de que John telefonasse

enquanto ela estivesse falando, mas Melanie deu apenas um telefonema rápido para Kyle.

A manhã voou enquanto percorríamos as lojas da cidade. Eu e Evan planejávamos um casamento ao ar livre, por isso tentávamos nos ater a um tema natural. Descobrimos um vestido de madrinha perfeito. Era um tomara que caia de chiffon com comprimento acima do tornozelo, de um lindo tom verde-prateado, quase sálvia, que ficou ótimo em minhas irmãs. Depois de encomendar os vestidos, tivemos um almoço tardio em um pub irlandês com vista para o porto interno. Era bom ter um dia apenas para rir e falar sobre coisas comuns e familiares. Coisas normais. Mas me esqueci de que minha vida podia ser tudo, menos normal.



Voltamos para casa, minhas irmãs foram embora em seus carros e eu fui buscar Ally. Assim que entramos em casa, tirei o celular da bolsa e o coloquei para carregar.

Vinte chamadas perdidas.

Vi a lista de números. Entre eles, o de John e o de Billy. Chequei a caixa postal, mas havia uma única mensagem de Billy, pedindo-me que telefonasse assim que possível. Além disso, cinco chamadas desligadas. Por que eu não ouvira o celular tocar?

Peguei o telefone sem fio e liguei para mim mesma. O celular vibrou em minha mão. Ele possui uma tecla lateral que muda o tipo de chamada de toque para vibração, mas eu não tinha encostado nele desde a manhã. Devia ter batido em alguma coisa dentro da minha bolsa. Telefonei imediatamente para John, mas seu celular estava desligado. Então telefonei para Billy e a chamada caiu na caixa postal. Deixei uma mensagem.

Durante a hora seguinte fiquei andando pela casa, olhando de relance para o telefone, desejando que tocasse, preocupada com o fato de Billy ainda não ter retornado minha ligação e tentando permanecer calma para que Ally não percebesse que havia alguma coisa errada. Finalmente, logo depois que a coloquei na cama, John telefonou.

– Sinto muito não ter ouvido seus telefonemas – falei assim que atendi. – O telefone estava no modo de vibração e eu não sabia...

– Você me *ignorou*.

– É isso que estou tentando explicar. Não o ignorei: o telefone ficou no fundo da bolsa e eu não sabia que estava no modo de vibração. Você não iria acreditar em quantas coisas levo na minha bolsa, e havia muito barulho ao redor.

Isso não era mentira. Três mulheres animadas fazem muito barulho.

Parei e preendi a respiração.

– Não acredito em você, Sara. Está mentindo.

– *Não* estou, juro. Eu não faria isso com...

Mas ele já havia desligado.



O próximo telefonema que recebi foi de Billy, que estava irritado de um jeito que eu nunca tinha visto.

– Como isso aconteceu, Sara?

Depois que comecei a explicar o que tinha acontecido o tom de Billy mudou e ele disse que eu não deveria me recriminar, porque aquilo tinha sido uma eventualidade. Mas estou bastante certa de que Sandy não tinha a mesma opinião. Ela telefonou assim que eu e Billy desligamos e me fez a mesma pergunta. Eu lhe disse que não ignorara as ligações de John de propósito e acho que ela finalmente acreditou em mim, mas dava para perceber que continuava zangada. Ela disse que em todos os telefonemas de John o sinal do celular tinha sido transmitido por torres de telefonia em Kamloops, mas que ele permanecera em áreas de muito trânsito. Eles pararam alguns veículos e revistaram todas as pessoas de quem tinham desconfiado, mas ainda não havia um suspeito.

Sandy me disse que manteriam uma viatura policial estacionada do lado de fora de minha casa, para o caso de John decidir pegar uma balsa e vir pessoalmente falar comigo. Quando lhe perguntei se ela achava mesmo que John faria algo desse tipo, ela respondeu com uma voz tensa:

– Logo descobriremos. Mas se ele *for* estúpido o suficiente para tentar alguma coisa, nós o pegaremos.

Porém, desde aquele dia, não voltei a ter notícias de John. Nem uma única vez. Gostaria de poder me sentir feliz com isso.

DÉCIMA PRIMEIRA SESSÃO



ão estou conseguindo me sentar quieta. Tenho de

ficar me movendo o tempo todo, andando. Minhas pernas doem com a frustração, com a agonia insuportável dessa espera. Isso deve estar enlouquecendo você, eu ficar andando por seu consultório. Você deveria me ver em casa, quando vou de janela em janela, abrindo e fechando venezianas. Varro a sujeira, apenas para abandonar a pá semicheia em um canto. Coloco metade das louças na máquina e então começo a lavar roupa. Encho a boca de biscoitos de água e sal cobertos com manteiga de amendoim e depois corro para o andar de cima para fazer pesquisas no Google. Quando encontro algo em um site, pesquiso até meus olhos ficarem embaçados.

Depois telefono para Evan, que me diz que deveria fazer um pouco de ioga, ir para a academia ou levar Moose para dar uma volta. Em vez disso, porém, arranjo motivos estúpidos para brigarmos, porque isso parece ter muito mais sentido.

Faço anotações, mapas. Tenho gráficos dos meus gráficos. Minha escrivadinha está cheia de bilhetinhos para mim mesma, pensamentos anotados às pressas, com a mão trêmula. Isso *não* está ajudando. Ignoro e-mails de trabalho ou não lhes dou a devida atenção, escrevendo respostas rápidas, de qualquer jeito. Tento arranjar tempo para alguns projetos e seguir em frente, mas perco o controle sobre tudo.



Depois de nossa última sessão, mal eu voltara para casa, Billy e Sandy chegaram. Quando abri a porta e vi seus rostos sérios, meu estômago se contraiu.

– O que há de errado?

– Deixe-nos entrar – disse Billy.

– Primeiro me diga o que está acontecendo. – Meus olhos examinaram os dele. – É Ally?

– Ela está bem.

– Evan...

– Toda a sua família está bem. Vamos entrar. Você tem café?

Depois que lhes entreguei suas xícaras de café, apoiei-me no balcão, cuja beirada dura espetava minhas costas, segurando minha caneca com as mãos frias e úmidas. Billy tomou um gole; Sandy não tocou no dela. Ela derramara algo em sua blusa branca e estava com os cabelos desgrenhados. Havia círculos escuros ao redor de seus olhos.

– Ele matou alguém? – perguntei.

– Nesta manhã foi registrado o desaparecimento de uma garota que estava acampando no parque municipal de Greenstone Mountain, perto de Kamloops. O namorado foi encontrado morto na cena do crime.

Deixei cair minha caneca, que se espatifou, fazendo o café espirrar na calça jeans de Sandy. Mas ela não olhou para baixo: manteve os olhos fixos em mim. Ninguém se moveu para limpar a sujeira.

– Ah, meu Deus! – exclamei, cobrindo o rosto com as mãos. – Vocês têm certeza? Talvez...

– Ele é o principal suspeito – disse Sandy. – Os cartuchos são compatíveis.

– A culpa é minha.

– Não, Sara, não é – disse Billy. – A escolha foi dele.

Sandy não disse nada.

– O que vamos fazer agora? E quanto à garota? – perguntei.

Billy ficou em silêncio por alguns segundos.

– Neste momento estamos procurando o corpo da garota nos arredores do parque.

– Vocês acham que ela está morta?

Nenhum dos dois respondeu.

– Qual é o nome dela?

– Ainda não revelamos isso à imprensa... – disse Billy.

– Eu não sou a *imprensa*. Diga-me o nome dela.

Billy olhou para Sandy, que se virou para mim e disse:

– Danielle Sylvan. O namorado dela era Alec Pantone.

Minha mente se encheu de imagens de uma jovem fugindo pelo mato, sendo caçada por John, que corria atrás dela com um rifle nas mãos. Perguntei-me se receberia a boneca dela.

Baixei os olhos para a caneca quebrada e a poça de café.

– De que cor são os cabelos dela?

Ambos ficaram em silêncio. Ergui os olhos. O pavor tomou conta de mim.

– De que *cor* são os cabelos *dela*?

Billy pigarreou, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Sandy respondeu:

– Castanho-avermelhados. Longos e ondulados.

Senti a cozinha girar. Agarrei com as mãos a parte de trás do balcão. Billy se levantou e com um grande passo estava ao meu lado, segurando meus ombros.

– Você está bem, Sara?

Balancei a cabeça.

– Quer tomar um pouco de ar?

– Não. – Respirei fundo algumas vezes. – Eu vou... vou ficar bem.

Billy se apoiou no balcão ao meu lado. Seus braços estavam cruzados na frente do peito e ele massageava repetidamente os bíceps por cima do casaco esportivo preto. Do outro lado da mesa, Sandy fumegava de raiva.

Virei-me para ela.

– Você acha que a culpa é minha.

– A culpa não é de ninguém – disse. – Ele é um assassino, nunca sabemos o que o fará agir.

– Mas ele nunca matou tão cedo antes. Nunca em maio.

Ela olhou para mim com os olhos injetados e as pupilas dilatadas, tornando o azul frio de sua íris quase preto. Sua pele parecia irritada pelo vento.

– Você acha que John saiu e matou porque não atendi os telefonemas.

– Não sabemos o que...

– Apenas ponha para fora, *Sandy*. Admita que acha que a culpa é minha.

– Sim, acho que os telefonemas ignorados serviram de gatilho – respondeu ela, olhando-me fixamente. – E não, não acho que a culpa seja sua.

Por um momento eu me senti vitoriosa, porque a tinha obrigado a admitir o que realmente pensava. Mas então senti de novo o horror da situação. Virei-me para Billy e perguntei:

– Qual era a idade deles?

– Alec tinha 24 anos e Danielle, 21.

Tão jovens. Pensei nos pais daqueles jovens recebendo a notícia e pressionei com força as mãos contra o rosto.

Bloqueie isso. Bloqueie isso.

– O que faremos agora?

– Não estamos obtendo sinal do celular de John, mas, por via das dúvidas, gostaríamos que você tentasse ligar para ele de novo – pediu Billy. – E então tirou meu celular do carregador sobre o balcão e o entregou a mim.

Antes de começar a discar, perguntei:

– Como devo agir?

– Boa pergunta – respondeu Billy. – Você deveria ter um plano antes de...

– Apenas comece expressando quanto você está arrependida – orientou Sandy. – Demonstre muito remorso e depois avalie a reação dele. Espere e veja se ele irá falar alguma coisa, mas não diga que sabe sobre a mulher. Isso só estará nos noticiários à noite.

Olhei de relance para Billy, em busca de confirmação, e ele concordou com a cabeça, mas seu pescoço estava vermelho. Ele não

olhou para Sandy e me perguntei se estaria chateado com o fato de ter sido interrompido por ela.

Enquanto eu discava o número de John, a mão de Sandy se fechou sobre a mesa. Suas unhas estavam roídas até o sabugo. O telefone de John estava desligado.

Balancei a cabeça.

Sandy se levantou.

– Vamos voar para Kamloops hoje à tarde. Continue tentando falar com ele. Telefonaremos se soubermos de mais alguma coisa sobre a cena do crime.

Eu os levei até a porta.

– É possível que ela ainda esteja viva?

Ao responder à minha pergunta, a fisionomia de Billy revelava tensão:

– É claro, e faremos o possível para encontrá-la.

Mas vi nos olhos de ambos que eles estavam indo para Kamloops procurar um corpo.

□

Naquela noite, fiquei me revirando na cama durante horas, pensando em tudo o que Sandy dissera. Minha culpa se transformou em raiva quando refleti sobre a conduta da polícia. Por que eles não tinham vasculhado todos os parques? Sabiam que John estava na área. Mas quando por fim resolvi me levantar e buscar informações no Google, fiquei sabendo que o parque tinha 124 hectares. Como iriam encontrá-la? Como encontrariam *John*?

Tentei falar com John várias vezes, mas o telefone dele estava desligado. Pensei no que diria se ele atendesse. *Por que você fez isso? Ela morreu rápido?* Era essa segunda pergunta que mais me assombrava. Eu podia sentir o medo de Danielle. Ele corroía minha pele, atravessava meus músculos e gritava na minha cabeça: *Você fez isso!*

Evan telefonou naquela noite depois que Ally estava na cama e chorei durante toda a nossa conversa. Tentei ao máximo não parecer que o estivesse acusando de alguma coisa, mas isso transpareceu quando disse:

– Você reclamou que eu ficava checando meu telefone o tempo todo, por isso só estava tentando relaxar e me divertir como você disse e...

– Eu não sabia que ele iria...

– Eu lhe *disse*, mas você ficou falando que eu estava me preocupando demais... e agora duas pessoas estão mortas.

– Sara, eu só estava tentando ajudá-la. Você é minha prioridade, não ele. E foi horripilante o que ele fez, mas você não é a culpada. Você sabe disso, não é?

– Se eu tivesse atendido o telefone, eles ainda estariam vivos.

– E se você tivesse voltado no tempo e matado Hitler, milhões de...

– Não é a mesma coisa. Não tenho nenhum controle sobre o que aconteceu naquela época, mas poderia ter impedido o que aconteceu a esses jovens.

– Tudo isso está fora do seu controle, mas de qualquer modo você irá se culpar.

– Eu gostaria que você entendesse por que estou tão perturbada.

– Eu entendo. O que aconteceu foi horrível e você está tornando as coisas ainda mais difíceis porque se envolve muito em tudo. Mas *eu* fico estressado vendo que você está assim tão transtornada. Você tem que tentar se desligar um pouco.

– Isso não é simples assim, Evan. Não posso simplesmente fechar os olhos para tudo, como você faz.

Hesitei ao me dar conta do tom áspero de minha voz. Então esperei o silêncio que se seguiu. Finalmente Evan o quebrou:

– Eu não sou o vilão aqui.

– Desculpe-me – gemi. – É que isso tudo é medonho e sinto falta de você.

– Também sinto sua falta. Voltarei para casa neste fim de semana, está bem?

– Achei que você estivesse com um grupo grande.

– Vou chamar Jason. Você precisa de mim neste momento.

– Deus do céu, Evan! Queria lhe dizer que ficasse, mas realmente preciso de você aqui. – Esfreguei o nariz na manga da camisa. – Sabe, fico vendo o rosto dela, vendo-a alegre com o namorado. Então, de repente, John está lá, com uma arma na mão, e ela o vê atirando em seu namorado, depois foge e...

Eu estava chorando de novo e tentando respirar.

– Querida... – Evan parecia sem ação. – Você tem que parar de pensar nesse tipo de coisa, *por favor*.

– Não posso evitar. Fico pensando: e se fosse *você*? Então apenas...

– Mãe? – Era Ally, que estava no alto da escada.

Pigarreei e tentei manter a voz agradável.

– O que foi, meu bem?

– Não consigo dormir.

– Subirei em um minuto.

Depois que Evan e eu nos despedimos, lavei o rosto com água fria antes de subir, esperando que Ally não notasse meus olhos inchados. Quando nos aconchegamos na cama, com Moose a nossos pés, acariciei os cabelos de minha filha e cocei suavemente suas costas. Então pensei em outra mãe lá fora que acabara de descobrir que a filha estava desaparecida. Perguntei-me o que aquela mulher pensaria se soubesse que sua filha se fora porque meu celular estava no modo de vibração.

□

Quando Ally dormiu, saí de sua cama. Moose levantou a cabeça, mas fez um sinal para que ele ficasse onde estava, então ele a deitou novamente sobre o edredom estampado da Barbie. No escritório, entrei no Google e digitei “Danielle Sylvan”. Não esperava que houvesse nada, mas encontrei uma matéria do jornal no qual ela trabalhava como voluntária em um programa de literatura. Quase morri ao ver a imagem de seu rosto radiante na foto: Danielle entregava vários livros a algumas crianças. O vermelho profundo de seus cabelos contrastava com a pele pálida. Imaginei aquela pele ainda mais pálida na morte, e meu estômago se contraiu. Enviei a matéria a Billy, sabendo que ele tinha um BlackBerry e que a receberia imediatamente. Minha mensagem dizia: *Você a encontrou?*

Esperei e esperei – apertando a tecla enviar/receber a cada segundo. Finalmente, dez minutos depois, ele respondeu: *Ainda não.*

Desliguei o computador e fui dormir, com o celular na mesa de cabeceira. E me revirei na cama durante horas.

A culpa é minha, toda minha.



Na manhã seguinte, Ally estava de mau humor: “Não quero usar minha capa de chuva.” “Quero usar as meias azuis, não as amarelas.” “Quando Evan vai voltar para casa?” “Por que Moose não pode ir?” “Não aguento mais comer cereal.” Finalmente consegui que ela se vestisse e saímos. Estávamos a um quilômetro e meio da escola quando o celular tocou em minha bolsa. Ally, que cantava balançando a cabeça de um lado para o outro, ao ritmo dos limpadores de para-brisa, elevou a voz. Estendi a mão para o console e peguei o celular. Assim que vi o número de John, entrei em pânico.

– Gatinha, é um cliente importante, você tem de ficar quieta, está bem?

Ela continuou a cantar.

Levantei a voz quando o telefone tocou de novo.

– Ally, já *chega*.

Ela olhou para mim.

– Você não deve atender o telefone quando está dirigindo, mãe. Não é seguro.

– Tem razão, querida. É por isso que a mamãe vai parar. – Fui rapidamente para o acostamento e parei o carro. – Ele realmente precisa da minha ajuda, por isso você tem que ficar muito quietinha, está certo?

A chuva desabou sobre o carro enquanto Ally olhava pela janela, desenhando formas no vidro embaçado. Tinha ficado irritada comigo, mas ao menos estava quieta. Atendi o telefone apressadamente.

– Alô?

– Sara. – A voz dele estava baixa e rouca. Como se tivesse gritado recentemente.

– Realmente sinto muito pelo que aconteceu – adiantei-me. – Cometi um erro, mas não vai acontecer de novo, está bem? Prometo.

Prendi a respiração e me preparei para uma bronca, mas ele ficou em silêncio. Para que Ally não ouvisse, virei-me para a janela e perguntei baixinho:

– John, você ouviu algo no noticiário da noite passada sobre uma mulher desaparecida?

Ele continuou em silêncio. Ao fundo, pude ouvir som de trânsito, mas havia outro, como uma batida surda e constante. Esforcei-me para ouvir. Ao meu lado, os pés de Ally começaram a chutar. Ainda esperando John responder, abri o porta-luvas e encontrei um bloco e uma caneta. Entreguei-os para Ally, fazendo-lhe um sinal para que desenhasse algo para mim. Ela ignorou o bloco e cruzou os braços sobre o peito. Eu lhe dei um olhar de aviso e ela voltou a olhar pela janela.

– Você ainda está aí? – perguntei a John.

A batida ao fundo estava mais alta.

– Você não deveria ter me ignorado. Eu precisava de você.

– Desculpe-me. Mas estou aqui agora. Pode me dizer onde ela está?

– Está comigo – respondeu, e sua voz soou desanimada.

Tive esperança. Mas John não dissera que ela estava viva.

– Ela está bem?

Ao meu lado, Ally chutou o painel do carro. Agarrei seu pé e lhe dei outro olhar de aviso. Ela puxou o pé e começou a pular no banco. Coloquei a mão sobre o microfone do celular e disse:

– Ally, pare com isso agora mesmo ou... ou não vai dormir na casa da Meghan no domingo.

Ally suspirou, chocada, e se sentou de novo no banco.

– Não sei o que fazer – disse John.

Eu tinha de dizer alguma coisa rápido. *Pense, Sara, pense. Ele as desper-sionaliza. Não quer pensar nelas como pessoas. Torne-a real.*

– O noticiário disse que o nome dela é Danielle. Há pessoas que se importam com ela, John. Os pais dela só a querem em casa e...

– Eu queria *você*. O barulho estava me incomodando. Nada estava funcionando. Não pude esperar mais.

Olhei de relance para Ally, que estava desenhando na janela de novo.

– Você pode falar comigo agora, e então poderá levá-la para casa, está bem?

A voz dele foi desanimada.

– Isso não é simples assim.

Encolhi-me de medo ao lembrar que dissera a mesma coisa a Evan.

– É, sim. Você pode tornar isso simples. Sei que pode. Só precisa dar um passo atrás e pensar por um minuto.

A batida ao fundo parou de repente. Será que era Danielle? Teria morrido?

A chuva diminuíra. Ally ainda estava desenhando na janela. Cobri o microfone do celular mais uma vez e disse:

– Só vou sair por um minuto, querida.

Ela arregalou os olhos.

– Mãe, não. Não me deixe...

– Estarei bem aqui. – Abri a porta e fiquei ao lado da estrada, sorrindo para Ally pela janela enquanto dizia para John: – Você pode vender os olhos dela, depois dirigir para algum lugar e simplesmente deixá-la na beira da estrada.

Ally, no carro, estava com o rosto aflito. Desenhei pequenos rostos no vidro. Ela desafivelou seu cinto e pulou para meu banco. Começou a sorrir enquanto desenhava dentes no meu rosto feliz.

– Isso não vai dar certo – disse John.

Começara a chover mais forte de novo. Eu estava ficando ensopada enquanto os carros passavam por mim.

– *Vai, sim*. Quando a encontrarem, você já estará longe. Nunca o pegarão.

– Não era assim que isso deveria acontecer.

Ouvi um som alto – *Pou!* –, como se ele tivesse socado uma parede.

– Você está bem? – Tudo o que conseguia ouvir era sua respiração pesada. Tentei uma tática diferente. – Sei que você não quer realmente machucar Danielle. Vi fotos dela na tevê e ela se parece comigo. Danielle é *filha* de alguém. Você precisa deixá-la ir.

Silêncio.

– John?

Um clique e depois um sinal de discagem.



Voltei para o carro e liguei o aquecedor enquanto observava os limpadores de para-brisa indo de um lado para o outro. O telefone estava quente em minha mão. Ao meu lado, Ally dizia algo, mas eu não conseguia pensar direito. Ele a estaria matando agora? Eu dissera algo errado? Deveria ter...

– Mãe! Vou me atrasar para a escola.

O telefone estava tocando de novo.

– Eu sei, querida, sinto muito. Mamãe só precisa fazer isso, e depois iremos, está bem?

Ela gemeu ao meu lado. Dei-lhe um pequeno sorriso, mas meu coração estava disparado quando olhei para o visor do aparelho. Era Billy. Suspirei. Ally estava chutando o painel e cantando de novo, mas dessa vez não tentei pará-la.

– Billy, graças a Deus!

– Obtivemos um bom sinal do telefonema. – As palavras chegavam cortadas. – Ele está em Kamloops e providenciamos uma varredura da área. Todos os policiais disponíveis estão na estrada. Mas não quero lhe dar esperanças.

– Ela está viva. *Sei* disso.

Ouvi vozes ao fundo, e depois Sandy pegou o telefone.

– Se John ligar de novo, tente mantê-lo o máximo de tempo possível na linha. Deixe que ele fale. Se por acaso ele não a tiver matado, queremos que isso continue assim.

– Mas o que eu digo? Estou morrendo de medo de dizer algo errado e ele...

– Apenas continue, com cautela.

– O que isso significa? Eu pergunto sobre ela ou não?

Sandy suspirou.

– Apenas permaneça calma enquanto estiver falando com ele. John precisa ouvir que você se importa com ele, que está interessada nele e que sente muito. Provavelmente se sentiu rejeitado quando você ignorou os telefonemas...

– Eu não ignorei.

– Sara, você realmente quer discutir semântica? A vida de uma mulher pode depender desse próximo telefonema. O que você está fazendo agora?

Cerrei os dentes para não lhe dizer tudo o que tinha vontade de dizer e respondi apenas:

– Tenho de levar Ally para a escola.

– Ela está *com* você? – A voz de Sandy se tornou mais alta.

– Eu a estava levando para a escola, mas John não a ouviu.

– Se ele descobrir que você nunca lhe disse que tem uma filha...

– Também não quero isso, Sandy. Ela é minha *principal* preocupação. E neste momento está atrasada para a escola.

– Deixe-a lá e depois nos ligue.

– Sim – grunhi.

Quando voltei para a estrada, Ally perguntou:

– A mulher está bem, mãe?

Ainda com o telefonema de Sandy na cabeça, falei:

– Que mulher, querida?

– Aquela de quem você estava falando com seu cliente. Você disse que ela estava desaparecida.

Droga! Droga! Droga!

Tentei imaginar o que Ally poderia ter ouvido.

– Ah, ela só ficou um pouco perdida quando estava voltando para casa. Mas a polícia vai encontrá-la logo.

– Eu não gosto quando você fica tanto tempo no telefone.

– Eu sei, querida. E realmente fico grata por você ter sido tão boazinha.

Ela voltou a olhar pela janela.



Na frente da escola, saí do carro e dei um abraço e um beijo em Ally. Ela estava com os ombros abaixados e o pequeno rosto emburrado. Puxei-a de volta e olhei-a nos olhos.

– Gatinha, sei que nos últimos tempos não tenho sido a melhor mãe do mundo, mas prometo que me esforçarei mais, está bem? Nesta semana, Evan virá para casa e faremos algo em família.

– Com Moose também?

– É claro!

Fiquei aliviada por merecer ao menos um pequeno sorriso. Começando a correr para as portas da escola, Ally parou e se virou.

– Espero que a polícia encontre a mulher que está perdida, mãe.

Eu também.

Assim que entrei em casa telefonei para Billy.

– O que você quer que eu faça?

– Se ele ligar de novo, apenas se lembre do que Sandy disse: fique calma e o deixe falar. Não se esqueça de que ele está tentando estabelecer um vínculo com você. Seu estado emocional está fragilizado e ele parece achar que você é a única pessoa que pode ajudá-lo. É provável que telefone em breve.

Mas John não ligou. Fiquei andando de um lado para outro e depois tentei trabalhar, mas não conseguia me concentrar. Então tomei várias canecas de café – o que obviamente não me ajudou a ficar mais calma – e passei horas pesquisando no Google sobre assassinos em série e negociações de reféns e pensando no que poderia estar acontecendo a Danielle. Enviei e-mails a Billy com endereços de vários sites, e me sentia mais calma sempre que ele respondia a algum, mesmo que fosse apenas com uma mensagem

rápida: *Você está se saindo muito bem. Continue a me enviar os links.* Então pensei em John, em como ele dissera que não poderia mais esperar, que a pressão ia aumentando até ele ter de fazer *alguma coisa*. A súbita percepção de que eu entendia exatamente como ele se sentia me assustou mais que tudo.



Mais tarde naquela noite, Ally e eu estávamos nos sentando para jantar quando meu celular tocou. Era John. Ally fez uma careta quando me levantei.

– Só vai levar um minuto, querida. Se você terminar todo o seu jantar, depois assistiremos a um filme juntas, está bem? Mas você tem de me prometer que ficará quietinha aqui.

Ela suspirou, porém fez um sinal afirmativo com a cabeça e enfiei sua colher no purê de batata. Corri para a outra sala e atendi o telefone.

– John, estou realmente feliz por você ter ligado. Fiquei preocupada. – Ainda estava preocupada, porque não sabia se ele tinha telefonado para obter ajuda ou para me dizer que era tarde demais. Como ele ficou em silêncio, continuei: – Danielle está bem?

– Ela não para de chorar. – A frustração na voz dele me apavorou.

– Não é tarde demais. Você pode deixá-la ir. Por mim, *por favor*. Ela não fez nada de errado. Fui eu que fiz.

Prendi a respiração.

John ficou quieto.

– Posso falar com ela? – perguntei.

– Isso não seria bom para você.

O tom dele era o de um pai dizendo à filha que ela não poderia comer mais biscoitos.

– O que você vai fazer?

– Não sei. – Ele pareceu novamente frustrado.

– Você não tem de fazer nada imediatamente. Quer conversar um pouco? Naquele dia você me perguntou o que eu gostava de comer. Eu gostaria de saber de que tipo de comida você gosta. Você é alérgico a alguma coisa?

– Não, mas não gosto de azeitonas. – No final da frase a voz dele se elevou.

– Também não sou muito fã delas, nem de fígado.

Ele fez um som de nojo.

– O fígado é o filtro do corpo.

– Exatamente. – Eu ri, mas aquilo pareceu oco. – John, no outro dia você falou que o barulho o estava incomodando. O que quis dizer? Está incomodando você agora?

Se eu conseguisse descobrir qual era o problema, talvez pudesse usar aquilo para convencê-lo a deixar Danielle ir.

– Não quero falar sobre isso.

– Está bem, não tem problema. Só estava querendo saber se isso é uma coisa para a qual se pode obter ajuda.

– Não preciso de ajuda.

– Eu não quis dizer isso. Só achei que talvez eu pudesse ajudar.

– Esta conversa não está levando a lugar nenhum. – Ele pareceu exasperado. – Telefonarei em alguma outra hora.

– Espere, e quanto à Danielle...

Mas ele já havia desligado.

□

Joguei o celular no sofá e coloquei a cabeça entre as mãos. Um minuto depois o telefone tocou. Olhei para o visor. Era Billy.

– Bom trabalho, Sara. John ainda está em Kamloops, mas obtivemos uma localização melhor dele, por isso estamos erguendo algumas barreiras na rodovia principal.

– Mas se ele vir uma barreira pouco tempo depois de falar comigo não irá suspeitar de mim?

– Temos veículos de contra-ataque a postos, de modo que vai parecer que estamos apenas atrás de motoristas bêbados. Acho que estamos chegando perto, Sara. Não creio que ele queira machucá-la, mas também não sabe o que fazer com ela. Há uma chance de você conseguir convencê-lo a deixá-la ir embora.

– Você realmente acha isso, Billy? Algum dia um assassino já deixou uma vítima ir embora?

– Depende do risco que ele acha que ela representa. Mas as probabilidades estão a nosso favor. Só temos de explorar o estado de espírito do inimigo para obter a vitória.

– Que diabos *isso* quer dizer?

– Que você precisa bajulá-lo, convencê-lo de que acha que ele é um bom sujeito, de que sabe que ele fará a coisa certa. Ele quer ser seu pai. Trate-o como se fosse.

Meu estômago se revirou e minhas vísceras se contraíram.

– Vou tentar. Preciso ir...

Consegui chegar a tempo ao banheiro.



Mas não voltei a ter notícias de John naquela noite. Mais tarde, Billy telefonou e disse que as barreiras não tinham revelado nada além de alguns motoristas sem condições de dirigir. Na manhã seguinte, Evan veio para casa. Era sábado. Mal ele passou pela porta, eu já o estava abraçando com tanta força que ele praticamente teve de me afastar. Enquanto desarrumava as malas, eu o segui de cômodo em cômodo, contando-lhe tudo o que tinha acontecido, todas as conversas que tivera com Billy ou Sandy. Eu estava tensa, sobressaltava-me a todo barulho e falava muito rápido, mas saber que Evan estava em casa e que poderia distrair Ally quando John ligasse era um grande alívio.

Ally não esquecera minha promessa de fazermos um passeio em família naquele fim de semana e disse isso a Evan enquanto ele preparava sopa de tomate e queijos-quentes para nós. Eu já tinha lhe garantido, assim que acordamos, que à tarde iríamos ao parque, mas ela me olhara com desconfiança. Não ajudou o fato de eu ter passado a manhã inteira ao telefone – primeiro com Billy, depois com Lauren –, até Evan chegar. Como eu não falava com minha irmã desde o dia em que fomos às compras, tive de estender a conversa um pouco mais, para que nada parecesse estranho. Mas agir normalmente exigiu tanta energia de mim que me sentia exausta quando desliguei.

Depois do almoço, fomos para o calçadão e o Maffeo Sutton Park. Ally adora os brinquedos de lá e geralmente a levamos à

sorveteria depois. Fiz o possível para aproveitar o tempo precioso com minha família, mas tirava o celular do bolso a cada segundo, querendo me certificar de que estava programado para tocar, e não para vibrar.

Quando chegamos à sorveteria, pedimos chocolate quente e uma pequena tigela de sorvete para Ally, que insistiu em que pedíssemos uma também para Moose. Estávamos sentados perto da marina, a uma mesa ao ar livre, observando as pessoas que passeavam pelo píer com seus carrinhos de bebê e cachorrinhos de estimação, quando meu celular tocou. Evan ficou paralisado e meu estômago se contraiu, mas, quando constatamos que era Billy, Evan fez um sinal afirmativo com a cabeça e aproveitou para ir ao banheiro.

Billy me disse que estavam indo a todos os acampamentos e motéis, supermercados e postos de gasolina que podiam levando o retrato falado de John e examinando as câmeras de segurança. Desligamos bem a tempo de eu ver Ally derramar chocolate quente em seu casaco. Ao entrar na sorveteria para pegar um guardanapo, ouvi meu celular tocar sobre a mesa.

Virei-me a tempo de ver Ally levar o celular ao ouvido.

– *Ally, não! Não atenda!*

Disparei em direção à mesa. Estava quase lá, com as mãos estendidas para o telefone, quando Ally disse com uma voz monótona:

– Minha mãe não pode atender agora porque está passando um tempo *comigo*.

E desligou. Ela me estendeu o telefone e depois continuou a tomar seu sorvete. Agarrei seus ombros e virei-a para mim. Ela deixou cair a colher.

– Ally, você *nunca* deve tocar no meu telefone.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Mas você está sempre ocupada com ele.

A mulher que estava na outra mesa me olhou com cara feia e cochichou com a amiga. Deixei Ally de lado e abri o telefone. Evan saiu correndo da sorveteria.

– Ouvi seu grito. O que está acontecendo?

Examinei as chamadas recebidas. *Por favor, por favor, por favor, faça com que tenha sido Bill!*

A última ligação tinha sido do número de John.

– Sara, diga o que aconteceu? – insistiu Evan.

Tentei responder, mas estava paralisada. Ally soluçou.

– Eu disse ao homem que mamãe estava ocupada.

O rosto de Evan estava pálido quando ele olhou para mim. Cobrindo a boca com a mão, fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Ele pôs o braço ao meu redor, mas o afastei.

– Preciso pensar.

Pare. Respire. Ele poderia não ter desligado o celular imediatamente. Poderia estar tão chocado quanto eu. Afastei-me alguns passos de Evan e Ally e disquei o número de John. Tive de recomeçar duas vezes. Ele atendeu no primeiro toque.

– John, sinto muito, mas...

– Você mentiu – disse ele. E em seguida desligou.

Eu me virei e olhei para Evan. Ele estava sentado ao lado de Ally com o braço ao redor dos ombros dela. Nossos olhos se encontraram e balancei a cabeça. Ele se levantou e começou a limpar a mesa enquanto dizia algo a minha filha. Eles caminharam até a grade na qual eu estava apoiada, agarrando o metal frio. Ally não me olhou nos olhos.

– Vamos voltar para o carro, Ally. Sua mãe está ficando azul de frio.

Sorri para ela e fingi tremer enquanto esfregava as mãos. Mas ainda assim ela não me olhou. A caminho do estacionamento, Evan pegou minha mão e a apertou com força. Ficamos olhando um para o outro enquanto Ally caminhava à nossa frente, segurando a coleira de Moose. Eu só conseguia pensar em Danielle. Será que tinha acabado de sentenciá-la à morte?

– Billy e Sandy provavelmente irão...

Meu celular tocou, fazendo meu coração parar. Olhei para o visor e suspirei.

– É Billy.

– Vou na frente com Ally – disse Evan.

Ele a alcançou e a segurou pela mão. Seguindo atrás, atendi o telefone.

– Meu Deus, Billy! O que vamos fazer agora?

Era Sandy.

– Billy está na outra linha. O que aconteceu? Como Ally pegou o telefone?

– Estava sobre a mesa, só saí por um segundo.

– Sara, nós falamos sobre isso: você sabia que se ele a pegasse em uma mentira provavelmente mataria Danielle.

– Eu não sabia que Ally atenderia o telefone. Ela não tem permissão para fazer isso, mas tenho estado tão envolvida com toda essa situação que ela apenas...

– O telefone não deveria ter ficado fora de suas mãos nem por um *segundo*.

– Se você continuar falando comigo desse jeito, vou desligar – ameacei, levantando a voz.

Ela ficou em silêncio por um momento e quando voltou a falar parecia mais calma.

– Os telefonemas vieram de Clearwater, que fica ao norte de Kamloops. Mas uma viatura ficará na sua rua amanhã e faremos com que alguém a siga sempre que sair.

– Você acha que ele está vindo *nesta* direção?

– Não sabemos para onde ele está indo.

Meu coração pulava loucamente no peito.

– E quanto à minha filha? Ela tem escola e...

– Falaremos com as professoras, diremos que há um problema relacionado com a guarda de Ally. Deixe claro na escola que ela não poderá sair com ninguém. Leve-a direto para a sala de aula e diga-lhe que espere junto com a professora até que você chegue para buscá-la. Não a perca de vista.

– Você não acha... ele não machucaria Ally, não é?

– Tudo o que sabemos é que ele está muito zangado. E por causa disso é possível que a esta altura uma mulher esteja morta.

– Pare de me culpar, Sandy. Se tivessem feito o trabalho de vocês, talvez ele não estivesse me telefonando. Por que não há mais homens trabalhando nisso?

– Agora todos os policiais da Unidade de Crimes Hediondos estão trabalhando nesse caso, mas esse é um processo...

– Bem, o *processo* de vocês não está funcionando.

Desliguei o telefone e andei a passos largos em direção ao carro, movida por uma raiva incontestável. Mas então pensei em Danielle e minha mente se encheu de imagens dela morrendo no chão de uma floresta, agarrando montes de terra, implorando pela vida. E a verdade queimou minhas entranhas como ácido. A culpa era minha.



A volta para casa foi silenciosa. O rosto de Evan estava tenso enquanto ele segurava minha mão. Grata por seu afeto, fiquei apenas olhando através do para-brisa, piscando para conter as lágrimas.

– Você acha que deveria contar à sua família? – perguntou ele.

Neguei com a cabeça.

– Sandy ficaria uma fera, e de qualquer modo não quero arrastar mais ninguém para isso.

– Eles podem começar a se perguntar por que você anda tão distraída.

– Eles estão bastante acostumados a me ver obcecada com alguma coisa. Direi apenas que estou ocupada com o casamento e o trabalho, o que é verdade.

Fui inundada por outra onda de ansiedade quando pensei em todos os e-mails que andava ignorando.

– Talvez você devesse considerar tirar umas férias.

– Passei anos desenvolvendo meu negócio. Não posso simplesmente abandonar tudo.

– Você pode construí-lo de novo depois.

– Estou um pouco atrasada, só isso. Posso lidar com a situação.

Mas eu estava muito mais do que apenas um pouco atrasada.

– Então talvez você e Ally devessem passar um tempo comigo na pousada.

– Ally já está tendo dificuldades na escola. Não posso tirá-la de lá agora. E a pousada é tão isolada! Se algo acontecesse lá...

Eu costumava adorar ir para a pousada de Evan e passear em Tofino: o estilo de vida hippie da costa oeste mesclado com resorts cinco estrelas, cafeterias que vendem café orgânico e muffins com sementes de cânhamo, galerias de arte rústica e lojas de caiaques. Mas tudo em que eu podia pensar agora era na pequena delegacia de polícia e nas horas que teríamos de dirigir na estrada sinuosa através das montanhas, sem cobertura de celular.

– Então eu vou tirar umas férias.

Olhei para ele.

– E como pretende fazer isso? Ontem você disse que a pousada tem reservas para todo o verão.

– Odeio não estar aqui com você. Eu deveria cuidar de você e de Ally.

Embora Ally estivesse no banco de trás ouvindo o iPod de Evan, baixeí a voz.

– Nós ficaremos *bem*. A polícia está vigiando a casa e temos um alarme. Além disso, você voltará nos próximos dias. Mas não posso imaginar John vindo para a ilha. Ele sempre me ignora quando está chateado.

– Quero que você tome ainda mais cuidado.

– Não brinca!

Ficamos em silêncio. Depois de algum tempo, eu disse:

– Talvez ele já a tivesse deixado ir. Você sabe, antes de telefonar.

– Talvez.

Evan apertou minha mão. Mas não me olhou nos olhos.

□

Foi por isso que eu não quis esperar até quarta-feira para ver você. Não *pude* esperar. Tudo o que tenho feito é esperar. Durante o fim de semana eu e Evan assistimos ao noticiário religiosamente. Nós nos sobressaltamos a cada toque do telefone fixo, mas meu

celular não deu sinal de vida, exceto quando Billy finalmente ligou e me disse as mesmas coisas que Sandy, exceto a parte em que ela fez com que me sentisse como se eu tivesse acabado de assinar a sentença de morte de Danielle. Quando comentei que tudo parecia totalmente fora de controle, ele repetiu a recomendação de que eu comprasse um exemplar daquele livro que ele estava sempre citando. Disse: “Isso é a única coisa que me ajuda quando estou preocupado com a investigação. Revejo os arquivos e me concentro nas estratégias. ‘O guerreiro habilidoso nunca se fia em que o inimigo não virá, mas na própria preparação.’ Penso em todos os cenários possíveis ou rumos que o caso possa tomar e então me preparo para cada um deles.” Então eu perguntei, admirada: “Uau! E quando você dorme?” “Não durmo”, ele respondeu, rindo.

Fiquei surpresa, porque imaginava que ele fosse do tipo que se deita na cama e dorme noventa segundos depois, como Evan. Foi bom saber que não sou a única obcecada que não consegue dormir. Quando lhe contei que Evan passaria o fim de semana em casa, Billy pareceu aliviado e me pediu que eu não saísse. Perguntei-lhe quando voltaria para a ilha e ele respondeu que na segunda-feira – portanto, hoje. Por isso sei que em breve receberei notícias. Sandy irá continuar lá, acho que até que encontrem Danielle...

Evan ficou o máximo que pôde, até mesmo na noite de domingo, que é quando costuma ir embora. O pobre coitado teve de acordar às quatro da manhã para ir para a pousada. Nós nos abraçamos na porta durante um longo tempo. Depois que ele saiu, fui para a cama de Ally e me aconcheguei a ela até a hora de levantar para levá-la para a escola.

Vi os pais de Danielle na televisão algumas vezes. Evan me disse que parasse de olhar, mas não consegui. A mãe dela não parece ser muito velha. Talvez tenha tido Danielle com a mesma idade que tive Ally. Perguntei-me se antes de a filha sair para acampar ela a prevenira de que tomasse cuidado ou lhe dissera que se divertisse.

DÉCIMA SEGUNDA SESSÃO



brigada por me arranjar um horário. Você irá ouvir

sobre isso à noite, no noticiário, mas eu mesma queria lhe contar. Isto é, se eu conseguir. Durante todo o caminho até aqui ensaiei o que ia dizer em voz alta, mas... é muito difícil. Ainda não contei nem a Evan. Ele saiu de barco. Mas *tenho* de contar a alguém. Tenho de me livrar dessa sensação. Sinto-me como Lady Macbeth tentando tirar o sangue das mãos.



Hoje pela manhã Billy chegou à minha porta apertando com força o BlackBerry e com um olhar que me fez sentir um embrulho no estômago.

– Ela está morta, não é?

– Vamos conversar.

Fomos para a sala de estar. Embora o dia estivesse ensolarado, meu corpo começou a tremer. Assim que Billy se sentou na poltrona ao lado do sofá, Moose pulou em seu colo. Dessa vez ele só lhe fez um rápido afago e o pôs de volta no chão. Billy me olhou nos olhos, com a expressão séria.

– Encontraram o corpo dela esta manhã.

Tentei entender o que ele acabara de me contar, mas meu cérebro parecia lerdo.

– Onde?

– Wells Gray Park. É o parque mais próximo de Clearwater, por isso começamos ali as buscas, mas ele tem mais de quinhentos mil hectares. Poderíamos não tê-la encontrado se alguns excursionistas não houvessem seguido uma trilha. Parece que Danielle foi morta algumas horas depois do telefonema de John.

Ouvir o nome de Danielle tornou sua morte brutalmente real. Pensei em John despersonalizando suas vítimas. Se eu ao menos pudesse fazer o mesmo!

– Ela foi...

– Ela não foi estuprada, mas foi estrangulada. – A voz de Billy soava controlada, embora ele não parasse de girar o BlackBerry na mão.

– Esse não é o modo como ele costuma agir – observei, franzindo as so--brancelhas.

– Não sabemos por que John se desviou do padrão. A situação com você pode ter tornado difícil para ele completar seu ritual. Mas temos certeza de que foi ele, apesar de ainda estarmos investigando a cena do crime. Parece que John a deixou na beira da estrada e depois a caçou pela floresta.

Fui tomada por uma sensação de enjoo.

– Ah, meu Deus! Eu lhe disse que a deixasse na beira de uma estrada.

– Ele pode ter tentado fazer exatamente isso. Mas então ela começou a correr e isso o excitou, ou o gatilho pode ter sido outro.

– Mas ele não a estuprou.

– E isso pode ter tido relação com o fato de você tê-la humanizado, ou com a semelhança entre vocês duas.

– Quer dizer, por nossos cabelos serem iguais?

– Ela provavelmente foi escolhida devido à semelhança com você, e por isso o ataque de John não teve motivação sexual. Foi uma tentativa de se conectar com você.

– E agora ela está morta.

Lágrimas escorriam dos meus olhos. Billy estendeu a mão e apertou meu ombro.

– Ei. Pare. Não é culpa sua.

– É, sim, não há dúvida. Tenho certeza de que Sandy acha que é.

Ele soltou meu ombro.

– Sandy sabe que a culpa não é sua.

– Onde ela está?

– Falando com a família.

A ansiedade zuniu em meu peito.

– Eles saberão o que realmente aconteceu?

– Saberão que o Assassino do Acampamento é o principal suspeito e que faremos tudo o que pudermos para pegá-lo.

Levei a mão à boca, tentando conter um soluço. Billy colocou seu telefone sobre a mesa lateral e se inclinou para mais perto de mim.

– Você está bem?

Balancei a cabeça.

– Isso é horrível. Eu só queria encontrar minha mãe biológica e agora duas pessoas estão mortas por minha causa.

– Estão mortas por causa *dele*. E quando o pegarmos, você terá nos ajudado a salvar sabe-se lá quantas mulheres, Sara.

– Mas agora é provável que não o peguemos mais. Ele nunca voltará a telefonar.

– Na verdade, há uma boa chance de que telefone, sim. Depois de matar, o assassino entra em um estado de calma, de alívio, que alguns descrevem como euforia. Ele não pode falar sobre isso com mais ninguém, então há grandes chance de que tente falar com você

– John não confia mais em mim.

– Ele está zangado porque você escondeu algo dele, mas acreditamos que a curiosidade e o desejo que ele sente de ter uma família irão falar mais alto. John vai querer conhecer a neta.

– O que eu digo se ele voltar a telefonar?

– Apenas se desculpe. Não queremos que ele perceba outra mentira, por isso confesse e peça perdão. Isso lhe dará a sensação de que ele tem controle sobre você de novo.

– Ele *realmente* tem.

– Você pode parar a qualquer momento, Sara. Ninguém vai julgá-la mal por isso. Um dia nós o pegaremos. Ele acabará cometendo um erro.

Essa era a minha chance. Eu podia sair do pesadelo e seguir com minha vida. Minha mente se encheu de imagens de como a vida era alguns meses atrás: relaxada, tranquila, cheia de diversão e risos. Tudo em mim queria voltar àquele tempo, se livrar daquele enorme fardo, daquela sensação desesperadora de estar aprisionada. Eu só precisava dizer “sim”. Uma simples palavra, e tudo estaria terminado.

Para *mim*.

– Sara?

Só que era tarde. Eu já tinha ido longe demais.

– Não. Temos de pegá-lo. Não quero que ele machuque mais ninguém.

Billy concordou com a cabeça algumas vezes e pegou seu telefone.

– Vamos nos assegurar de que ele nunca mais faça isso.

– Você tem certeza de que quer alguém tão estressada quanto eu em sua equipe? – perguntei, dando-lhe um sorriso débil.

– Você não é de todo ruim. – Billy sorriu e se levantou. – Agora é melhor eu voltar para a delegacia.

Eu o acompanhei até a porta.

– Alguém o viu na área?

– Não temos nenhuma testemunha, mas ainda estamos tentando descobrir onde ele comprou a garlopa e tudo o que pudermos sobre as bonecas.

– O DNA...

– Sim, as amostras de cabelo das bonecas combinam com as recolhidas das duas vítimas.

– Você acha que corro perigo? – perguntei, depois de respirar fundo.

– Queremos nos certificar de que você sempre estará segura. É por isso que há uma viatura aqui na rua. Mas sempre que John fez uma ameaça, ela foi dirigida a outras pessoas, nunca a você. Se ele vier atrás de você ou de sua família, o diálogo será interrompido.

Lá fora, na escada da frente, eu disse, piscando para conter as lágrimas:

– Não posso acreditar que ela esteja *morta*. Isso é simplesmente horrível.

– Sinto muito, Sara. Sei quanto você queria um final feliz para Danielle. Acredite em mim: eu também queria. – Sua voz revelava tensão e frustração. Ele pôs as duas mãos em meus ombros e me olhou nos olhos ao continuar: – Você tem de deixar isso para trás e se concentrar em como faremos para detê-lo. Essa é a única coisa que pode fazer por Danielle agora.

Billy ainda estava com uma das mãos em meu ombro quando ouvimos um carro que se aproximava com o rádio a todo o volume. Ele se afastou imediatamente de mim.

– É minha irmã – disse assim que avistei o automóvel.

Melanie sorriu maliciosamente pela janela enquanto estacionava na frente de casa. Billy foi na direção de seu carro. Ao passar por Melanie, ela disse:

– Oi, policial. Por que a pressa?

– Ah, sabe como é: tenho de pegar bandidos, fazer essas coisas entediantes – respondeu Billy, dando-lhe um grande sorriso e uma piscadela. Ele parou à porta do carro e disse: – Eu a informarei sobre as outras peças amanhã, Sara.

– Claro, sem problemas.

Quando Billy se afastou com uma buzina, Melanie subiu a escada saltitante e ergueu as sobrancelhas. Dessa vez não esperei por suas insinuações.

– Meu Deus, Melanie! Não estou tendo um caso com Billy. Ele é um cliente e um *amigo*. Estou apaixonada por Evan e vou me casar com ele, lembra?

Fui para a cozinha com Melanie atrás de mim.

– Eu lembro, sim, mas não tenho certeza de que seu *amigo* Billy lembre também. Ele está interessado em você.

Servi-me de uma xícara de café recém-coado, mas não lhe ofereci uma, esperando que ela fosse embora logo.

– Você não tem a menor ideia do que está falando. Viu Billy duas vezes e em ambas ele estava flertando com você.

– Mas não é de mim que ele gosta. – Melanie deu de ombros. – Olhe, também não sei por que ele estaria interessado em você, mas está.

Ela se sentou à mesa da cozinha.

– Que gentil o que você disse. Mas ele não está “interessado” em mim. De qualquer maneira, o que você está fazendo aqui? – Apoiei-me no balcão.

– Você disse que falaria com Evan sobre Kyle tocar no casamento.

Dei um tapa na testa.

– Ah, droga! Não tive uma chance neste fim de semana e...

– É claro que não. Foi por isso que eu lhe trouxe um dos CDs de Kyle.

Ela o tirou da bolsa e o pôs sobre a mesa.

– Tentarei ouvi-lo.

– Por que você tem que tentar? Por que não pode simplesmente dizer: “É claro, Melanie, eu adoraria ouvir”?

– Por que você está sempre procurando briga comigo, Melanie?

– Porque você está sempre me desprezando.

Balancei a cabeça e abri a boca para lhe dizer que ela precisava se tratar. Então me lembrei de que havia uma garota morta. Uma garota que tinha uma irmã chamada Anita, que na noite anterior implorara na tevê por sua volta.

– Vou ouvir o CD. – Relanceei os olhos para a porta do ateliê. – Mas tenho muito o que fazer, então...

– Não se preocupe, já estou indo.

Não tentei detê-la quando ela se levantou e se dirigiu para a porta. Apenas a segui e fiquei em pé na escada, esperando a última alfinetada.

Já no carro, Melanie se virou e disse:

– Você deveria visitar mamãe uma hora dessas. Ou se esqueceu dela também?

– Tenho estado realmente muito ocupada.

– Você não vai lá há muito tempo.

A culpa que senti foi rapidamente seguida de raiva. Melanie não tinha a mínima ideia do que acontecia na minha vida. Nunca teve.

– Preocupe-se com os seus relacionamentos, está bem?

Ela bateu a porta do carro e deu ré, espalhando cascalho por toda a entrada.

Depois que Melanie foi embora, entrei e bati a porta. Chequei o celular, mas não havia chamadas. Eu nem mesmo sabia o que diria a John se ele ligasse.



Queria telefonar para Lauren e falar mal de Melanie, principalmente porque não podia falar sobre o que de fato me incomodava. Porém decidi esperar que Greg voltasse para o campo. É verdade que a espera é um conceito chocante para mim, mas conversar com Lauren não é a mesma coisa quando o marido dela está em casa. Eles começaram a namorar muito jovens. Às vezes me pergunto se minha irmã não teria se arrependido disso. Mas ela, em geral, parece feliz e não se queixa de Greg, por isso acho que não importa a idade com que eles se conheceram. E Lauren nunca diz se algo a está incomodando, a menos que eu a pressione, e ainda assim é uma luta para que ela fale alguma coisa.

Certa vez eu lhe perguntei por que ela era assim – o autocontrole é extremamente contrário à minha natureza – e Lauren me explicou que não gostava de se concentrar nas partes negativas da vida. Eu gostaria de poder pensar e agir como ela. Talvez assim conseguisse me esquecer de que uma mulher morreria por minha causa. Talvez assim conseguisse me perdoar. Naquele ponto eu me contentaria em esquecer. Mas a culpa é como um câncer que não consigo deixar de afagar.

DÉCIMATERCEIRASESSÃO



Gostaria de dizer que estou melhor. Principalmente porque adoro o modo como você sorri quando lhe digo que algo deu certo ou que uma observação sua me ajudou. Muito do que conversamos aqui *de fato* ajuda. Mas ultimamente tudo está acontecendo de forma tão rápida e violenta que não tenho tempo de me recuperar de uma coisa antes que outra aconteça.

Todos os dias digito o nome de Danielle no Google para ver se há uma nova matéria sobre ela. A família criou um site em sua homenagem e não consigo parar de olhar as fotos e de ler os pequenos fatos de sua vida colocados lá. Neste verão ela seria madrinha de casamento de uma amiga e tinha acabado de buscar o vestido. Chorei pensando na roupa pendurada em um armário em algum lugar. Você me perguntou se eu poderia estar obcecada com as vítimas por estar tentando encarar meus piores medos de perder minha filha, mas não acho que seja isso. Não sei por que me ponho no lugar de Danielle, nem por que evoco imagens comoventes, cada uma mais dolorosa que a outra, nem tampouco por que não consigo parar de querer saber tudo sobre a vida dessa jovem.

Anos atrás você me ensinou que não podemos escolher como nos sentimos em relação aos fatos: escolhemos apenas como lidar com os sentimentos que eles nos despertam. Mas às vezes, mesmo quando se tem uma escolha, as opções são todas tão terríveis, que parece que não há decisão a tomar.



Sábado de manhã, eu estava no supermercado com Ally quando o celular tocou. Não reconheci o número, mas o código de área era da Colúmbia Britânica. Atendi com cautela:

– Alô?

– Você não me contou que tinha uma filha.

Parei no meio do corredor, sentindo o medo apertar meu peito. Um pouco à minha frente, Ally empurrava um carrinho, com sua bolsa vermelha pendurada no ombro. Ela parou, examinou um saco de macarrão e franziu os lábios.

– Não, não contei – respondi.

– Por quê?

Pensei em Danielle. Se não dissesse a coisa certa, eu poderia ser a próxima. Senti meu rosto ficar quente e a visão embaçar. Forcei-me a tomar fôlego. Tinha de parecer calma. Tinha de manter *John* calmo.

– Eu estava sendo cautelosa. Você machuca pessoas e...

– Ela é minha neta!

Ally empurrou seu carrinho na minha direção. Apertei o telefone contra o peito.

– Querida, por que você não vai até o final do corredor e escolhe um cereal?

Ela adora examinar todas as caixas e os preços. Escolhe uma caixa, que põe de volta na prateleira, então escolhe outra. Costumo detestar que ela faça isso.

– Ela está com você agora? – perguntou John.

Droga. Ele tinha me ouvido.

– Estamos no supermercado.

– Qual é o nome dela?

Todas as fibras de meu corpo quiseram mentir, mas era possível que ele já soubesse.

– Ally.

Ela olhou para cima. Sorri e Ally voltou a examinar as opções de cereal.

– Quantos anos ela tem?

– Seis.

– Você deveria ter me contado sobre ela.

Desejei lhe dizer que ele não tinha nenhum direito de saber nada a respeito da minha vida, mas não era momento para irritá-lo.

– Desculpe-me, você tem razão. Mas eu só estava protegendo minha filha. Qualquer mãe teria feito o mesmo.

Ele ficou em silêncio. Uma mulher passou pelo corredor. Afastei-me para o lado, perguntando-me o que ela pensaria se soubesse com quem eu estava falando.

– Você não confia em mim – disse John.

– Tenho *medo* de você. Não entendo por que matou Danielle.

– Também não.

No início da conversa a voz de John estava zangada e tensa, mas agora ele parecia quase derrotado. Meu coração se desacelerou um pouco.

– Você tem que parar de machucar as pessoas.

Aquilo saiu como uma súplica.

Prendi a respiração, esperando que ele ficasse zangado, mas John apenas pareceu estar na defensiva quando disse:

– Então você não pode mentir de novo. E tem de continuar a falar comigo quando eu precisar.

– Não mentirei, está bem? E tentarei falar com você sempre que telefonar, mas às vezes há pessoas ao meu redor. Se eu não puder atender à sua ligação você pode apenas deixar uma mensagem, que eu telefonarei...

– Isso não vai funcionar.

Desejei saber se ele ainda suspeitava de que a polícia estivesse rastreando seus telefonemas.

– Se você ligar um monte de vezes seguidas meus amigos e parentes começarão a fazer perguntas.

– Então conte a eles.

– Eles não vão querer que eu fale com você e...

– Você quer dizer que a polícia não quer que eles saibam que conversamos.

John disse isso casualmente, mas por um minuto quase me enganou. Estava me testando. Meus batimentos cardíacos ficaram

novamente acelerados. Ele tinha suas suspeitas, mas desconfiar e saber eram duas coisas diferentes. Tive de sustentar a mentira.

– Não, quero dizer que minha família não entenderia. E eles contariam à polícia...

– Você já contou.

– *Não* contei. Já lhe disse isso. No início não acreditei que você fosse quem dizia ser, depois fiquei com medo de que viesse atrás da minha família. Evan ficaria preocupado e...

– Então deixe Evan. Você não precisa dele.

Meu corpo se retesou. John parecia zangado de novo. Será que eu acabara de pôr Evan em perigo? No final do corredor, Ally já tinha escolhido uma caixa de cereal e agora andava com seu carrinho apenas sobre as rodas de trás. Se eu não a distraísse logo, ela poderia bater em uma das vitrines. Fiz um sinal para que Ally me seguisse até a seção de verduras, tentando desesperadamente pensar em algo a dizer para acalmar John.

– Tentarei falar com você sempre que quiser. Mas amo Evan e estamos noivos. Se você quiser fazer parte da minha vida terá de entender isso.

Prendi a respiração diante de minha ousadia. Como ele encararia isso?

– Está bem, mas se ele ficar no...

– Não ficará.

Soltei o ar, apoiando-me no carrinho. Ally estava tentando chamar minha atenção. Entreguei-lhe um saco plástico e fiz sinais pedindo-lhe que escolhesse algumas maçãs.

– Quero falar com Ally.

Eu me empertiguei.

– Essa não é uma boa ideia, John.

– Ela é minha *neta*.

– Mas ela poderia falar algo a alguém e, como eu já disse, as pessoas fariam perguntas e...

– Se não posso falar com ela, então quero me encontrar com você – disse John, com uma voz que reveleva frustração.

O sangue pulsou forte em meus ouvidos. Nunca pensei que John fosse desejar se encontrar comigo, nunca acreditei que poderia correr esse risco. Tinha de assustá-lo, e rápido.

– Mas e se a polícia estiver me vigiando?

– Você disse que não contou sobre nós à polícia, e acredito em você. Eu saberia se estivesse mentindo.

Por um momento me perguntei se era ele quem estava mentindo. Afastei o pensamento. John não tinha como saber que eu estava trabalhando com a polícia.

– Mas essa coisa de você ser meu pai saiu nos jornais e na tevê. E se eles estiverem me seguindo?

– Você viu alguém seguindo você?

– Não, mas isso não significa que eles...

– Telefonarei amanhã.



Billy ligou imediatamente para meu celular, mas Ally estava batendo com o carrinho na parte de trás das minhas pernas e eu soube que ela estava no seu limite. Eu também chegara ao meu.

– Preciso de um tempo, Billy. Telefonarei para você quando estiver em casa.

Apressei-me com o restante das compras e, quando voltamos para casa, pre-parei um lanche rápido para Ally. Depois a deixei assistindo a um filme e liguei para Billy da minha linha fixa.

– Você o localizou?

– Ele estava usando um telefone público em um acampamento perto de Bridge Lake, a oeste de Clearwater. – Billy suspirou. – Quando chegamos lá, já tinha ido embora. Provavelmente estava com o veículo estacionado adiante e cortou caminho pela floresta. Os cães farejadores perderam seu rastro.

– O que vamos fazer? Não quero que ele fale com Ally e, obviamente, não posso me encontrar com ele.

– Não queremos que você faça nada que a ponha em perigo, mas...

– Não tenho a *mínima intenção* de me encontrar com ele.

– Não posso culpá-la.

– Então, o que eu deveria fazer?

– Ele vai continuar a fazer mais exigências e queremos que você esteja pronta para isso. – A voz de Billy foi casual, mas alguma coisa não estava se encaixando.

Então entendi. A polícia queria que eu me encontrasse com ele, mas não podia me pedir que fizesse isso.

Sandy pegou o telefone.

– Sara, por que você não vem à delegacia esta tarde para discutirmos o assunto?

– Está bem.



Deixei Ally na casa da Meghan de novo – grata que a mãe dela adorasse ficar com minha filha – e fui para a delegacia. Mais uma vez Sandy e Billy me levaram para a sala com o sofá. Dessa vez, Billy se sentou ao meu lado e estudei seu perfil. Melanie estava certa? Ele gostava de mim? Billy se virou e deu um sorriso rápido, mas não vi nele nada além de amizade. Eu tinha coisas mais importantes com que me preocupar agora. Sandy ficou andando de um lado para outro na frente do sofá.

– Vocês querem que eu faça isso, não é? – perguntei.

– Não podemos lhe pedir que ponha sua vida em risco – disse Sandy.

– E se eu quiser encontrá-lo?

Ela se apressou em falar:

– Você tem de escolher o local antes que ele o proponha, mas de forma casual, para não levantar suspeitas. O local é o mais importante. Temos de pensar na segurança pública.

– E quanto à *minha* segurança? Vocês não deveriam se preocupar com isso?

– É claro que sua segurança é nossa principal preocupação. Nós garantimos que... – Ela se conteve. – Caso você decida fazer isso, estaremos lá o tempo todo.

– Ah, perfeito! Para que ele possa ver vocês e então me matar?

– Ele nunca saberá que estamos lá. Escolheremos um local em que não haja muita gente, mas que também não seja remoto, e teremos policiais à paisana observando você a cada instante.

– Usaremos um microfone plantado em você – explicou Billy –, mas nosso plano é prender John *antes* que ele tenha qualquer chance de se aproximar.

– Espere um minuto. Vocês já têm um plano? Quando concordei com isso?

Eles olharam para mim. Finalmente Billy disse:

– Ninguém planejou nada, só estamos conversando. Mas se *você* decidir se encontrar com John para que possamos prendê-lo, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para protegê-la. Como Sandy disse, sua segurança é nossa principal preocupação.

Olhei para Sandy.

– Não tenho certeza disso – concluí.

Sandy puxou uma cadeira e se sentou à minha frente. Pegou um arquivo na mesa ao lado, tirou uma foto de dentro e a estendeu diante de meu rosto.

– Quero que você dê uma boa olhada, Sara.

Era uma foto do cadáver de Danielle. Ela estava com o rosto pálido e o pescoço machucado, os olhos arregalados e a língua escurecida para fora da boca. Dei um pulo para trás na cadeira e fechei os olhos.

Billy tirou a foto das mãos de Sandy.

– Caramba, Sandy!

– Vou pegar um café – disse ela. Entregou o arquivo a Billy com um gesto brusco e saiu da sala batendo a porta.

– Não posso acreditar que Sandy tenha feito isso. – Coloquei a mão em meu coração. – Os olhos e a *língua* dela...

Billy se sentou no sofá perto de mim.

– Realmente sinto muito, Sara.

– Não há regras sobre esse tipo de coisa? Caramba, ela é uma sargenta!

– Falarei com ela. É só que Sandy não está tendo um bom dia. Perder Danielle realmente foi difícil para ela. Sandy quer pegar John antes que ele mate novamente. Todos queremos isso.

– Entendo, mas eu tenho uma filha. Se algo acontecesse comigo... – Minha voz falhou.

Billy se recostou no sofá e deu um grande suspiro.

– Esse é outro motivo para o encontrarmos logo. Para que você pare de viver com medo. Mas se isso faz com que se sinta melhor, você é provavelmente a única pessoa que não corre perigo com John. Fez um ótimo trabalho ganhando a confiança dele.

– Mas será que ele confia mesmo em mim? Ainda faz questão de não demorar muito em nossas ligações. Então por que está disposto a correr o risco de se encontrar comigo?

– É possível que ele esteja planejando um encontro para ver se descobre se você está trabalhando com a polícia. Ele é um caçador, por isso espreita ou desentoca a presa. Mas meu palpite é de que ele realmente confia em você. John é arrogante o suficiente para acreditar que você nunca o trairia.

Uma presa, era exatamente isso que eu era para John. Mas eu me sentia mais como um alvo fácil, à espera do caçador. Meu estômago se contorceu.

– Mas eu *estou* mentindo. E se ele perceber...

– Será algemado. Mas talvez você não devesse se encontrar com John, Sara. Se está assim tão assustada, é melhor não fazer isso.

– É claro que estou assustada, mas não é isso. Só... só preciso pensar um pouco.

– Você *deveria* pensar.

– E tenho de falar com Evan.

– É claro. Se Evan estiver preocupado com alguma coisa, ficarei feliz em conversar com ele.

Isso adiantaria muito. Mas eu disse:

– Eu lhe darei uma resposta.

□

Billy me acompanhou até o lado de fora da delegacia. Não havia nenhum sinal de Sandy, que eu esperava que estivesse sendo repreendida por um superior. Enquanto eu entrava no carro, ele disse:

– Não vou mentir, Sara. Encontrar John é arriscado, e você sabe disso. Mas também sei que acabará tomando a decisão certa.

Então ele fechou minha porta.

Busquei Ally e fui para casa, ainda tentando entender o que acabara de acontecer na delegacia. Eu estava mesmo pensando em me encontrar com John? Será que tinha perdido totalmente o juízo? Durante o resto da tarde, Ally e eu brincamos no parque com Moose, porém somente parte de mim estava lá. O celular ficou misericordiosamente quieto, mas minha cabeça girava. Deveria fazer o que queriam que eu fizesse? Seria uma pessoa horrível se não concordasse? E se ele matasse outra mulher? E se *me* matasse?

Minha mente evocou imagens de Ally e de Evan chorando em meu funeral, de Lauren criando minha filha e de Evan levando-a para tomar um sorvete nos fins de semana em que estava em casa. Mas então me vi em pé em um parque, corajosa, avistando John e falando enigmaticamente por um microfone. Uma equipe da SWAT chegava e imobilizava John no chão. Famílias das vítimas agradeciam com olhos lacrimejantes, dizendo que finalmente tinham encontrado paz.

Não importava aonde meus pensamentos me levassem, eu não conseguia tirar da mente a imagem do rosto de Danielle. Odiei que Sandy tivesse usado aquela foto para me manipular. E odiei que tivesse conseguido.



Mais tarde, enquanto Ally tomava banho, Evan e eu conversamos ao telefone. Quando lhe contei que John queria se encontrar comigo, sua primeira reação foi:

- De jeito nenhum, Sara! Você não pode fazer isso.
- Mas e se essa for a única chance de pegá-lo?
- Você não pode arriscar sua vida desse jeito. E quanto a Ally?
- Pensei nisso também, mas a polícia acha que não corro nenhum perigo real e...

– É claro que você corre perigo. Ele é um *assassino em série* e acabou de matar uma mulher. Já não está quebrando seu padrão ou seja qual for o nome que eles dão a isso?

– Eles disseram que poderiam me proteger e que o prenderiam antes mesmo de nos falarmos e...

– Isso não é responsabilidade sua.

– Mas pense nisso, Evan. É a chance que temos de tirá-lo da nossa vida para sempre. Pegá-lo me faria sentir que fiz *algo* certo. Estou em um limbo constante: fico me perguntando o que ele fará depois, quando telefonará, o que dirá. Você sabe o que isso está fazendo comigo, com a gente. Se a polícia prender John, tudo voltará ao normal e poderemos apenas nos divertir planejando nosso casamento.

– Quero você *viva*. Nada mais importará se ele a matar.

– E se a polícia usasse outra garota para atraí-lo ou...

– Ele viu suas fotos. Se perceber que não é você, pode ficar louco de raiva e machucar muitas pessoas, inclusive você e Ally. Eu já lhe disse que a polícia só a está usando como isca. Não vou deixar que você se arrisque assim.

– Não vai *deixar*?

– Você sabe o que quero dizer. Você não vai fazer isso, Sara.

Parte de mim quis discutir, a parte que detestava receber ordens, mas a outra, maior, ficou aliviada pelo fato de Evan ter tomado a decisão por mim.

– Eu lhe diria “vou falar com eles amanhã”, mas eles provavelmente estão ouvindo essa nossa conversa.

– Ela não vai fazer isso – gritou Evan ao telefone.

□

Depois daquele telefonema, achei que teria notícias de Billy ou de Sandy, mas felizmente o telefone ficou em silêncio. No dia seguinte, John ligou.

– Você pensou sobre se encontrar comigo?

– Sim, e continuo achando que não é uma boa ideia. É arriscado demais.

– Você disse que a polícia não sabe de nada.

– Mas eu também lhe disse que poderiam estar me seguindo.

– Eles não têm nenhuma prova de que você é minha filha e nenhuma ideia de que temos conversado.

Deus, como ele era esperto! Eu estava ficando sem argumentos para dizer não. Voltei à desculpa da polícia. Era tudo o que eu tinha.

– Ainda assim eles poderiam estar me vigiando e...

– Você não quer se encontrar comigo?

– É claro que quero. Mas se a polícia estiver me seguindo, isso poderia se transformar em um grande tiroteio.

– Posso protegê-la.

Quase ri da ironia. A polícia queria me proteger dele e ele queria me proteger da polícia.

– Eu sei. Mas tenho uma filha. Não posso arriscar minha vida assim.

– O que Ally está fazendo agora?

– Está na cama.

– Você lê histórias para ela?

– O tempo todo.

– Qual é sua história favorita?

Hesitei. A polícia disse que eu não deveria mentir, mas não conseguia suportar a ideia de ele saber detalhes íntimos sobre Ally.

– Ela adora *Onde vivem os monstros*.

Na verdade, ela odiava.

– E a cor preferida?

– Rosa.

Ally adora vermelho. Quanto mais brilhante, melhor.

– Preciso ir. Pensarei sobre nosso encontro.

– Não, John. Não vou me encontrar com você...

Mas eu estava falando sozinha.



John estava voltando para o sul – vinha na minha direção. Um caminhoneiro pensou tê-lo visto perto de um telefone público por volta da hora do telefonema, mas não conseguiu descrevê-lo nem ver o que ele estava dirigindo. Mal dormi naquela noite: sentia John se aproximar, as estradas desertas enquanto ele viajava na escuridão, e já ouvia seus pneus cantando na calçada.

No dia seguinte, uma segunda-feira, chegou outra caixa. Billy e Sandy vieram meia hora depois do meu telefonema. Sandy e eu não havíamos nos falado desde que ela me atacara de surpresa na delegacia, por isso quando abri a porta, só cumprimentei Billy. Marchando para a cozinha com sua maleta na mão, Sandy pareceu não notar.

Prendi a respiração enquanto, com as mãos enluvadas, ela abria cuidadosamente a caixa e erguia outra, uma caixinha de joias branca. Um pequeno envelope amarelo estava preso no topo. Sandy colocou a caixa sobre o balcão e soltou suavemente o envelope. Então usou um canivete para abri-lo por cima, deixando a parte com cola intocada. Usando pinças, retirou o cartão que estava dentro.

Em tinta azul, lia-se: *Para Ally, com amor, do vovô.*

Dei um passo para trás, horrorizada.

– Você está bem, Sara? – perguntou Billy.

– Isso é *nojento*.

Como ele ousava escrever para minha filha? Tive vontade de esquartejar John e de picar o cartão em milhões de pedaços.

Billy me deu um olhar solidário.

Ele segurou um saco aberto e Sandy deslizou cuidadosamente o envelope e o cartão para dentro dele. Depois Billy levantou devagar a tampa da caixa de joias. Sandy e Billy estavam debruçados sobre ela, por isso não pude ver seu conteúdo.

– Que doente desgraçado! – exclamou Sandy, balançando a cabeça.

– Deixem-me ver o que tem aí – pedi.

Eles se afastaram para o lado enquanto eu me aproximava. Acomodada sobre algodão branco estava uma boneca vestida com um suéter cor-de-rosa e jeans azuis. Lembrei-me da irmã de

Danielle soluçando na tevê enquanto descrevia o que Danielle vestia na última vez em que foi vista viva. Mas foram os cabelos castanho-avermelhados colados na cabeça sem rosto que mais me perturbaram. Enquanto olhava para o metal liso, meu cérebro sobrepôs a ele a imagem do rosto de Danielle na agonia da morte. Desviei o olhar.

– Você precisa dar uma boa olhada caso ele lhe pergunte alguma coisa – disse Sandy.

– Apenas me dê um minuto. – Sentei-me à mesa e respirei fundo algumas vezes. – Fico vendo o rosto dela naquela foto.

Ainda segurando a caixa de joias, Sandy se virou e perguntou:

– Você pensou melhor sobre se encontrar com ele?

– Evan não vai deixar. Está muito preocupado – respondi.

– Ele quer que você esteja segura – disse Billy, assentindo com a cabeça.

– Isso é arriscado demais. – Olhei para a caixa nas mãos de Sandy. – Mas se eu fizesse...

– Nós o prenderíamos, e tudo isso terminaria – concluiu Billy. – Os presentes, os telefonemas...

– Os assassinatos – completou Sandy.

– Sabe, Sandy, o lance da culpa não ajuda. O que você fez, ao me mostrar aquela foto, foi horrível.

Sandy olhou de relance para Billy, que pigarreou. Os maxilares dela se enrijeceram, mas ela disse:

– Tem razão, Sara. Passei dos limites.

Por um momento fiquei surpresa, mas quando a olhei nos olhos e ela desviou o olhar, soube que Sandy não estava nem um pouco arrependida. Balancei a cabeça e me virei para Billy.

– Pensei exatamente as mesmas coisas que vocês, Billy, mas, se eu fizer isso, Evan ficará realmente chateado.

– Você quer que eu converse com ele?

– Não, seria pior se Evan pensasse que você está me pressionando. Ele acha que eu não deveria estar ajudando em nada, que isso é muito perigoso. E tem razão. Estou pondo Ally em perigo, ainda mais agora que John sabe sobre ela.

- Não acreditamos que sua família esteja em perigo, mas...
- Mas John quer algo de nós. Você mesmo disse isso algumas vezes, e também que ele continuaria a exigir mais e mais. E o que fará depois? Exigirá um encontro com Ally?
- Essa também é uma de nossas preocupações. Se não agirmos com rapidez, ele nunca irá parar de fazer exigências.
- Mas se eu me encontrasse com ele muitas coisas poderiam dar errado.
- Sim, poderiam – respondeu Billy, concordando com a cabeça. – E é por esse motivo que não estamos lhe pedindo que faça isso, embora essa talvez seja nossa única oportunidade de fazê-lo parar.
- E se John fugisse? Ele saberia que avisei vocês.
- Você já teria dado a ele uma boa explicação para isso: a cobertura da imprensa. E o prevenira de que poderíamos estar seguindo você.
- Mas ele poderia não acreditar, e então desapareceria de novo ou decidiria me punir. – Todos nós ficamos em silêncio. Após um momento, perguntei:
 - Quais são as chances de vocês o pegarem de outra maneira?
 - Estamos tentando tudo o que podemos, mas... – Billy balançou a cabeça.
 - Talvez ele pare, está ficando mais velho.
- Mas eu já sabia quanto isso era improvável antes mesmo que Billy abrisse a boca para dizer:
 - Os assassinos em série nunca param. São capturados, geralmente por outros crimes, ou morrem.
 - Espero que goste do presente, porque receberá muitos outros – disse Sandy, estendendo-me a caixa de joias.
 - Isso foi realmente gentil – respondi, olhando-a com raiva.
 - É a realidade.
 - Sandy, pare com isso – pediu Billy, com voz firme. Achei que Sandy fosse censurá-lo, mas ela se limitou a examinar seu celular. Então ele se virou para mim. – Está pronta para olhar a boneca mais de perto?

Respirei fundo e concordei com um gesto de cabeça. Sandy me entregou um par de luvas. Depois que as coloquei, ela me passou a caixa.

– Apenas a segure pelas bordas e não toque em mais nada.

Enquanto examinava cuidadosamente a boneca, tentei não pensar em Danielle: em como ela era bonita, em como seus cabelos eram da mesma cor que os meus e em como morreu com as mãos de meu pai ao redor de seu pescoço.

□

John ligou mais tarde naquele mesmo dia, enquanto eu preparava uma xícara de café.

– Ela a recebeu?

– A boneca chegou, sim. Obrigada.

Quase me engasguei ao dizer a última palavra.

– Você a entregou para Ally?

– Não, ela é apenas uma garotinha, John. Não entenderia...

– Você não quer me deixar falar com ela e agora não quer deixar que eu lhe dê presentes? Eu fiz a boneca para *ela*.

– Eu a guardarei para quando for mais velha. Ela é muito nova. Achei que poderia perdê-la.

A respiração dele estava pesada.

– Você está bem? – perguntei.

Quando ele respondeu, parecia que estava falando com os dentes cerrados.

– Não. É o barulho. Está me incomodando agora.

Fiquei imóvel, com a mão ainda na cafeteira. Que barulho? Esforcei-me para ouvir. Ele estava com outra garota? Ouvi algo. Risos? Depois sons de golpes. Um machado cortando madeira? Forcei-me a respirar lenta e profundamente.

– John, onde você está?

O som parou.

– Pode *por favor* me dizer onde está, John?

– Estou em um acampamento.

Meu coração disparou.

– Por que está aí?

Ele sussurrou ao telefone:

– Eu já disse. *O barulho.*

– Está bem, está bem. Apenas fale comigo. O que está fazendo no acampamento?

– Eles estão *rindo*.

– Saia daí. Por favor, estou lhe implorando, só saia daí.

Ouvi o som de uma porta de caminhão se abrindo.

– Eles têm de parar...

– Espere! Vou me encontrar com você, está bem? Vou me encontrar com você.

Deus me ajude!



Agora você sabe por que tive de vê-la hoje, um dia antes de nossas sessões habituais. Precisei de alguns minutos para fazer John voltar para o caminhão e se afastar do acampamento. Fiquei lhe dizendo como seria bom quando nos encontrássemos, basicamente fazendo com que ele se concentrasse em outra coisa. No início foi difícil. Ele continuava a falar sobre o barulho e depois sobre as pessoas que estavam rindo no acampamento. Então eu disse algo como: “Não posso acreditar que finalmente vou conhecer meu pai.” Então John se acalmou e disse que em breve telefonaria, para combinarmos nosso encontro. Tenho de me encontrar com Billy e Sandy depois que sair daqui. Eles querem revisar tudo, caso John queira combinar algo imediatamente. Ele ligou do norte de Merrit, uma cidadezinha a apenas quatro horas de Vancouver. Estava vindo nesta direção.

Quando conversei com Evan na noite passada, ele disse:

– Eles só estão manipulando você, Sara.

– Eles quem?

– Todos eles. A polícia e John.

– Não acha que consigo notar quando estou sendo manipulada?

– Encontrar John é uma atitude imprudente. Você tem uma filha. Ao menos pensou nela? Não tem o direito de concordar com algo tão importante sem falar comigo primeiro.

– Está *brincando*? Eu coloco Ally acima de tudo. Você sabe disso. E quem é você para me dizer o que *eu tenho ou não tenho o direito de fazer*?

– Sara, pare de gritar ou eu...

– Você precisa parar de ser um *idiota*.

Ele levantou a voz.

– Não vou falar com você se continuar a gritar.

– Então pare de dizer coisas estúpidas como essa.

Ele ficou calado.

– Agora não vai mais falar? E *eu* é que sou imatura.

– Não vou discutir nada com você enquanto não baixar seu tom.

Cerrei os dentes e respirei fundo algumas vezes. Forcei-me a falar com calma e disse:

– Evan, você não tem a menor ideia de como foi falar com John sabendo que ele estava escolhendo sua próxima vítima. Se eu não dissesse a coisa certa, alguém iria *morrer*. Não consegue entender como essa sensação foi horrível? Billy disse que quanto mais rápido o pegarmos, mais rápido ele estará fora da nossa vida. E isso é verdade. Ainda que a polícia esteja me manipulando, isso não muda os fatos.

Evan ficou em silêncio por um longo momento. Por fim, disse:

– Merda! Detesto isso, Sara!

– Eu também detesto. Mas por que você não consegue entender que não tive outra escolha?

– Você teve. Só não a fez. Entendo por que sentiu que tinha que aceitar, mas mesmo assim não gosto disso e não concordo com o que você está fazendo. Se for acontecer, quero estar em casa. Se for preciso, fecharei a pousada, mas quero estar com a polícia nesse momento.

– Acho que não haverá nenhum problema nisso.

Conversamos um pouco mais. Evan se desculpou por me acusar de ser imprudente, eu me desculpei por xingá-lo, e então desejamos boa noite um ao outro. Mas acho que nenhum de nós realmente teve uma noite boa. Passei horas olhando para o teto. Só conseguia pensar nas pessoas que John estivera observando no acampamento. Elas não sabiam quão perto da morte tinham chegado. Então me perguntei quão perto eu estava.

DÉCIMA QUARTA SESSÃO



Estou uma pilha de nervos. Quanto mais Evan tenta me acalmar, mais nervosa eu fico. E então odeio a mim mesma, o que me deixa ainda mais nervosa, e isso faz Evan tentar me acalmar com mais afínco ou se tornar o macho alfa no controle. Então, por fim, eu me transformo em uma cadela irracional dos infernos.

Mas quando enfim obtenho uma reação de Evan, quando seu rosto fica vermelho e ele levanta a voz ou me deixa falando sozinha, é *aí* que me acalmo. Então penso em tudo o que acabei de dizer ou fazer e me sinto terrivelmente envergonhada, e o bajulo, tentando reparar qualquer mal que possa ter causado. Por sorte, Evan não guarda raiva por muito tempo: ele deixa o assunto para lá e segue em frente. Mas eu não consigo ser assim.

Esta não é a primeira vez que falamos sobre minhas reações exageradas e sobre minha reação exagerada à minha reação exagerada. É estranho eu poder usar esse termo com você, porque, se qualquer outra pessoa em minha vida ao menos o insinuasse, certamente me veria louca de raiva. Você me disse que isso nunca está relacionado com a situação em si – que é apenas o interruptor. São as correntes faiscando entre as pessoas que causam o problema. É preciso lidar com o modo como se está brigando, não com o motivo da briga. Quantas vezes você tentou me fazer entender isso? Seria de esperar que a esta altura eu já tivesse entendido, mas neste momento, tudo está fora de controle. Ao menos agora sei de onde isso veio.



Depois da animação inicial com nosso encontro, achei que John fosse desejar marcá-lo imediatamente, no entanto, quando telefonou depois da nossa última sessão, ele só queria falar sobre

Ally. Fiquei tentando mudar o assunto, mas quando mencionei nosso encontro ele disse que ainda estava pensando em como seria melhor realizá-lo e logo voltou a falar em Ally. Detestei conversar com ele sobre minha filha sem saber o que ele faria com as informações.

Sandy e Billy, que vi todos os dias desde que concordei em me encontrar com John, também não entenderam por que ele estava protelando o encontro, mas concordaram em que pareceria estranho se eu começasse a insistir e disseram que eu deveria esperar que ele tocasse no assunto. Agora que tomei a decisão de conhecê-lo pessoalmente, mal posso esperar para resolver tudo isso. Sobretudo porque não parece que conseguiremos pegá-lo de outra maneira.

John telefonara de perto de Cranbrook, o que foi uma surpresa. Eles tinham esperado que ele continuasse rumo ao sul, e não que se deslocasse oito horas para o leste, para perto da fronteira com Alberta. Passei horas olhando para o mapa, tentando descobrir o que se passava na cabeça dele, o motivo de estar seguindo na direção oposta.

A cada telefonema, John queria mais informações sobre Ally e isso me deixava na corda bamba entre a verdade e a mentira. Não sabia quanto ele era experiente em questões relacionadas com a internet, por isso tomava o cuidado de dizer a verdade sobre coisas que achava que ele poderia conferir, como datas de nascimento e informações escolares. Mas quando John perguntava sobre os gostos de Ally, eu mentia descaradamente. Agora ela detestava queijo e carne vermelha, era calma, tímida com estranhos e péssima nos esportes. Tive de fazer anotações para não me esquecer dos detalhes sobre essa nova filha que estava criando.

Evan estava feliz por John ainda não ter marcado o encontro e esperava que ele tivesse mudado de ideia, mas também não gostava do fato de ele estar fazendo tantas perguntas sobre Ally. Sugeriu novamente que ela fosse para a pousada com ele, e eu reafirmei que isso não seria bom, porque causaria muito atraso na escola. É claro que Evan me disse que Ally ficaria bem e que eu estava me preocupando demais. Mas conheço minha filha: não é preciso muito para confundir sua cabecinha. A professora estava bastante atenciosa comigo desde que ela empurrara a coleguinha. Não sei se

tinha ouvido os boatos, mas notei um tom de preocupação em sua voz quando falou sobre Ally. Eu não queria lhe dar mais corda.



Finalmente, na sexta-feira à noite, John telefonou, dessa vez do celular dele.

– Então, que tal na segunda-feira?

– Para nos encontrarmos? – Meu coração disparou. – Está bem.

– Andei dando uma olhada nos mapas.

Ouvi Sandy em minha cabeça. *Você tem de escolher o local. O local é o mais importante.*

– Conheço um local perfeito. É um dos meus parques favoritos e levo Ally lá o tempo todo.

– Qual é?

– Pipers Lagoon.

Prendi a respiração. *Por favor, por favor, diga que sim!*

A polícia inicialmente tinha escolhido o Bowen Park, mas estava havendo um festival ao ar livre por lá. Pipers Lagoon era afastado o suficiente para não haver nenhuma multidão, apenas pessoas caminhando, especialmente em um dia de semana. Um dique de cascalho levava do estacionamento ao parque de vinte hectares de comprimento, com seus penhascos, arbustos e carvalhos. O dique era margeado de um dos lados pelo oceano e provido de bancos, por isso eu podia me sentar no espaço aberto e ser vigiada pela polícia de vários ângulos. Mas a melhor parte era que só havia uma estrada dentro do parque, o que possibilitaria que impedissem a fuga de John.

– É claro. Podemos nos encontrar lá ao meio-dia e meia.

– Perfeito! – falei, tentando corresponder ao seu tom entusiasmado.

Mas estava com o coração na boca. Dali a três dias eu seria a isca para um assassino.

Billy telefonou imediatamente para me dizer que John ainda estava perto da fronteira de Alberta e que repassaríamos todo o plano pela manhã. Quando contei a Evan que o encontro estava marcado, ele disse que viria para casa no domingo à noite. Não

creio que Billy quisesse que Evan os acompanhasse, mas falei que só faria isso se ele pudesse ir. Sandy disse que desde que Evan não interferisse, poderia ficar sentado no veículo de comando.

John telefonou na manhã seguinte, sábado. Estava de ótimo humor. Disse quanto estava ansioso por se encontrar comigo e depois perguntou o que eu iria fazer naquele dia. Respondi que mais tarde levaria Ally para dar uma volta.

– É bom que você passe tanto tempo com ela – observou ele.

– Nem sempre a vida permite, mas eu tento.

Ele ficou quieto por um instante, por isso tirei vantagem do seu bom humor.

– Seus pais passavam tempo com você?

– Meu pai trabalhava muito, mas minha mãe passava, até ir embora.

– Para onde ela foi?

– Não sei. Foi embora quando eu tinha 9 anos. Sentia falta do povo dela, por isso acho que voltou para a reserva.

Aquilo era interessante. Perguntei-me se não teria sido a partida da mãe o desencadeador de tudo aquilo.

– Deve ter sido difícil. Você deve ter sentido falta dela. Tentou encontrá-la?

– Algumas vezes, mas sem sucesso.

– Isso é muito triste, John.

– Foi difícil. Mas ela esperou até saber que eu tinha idade suficiente para cuidar de mim mesmo e então se foi no meio da noite.

– Por que será que não o levou com ela?

– Acho que minha mãe sabia que, se fizesse isso, meu pai iria atrás de nós.

– Deus, não posso me imaginar deixando Ally.

– Meu pai era um homem duro.

– Ela lhe deixou um bilhete ou qualquer outra coisa?

– Deixou uma boneca do espírito para me proteger.

As bonecas!

– Era como as bonecas que você me deu?

– Parecida. Elas têm função de proteger.

Ele fazia bonecas das mulheres que matava para ter *proteção*?
Infelizmente as mulheres não tiveram proteção contra ele.

– Do que elas o protegem?

– Dos demônios.

Ele praticava feitiçaria? Será que era nisso que tudo se resumia?

– Demônios das Primeiras Nações?

A voz dele não estava zangada, mas entediada, ao falar:

– Eu lhe contarei outro dia.

– Posso perguntar sobre seu pai? Você mencionou que ele era rígido.

– Era um homem bêbado e violento. Quebrou meus dentes da frente porque lhe contei uma piada.

– Ele não tinha nenhum senso de humor, não é mesmo?

– Pode-se dizer que não – respondeu John, rindo. – Mas ele me ensinou tudo o que sei sobre armas. Porém, quando você está na floresta, não pode se fiar apenas no poder das armas de fogo. Essa foi uma coisa que ele nunca entendeu. Mas minha mãe entendia. Se não fosse pelos ensinamentos dela, ele teria me matado no primeiro verão.

– O que você quer dizer com isso?

– Quando fiz 9 anos, meu pai começou a me levar para a floresta e a me largar lá.

– Durante uma tarde?

– Não: até eu encontrar o caminho de volta para casa. – John riu de novo.

– Isso é *horrível*. – Meu choque foi genuíno. – Você devia ficar apavorado.

– Estar lá sozinho era melhor que estar em casa com ele. – John riu pela terceira vez, então eu soube que devia estar desconfortável. – Eu ficava fora por semanas. Ele me batia porque

eu tinha demorado a encontrar o caminho, mas se quisesse, eu poderia ter voltado para casa antes. Às vezes, estava nos arredores do rancho e ele nem sabia. Queria apontar minha arma para a cabeça dele e *bang*.

– O que o impedia de fazer isso?

– Como Ally está hoje?

Sem me surpreender com a súbita mudança de assunto, respondi:

– Está ótima.

– Todas as garotinhas se parecem com Barbies, por isso eu ia...

– Ally não gosta de Barbies. – A última coisa que eu queria era que ele lhe enviasse outra boneca. – Ela prefere insetos e ciências.

Na verdade, Ally gostaria de ter todas as Barbies do mundo, se pudesse. Quanto ao kit de ciências, era muito provável que ela incendiasse a casa se eu lhe desse um.

– É melhor eu desligar – disse John. – Tenho de empacotar algumas coisas. – Então fez uma pausa e continuou: – Realmente estou ansioso por esse encontro.

– Vai ser ótimo.

Eu já estava quase desligando quando ele disse:

– Espere, tenho uma piada para você. Vai gostar desta: para que serve um óculos verde?

– Hum... Não sei..

– Para “verde perto.” – Ele riu alto.

– Essa foi boa – falei, forçando um riso.

– Conte a Ally. – A voz dele estava agitada. – Ela vai adorar.

Você não tem a menor ideia do que minha filha gosta.

– É claro, ela vai morrer de rir.

□

Sandy telefonou assim que desliguei tão animada que tive vontade de afastar o telefone do ouvido. Eles achavam que John estava viajando pelo oeste ao longo da fronteira, em direção a Vancouver. Embora tivesse falado por mais tempo, o sinal se conectou com uma torre em Washington State e os tirou do seu

encalço. Eles queriam me encontrar em Pipers Lagoon para andarmos pela área e nos certificarmos de que estávamos totalmente sintonizados. Deixei Ally na casa de uma amiga e fui para o parque.

Com calças jeans azuis e os cabelos curtos sempre pretensiosamente desarrumados ou penteados de forma a sempre parecerem um pouco desarrumados, Sandy parecia completamente à vontade ali. Billy usava um boné de beisebol puxado sobre o rosto, um casaco esportivo, calças jeans pretas e botas de caminhada, o que lhe dava um ar rústico que atraiu a atenção de algumas mulheres que passavam. Os dois policiais esquadrinharam a área em busca dos melhores pontos de observação. Decidimos em que banco eu me sentaria e eles apontaram os locais em que haveria policiais à paisana.

Sandy queria que Billy ficasse posicionado no estacionamento, mas ele disse:

– Elaborei um plano na noite passada. Acho que precisamos derrubá-lo *antes* que ele chegue ao estacionamento. “Se ocuparmos primeiro o terreno fechado, devemos bloqueá-lo e esperar pelo inimigo.” Podemos pôr um carro na base da colina e um no alto, onde...

– Não tenho tempo para suas citações, Billy – reclamou Sandy. – Quero que John esteja no estacionamento quando o prendermos. Não vou correr o risco de que ele fuja por uma das estradas secundárias.

– Eu entendo, só acho...

– Não gosto disso.

Ela se afastou com o celular no ouvido.

Se tivesse sido comigo, eu teria discutido com ela, mas Billy apenas a encarou por um instante. Se não fosse pela onda vermelha que subia por seu pescoço, eu não saberia que ele estava irritado.

– A atitude dela é desprezível – falei.

– Venha. Vamos refazer a rota – disse ele, sorrindo.

□

Não tive notícias de John durante o restante do fim de semana, e isso foi aterrorizante, porque me deixava sem ter a mínima noção de sua proximidade. Se não tivesse parado de dirigir depois do último telefonema, já poderia estar na ilha. E como se isso não fosse estressante o bastante, ainda não sabíamos *como* ele poderia vir: havia dois terminais de balsa em Vancouver, mas ele também poderia pegar a balsa de Washington para Victoria e depois dirigir pela ilha até Nanaimo. Eu estava ficando maluca imaginando todos os cenários possíveis, perguntando-me onde ele poderia estar a cada minuto. Graças a Deus Evan chegou no domingo! Eu limpava cada cantinho da casa naquela manhã e depois lhe preparara um frango cordon bleu, em um enorme esforço para me manter sã – ou ao menos ocupada. Mas nenhum de nós conseguiu comer muito. Depois do jantar, Evan telefonou para Billy e perguntou como seria o encontro. Seu tom foi educado, mas sua expressão me dizia que não estava feliz com a conversa.

Mais tarde, ficamos agarradinhos no sofá. Evan ficou em silêncio enquanto eu falava sem parar sobre a nova comida orgânica de Moose, minha suspeita de que um dos nossos vizinhos estivesse plantando maconha, o que fazer com Ally durante o verão – qualquer coisa que não me permitisse pensar no que aconteceria no dia seguinte. Quando finalmente parei para respirar, Evan me abraçou com força.

– Sara.

– Hum?

– Você sabe quanto eu amo você, não sabe?

– Você acha que vai acontecer alguma coisa comigo amanhã! – exclamei, virando-me para ele.

– Eu não disse isso – falou ele, mas sem me olhar nos olhos.

– Mas é o que você está pensando.

Dessa vez ele me encarou, com a fisionomia séria, e perguntou:

– Você tem certeza de que não quer desistir?

– Tenho. Amanhã eles irão prender John e ele estará fora da nossa vida para sempre.

Tentei dar um grande sorriso, acreditar no que estava dizendo.

– Isso não é brincadeira, Sara.

– Eu sei disso – confirmei, mas meu sorriso já tinha morrido em meus lábios.



Naquela noite, na cama, repassamos tudo, abraçados. Enfim dormimos, mas sonhei que estava sendo presa. Ally chorava através do vidro e Evan tinha ido me visitar com Melanie – sua nova esposa. Acordei às 5h15, olhei para o relógio e depois para Evan, perguntando-me pela centésima vez: *Estou fazendo a coisa certa?*



Na manhã seguinte, Evan fez panquecas. Nós dois brincávamos com Ally enquanto Moose latia e cheirava a própria tigela cheia de comida, mas trocávamos olhares por cima de nossas canecas de café e eu examinava o celular com insistência. Será que John já estava na ilha? Será que estava por perto? Que sabia meu endereço? E se ele aparecesse em minha casa? Conferi o alarme e percebi quando Evan o conferiu novamente.

Depois de deixarmos Ally na escola, onde uma viatura policial ficaria estacionada o dia inteiro, fomos para a delegacia de polícia. Evan esperou enquanto colocavam o microfone em mim. Eu deveria ir de carro até o parque, caminhar até o banco, sentar-me e esperar. Evan iria com a polícia no veículo principal para que John não nos visse juntos. Se por algum motivo John realmente se aproximasse, a ordem era para que eu não chegasse perto de nenhum carro – nem do meu, nem do dele – e para que mantivesse o máximo de espaço possível entre nós dois. Todas essas ordens foram justificadas como cautela e seguidas da condicional “se você ainda quiser fazer isso”. A mensagem era clara: se ocorresse algum problema e eu saísse ferida, a polícia queria que ficasse claro que eu estava fazendo aquilo por livre e espontânea vontade.

Quando eu chegasse a Pipers Lagoon, Sandy estacionaria na rodovia a unidade de comando na qual Evan ficaria. Billy seria um dos policiais à paisana fazendo-se passar por um operário instalando novas placas no estacionamento. Outros policiais estariam espalhados, fazendo-se passar por pessoas passeando com seus cachorros ou por observadores de pássaros. Uma policial empurraria um carrinho de bebê vazio com um cobertor estrategicamente arrumado para parecer uma criança e outra se posicionaria na colina acima do local onde ficava meu banco e se

passaria por uma pintora desenhando o oceano. Fiquei aliviada de saber que haveria tantos policiais. Eles não estariam se arriscando. Mas eu estaria.



Cerca de meia hora antes de meu encontro com John, deixamos a delegacia. No caminho para o parque, o sol surgiu por entre as nuvens, refletindo-se nos carros e brilhando em meus olhos. Minha cabeça começou a latejar e percebi que não havia tomado o remédio naquela manhã. Procurei um analgésico na bolsa, mas o frasco estava vazio. Perfeito.

Quanto mais eu me aproximava de Pipers Lagoon, mais disparado ficava meu coração. Por que eu concordara com aquilo? Minha mente estava cheia de imagens de tudo o que poderia dar errado: John pegar um refém. John me pegar. Evan sair do carro para ajudar e levar um tiro. Em pouco tempo, a vontade de desistir já era enorme.

Estacionei e olhei ao redor para os outros veículos. Não vi nenhum caminhão. E se John tivesse alugado um carro? Não vi nenhuma placa de locadora. Enxuguei as mãos suadas nas pernas. *Certo. Tudo o que preciso fazer é sair e caminhar até o banco.*

Respirei fundo, saí do carro e comecei a percorrer o caminho de cascalho, segurando firmemente meu casaco que o vento marinho açoitava. Quase entrei em pânico quando um jovem casal parou perto do banco no qual eu deveria me sentar, mas felizmente eles se afastaram.

Enquanto esperava, minha cabeça começou a latejar ainda mais e meus olhos lacrimejaram. A enxaqueca estava vindo com força. Olhei para o relógio e depois para o estacionamento. Era meio-dia e meia, mas não havia nenhum sinal de John. Observei cada veículo que parava. O vento despenteava meus cabelos, atrapalhando minha visão, então os afastei dos olhos. Um homem saiu de um pequeno carro. Prendi a respiração. Ele ficou em pé por um momento, olhando ao redor, e depois tirou o boné de beisebol. Vi de relance seus cabelos avermelhados. *Ah, meu Deus, era ele!* O homem fechou a porta do carro e começou a trilhar o caminho. Onde estava a polícia? Eles deveriam pegá-lo imediatamente.

Mais perto, mais perto, mais perto.

Finalmente o homem estava perto o suficiente para que eu visse seu rosto. Era jovem demais. Soltei o ar. Ele me lançou um olhar casual ao passar por mim. Voltei a me concentrar no estacionamento. Eu deixara de reparar em alguém? Não. Tampouco havia novos carros. Olhei para o relógio. Tinham se passado cinco minutos. Onde será que ele estava?

Mais dez minutos se passaram. Nada ainda. Tirei o celular do bolso e disquei o último número do qual John ligara. Nenhuma resposta. O que estava acontecendo? Será que ele ao menos estava na ilha?

Eu me levantei e olhei ao redor. A policial na pedra acima de mim estava desenhando e olhando para o mar. Sentei-me, sentindo a cabeça girar enquanto a enxaqueca começava a surgir na base de meu pescoço. Olhei novamente para o relógio: John já estava trinta minutos atrasado. Eu ainda pensava no que fazer quando o celular tocou em meu bolso. Não reconheci o número.

– Alô?

– Você está aí?

– John, eu estava começando a me preocupar. Está tudo bem?

– Não sei, Sara, você é quem deveria me dizer.

Ao ouvir isso, o pânico tomou conta de mim, mas consegui perguntar:

– O que está acontecendo? Estou esperando por você, como combinamos.

– Você parece ter um problema em dizer a verdade.

Olhei ao redor. Será que ele estava me observando? Será que alguém estava me observando? Um arrepio percorreu minha coluna.

– Não sei do que você está falando, John.

– Você não me disse a verdade sobre Ally.

Minha mente reviu tudo o que eu lhe dissera sobre minha filha. O que ele poderia ter descoberto?

– Sempre tentei ser o mais verdadeira possível.

– Ally adora Barbies. Ally é boa nos esportes. Ally não gosta de ciências – disse ele em um tom monótono.

Prendi a respiração.

– Você anda me vigiando?

– Você mentiu.

Eu estava com medo, mas também me sentia zangada.

– Ally é minha filha, John. Meu trabalho é protegê-la. Você não deveria estar fazendo essas perguntas.

– Posso fazer as perguntas que quiser.

Controle-se, Sara. Lembre-se de quem é a pessoa com quem você está falando.

– Vamos nos acalmar e começar de novo, está bem?

– É tarde demais.

– Nunca é tarde demais para uma família. É isso que significa ser uma família.

Ele ficou em silêncio. Meu coração estava loucamente disparado. Apertei a mão contra o peito.

– Vá ao banheiro – disse John por fim. – À última cabine. Deixei uma coisa lá para você.

– Agora?

– Vou ligar de volta.

Então ele desligou.



Levantei-me e peguei o caminho para o banheiro que havia no final do estacionamento. Meus olhos examinaram freneticamente as colinas, a praia e os deques das casas que davam para a lagoa. *Será que ele estava me observando?* Olhei para trás por cima do ombro. A policial na colina estava juntando suas coisas e falando ao celular. Quando cheguei ao estacionamento, passei por Billy e pelos demais policiais. Billy também estava falando ao celular, mas me fez um sinal afirmativo com a cabeça. Será que isso significava que eu deveria seguir em frente?

À minha direita, avistei a policial com o carrinho de bebê. Ela também se dirigia ao banheiro e quase chegou lá antes de mim, não fosse uma mulher mais velha que saiu do banheiro ter começado a falar com ela, gesticulando como se lhe pedisse informações. Hesitei na porta de entrada, mas uma espera mais longa pareceria estranho. Respirei fundo e entrei.

Felizmente não havia ninguém lá dentro, então fui até a última cabine e abri a porta. À primeira vista, não havia nada incomum. Talvez estivesse dentro do vaso sanitário. Perguntei-me se deveria esperar antes de olhar, mas não sabia quanto tempo ainda teria antes de John voltar a ligar. Com as mãos trêmulas, levantei a tampa do vaso. Uma boneca Barbie flutuava de cabeça para baixo na água. Eu sabia que não devia tocá-la. Virei-a para cima com a unha do dedo mindinho.

O rosto estava derretido.

Corri em disparada para fora do banheiro, quase dando de encontro com a policial, e continuei a correr até chegar ao meu carro. Minhas mãos tremiam quando pus a chave na fechadura. Em pouco tempo, estava acelerando pela estrada. Meu celular tocou. Prendi a respiração, mas era Billy.

– Você está bem, Sara?

– Ally, ela está na escola e...

– Temos alguém vigiando a escola neste momento.

– Quero falar com Evan.

– Precisamos rever algumas coisas com você...

– Agora, Billy. – E desliguei.

Evan ligou imediatamente.

– Você está bem?

– Não – respondi e contei a ele sobre a Barbie.

– Meu Deus. Billy disse que ele não viria, mas não...

– Não me sinto bem.

– O que quer dizer?

– Estou com enxaqueca e meu coração está batendo muito rápido. Estou com dificuldade de respirar e meu peito está apertado.

– Provavelmente é apenas ansiedade e...

– Não é um ataque de pânico, Evan! – praticamente gritei. – Meu Deus! Acho que sei como é um ataque de pânico. Eu me esqueci dos meus com-primidos.

– Sara, pare o carro – pediu Evan, em um tom de voz calmo.

Ouvi vozes ao fundo.

– Não posso. E se ele estiver me seguindo? – Como Evan não respondeu de imediato, perguntei: – Billy disse de onde ele estava ligando?

– Ele... – Evan pigarreou. – Billy disse que John está em Nanaimo.

Fiquei em silêncio, apavorada, esperando que Evan terminasse:

– Eles disseram que parece que John estava dirigindo pelo norte quando ligou, mas o telefone dele está desligado agora.

– Então ele pode ter ficado me *vigiando* o tempo todo.

– Talvez você devesse ir para a delegacia. Podemos nos encontrar lá e...

– Vou ver Ally.

– A polícia já...

– Vou ver *Ally*, e depois vou para casa.

Evan ficou calado por um momento antes de dizer:

– Está bem, direi a eles.



Cheguei à escola de Ally justamente quando ela estava voltando do recreio. Ally ficou muito feliz em me ver e quis que eu cumprimentasse todos os seus amigos. Eu lhe disse que tinha ido lhe dar um abraço e dei – um bem demorado. Por cima de seu ombro vi o carro de Sandy estacionado no final do quarteirão. Quando Ally voltou para a sala de aula, falei com os policiais que estavam no carro lá fora, que me garantiram que John não passaria por eles. Quinze minutos depois, entrei em nossa rua e o carro de Sandy me ultrapassou. Quando parei na entrada da garagem, ela já tinha estacionado em frente à casa. Evan me encontrou na porta e me deu um abraço.

– Há uma viatura policial na estrada vigiando a casa o tempo todo. Sandy já olhou lá dentro: está tudo em ordem.

– Graças a Deus! Preciso tomar meus comprimidos.

Balancei os pés para me livrar dos sapatos e corri escada acima até o banheiro. Quando saí, Evan já estava fechando as venezianas do quarto e tinha colocado na mesinha de cabeceira

uma cuba de gelo e um lenço. Apaguei as luzes e me deitei, com a mão sobre o coração ainda disparado.

Concentre-se. Respire. Está tudo bem. Você está segura agora.

– Quer que eu fique com você? – sussurrou Evan. Até mesmo sua voz doce doeu como lanças atingindo minhas têmporas. Fiz um sinal negativo com a cabeça e puxei o travesseiro sobre o rosto.

– Daqui a pouco virei ver como você está.

Evan fechou gentilmente a porta ao sair.

Alguns minutos depois, ouvi Evan e Sandy conversando no andar de baixo. Sons de um veículo lá fora e depois outra voz masculina. Fiquei em posição fetal, concentrada em minha respiração, e deixei os comprimidos fazerem efeito.



Acordei no meio da noite. Evan estava deitado ao meu lado.

– Quer um pouco de água, querida?

Murmurei um “sim” e ele me disse que cobrisse os olhos. À luz pálida do abajur que ele acendera, Evan se dirigiu ao banheiro, onde encheu um copo com água, estendendo-o em seguida cuidadosamente na minha direção. Eu me sentei na cama.

– Obrigada.

Conversamos em voz baixa. Ele me contou tudo o que tinha acontecido depois que dormi. Billy ficou na casa comigo enquanto Sandy e Evan pegaram Ally na escola. Evan disse para Ally que Sandy e Billy eram amigos da pousada e que ficariam conosco por algum tempo. Ally não pareceu se importar e a pessoa de quem mais gostou foi Sandy. Agora Billy estava dormindo no sofá lá embaixo e Sandy estava no quarto de hóspedes, ao lado do de Ally.

– Sandy deve estar muito irritada com o que aconteceu hoje – falei.

– Ela está bem. Sandy me lembra um pouco você quando está obcecada com alguma coisa.

– Puxa, obrigada!

Ele riu baixinho.

– O que vamos fazer, Evan?

– Só teremos de evitar riscos nos próximos dias e ver se ele telefona de novo. Era exatamente disso que eu tinha medo.

– De quê?

– De que algo desse errado e ele se tornasse uma ameaça ainda maior.

– Eles o teriam pegado se ele não tivesse descoberto que menti sobre Ally.

– Desde o início eu achei que você não deveria contar nada a ele sobre Ally.

– Eu tive de contar *alguma coisa*, e realmente não preciso ouvir o sermão “Eu avisei”.

– Desculpe-me. – Evan respirou fundo e continuou: – É só que nunca mais quero ter um dia como o de hoje.

– Eu também não. O que mais me preocupa é: *como* ele soube que menti? – Nós dois ficamos em silêncio por um momento. – Você acha que ele está falando com alguém que conhecemos?

– Nenhum dos nossos amigos seria estúpido o suficiente para contar a um estranho detalhes pessoais sobre Ally, Sara.

– Poderia ser alguém da escola dela, uma professora ou um dos pais, até mesmo uma das crianças ou outra pessoa qualquer. Ou...

– O quê?

– Melanie trabalha em um bar – observei. – E se ele tivesse chegado lá e dito que tem uma filha de 6 anos ou algo do gênero? Ela poderia ter começado a falar sobre a sobrinha.

– Isso é difícil de imaginar. Seria mais fácil ela falar sobre a banda de Kyle.

– Ah, droga! Eu disse a ela que ouviríamos o CD dele. É para o casamento.

– Ouviremos em breve.

– É melhor ouvirmos, ou ela vai ficar irritada.

– Melanie é o menor dos nossos problemas agora.

Nós ficamos em silêncio de novo, e então ele disse:

– Tenho a sensação de que ele está na ilha e a tem observado. – Seu braço se apertou ao redor de mim. – Fique de olhos abertos. Procure qualquer veículo que possa estar seguindo você e preste atenção em tudo o que acontece ao seu redor.

– Sempre faço isso.

– Não, não faz. Você fica distraída. Prometa-me que vai tomar cuidado.

Falei devagar, exagerando cada palavra:

– Prometo que prestarei mais atenção no que acontece ao meu redor.

Ele beijou minha têmpora e me abraçou. Nos braços de Evan e com o calor do seu corpo encostado no meu, comecei a adormecer. Então ele murmurou no escuro:

– Não quero que você fale com ele de novo, Sara.

– Não vou falar. Estou farta disso – sussurrei em seu ombro.



Desde então, não tive notícias de John. Evan não saiu de perto de mim nos últimos dias. Billy e Sandy também não, e esse foi o motivo de eu não ter vindo à sessão ontem. Acho que não foi tão ruim tê-los lá. Geralmente um deles ia para a delegacia durante o dia e foi bom ter alguém escoltando o carro enquanto levava Ally à escola, mas senti falta de meu tempo sozinha com Evan. Senti falta de *meu* tempo sozinha.

Era Billy quem geralmente ficava em casa durante o dia, o que *não* me ajudava em meu relacionamento. Às vezes, Evan passava por mim quando eu estava fazendo perguntas a Billy sobre o caso ou sobre as teorias dele a respeito de John e me lançava um *olhar*. Certa noite, depois que Evan foi para a cama, Billy e eu ficamos acordados falando sobre casos em que ele havia trabalhado. Quando enfim me deitei, Evan virou-se de costas para mim. Eu lhe perguntei duas vezes o que havia de errado e ele respondeu:

– Não gosto dessa sua amizade com Billy.

– Bem, ele está na nossa casa. O que devo fazer: ignorá-lo?

– Ele é um policial. Devia ser profissional, em vez de ficar batendo papo com minha noiva.

– Você só pode estar brincando. Estávamos falando sobre casos antigos.

– Não gosto dele.

– Isso é óbvio. Você foi bastante grosseiro com ele durante o jantar.

– Ótimo. Talvez ele capte a mensagem e vá se sentar na maldita viatura policial.

– Não posso acreditar que você esteja sendo tão idiota. Ele é como um *irmão* para mim, Evan.

– Vá dormir, Sara.

Dessa vez, fui eu que me virei de costas para ele.



Parte de mim entende Evan – não posso dizer que acharia legal se ele começasse a ficar perto de Sandy o tempo todo –, mas fui sincera quando disse que Billy se tornou um irmão mais velho para mim, um irmão *realmente* protetor que porta uma arma. Certa vez, quando tive de me encontrar com ele na delegacia, eu o vi acompanhando uma mulher até seu carro. Quando a mulher entrou, vi de relance que estava com o rosto machucado. Ao perguntar a Billy sobre ela, ele balançou a cabeça e respondeu:

– Outro marido bêbado e violento.

– Ela estava tentando conseguir uma medida protetiva de urgência, para afastamento do marido?

Billy deu um riso de deboche ao explicar:

– Sim, mas isso é desperdício de papel. Metade dos agressores vai atrás das mulheres de qualquer maneira. E eles geralmente terminam impunes. – Ele olhou para o carro da mulher, que se afastava. – Da próxima vez ela acabará no hospital. O marido precisa provar um pouco do próprio veneno.

Algo na voz dele me levou a perguntar:

– Você já fez isso? Justiça com as próprias mãos?

Billy se virou para mim, sério:

– Está me perguntando se infringi a lei?

Comecei a rir da minha pergunta impulsiva e depois respondi:

– Não sei, posso imaginar você como o justiceiro mascarado.

Ele olhou para a estrada de novo.

– “O bom estrategista cultiva o caminho e observa a lei, e desse modo é o mestre da vitória e da derrota.” – Então, virou-se para mim: – Venha, vamos tomar um café.

Embora Billy tivesse fugido à pergunta usando outra citação, tive a sensação de que talvez ele já tivesse feito justiça com as próprias mãos. Não que eu me incomode com essa possibilidade. Na verdade, até gosto: esse é o tipo de pessoa que quero do meu lado. Em outra ocasião Billy me contou que ainda mantém contato com algumas das vítimas com quem trabalhou e que para ele “o caso só é encerrado com alguém atrás das grades ou morto”. Espero que John esteja incluído nessa lista – em qualquer das duas categorias.

Houve uma chamada para meu celular hoje de manhã, mas ele só tocou duas vezes e depois parou. Não que eu fosse atender. Já disse a Sandy que não pretendo atender se John ligar de novo. Pensei que ela e Billy fossem tentar me convencer do contrário, mas ambos guardaram suas opiniões para si mesmos. Talvez acreditem que mudarei de ideia. Não há a menor chance de isso acontecer. O número foi de um telefone público perto de Williams Lake, portanto parece que John deixou a ilha. Quem sabe se dessa vez eu não o irritei de verdade e com isso não volte a ter notícias dele?

Pergunto-me como isso seria depois de tanto tempo. Passarei o resto da vida olhando para trás por cima do ombro e esperando o telefone tocar? Algo assim pode realmente terminar algum dia?

DÉCIMA QUINTA SESSÃO



Quando voltei para casa depois de nossa última sessão,

Evan me disse que tinha resolvido ficar até o fim de semana. Perguntei-me se a preocupação que motivara sua decisão se devia mais a Billy ou a John, mas de qualquer forma foi bom tê-lo em casa, para variar. Não que isso tenha me ajudado a fazer alguma coisa. Nem sei dizer quantas vezes peguei uma ferramenta para simplesmente guardá-la de novo em seguida. Durante a maior parte do dia, apenas ficava sentada ao computador.

Agora digito no Google coisas como “Como saber se você está sendo seguido” ou “Movimentos de autodefesa que poderiam salvar sua vida”. Uma matéria dava sugestões do que fazer se estiver sendo atacada por um assassino em série ou um estuprador, ensinando como lutar ou gritar. Dizia até o que poderia motivar esses criminosos. Mas parece que só é possível saber ao certo que tipo de criminoso você tem nas mãos – ou melhor, que tipo tem as mãos em você – quando você se atrapalha e ele a está matando. Mesmo assim, imprimi tudo, só por precaução, e acrescentei as páginas ao enorme arquivo no qual guardo todas as outras coisas sobre John. Estou fazendo um diário desde que ele começou a ligar. Anoto a hora do dia em que telefona, como está seu humor, o tom da voz, os padrões de linguagem, *tudo*.

Quando não estou no Google, estou enviando e-mails a Billy com mensagens do tipo “Como estão as coisas aí?”. Ele sempre responde. Às vezes apenas com um “Não se preocupe”. Ou “Entrarei em contato mais tarde”. Evan surtaria se soubesse com que frequência mantemos contato. Não gosto de fazer isso pelas costas de meu noivo, mas não posso explicar a ele por que preciso de apoio – ao menos não de um modo que ele fosse entender. Evan é ótimo em acabar com meu pânico e equilibrar a montanha-russa de emoções em que geralmente ando. Mas isso é quando estou no meu

limite médio. Quando chego ao meu limite máximo, seus conselhos sobre não pensar no que está me estressando me deixam louca. A atitude de Billy de dizer que está tudo sob controle é do que preciso.

A noite da última sexta-feira foi desumana. Embora Evan estivesse em casa e eu não tivesse tido notícias de John desde a segunda-feira, não conseguia mais relaxar. Meu celular estava em silêncio, mas minha mente era um *barulho* só. Todos os livros dizem que os assassinos em série podem ser extremamente impulsivos. Se John tiver necessidade de falar comigo, não importa quanto esteja zangado, pode pegar o telefone apenas para me dizer quanto está zangado. Ou pode decidir fazer isso pessoalmente. Mas o fato é que pessoas como John – como *eu* – são também obsessivas, e na mesma medida em que são impulsivas. O que me manteve acordada a noite toda foi pensar no que mantinha *John* acordado. Então, no sábado de manhã, os telefonemas recomeçaram.



Meu celular tocou enquanto preparávamos o café da manhã. Bem, na ver-dade, era Evan que o preparava – eu só estava falando e atrapalhando. O número era novo, mas o código de área ainda era da Colúmbia Britânica.

– Não atenda – pediu Evan.

– É um número diferente.

Ele se virou de novo para o fogão.

– Se não for ele, a pessoa deixará uma mensagem.

Não deixou. A “pessoa” telefonou mais três vezes, sempre desligando após o quarto toque. Eu estava pondo a mesa e fiquei paralisada com um garfo na mão, esperando o telefone tocar de novo.

– Simplesmente desligue o telefone – disse Evan, olhando-me por cima do ombro.

Momentos antes eu tinha pensado em como estava feliz por Sandy e Billy terem ido embora e por enfim ter Evan todo para mim. Mas agora desejava que eles ainda estivessem ali e me dissessem o que fazer. Todo o meu discurso durão – e minha determinação – sobre ignorar John estava enfraquecendo.

– Mas e se ele estiver com outra garota? – perguntei.

– Desligue o telefone, Sara – respondeu Evan, que se virara segurando a espátula.

Olhei para ele quando o telefone tocou mais uma vez. Os ovos chiaram na frigideira atrás de Evan enquanto ele dizia:

– Achei que você tivesse dito que estava farta disso.

– Mas e se John estiver com alguém ou em um acampamento e...

– Se você não falar com ele, ele não poderá manipulá-la.

Ally entrou na cozinha.

– Que fedor é esse?

Evan me deu as costas de novo.

– Meu Deus, os ovos! – Enquanto ele passava a panela para outra boca do fogão, olhou por cima do ombro. – Faça o que quiser, Sara. Mas você sabe exatamente o que vai acontecer.

Desliguei o telefone e o coloquei sobre a mesa. Evan apertou minha mão e disse:

– Esse é o único modo de você ter sua vida de volta.

Sentei-me, pondo no colo uma Ally arredia e enfiando o rosto em seus cabelos, sentindo-me enjoada, por causa do medo e da culpa. De quem seria a vida que eu acabara de destruir?



Depois que levamos Ally de carro para a casa de Meghan, voltamos para casa e Evan trabalhou um pouco. Finalmente terminei a cabeceira com a qual andava lutando, mas aquilo foi como subir uma colina com pedras amarradas aos tornozelos. Billy ligou para dizer que John ligara de um telefone público perto de Lillooet, umas três horas ao sul do local de sua última chamada – e a três horas de Vancouver. Quando voltei a trabalhar, não consegui parar de me perguntar se enquanto eu lixava a madeira John poderia estar à procura de sua próxima vítima.

A polícia mantém uma viatura passando pela escola de Ally em todos os horários de intervalo. A professora pensa que estou envolvida em uma grande disputa com o pai biológico de Ally pela guarda de nossa filha – felizmente nunca lhe disse que ele morreu. Mas agora me questiono se não deveria tê-la deixado em casa. Evan

e eu tínhamos conversado sobre isso e decidimos que tentaríamos manter a rotina de Ally tão normal quanto possível. O truque era *eu* me manter normal o máximo possível. Durante a maior parte da vida, estive a um centímetro da loucura, avançando para ela em marcha acelerada, mas e agora? Eu nem sabia mais o que era normal.



Quando paramos para almoçar, tentei parecer interessada quando Evan me contou como havia reorganizado o depósito de madeira, mas ele notou que eu estava apenas beliscando meu sanduíche.

– Por que você não faz uma visita a Lauren? – sugeri.

– Não sei. – Dei de ombros. – Nós não temos nos falado muito ultimamente porque eu me sinto como se estivesse mentindo o tempo todo. E não contei a ninguém que você está em casa. Eles com certeza vão perguntar por que não mencionei isso.

– Apenas lhes diga que tive um cancelamento e quis passar um tempo com você para resolver algumas coisas do casamento.

– Deus, o casamento! Ainda temos de encomendar o bolo e as flores, alugar seu smoking, providenciar o vinho, fazer as etiquetas. – Ergui as mãos para o ar. – Ainda nem enviamos os convites.

– Vai dar tudo certo, Sara.

– O casamento é daqui a três meses e meio, Evan. Como vai dar tudo certo?

Evan ergueu uma sobrancelha e reclamou:

– Ei, noivinha neurótica! Você bem que poderia ser um pouco mais gentil com seu noivo.

– Desculpe-me – disse em meio a um suspiro.

– Qual é a maior pendência da lista?

– Não sei... Os convites, acho.

Ele pensou por um instante.

– Enquanto você visita Lauren, encontrarei um modelo de e-mail de apresentação e atualizarei o site. Quando você voltar,

podemos aperfeiçoar a ideia e amanhã examinaremos nossos endereços de e-mail e enviaremos o link.

– Mas...

– Mas o quê?

– Quando os convites estiverem lá... Não sei, talvez você tenha razão. E se as coisas piorarem com John e...

– Não irão piorar – disse Evan. – Ele está fora da nossa vida. E você vai mantê-lo fora, não vai? – Assenti. – Então, a menos que esteja em dúvida quanto a se casar comigo...

– Hum... deixe eu pensar...

Ele agarrou meus cabelos e puxou meu rosto para um beijo.

– Não vou deixar que você me escape. Não quando há um policial esperando para tomar meu lugar.

Beijei o ombro dele.

– Billy não gosta de mim dessa maneira. E, neste momento, provavelmente está me odiando por ferrar o caso deles.



Quando voltei para casa – sentindo-me muito melhor em relação à vida depois de comer meia dúzia dos biscoitos de manteiga de amendoim de Lauren e de tomar um bule inteiro de café –, Evan me contou que tinha recebido alguns telefonemas da pousada. Eu lhe disse que estava preocupada com o fato de ele estar perdendo dinheiro e ele me disse que estava mais preocupado em não me perder.

Ao perceber que eu não atenderia ao celular, John ligou algumas vezes para meu número de telefone fixo. Quando Ally voltou para casa perguntou por que não estávamos atendendo às ligações e eu lhe respondi que eram apenas vendedores e lhe disse que ela também *não* deveria atender. Desligamos a campainha à noite e demos à polícia o número do celular de Evan, porque o meu também estava desligado. John tentou mais algumas vezes no domingo. Todas as chamadas vieram de perto de Cache Creek e me senti mais segura sabendo onde ele estava – ou ao menos a localização aproximada –, mas Evan disse que tentar prever o movimento de John só iria me deixar mais ensandecida. Ele tinha razão. Concordei em ligar para a companhia telefônica na segunda-

feira e solicitar um novo número. Então, na noite de domingo, recebi o e-mail.



Evan estava prestes a me mostrar o site do casamento que passara o fim de semana inteiro atualizando, quando decidi checar minhas mensagens. Assim que vi o endereço *lojadeantiguidadesjoaoemaria@gmail.com* soube que era de John. A mensagem estava toda em maiúsculas.

SARA,

A PRESSÃO ESTÁ GRANDE. PRECISO DE VOCÊ.

JOHN

As paredes do escritório se fecharam ao meu redor quando olhei para a tela do computador. Evan estava falando atrás de mim, mas não consegui entender o que ele dizia. Meu corpo todo estava quente, minhas pernas, pesadas de medo.

– O que há de errado? – perguntou Evan.

– John acabou de me mandar um e-mail.

Evan girou a cadeira e me perguntou outra coisa que não entendi. Abri a janela acima da escrivaninha, em busca de ar, mas continuei me sentindo sufocar. Billy... eu tinha de entrar em contato com ele. Encaminhei-lhe o e-mail e ele telefonou imediatamente para dizer que a polícia tentaria descobrir de onde John o enviara, mas eu tinha certeza de que ele tinha usado um computador público.

Quando mostrei o e-mail a Evan, ele me disse que simplesmente o ignorasse. Tentei me concentrar no site do casamento, mas não conseguia tirar as palavras de John da cabeça.

– E se ele matar alguém? – perguntei.

– A polícia pôs avisos em todos os acampamentos. Mas, se continuar a se comunicar com ele, Sara, será *você* que John acabará matando. – Evan rolou a tela, indo para outra página do site. – Veja, isto vai fazer você se esquecer dele. Mudei o formato e acrescentei nossos horóscopos e links para um mapa. Também há um pequeno questionário. E a confirmação de presença pode ser feita on-line.

– Ficou ótimo, e agradeço por tentar me distrair, mas o fato de eu não estar me comunicando com John está fazendo com que ele fique ainda mais nervoso.

– Então deixe que ele fique nervoso. Estou aqui, a casa está protegida por sistema de alarme e é constantemente patrulhada pela polícia. Mas se você decidisse falar com John, seria isto que deveria lhe dizer: que a polícia sabe que ele está entrando em contato com você e que irá pegá-lo se ele pisar nessa ilha de novo.

– Isso poderia deixá-lo totalmente louco.

Evan deu as costas para a tela.

– O que *você* quer fazer, Sara?

– Só quero que tudo isso termine.

– Então deixe que a polícia faça o trabalho dela.

– Mas a polícia não pode fazer muito e não aguento não saber o que John está fazendo.

– Sara, se você falar com ele, vai me deixar realmente irritado.

– Agora *você* está me ameaçando? Isso não é justo.

– Não é justo eu ter de me preocupar com você. Você disse que estava farta de toda essa situação.

– Mas John não está. Podemos mudar nossos números, mudar um milhão de vezes, mas, enquanto ele estiver lá fora, encontrará novos modos de entrar em contato comigo.

O rosto de Evan parecia de pedra ao perguntar:

– Então, o que você quer fazer?

– Eu acho... que talvez eu devesse me encontrar com ele de novo. Se...

– Não, Sara. Você não pode fazer isso.

– Evan, apenas pense nessa possibilidade. Por favor. Também não quero fazer isso. É apavorante. Mas temos de pegá-lo. É o único modo de esse terror algum dia acabar. Como conseguiremos ter um casamento com isso pairando sobre nós?

– Se você decidir encontrá-lo, ficarei de fora dessa vez.

– O que isso significa?

– Significa que não ficarei sentado naquele carro me perguntando se você está sendo morta. E você sabe que também estará pondo Ally em perigo.

– Isso é tão injusto! Estou tentando proteger minha filha. Ela não ficará segura enquanto não pegarem John.

– Se você for fazer isso, ela deveria ir para a pousada comigo.

– Ally ficará aqui.

– Então você prefere que ela fique na cidade, sabendo que John pode sequestrá-la na escola?

– Ela estará mais segura aqui, com proteção policial, do que na pousada. A estrada para lá é deserta e só há uns três policiais em toda a cidade. E John sabe onde fica a pousada, Evan. Se algo acontecesse aqui...

– Eu poderia protegê-la melhor lá.

– Billy pode protegê-la...

Recuei quando percebi o que estava prestes a dizer.

– Então você acha que Billy pode cuidar melhor de Ally?

– Ele é policial, Evan.

– Não me importo com o que ele seja. Se você fizer isso, levarei Ally para a pousada. Ou então contarei o que está acontecendo aos seus pais e ela poderá ficar com eles.

– Você não vai levar minha filha para *lugar nenhum*.

– Sua filha? Então é isso? Como Ally não é minha, não tenho nenhuma decisão sobre o que pode afetar a vida dela?

– Evan, não foi isso que eu quis dizer!

Ele fechou o computador. Já da porta do escritório, disse:

– Faça o que quiser, Sara. Não vou conseguir impedi-la mesmo!



Naquela noite, Evan dormiu no sofá. Eu me revirei na cama durante horas, ainda discutindo mentalmente com ele, mas lá pela meia-noite minha raiva tinha passado. *Odiei* que ele estivesse com raiva de mim. Virei de barriga para cima e fiquei olhando para o teto. Por que Evan não conseguia entender que eu me encontrar

com John era nossa melhor chance – provavelmente a única, como dissera Billy – de tirá-lo de nossa vida?

No escuro, pensei em tudo o que tínhamos dito um ao outro. *Minha* filha? Evan era o melhor pai que Ally poderia ter. Será que eu realmente pensava que por ele não ser seu pai biológico não tinha nada a ver com o que acontecia a ela? Agora percebia que inconscientemente sempre considerara irrelevantes as opiniões de Evan sobre Ally.

Talvez ele estivesse certo. Talvez fosse hora de cortar totalmente relações com John. Eu tinha feito tudo o que a polícia pedira, aguentara todos os telefonemas de John, a ponto de me tornar um ataque de pânico ambulante, e por fim concordara em me encontrar com ele, mas ainda assim ele não tinha sido capturado. John disse que não iria machucar ninguém se eu conversasse com ele, mas matou Danielle mesmo depois de eu ter parado no acostamento de uma estrada para atender o telefonema dele. E como eu poderia saber se John não a teria atacado mesmo se me alcançasse em Victoria? De qualquer modo, se eu cometesse o mínimo deslize, ele iria usá-lo como desculpa para seus atos. Agora o risco seria maior: ele poderia usar Ally como alavanca, a desculpa de que ele precisava, pois, se eu mentira para protegê-la, ele talvez se perguntasse o que mais eu estaria disposta a fazer por minha filha.

Eu poderia ter explicado melhor meus sentimentos para Evan, mas por que ele estava sendo tão dominador? Pensei novamente na briga e dessa vez tentei me pôr no lugar dele. Então entendi. Evan estava apavorado. E tinha todo o direito de estar. Como eu me sentiria se ele fosse fazer algo que me apavorava, mas eu não pudesse impedi-lo? A última coisa que eu queria era um casamento como o dos meus pais, em que minha mãe ficava na cozinha e meu pai dava as ordens, mas Evan não estava me dando ordens. Só estava preocupado.

Desci e fui para a sala de estar. Evan estava deitado de barriga para cima com um dos braços sobre a cabeça. Ajoelhei-me a seu lado e admirei suas feições à luz da lua. Adoro suas maçãs do rosto salientes e o modo como seu lábio superior é ligeiramente mais cheio de um lado. Seus cabelos estavam despenteados, fazendo-o parecer ainda mais jovem. Aproximei meu rosto do dele.

– O que você está fazendo? – murmurou Evan.

– Tentando lhe agradar.

Evan gemeu no escuro e pôs o braço ao redor dos meus ombros, puxando-me para cima dele de modo que minha cabeça repousasse em seu peito.

– Você não foi muito gentil – disse.

– Eu sei. Desculpe-me. Mas você estava bancando o macho alfa.

– Eu *sou* o macho alfa. Você só tem que aceitar esse fato.

Percebi o tom divertido em sua voz.

Ele gemeu em meu pescoço. Gemi de volta. Havia muito tempo que não fazíamos isso. Sorri encostada em seu rosto. Sua mão esquerda desceu e agarrou uma de minhas nádegas.

– Sabe, você poderia me compensar...

Dei uma risadinha em seu ombro.

– Evan...

– Sim, querida.

– Não me encontrarei com ele, está bem?

– Ótimo, porque voltarei para a pousada de manhã e não quero me preocupar com você.

– A primeira coisa que vou fazer de manhã é mudar todos os números de telefone.

Evan me abraçou com força e me beijou. Depois nossos corpos relaxaram um contra o outro, minha cabeça repousou em seu ombro e seus braços frouxos descansaram em minhas costas enquanto ele adormecia.



Na manhã seguinte, depois que Evan foi embora, mudei os números do meu celular e da linha fixa. Informei os novos números à polícia. Minha família iria querer saber o motivo da mudança, então eu lhe diria que, desde que aquela matéria fora publicada, muitos jornais e malucos vinham telefonando. Quando falei com Melanie, ela comentou:

– Soube que Evan estava em casa.

- Sim, ele ficou por pouco tempo.
- O que ele achou do CD?
- Bem...

Antes de eu conseguir arranjar uma desculpa, Melanie disse:

- Você é incrível. Uma irmã... – e desligou.

Quando tentei ligar de volta e me desculpar, ela não atendeu. Então minha culpa se transformou em raiva. Não precisava daquela droga. Já tinha um assassino em série bagunçando minha vida. Está certo, ela não sabia disso, mas poderia ser mais compreensiva, para variar um pouco.



Como mudei meus números, os telefonemas de John pararam. Os primeiros dias foram difíceis – eu verificava as fechaduras e o alarme constantemente –, mas, como nada acontecia, comecei a relaxar. Evan estava certo. Eu poderia ter feito isso muito tempo antes. Bastava de sobressaltos e de conferir o celular a cada dez segundos. Não tenho assistido ao noticiário nem pesquisado nada no Google. Tenho conseguido até mesmo pôr em dia alguns projetos – ontem respondi a um monte de e-mails com pedidos de orçamento. É como se eu tivesse sido viciada em uma droga terrível e, uma vez sóbria, não conseguisse acreditar em quanto ela tinha roubado da minha vida. Mas chega. Parei para sempre.

DÉCIMA SEXTA SESSÃO



abe o que realmente me chateia? Vendo de fora, todos

acham que Evan é calmo e racional e que eu sou a maluca. Até mesmo eu concordo com isso. Penso: *Deus, eu não devia ter me zangado tanto! Por que sempre tenho uma reação tão exagerada?* Mas depois, ao refletir sobre o assunto na tentativa de descobrir por que explodi, percebo que Evan atirou um fósforo aceso aos meus pés quando já sabia que eu estava sobre uma poça de gasolina.

Foi o que aconteceu hoje de manhã. Estava tentando arrumar Ally para ir à escola. Ela examinou todas as roupas tentando escolher o que usar. Final-mente se decidiu por uma saia vermelha, mas depois achou que não combinava com sua tiara e teve de vasculhar todo o guarda-roupa de novo. Então Moose, que resolvera que este seria um ótimo momento para pegar uma infecção bacteriana que exige antibiótico três vezes ao dia, recusou-se a comer qualquer coisa que tivesse um comprimido dentro, não importava quanto ele estivesse disfarçado. Corri atrás dele na cozinha, tentando enfiar-lhe a coisa goela abaixo, enquanto Ally gritava: “Você está machucando o meu cachorro!” A comida caiu em mim, no chão, em Ally e no cachorro. Então Evan, meu doce, gentil e *racional* noivo, olhou para a bagunça e disse: “Nossa, espero que você limpe isso!”

Está *brincando* comigo?

É claro que tenho de perder o controle! Acabo dizendo algo do tipo “Não encha, Evan! Se está tão incomodado com isso, limpe você mesmo.” Então Evan sai batendo os pés, irritado por eu ter gritado com ele. Depois fica sem falar comigo durante uma hora, o que não é típico dele. Não aguento quando alguém fica sem falar comigo, por isso acabo me desculpando e então penso: *Espere um minuto, por*

que ele não se desculpou por ter escolhido a pior hora do mundo para me perturbar?

Nós conversamos sobre isso antes de eu vir para cá e Evan disse que lamentava ter feito aquele comentário, mas sei que ele ainda está irritado comigo. Então, a caminho daqui, lembrei-me do que você disse na última sessão: que Evan poderia estar se ressentindo de todo o tempo que essa situação com John me toma. Eu não havia pensado nisso porque estávamos nos dando muito bem, mas nesta semana algo mudou, e agora tudo mudou. Neste momento ninguém está se divertindo – exceto John, talvez.



Um dia depois da nossa última consulta, recebi um telefonema de Sandy.

– Julia quer falar com você. Tentou ligar, mas você mudou seus números.

– Sobre o que ela quer conversar?

– Não sei, Sara. Julia parecia aborrecida. Só me pediu que lhe desse o número do telefone da casa dela.

Pude imaginar quanto Sandy adorava bancar a mensageira e esse pensamento me fez sorrir.

– Obrigada. Vou telefonar para ela agora mesmo.

Mas não telefonei. Em vez disso, preparei uma xícara de café e me sentei à mesa, com o telefone à minha frente. Aquela mulher poderia fazer com que eu me sentisse péssima e já bastava tudo o que estava acontecendo. Talvez eu nem devesse ligar. Talvez devesse fazê-la provar do próprio veneno. Dois minutos depois eu já havia mudado de ideia.

Julia atendeu no primeiro toque.

– Sandy disse que você queria falar comigo.

– Gostaria de vê-la para que pudéssemos conversar em particular.

– Ah. Está bem. Eu... hum... realmente não posso ir a lugar nenhum hoje, porque daqui a pouco terei de buscar Ally e...

– Amanhã está bom. A que horas você poderia vir aqui?

– Talvez lá pelas onze?

– Combinado.

Julia desligou, deixando-me sem nenhuma explicação e com vontade de lhe telefonar de volta e dizer que não iria. Mas eu não conseguiria não ir, e saber disso me irritou. Era provável que Julia também soubesse, o que me deixou ainda mais zangada.

□

Evan não gostou de saber que eu dirigiria até Victoria quando ainda não sabíamos onde John estava, mas entendeu que eu tinha de descobrir por que Julia tinha telefonado. Prometi a ele que tomaria cuidado e então comecei a especular sobre um milhão de motivos para ela querer me ver, até que Evan disse:

- Sara, você descobrirá isso amanhã. Vá para a cama.
- Mas por que você acha que ela...
- Não tenho a menor ideia. Agora vá para a cama. *Por favor.*

Eu fui, mas fiquei acordada por horas, perguntando-me o que vestir e co-mo falar. Essa visita parecia muito diferente. Julia pedira para me ver. *Queria* me ver.

□

Na manhã seguinte, depois de deixar Ally na escola, fui direto para Victoria. Cheguei quase meia hora mais cedo, por isso comprei café em uma loja perto da casa de Julia. Lembrei-me de que havia uma praia pública próxima e dirigi em sua direção. Quando passei pela casa, vi que uma mulher saía pela porta lateral. Ela passou a mão pelos cabelos.

Sem chance.

Parei na entrada da garagem de um vizinho e, pelo espelho retrovisor, vi Sandy atravessar a rua e entrar em um carro comum. O que ela estava fazendo em Victoria? Tinha me telefonado no dia anterior e não mencionara que iria até lá. É claro que também não mencionei minha visita. Depois que Sandy passou por mim em seu carro, saí e fui até a praia. Por uns vinte minutos fiquei olhando para o mar, tomando meu café e pensando no que acabara de ver. Elas poderiam estar revendo o caso, mas o momento parecia estranho.

Dirigi de volta para a casa de Julia. Ela sorriu brevemente ao abrir a porta. Embora estivéssemos no meio de junho, estava toda

vestida de preto, com uma saia longa e uma túnica sem manga. Parecia pálida e sua franja sobressaía na testa. Sorri-lhe de volta e tentei olhá-la nos olhos. *Está vendo como sou inofensiva? Como sou adorável?* Mas Julia desviou o olhar enquanto me convidava a entrar com um aceno rápido da mão.

– Gostaria de um pouco de chá?

– Não, obrigada.

Ela não ofereceu mais nada, apenas fez um gesto para que eu a seguisse até a sala de estar. Ao passarmos por uma enorme cozinha com balcões de mármore brilhantes e armários de cerejeira, vi duas canecas sobre o balcão. Perguntei-me se uma delas tinha sido oferecida a Sandy.

A sala de estar era formal demais para o meu gosto, e quando olhei para o divã branco e o sofá de dois lugares combinando, tentei imaginar Ally ali. O gato himalaio estava deitado em uma poltrona de couro no meio da sala olhando para mim enquanto agitava o rabo. Sentei-me no sofá de dois lugares e Julia se instalou no divã à minha frente e alisou a saia sobre as pernas. Ela olhou para o mar por um longo tempo antes de dizer:

– Soube que você não vai mais falar com ele.

Aonde ela estaria querendo chegar com aquilo?

– É verdade – respondi.

– Você é a única pessoa que pode fazê-lo parar.

Meu corpo se retesou e perguntei:

– Você iria querer falar com ele?

– O meu caso é diferente.

Senti-me mal por meu comentário e expliquei:

– Eu e Evan, meu noivo, chegamos à conclusão de que isso é arriscado demais.

Julia me olhou fixamente ao pedir:

– Quero que você se encontre com ele, Sara. Por mim.

Engoli em seco.

– O quê?

Ela se inclinou para a frente.

– Você é a única chance que a polícia tem de pegá-lo. Se não falar com ele, ele matará mais pessoas. Estuprará e matará outra mulher ainda neste verão.

Ficamos nos encarando. Uma veia latejou no pescoço de Julia. O gato pulou da poltrona e se afastou silenciosamente.

– Foi por isso que Sandy veio aqui hoje, não foi?

Julia arregalou os olhos, surpresa, e se endireitou na poltrona.

– Eu a vi indo embora, Julia. Ela lhe pediu que me dissesse isso?

– Ela não me pediu nada – respondeu Julia.

Continuamos nos encarando. Eu sabia que Julia estava mentindo, mas ela nem sequer pestanejou.

– E quanto à minha vida? – perguntei. – E quanto à *minha* filha?

As mãos de Julia tremiam.

– Se voltar as costas para isso, *você* será uma assassina.

– Vou embora – falei, levantando-me.

Julia me acompanhou até a porta.

– Carregar você dentro de mim por nove meses foi repugnante. E me fazia mal saber que você existia, que algo dele *vivia* neste mundo.

Suas palavras me paralisaram na porta e olhei para ela, esperando a dor bater, como quando nos cortamos e primeiro vemos o sangue, sem que a mente tenha registrado a gravidade do ferimento, o que só acontece um pouco depois.

– Mas se você o fizer parar – continuou ela –, isso terá valido a pena.

Desejei lhe falar que tudo o que ela estava dizendo era injusto e cruel, mas sentia um nó na garganta e o rosto quente, e lutava para não chorar. Então a raiva deixou o rosto de Julia, seu corpo pareceu murchar e quando ela voltou a olhar para mim seus olhos estavam desesperados, derrotados.

– Não consigo dormir. Enquanto ele estiver lá fora, nunca conseguirei dormir.

Saí batendo a porta atrás de mim. Aos prantos, corri até meu carro e dei marcha a ré. Tentei telefonar para Evan assim que peguei a estrada, mas ele não atendeu. Depois de alguns quilômetros, a mágoa e a raiva que sentira tinham se transformado em culpa. Será que ela estava certa? Se eu não marcasse outro encontro e por isso John matasse alguém, eu seria uma assassina?



Normalmente, quando pego a Malahat Highway saindo de Victoria, dirijo devagar e me concentro na estrada – com um precipício de um lado e uma parede rochosa de outro, não há espaço para erro –, mas dessa vez eu estava fazendo as curvas em alta velocidade, com as mãos agarradas ao volante. Quando cheguei ao cume e comecei a descer do outro lado, onde a estrada se abre novamente em duas pistas, telefonei para Sandy.

– Isso foi baixo, até mesmo vindo de você.

– Do que você está falando?

– Você sabe muito bem.

Desacelerei ao me aproximar de outro carro em uma curva fechada.

– Aconteceu alguma coisa?

– Pode parar de fingir, Sandy. Vi você saindo da casa dela.

Sandy ficou em silêncio.

– Não vou mais falar com você. – Então desliguei.

Tentei telefonar para Evan, mas ele ainda não atendeu. Eu *tinha* de falar com alguém. Billy atendeu no primeiro toque.

– Quero Sandy fora do caso. Não vou mais trabalhar com ela.

– Ah. O que está acontecendo?

– Acabei de vir a Victoria para me encontrar com minha mãe biológica, porque fui idiota de pensar que ela realmente pudesse querer me ver, mas só ficou tentando me convencer a me encontrar com John. Cheguei lá cedo e vi Sandy saindo da casa dela. Ela pediu a Julia que fizesse isso! Você sabia?

– Sei que Sandy tem falado com ela. Julia é uma testemunha muito importante. Mas não acredito que ela estava tentando armar...

– Não acha muita coincidência ela estar lá no mesmo dia?

Billy ficou quieto por um momento.

– Você gostaria que eu falasse com ela?

– De que adiantaria? Meu Deus, me sinto tão *idiota* por ter pensado que Julia realmente quisesse me ver! Mas ela só...

Parei quando as lágrimas ameaçaram ressurgir.

– Onde você está agora? – perguntou Billy.

– Voltando de Victoria.

– Que tal eu pegar um café e sanduíches e me encontrar com você na sua casa? Então falaremos sobre isso, está bem?

– Sêrio? Você não se importa?

– De modo algum. Telefone-me quando estiver mais perto de Nanaimo.

Durante o resto do caminho, ensaiei todas as coisas que queria dizer a Sandy, porém a voz de Julia ficava me interrompendo: *Mas se você o fizer parar, isso terá valido a pena.*



Quando estacionei na entrada da minha garagem, Billy saiu de seu carro com um sorriso, segurando uma embalagem de papel e uma bandeja com dois copos de café.

– Não há muito que um bom sanduíche não possa consertar.

– Não estou tão certa disso – contestei, sorrindo.

– Bem, podemos tentar.

Depois que deixei Moose no quintal, Billy e eu nos sentamos no pátio de trás e começamos a comer nossos sanduíches. Eu o estudei por cima da mesa.

– Você acha que estarei sendo uma assassina se não me encontrar com John?

– De onde você tirou *isso*?

– Foi o que Julia me disse.

– Puxa!

Seus olhos irradiavam solidariedade.

– Pois, é. Evan disse que não seria culpa minha se ele matasse alguém.

– É claro que não será. Como policial, sempre me sinto responsável quando um suspeito foge, mas tento aprender com a lição e fazer um trabalho melhor da próxima vez.

Fiquei pensando no que Billy tinha dito, mas ele ainda não encerrara o assunto:

– Você não precisa fazer nada que não queira, Sara. Porém, se decidir não se encontrar com John, não pode se culpar pelo resto da vida quando ele fizer alguma coisa.

– O problema é que, se dependesse apenas de mim, eu tentaria marcar outro encontro. Ia telefonar para você e dizer isso, mas Evan não quis. Não há como ele me deixar fazer isso de novo.

– Ele só está tentando protegê-la.

– Eu entendo isso, mas não é ele que está se torturando, sou eu. Sei que parece loucura, mas é como se eu pudesse sentir tudo o que aquelas vítimas e famílias sentiram. Você já teve essa sensação enquanto trabalhava em um caso? Como se estivesse se perdendo?

– É difícil, mas é preciso aprender a separar as coisas.

– É esse o meu problema – suspirei. – Não consigo separar *nada*. Mesmo quando eu era criança tinha uma mente compulsiva. Meu pai detestava isso porque eu fazia uma coisa durante algum tempo, ficava entretida com ela durante dias, mas na semana seguinte já era outra coisa. – Ri. – Você era assim quando garoto?

– Eu me metia em encrencas o tempo todo: brigava, bebia, roubava. Meu pai me pôs para fora de casa quando eu tinha 17 anos e precisei morar na casa de um amigo.

– Nossa! Que horrível!

– Acabou sendo bom para mim. – Ele deu de ombros. – Entrei para uma academia perto de casa e o velho policial que dava aulas de kickboxing me levou a alguns eventos estrada afora. Ele me mostrou que eu poderia ser um policial ou então provavelmente terminar meus dias atrás das grades.

– Fico feliz que você tenha decidido ficar do lado dos bons.

– Eu também. – Ele estava sorrindo.

– E você e seu pai são próximos agora? – perguntei.
– Ele é pastor. Só se importa com a igreja e com Deus, nessa ordem.

– É mesmo? Como foi ser filho de um pastor?
– Se você acha que eu faço muitas citações, meu pai podia pregar a Bíblia palavra por palavra.

Billy sorriu, mas vi uma súbita dureza em seus olhos antes que ele os voltasse para o copo de café vazio.

– Ele era severo? Sabe, do tipo que acredita que “quem economiza no cinto estraga a criança”?

Billy fez que sim com a cabeça.

– Meu pai não era violento nem nada, mas acreditava em penitência. – Billy deu uma breve risada. – Quando eu era criança, me meti em uma briga na escola dominical porque estava tentando impedir que um garoto batesse em outro menor. Meu pai me obrigou a pedir desculpas a toda a congregação, a ficar ajoelhado na frente da igreja, a renunciar aos meus pecados e a pedir perdão a Deus. Esse foi só um exemplo.

– Mas você só estava tentando proteger alguém. Não explicou a ele?

– Não dá para explicar nada a meu pai. Mas sei que o que fiz foi certo. E o faria de novo sem pestanejar.

– É estranho pensar que você teve um pai assim. Você é tão calmo e racional!

– Agora sou, sim. Mas demorei um pouco para ser desse jeito.

– É mesmo?

– Com 20 e poucos anos, eu era muito genioso. Quando entrei para a polícia, queria eu mesmo derrubar todos os criminosos.

– Espere um pouco. Você era genioso?

Billy deu um sorriso travesso.

– Posso ter quebrado algumas regras.

– Ou alguns rostos, certo? Eu sabia!

A expressão dele se tornou séria.

– Um caso foi perdido por minha culpa e acabei recebendo uma suspensão, mas quase fui expulso. Foi uma dura lição, que me ensinou a trabalhar de acordo com o sistema.

– Mas você não ficou frustrado? Como quando um criminoso escapa impune? – Balancei a cabeça. – Se John escapasse por causa de um detalhe técnico, eu ficaria louca, muito tentada a fazer justiça com as próprias mãos.

O rosto de Billy estava atento, preocupado. Não quebrei o silêncio.

– Sabe esse caso sobre o qual acabei de falar? – disse ele finalmente. – Era um estuprador em série. Depois de meses tivemos uma pista de onde ele poderia estar e decidi verificar. Quando cheguei lá, vi um homem saindo que se encaixava na descrição do suspeito. O estuprador sempre levava as roupas das vítimas, por isso entrei por uma janela em busca de evidências, e de fato no armário dele havia uma sacola cheia de roupas femininas. Eu estava prestes a ir embora quando o suspeito entrou pela porta da frente. Quando me viu, ele saiu correndo e eu o persegui... Não foi um final feliz.

– O que aconteceu?

– Digamos que deixei as emoções dominarem a mente e por isso cometi um erro – respondeu ele, olhando-me nos olhos.

– Mas você parece sempre tão controlado!

Fiquei intrigada com a possibilidade de Billy ter outro lado. Um lado que o deixava muito mais parecido comigo.

– O livro de Sun Tsu, *A arte da guerra*, mudou minha vida, e o kickboxing também ajudou. Quando você está no ringue, descobre rapidamente que, se perde a serenidade, perde a coordenação.

– Hum, interessante. Suas tatuagens são de frases retiradas do livro?

– Sim. – Billy apontou para o braço esquerdo. – Esta diz: “A fraqueza provém de se preparar para deter um ataque.” – Então apontou para o braço direito. – E esta diz: “A força provém de obrigar o inimigo a se preparar para deter um ataque.” Eu as fiz quando me tornei membro da Unidade de Crimes Hediondos.

– Elas são muito legais.

– Obrigado – agradeceu ele, sorrindo.

Assim que terminamos nossos sanduíches, o BlackBerry de Billy tocou. Ele o pegou e olhou para o visor.

– Parece que você recebeu outro e-mail do John.

Eu quase havia me esquecido de que a polícia estava recebendo todos os meus e-mails. O rosto de Billy ficou tenso.

– O que diz?

Ele me estendeu o telefone.

SE VOCÊ NÃO FALAR COMIGO,

ENCONTRAREI ALGUÉM QUE IRÁ FALAR.

O medo atravessou meu corpo, forçando o ar a sair rapidamente de meu peito. Ele faria aquilo novamente – mataria outra pessoa. Tentei dizer alguma coisa a Billy, mas todo o meu corpo parecia pulsar junto com o sangue que retumbava em meus ouvidos.

– Você está bem? – perguntou Billy.

Balancei a cabeça.

– O que... o que vai acontecer?

– Não sei. Vamos rastrear de onde veio isso e fazer com que os destacamentos na Colúmbia Britânica aumentem suas patrulhas nos acampamentos.

– O que eu faço agora?

– O que você quer fazer?

– Não sei. Se eu começar a falar com ele de novo Evan vai ficar *realmente* aborrecido, mas se John...

– Só você pode tomar essa decisão, Sara. Mas preciso dar alguns telefonemas. Avisarei se souber de alguma coisa.

□

Assim que Billy saiu, fui para o andar de cima e fiquei olhando para o e-mail de John com o coração e os pensamentos disparados, até que chegou a hora de buscar Ally. Graças a Deus ela ficou tagarelando sobre seu dia durante todo o caminho para casa, porque minha mente não parava de girar. O que eu faria sobre

John? Horas depois eu ainda não havia chegado mais perto de uma resposta.

Para me distrair, digitei o nome inteiro de Billy no Google e encontrei uma matéria sobre o caso que ele mencionara. O que ele não me contou foi que depois de perseguir o estuprador eles brigaram. O estuprador agarrou o revólver de Billy e enquanto eles lutavam pela posse da arma ela disparou, ferindo uma senhora que passeava com seu cachorro. Como Billy tinha entrado ilegalmente na casa, o juiz não aceitou a prova no tribunal e o estuprador conseguiu uma suspensão do processo. Não admirava que Billy agora fizesse tudo de acordo com as regras. Embora tivesse quebrado algumas regras importantes, fiquei impressionada com o fato de ele ter ido sozinho atrás do sujeito.

Depois que Ally estava na cama, Evan finalmente retornou minha ligação. Eu lhe contei sobre o e-mail de John e sobre o que acontecera na casa de Julia.

– Que absurdo! Não posso acreditar que ela tenha feito isso com você. Esqueça essa mulher, Sara. Você não merece isso.

– Mas você tem que entender o ponto de vista dela. Sei como é viver com medo do que poderá acontecer a seguir. Se existisse alguém que pudesse me fazer parar de me sentir assim agora...

– Existe: a *polícia*. Você tem de deixá-la fazer o trabalho dela.

– Billy está tentando.

Evan ficou quieto.

– O que foi? – perguntei.

– Só estou pensando que é estranho ele ter levado lanche para você.

– Eu estava perturbada. Billy estava tentando fazer com que eu me sentisse melhor. E felizmente estava aqui quando recebi aquele e-mail.

– Parece que Billy está sempre tentando fazer você se sentir melhor.

– Billy é policial. Só está fazendo o trabalho dele. Ao menos nunca fez com que eu me sentisse pressionada, como Sandy faz o tempo todo.

– Não se deixe enganar. Ele provavelmente só está bancando o bom policial.

– Ele é um bom policial.

Houve uma longa pausa e depois Evan disse com uma voz desanimada:

– Você quer falar com John.

– Não quero falar com ele, quero fazê-lo parar. – Evan não disse nada, então continuei: – Você sabe como foi difícil ouvir aquilo de Julia? Que eu sou a única pessoa que pode fazê-la se sentir segura outra vez? A mesma pessoa que foi procurar por ela e começou tudo...

– Ele estuprou sua mãe, foi assim que isso começou.

– Eu sei, mas sou a única que pode fazê-lo parar.

– O que você está dizendo?

– Acho... acho que eu deveria tentar me encontrar com ele.

– Não, eu já disse. De jeito nenhum.

– E se eu apenas comesse a falar com ele de novo? Talvez pudesse fazê-lo revelar mais coisas, ou conseguisse ao menos tirar a atenção dele dos acampamentos.

– Por que você não pode simplesmente deixar isso para lá?

– Porque não consigo – respondi, com a voz trêmula.

A voz de Evan foi gentil.

– Querida, você sabe que isso não fará com que Julia ame você, não sabe?

– Isso não tem nenhuma relação com tentar conquistar o amor dela. Mas se você me ama, Evan, deveria entender por que tenho de fazer isso.

– Acho que há uma parte sua que gosta de saber que é a única pessoa que pode fazê-lo parar. É por esse motivo que não consegue deixar isso de lado.

– Que coisa *horrível* de dizer! Você realmente acha que gosto que meu pai seja um assassino em série e que já tenha matado uma mulher por minha causa?

– Não foi isso que eu quis dizer, Sara. Quis dizer que você simplesmente não sabe como...

– Enfiar minha cabeça na areia e fingir que está tudo bem? Como você?

– Isso também é uma coisa horrível de dizer.

Nós dois ficamos em silêncio. Finalmente Evan suspirou e falou:

– Estamos andando em círculos aqui. Se você for falar com John de novo, prepare-se, porque ele vai tentar marcar outro encontro.

– Ainda não sei o que vou fazer, Evan. Só preciso saber que tenho o seu apoio.

– Não aprovo que você escolha conversar com ele, mas entendo por que sente que tem de tomar essa atitude. Mas estou falando sério, Sara: não quero que você tente se encontrar com ele de novo.

– Não vou fazer nada sem primeiro falar com você, está bem?

– É melhor que não faça mesmo.

– Ou o quê? – perguntei em um tom provocador, mas a voz de Evan estava séria quando ele respondeu:

– Não estou brincando, Sara.

□

No fim de semana, pensei no que deveria fazer e conversei novamente com Billy. Ele me disse que Sandy em momento algum coagiu Julia a falar comigo, que aquilo foi algo que ela quis fazer. Talvez seja verdade, mas tenho minhas dúvidas. Sandy é tão compulsiva que acho que faria qualquer coisa para pegar John. Como o tempo estava passando e eu ainda não tinha me decidido, comecei a me perguntar se seria possível não precisar decidir nada. Então, na segunda-feira, Julia telefonou.

– Soube que ele mandou outro e-mail, Sara. Você vai falar com ele?

– Ainda não me decidi.

Preparei-me para a raiva dela.

– Bem, enquanto você está *se decidindo*, talvez devesse considerar o seguinte: a polícia disse que eu poderia ser a próxima

pessoa com quem ele tentará entrar em contato. – A voz dela tremeu na última palavra e percebi quanto estava assustada. – Dessa vez espero que ele me mate.

Então ela desligou.

Meu coração demorou cinco minutos para desacelerar. Telefonei para Evan, mas ele não atendeu. Sabia que deveria falar com ele antes de tomar uma decisão e esperei mais uma hora, mas ele não atendeu e senti um estranho tipo de calma. Soube o que tinha de fazer.

Fui para o andar de cima e escrevi um e-mail a John. Continha uma única frase – *Como posso ajudá-lo, John?* – e meus novos números de telefone. Então, antes que pudesse me permitir pensar mais sobre o assunto, cliquei em enviar.



Mas continuo sem notícias dele. Foi difícil não perguntar a Sandy se ela tinha contado a Julia que eu respondera ao e-mail dele. *Será que agora ela gosta de mim? Agora que estou arriscando minha vida e minha família? Agora que Evan está chateado comigo?* Então disse repetidamente a mim mesma que não me importava com a opinião dela. Estou ficando tão boa em mentir que quase acredito em minhas mentiras.

Contudo, não estou fazendo isso apenas por Julia. Essa situação terrível nunca irá terminar se eu não encontrar um modo de fazê-la chegar ao fim. E em meu íntimo, sinto que o único modo de fazer isso é me encontrando com ele – sei que você concorda comigo. Mas às vezes, em um nível cinético profundo, algo dentro de mim *realmente* entende o que John faz, ainda que na mesma proporção eu não o entenda. De fato, acho que tenho o poder de fazê-lo parar. E Evan tem razão: gosto disso.

Então penso em John, no momento em que ele está sobre aquelas mulheres, ou quando mira alguém com seu revólver. Eu me pergunto se é assim que ele se sente.

DÉCIMA SÉTIMA SESSÃO



ocê alguma vez já sentiu que tinha tudo nas mãos, tudo

o que sempre quis, mas de repente o deixou cair ou o apertou com força demais? Durante todo o caminho até aqui, tentei encontrar a analogia perfeita para o que tem acontecido. E não é que é apenas a história da minha vida? Estou sempre tentando torná-la perfeita.

Você sabe como eram meus relacionamentos anteriores – dramas épicos que eu discutia com qualquer um que estivesse disposto a ouvir. Ou eu estava totalmente obcecada por meus ex-namorados ou eles estavam obcecados por mim. E como esse seu volumoso arquivo pode atestar, as coisas não terminavam bem.

Meu Deus, quando você dizia que eu saberia quando encontrasse a pessoa certa, eu tinha vontade de quebrar a sua cara! Mas você só me dava aquele seu sorriso onisciente e dizia: “Acredite em mim, Sara. O verdadeiro amor não é assim.” Mas se eu estivesse envolvida em um relacionamento que me levava diretamente a um abismo, e ainda que no fundo eu *soubesse* disso, mesmo assim argumentava com você durante um longo tempo, dizendo que aquela era a Pessoa Certa!

Só entendi que todas aquelas pessoas eram erradas e que você tinha razão quando conheci Evan. Meus relacionamentos anteriores haviam sido como um jogo de hóquei violento: uma briga podia surgir a qualquer minuto, nunca estávamos do mesmo lado e ninguém jamais vencia. Evan e eu *sempre* jogamos no mesmo time. Nunca tive de olhar para trás nem precisei perguntar onde ele estava, pois sabia que estava ao meu lado, trabalhando comigo para o mesmo objetivo. Mas foi como se eu erguesse os olhos e de repente ele estivesse do lado oposto do ringue, como se nós dois estivéssemos jogando na defensiva e alguém fosse dar com a cara na parede.

O que tem acontecido entre mim e Evan ultimamente, todas essas brigas, isso não é nada bom. Está me assustando tanto quanto John me assusta. Porém são as minhas reações que mais têm me aterrorizado. Porque, quando alguém me empurra, eu o empurro com mais força ainda.



No dia seguinte à nossa última sessão, John finalmente telefonou.

– Senti falta de conversar com você.

Não respondi imediatamente. Não tinha certeza de que poderia lhe responder sem xingá-lo de tudo quanto fosse nome.

– Estou feliz por você ter me mandado um e-mail – continuou. – Estava preocupado.

Ele estava preocupado? Isso era interessante. Billy e a maioria dos livros que eu tinha lido concordavam em que os assassinos em série não sentem remorso, embora saibam fingi-lo, por isso imaginei que eles deveriam entender o princípio por trás disso. Decidi testar minha teoria.

– O que você fez foi horrível, John.

– O que eu fiz?

– Deixar para mim aquela Barbie com o rosto derretido e depois me enviar e-mails que sabia que iriam me aborrecer. Fez com que eu me sentisse péssima.

– Você *mentiu*.

– Você estava fazendo perguntas injustas. Pode ser o avô biológico de Ally, mas não sei o que quer de nós, ou dela. Eu teria de ser maluca para lhe dar detalhes pessoais sobre minha filha.

– Eu só queria conhecer vocês um pouco mais.

Ele pareceu inseguro, como se tivesse sido apanhado desprevenido por meu tom confiante.

– Mas você ainda não sabe ao certo se pode confiar em mim, não é? Acontece o mesmo comigo. Se você quer *sinceramente* me conhecer, não pode se irritar dessa maneira. E se você se irritar, não pode simplesmente me ameaçar. Tem de me dizer o que o está incomodando, e então tentaremos lidar com isso, está bem?

Ele ficou calado por alguns instantes, mas eu esperei. Finalmente ele disse:

- Não posso evitar.
- Evitar o quê?
- Ficar irritado. Simplesmente acontece.

Tentei pensar em algo a dizer, mas como poderia aconselhá-lo sobre algo que não conseguia controlar em mim mesma? Então me perguntei por que queria ajudá-lo. Será que eu de fato pensava haver um homem no monstro? E o que isso provaria? Que eu não era um monstro? Afastei esse pensamento.

- Acontece o mesmo comigo, John, mas eu...
- *Não é o mesmo.*

– Não é o mesmo por quê? Porque você mata pessoas? – Minha pulsação acelerou com minha ousadia, mas como ele não respondeu, fui adiante: – Às vezes, quando me irrita, também machuco pessoas. Fiz algumas coisas loucas.

- Eu não sou *louco*.
- O que eu quis dizer é que às vezes entendo o que você deve sentir quando faz isso. O modo como só quer controlar as mulheres e como elas devem deixá-lo irritado.

Relembrei aquele momento na escada, com Derek, o olhar arrogante em seu rosto. O baque quando ele atingiu o chão. Eu realmente entendia, mais do que desejava.

John ficou novamente em silêncio, mas sua respiração estava acelerada. Provavelmente era hora de recuar, no entanto algo em mim quis pressionar mais, fazer com que *ele* se contorcesse.

- Você disse que seu pai era violento. Ele alguma vez o tocou sexualmente?
- Não.

A voz de John estava indignada, porém não consegui evitar que as palavras seguintes saíssem de minha boca.

- E quanto à sua mãe?
- Por que está fazendo isso, Sara? Por que está dizendo essas coisas? – A voz dele soou alta em meu ouvido.

- Foi assim que me senti quando *você* fez perguntas sobre Ally.
- Bem, eu não gosto disso. – Ele pareceu nervoso, irritado.
- Bem, eu também não gosto.

Como John não respondeu, abri a boca para lançar outro ataque verbal. *Pare, pense*. O que eu estava fazendo? Estava com a respiração acelerada e o rosto quente. Eu ficara tão envolvida no momento, tão animada com o poder, que me esquecera de quem era a pessoa com quem estava falando. Só desejei magoá-lo.

Então subitamente percebi que era assim que John se sentia.

Fiquei paralisada por um momento, caindo em mim e me perguntando quanto dano eu havia causado. Imaginei Billy e Sandy tendo um treco em uma sala em algum lugar. Eu deveria estar tentando reunir informações, não provocando John. Mas ele não tinha desligado. Ainda havia uma chance de consertar as coisas. Então baixei a voz e tentei parecer calma.

– Olhe, acho que isso não é fácil para nenhum de nós. Talvez pudéssemos fazer uma brincadeira, um jogo.

– Que tipo de jogo? – A voz dele soou cautelosa.

– Do tipo “verdade ou consequência”. Eu faço uma pergunta e você tem de me dar uma resposta honesta. Depois você me faz uma pergunta e eu também lhe direi a verdade. Você pode perguntar até mesmo sobre Ally. – Fechei os olhos.

– Você já provou que mente.

– Você também mente, John.

– Eu *sempre* sou honesto com você.

– Não, acho que não é, não. Você quer saber tudo sobre mim, mas há todo esse outro mundo sobre o qual você não fala. Talvez sejamos mais parecidos do que você pensa.

– O que quer dizer com isso?

O que *eu* queria dizer? Pensei naqueles poucos minutos atrás: em como eu me sentira forte e estimulada, no perigoso limite entre a razão e a emoção, com todos os meus sentidos aguçados, meu corpo tenso e pronto para a luta.

– Eu já expliquei: quando fico com raiva, machuco pessoas. Já cheguei a empurrar um homem escada baixo. – Se eu fizesse aquilo

parecer pior, John se abriria mais? – Ele quebrou a perna e espalhou sangue por toda parte. Não gosto de sentir que não estou no controle e algo me diz que você também não.

John ficou em silêncio.

– Estou disposta a começar... – falei.

– Podemos tentar – respondeu ele depois de um instante.

– Está bem. Pergunte-me o que quiser.

Houve uma longa pausa. Prendi a respiração. Finalmente, John perguntou:

– Você tem medo de mim?

– Sim.

Ele pareceu surpreso.

– Por quê? Tenho sido gentil.

Eu nem mesmo sabia como começar aquela resposta.

– Agora é minha vez. Por que você faz bonecas com os cabelos e as roupas das garotas?

– Para que elas fiquem comigo. Você era feliz com sua família adotiva?

A pergunta de John me pegou desprevenida. Ninguém jamais a tinha feito. E houve momentos de felicidade, mas sempre envoltos na preocupação com o instante em que eles seriam tirados de mim.

Lembrei-me do dia em que minha mãe e eu estávamos preparando uma torta de carne. Eu tinha 13 anos. A cozinha estava quente e cheirava a carne assada, alho e cebola. Enquanto enrolávamos a massa, a mão macia de minha mãe se juntava à minha e ríamos de nossa bagunça. Tínhamos acabado de pôr a torta no forno quando ela correu para o banheiro. Saiu de lá pálida e fraca, dizendo que precisava se deitar e me pedindo que vigiasse a torta. Eu a tirei cuidadosamente do forno quando a crosta estava dourada, ansiosa por mostrá-la a meu pai.

Quando ele chegou, uma hora mais tarde, olhou de relance para o fogão, deu uma pancada forte com a mão em meu ombro e me virou, perguntando: “Por quanto tempo o forno ficou ligado?” Ele estava com o rosto vermelho e as veias do pescoço saltadas. Fiquei com tanto medo que não consegui responder. Pelo canto do olho, vi

Lauren pegar Melanie pela mão e sair da cozinha. “Onde está sua mãe?” Como eu ainda não conseguia responder, ele sacudiu meu ombro. “Ela... ela está dormindo. Eu me esqueci do fogão, mas...” “Você poderia ter incendiado a casa.” Meu pai soltou meu ombro, no entanto eu ainda conseguia sentir onde sua mão estivera. Esfreguei o local. E a voz dele foi mesquinha e dura quando me apontou o corredor e disse: “Saia!”

Mas eu não contei nada disso a John.

– Às vezes sim. Minha vez: por que você quer que as garotas fiquem com você?

– Porque eu me sinto só. Você se perguntava sobre mim quando era criança? – Ele começou a dizer algo mais e depois parou e pigarreou, como se estivesse desconfortável. – Sou o que você esperaria de um pai?

Ele não poderia estar falando sério. Mas estava.

– Sim, eu desejava saber quem era meu pai biológico, como ele era. – Como eu iria responder à segunda parte? – Você... você tem muitas qualidades que eu esperaria em um pai.

Ao dizer essas palavras, percebi que em parte eram verdadeiras. Ele me dera algo que eu quisera do meu pai durante a maior parte da minha infância, algo de que eu ainda precisava, embora não quisesse admitir: atenção. *Mude de assunto, Sara.*

– Por que você sempre mata no verão? – perguntei na minha vez.

Ele ficou em silêncio por um momento. Então, com uma voz cautelosa, respondeu:

– Na primeira vez que isso aconteceu, eu estava caçando. Encontrei esse casal na floresta e eles estavam... você sabe. O homem me viu. – A voz de John se acelerou. – E então ele partiu para cima de mim para me bater. Tive de lutar com ele e fomos parar no chão e ele *realmente* estava batendo com força, dando aqueles golpes traiçoeiros, e conseguiu acertar alguns, mas eu estava com minha faca e a *enfiei* bem embaixo da costela dele.

– Então você o matou?

– Com mais uma facada. Mas a garota estava gritando. Então me viu olhando para ela e começou a correr. Eu só corri atrás da

garota porque *ela* correu. Correu cada vez mais, mas eu só queria explicar que aquilo não tinha sido culpa minha, que fora legítima defesa. Mas, quando a alcancei... – Houve uma longa pausa e em seguida ele disse: – Talvez um pai não devesse falar com a filha sobre essas coisas.

Eu não queria ouvir nada do que ele estava me dizendo, mas respondi:

– Tudo bem, John. É bom falar sobre isso. – Mantive minha voz descontraída. – O que aconteceu?

– Eu não queria fazer aquilo. Porém eu a havia imobilizado e ela continuava a gritar. Eu não estava me sentindo bem naquele dia. Estava realmente quente. Mas depois que ela morreu me senti melhor.

John parou, esperando que eu dissesse alguma coisa. Permaneci muda, então ele prosseguiu:

– Fiquei com ela durante algum tempo. Contudo, quando fui embora, o barulho voltou, por isso a visitei de novo e ele desapareceu. Mas então a encontraram...

Visualizei um corpo em decomposição na floresta e John olhando para ele. Fechei os olhos.

– Então você começou a fazer as bonecas?

– Sim. – Ele pareceu aliviado, como se satisfeito por eu ter entendido. – Com sua mãe não consegui acabar. – Sua voz ficou zangada. – Tive de fazer isso de novo com outra mulher e então o barulho desapareceu. Foi quando eu tive certeza. – Ele ficou calado por alguns segundos. – Mas estou feliz por não ter acabado, ou não teria você.

Dessa vez fui eu quem mudou de assunto.

– E esse barulho, John? Você ouve vozes?

– Eu já lhe disse que não sou louco. – Ele falou isso como se eu é que fosse. – É só que minha cabeça dói. E o zumbido nos meus ouvidos não para.

Então tive um estalo.

– Você tem *enxaquecas*?

– O tempo todo.

– Elas pioram quando está quente, não é?

Agora era eu quem parecia excitada.

– Sim, é quando realmente ficam fortes.

Como eu não percebera isso antes? Todos os sinais estavam lá: os gemidos, a voz ininteligível, a irritação dele com o barulho. Enxaquecas induzidas pelo calor.

– Eu também tenho enxaquecas, John.

– É mesmo?

– Sim, e são horríveis. Também pioram no verão.

– Tal pai, tal filha, não é mesmo?

As palavras dele me trouxeram bruscamente de volta à realidade: não se tratava de uma conversa para restabelecer um vínculo com um pai havia muito perdido.

– As minhas começaram quando eu era adolescente – falei. – E as suas?

– Quando eu era criança.

– Você toma algum remédio para isso?

Se ele tivesse uma receita, talvez a polícia pudesse rastreá-lo.

– Não, minha mãe fazia coisas para minhas dores de cabeça. Ela dizia que as dores eram os espíritos me assombrando.

– Você acha que os espíritos irão embora se você matar alguém?

– Não sei. Mas deveriam ir. Preciso controlar meus minutos. Em breve nos falaremos de novo.

Ele precisava controlar seus *minutos*? Era por isso que geralmente interrompia as ligações? Quase ri.

– Está bem. Cuide-se.

Depois que desliguei, percebi o que tinha acabado de dizer. *Cuide-se*? Isso era apenas um hábito, algo que eu costumava dizer para um amigo ou membro da família, mas John não era uma coisa nem outra. Será que eu estava me acostumando tanto a falar com ele que meu inconsciente não sabia mais a diferença?



Quando telefonou para me dizer que John tinha ligado de fora da ilha, de algum lugar ao norte de Prince George, e que depois desaparecera nas montanhas, Billy pareceu entusiasmado com a quantidade de informações que eu o fizera revelar. Eu também estava entusiasmada. Agora muitas coisas faziam sentido. Toda a literatura diz que os assassinos em série frequentemente se sentem eufóricos depois de matar alguém e era provável que em John isso se manifestasse na crença de que suas dores de cabeça iriam embora.

Billy também disse que John devia estar no final da adolescência na primeira vez em que matou. Como é plausível que também tenha sido sua primeira experiência sexual, teria sido ainda mais intenso. Sua mãe, que o abandonou, provavelmente encheu sua cabeça de mitos durante a infância, o que poderia explicar por que seus assassinatos eram tão ritualizados. Os assassinos em série tendem a criar mundos de fantasia elaborados como forma de se protegerem do isolamento. Posso imaginar com o que um garoto abandonado nas montanhas, que tem de caçar para sobreviver, começaria a sonhar.



Naquela noite, quando Evan telefonou, tentei lhe contar tudo, mas suas respostas foram curtas e ele me perguntou sobre outras coisas, como trabalho, Ally, ou se eu já enviara os e-mails dos convites de casamento, o que foi estranho, porque geralmente ele é o último a se incomodar com esse tipo de coisa.

- Não tive tempo – expliquei –, mas farei isso amanhã.
- Não teve tempo ou não quis fazer?
- Não tive tempo, Evan. Estive muito ocupada, lembra? – Percebendo quanto estava sendo desagradável, suavizei a voz. – Farei isso hoje à noite, está bem?

Ficamos em silêncio, e então eu continuei falando:

- Faz total sentido que John não tenha nenhum limite. Ele provavelmente não foi muito socializado. E aposto que, se eu pesquisasse o clima em todas as vezes em que John atacou alguém, teria havido uma onda de calor naquele verão ou uma mudança barométrica que realmente podem influir nas enxaquecas. Você sabe como fica quente no interior.

Evan suspirou.

- Sara, podemos falar sobre outra coisa, para variar um pouco?
- Você não acha interessante o fato de John ter enxaquecas como eu?
- Isso não muda o fato de ele ser um assassino.
- Sei disso, mas me ajuda a saber *por que* ele mata.
- Realmente é importante saber por quê? Ele só faz isso porque gosta.
- Claro que é. Se nós soubermos por quê, teremos mais chance de...
- Nós? Você sabe que não é policial, não sabe? Ou entrou para a polícia enquanto eu estava fora?

Evan estava fazendo uma piada, mas senti uma tensão subjacente. A raiva percorreu rapidamente meu corpo.

Pare. Pense. Respire. Ele só reagiu assim porque está preocupado. *Não reaja. Vá à raiz do problema.*

– Evan, eu amo você mais que tudo. Espero que saiba disso. Essa história de John simplesmente me toma muito tempo. Mas isso não significa que me esqueci de você.

– Se não é isso, é outra coisa. Sempre há uma nova obsessão, Sara.

– Eu sou *obsessiva*. Você sabe disso!

– Só sinto falta do tempo em que você era obcecada por mim. – Ele riu.

Também ri, aliviada que a tensão tivesse desaparecido.

– Bem, quanto antes tirarmos esse sujeito da nossa vida, mais depressa poderei voltar a ficar obcecada somente por você, está bem?

– Isso soa como um plano. John já falou sobre um novo encontro?

– Ainda não, mas provavelmente irá falar. E acho que irá aparecer da próxima vez.

– Próxima vez? Não haverá próxima vez. – E a tensão voltou.

– Puxa vida, Evan! Você não acha que está sendo muito dominador?

– Sou quase seu marido. Deveria poder ter uma influência nisso.

– Mas você está *errado*. Eu já lhe disse que a única chance que temos de tirá-lo da nossa vida é esse encontro, quando a polícia poderá prendê-lo.

– E se a polícia não o prender? E se algo der errado de novo? E aí? – perguntou ele, elevando a voz.

– Isso não vai acontecer. John está começando a confiar em mim. Posso sentir isso. No último telefonema, ele me contou mais coisas do que jamais havia contado e eu...

– Você acha que porque John lhe contou sobre as dores de cabeça dele você estará segura? Que agora você sabe tudo em que ele está pensando? Você não é policial nem psiquiatra, Sara. Ou Nadine também está lhe apoiando nisso?

– Ela está me ajudando a descobrir o que eu quero fazer.

– E quanto ao que eu quero que você faça?

– O que você está dizendo, Evan?

– Estou dizendo que, se você se encontrar com ele realmente, terei de pensar sobre o nosso relacionamento e sobre quanto ele é importante para você.

– Não está falando sério!

– Você está pondo sua vida em perigo, Sara.

– Você põe sua vida em perigo sempre que sai de barco.

– Não é a mesma coisa e você sabe disso.

– Não posso acreditar que você esteja me ameaçando.

– Não ameacei nada, é só que eu me sinto...

– Bem, talvez eu também precise pensar sobre este relacionamento.

E então desliguei. Fiquei olhando para o telefone durante um longo tempo, esperando que Evan ligasse de volta. Mas ele não ligou. Então telefonei para Billy.



Ele veio imediatamente, trazendo café e rosquinhas.

– Policiais e rosquinhas? Isso não é uma espécie de clichê?

Ele deu um tapinha em sua cintura elegante e brincou:

– E eu preocupado com a minha dieta!

Dei uma risada, puxei a caixa de rosquinhas para perto e olhei o que havia lá dentro, mas não peguei nenhuma.

– Você quer falar sobre isso? – perguntou Billy.

– Eu simplesmente odeio tudo isso. Sentir que tenho de escolher.

– É uma escolha difícil.

– Eu sei que estou sendo egoísta por querer que Evan apoie tudo o que faço, mas ele praticamente ameaçou terminar nosso relacionamento.

– Uau! – exclamou Billy, franzindo as sobrancelhas.

– Quero dizer, você acha que sou eu que estou errada?

– Só você pode responder a essa pergunta, Sara. Acho que isso está relacionado com o que você pode aceitar. Ou com a condição de conseguir ou não aceitar a si mesma.

– Esse é o problema. Eu não suportaria se John matasse outra mulher. Então como iria viver neste ou em qualquer outro verão? Todos os fins de semana eu me perguntaria se ele atacou de novo. E como poderia me casar, se fico olhando por cima do ombro a cada dez segundos?

– Entendo você. Aconteceu o mesmo comigo e a minha ex. Ela queria um homem comum, mas eu simplesmente não conseguia ficar sentado no sofá vendo tevê quando havia um assassino solto. Sempre tive de ir até o fim.

– É exatamente assim que me sinto. Fui eu que comecei isto, portanto cabe a mim encerrar o assunto.

Senti outra onda de raiva de Evan. Por que *ele* não conseguia entender?

– Eu trouxe uma cópia de *A arte da guerra* para você – disse Billy. – Está no carro. Mas talvez você só precise tirar uma pequena folga de tudo.

– Como faria isso?

– Que tal começar dando uma volta de carro? Saindo e conversando um pouco?

- Não sei. Ally está na escola e tenho muito o que fazer aqui...
- Você realmente vai fazer alguma coisa?
- Provavelmente não – suspirei. – Está bem, vamos.



Rodamos por quase uma hora, apenas bebendo café e falando sobre nada em particular. Não discutimos minha briga com Evan. Deve ser difícil para a polícia saber que Evan está tentando me impedir de ajudá-los, mas tudo o que Billy disse foi que entendia por que Evan estava passando por um momento tão difícil. A caminho de casa, folheei o livro que ele me dera e notei que Billy destacara – e até mesmo circulara – algumas das citações.

Ele me olhou de relance.

– As estratégias podem ser usadas para tudo: política, negócios, administração de conflitos, o que for. E podem ser aplicadas a qualquer investigação. O caso de John é um exemplo perfeito. Este livro poderia ser a chave para finalmente fazê-lo parar.

– Parece apenas um monte de citações.

– Mas todas são brilhantes. Vou lhe dar apenas um exemplo: “Isso não tem a ver com planejamento; tem a ver com respostas rápidas e apropriadas a mudanças de condições.” É exatamente assim que um policial precisa pensar. – Seus olhos pretos brilharam quando encontraram os meus. – Se mais policiais lessem este livro, teríamos muito mais condenações.

– Você deveria escrever seu próprio livro.

– Na verdade, estou trabalhando em um há alguns anos, sobre como usar *A arte da guerra* no trabalho da polícia. “A vitória pertence ao homem capaz de dominar o estrategema do torto e do reto.”

– Isso é tão legal!

– Ele relanceou os olhos para mim.

– É?

– Muito.

Se ele fosse usar estratégias militares para tirar John da minha vida, eu o apoiaria. Esse caso precisava de alguém disposto

a fazer um esforço especial. Então pensei em Sandy. Até onde ela iria para pegar John?



Durante o resto do caminho de volta, Billy me falou tudo sobre o livro dele. Quando me deixou em casa, minha raiva tinha diminuído e eu estava me sentindo péssima em relação à minha reação com Evan mais cedo ao telefone. Também me sentia bastante mal por ter saído com Billy. Sabia que aquilo não era nada, mas Evan saberia?

Minha mente se encheu de imagens assustadoras de Evan indo embora, de eu tendo de vender a casa e cancelar o casamento, de Ally chorando e fazendo visitas a Evan nos fins de semana, de noites solitárias quando eu sabia que Evan era a melhor coisa que já tinha me acontecido, mas mesmo assim eu o perdera... Assim que passei pela porta, enviei por e-mail todos os convites do nosso casamento. Depois tentei telefonar para Evan, mas o celular estava desligado. Não deixei mensagem porque não sabia o que dizer.



Quando Evan telefonou mais tarde naquela noite, eu estava trabalhando no ateliê. Meu estômago se contorceu e respirei fundo antes de atender.

– Oi, querida – disse Evan. – Sinto muito pelo que houve mais cedo, eu fui grosseiro. É só que esse sujeito não pode trazer nada de bom e acho que você não entende quanto ele é perigoso.

Suspirei. Evan e eu ficaríamos bem.

– Eu entendo, Evan. É claro que entendo. E realmente espero que você não tenha tido a intenção de dizer o que disse sobre o nosso relacionamento, porque enviei nossos convites. – Ri.

Evan ficou em silêncio. Senti um aperto no peito.

– Tudo bem, agora você está me assustando.

– Você me assusta, Sara. Quero que nos casemos e tenhamos uma vida juntos. Eu amo você, mas você está pondo sua vida em perigo. E também a vida de sua filha. Quero protegê-la, mas você não me escuta.

– Desde quando eu tenho de obedecer a tudo o que você diz? Não sou um cachorro. – Eu ri, mas Evan não.

– Você sabe que não é isso que eu quero dizer – continuou ele. – Não quero que você se encontre com ele de novo. Não sei como posso ser mais claro. Para começar, eu nem queria que você falasse com ele.

– Eu sei, Evan. Mas estou tentando lhe dizer que não posso continuar a viver no limbo. É algo que está me matando.

– Então faça isso, Sara. Encontre-se com John. Não me importo mais. Mas preciso ir para a cama. Terei um longo dia amanhã.

– Espere, Evan. Quero falar sobre isso...

– Não, não quer. Já está com sua decisão tomada e só quer que eu concorde com você. Mas não importa de quantos modos diferentes você o diga, não irei concordar. Falar mais é desperdício de energia.

– Preciso saber que *nós* ficaremos bem se eu fizer isso.

– Não sei, Sara.

Agora eu estava chorando.

– Você e Ally são as pessoas mais importantes do mundo para mim, Evan. Não quero perdê-lo, mas estou me perdendo. Não consigo comer, dormir, fazer nada. Estou confusa. Não consegue entender isso?

– Apenas tome uma decisão. – Ele pareceu resignado.

Evan me desejou boa noite e sussurrei o mesmo em meio às lágrimas. Depois vesti uma das camisetas dele e fui para a cama. Não podia imaginar minha vida sem Evan – *não queria* uma vida sem ele. Mas se não encerrasse esse assunto com John, meu relacionamento de qualquer maneira logo chegaria ao fim, porque eu estava perdendo progressivamente o controle. Em todo caso, estava destruída.

Evan estava certo: eu tinha de tomar uma decisão e sabia qual seria. Só havia uma saída. Então minha vida poderia voltar ao normal. Apenas rezei para que Evan continuasse a fazer parte dela.



Na manhã seguinte, John telefonou para meu celular quando eu estava levando Ally para a escola. Dessa vez tentei algo diferente.

– Oi, John, estou com Ally no carro, mas liguei para você assim que puder.

– Mas eu quero conversar. – Ele pareceu surpreso.

– Ótimo, porque realmente quero discutir algumas das coisas sobre as quais falamos no outro dia.

– Não posso deixar o celular ligado. Mas preciso...

– Está bem, então ligue para minha casa daqui a meia hora. – Desliguei.

Prendi a respiração, esperando que ele ligasse imediatamente, mas não ligou. Billy telefonou para me dizer que John estava novamente perto de Williams Lake e eles estavam com todos os policiais disponíveis nas estradas. Exatamente meia hora depois, John ligou para minha linha fixa. Enquanto ele se gabava de ter seguido o rastro de um urso-negro através de um pântano naquela manhã, perguntei-me se deveria esperar que mencionasse o encontro ou eu mesma deveria tomar a iniciativa. Quando John começou a descrever como estripou o urso e depois arrastou facilmente a carcaça de 113 quilos para fora dos arbustos, eu o interrompi.

– Deve ser difícil atirar em um urso. Eu ficaria com muito medo de errar e ele vir atrás de mim.

– Eu nunca erro. – Sua voz se tornou raivosa. – Todos os anos encontro ursos feridos na floresta por causa de algum amador. Se não for possível acertar um tiro bem atrás da orelha, direto no cérebro, não puxo o gatilho. A maioria dos caçadores se empolga, faz besteira no último minuto e...

– Puxa, isso é realmente interessante. Pena que nós não conseguimos nos encontrar. Eu gostaria de ouvir algumas dessas histórias pessoalmente.

– Grandes mentes pensam de modo parecido! Eu ia mesmo sugerir outro encontro. Você pode trazer Ally.

– Não sei... talvez da primeira vez eu devesse ir sozinha. Ally poderia dizer alguma coisa para Evan. Mas posso levar fotos dela?

– Sim, sim, traga fotos. Isso seria ótimo.

Estremeci à ideia de John tocando em uma foto de Ally.

– Então quando você quer que a gente se encontre? – perguntou.

– Quando você estava pensando em se encontrar comigo?

Minha boca ficou seca.

– Preciso ir. Está ficando quente. – A voz dele estava raivosa de novo. – As pessoas estão começando a acampar e elas jogam lixo na floresta e ligam seus rádios em um volume tão alto que você não consegue ouvir seus próprios pensamentos.

– Logo, podemos nos encontrar logo.

– Está bem. Amanhã.



Foi por isso que telefonei pedindo uma sessão de emergência. Sei que você não tem costume de atender à noite e estou realmente grata. Acredite em mim, eu queria vir antes, mas fiquei na delegacia a tarde toda. Billy disse que cuidaria de Ally – dá para acreditar que ele vai levá-la para a Boston Pizza e não quis aceitar nenhum dinheiro? Evan deve telefonar mais tarde esta noite e não sei como vou lhe contar, nem mesmo deveria lhe contar. Estou cheia disso. Mas tenho certeza de que, depois que pegarmos John, Evan me perdoará. Quem foi que disse que é melhor implorar por perdão do que pedir permissão?

Você é a única pessoa a quem posso contar isso, mas quando eu estava na delegacia ouvindo Billy e Sandy – dessa vez me encontrarei com John no Bower Park, por isso eles queriam examinar um novo plano –, tive um momento realmente estranho. Acho que foi causado por algo que Billy disse sobre as dores de cabeça de John, sobre ele usá-las como desculpa. Por um segundo eu me vi querendo defendê-lo – *me* defender. Durante toda a minha vida, as pessoas olharam para mim como se eu estivesse fingindo quando tinha uma enxaqueca. Mas agora sei como isso dói, como você quase enlouquece de dor.

Quando eu estava na escola, uma das minhas amigas brigava constantemente com a mãe dela e quando a mãe dizia “Você é exatamente como eu era na sua idade”, minha amiga falava sem parar sobre como não era nada parecida com a mãe. Eu não entendia isso. Em primeiro lugar, elas eram muito parecidas e, em segundo, eu achava que era muito pior não ser capaz de se ver em

seus pais – como eu. Definitivamente não me vejo em minha mãe, que é a mulher mais doce e paciente do mundo, e o meu pai... bem, precisaríamos de mais uma hora para discutir todos os modos pelos quais somos diferentes.

Esse foi um dos motivos de eu ficar tão desapontada quando conheci Julia. Também não me vi nela. Fico assustada ao ver como sou parecida com John – em sua impulsividade, seu intervalo curto de atenção, seu gênio. Agora até mesmo nas enxaquecas. Mas estou apavorada com a possibilidade de me tornar *mais* como ele. Sempre que John diz algo que me faz lembrar de mim mesma, fantasio matá-lo, levar uma faca para o encontro e golpeá-lo repetidamente. Mas a melhor parte é quando ele está deitado lá, sangrando – quando posso ver que finalmente está morto. É uma sensação boa.

DÉCIMA OITAVA SESSÃO



ensei em tudo o que você me disse e, considerando

o que estou passando, acho que poderia estar me saindo muito pior. Parte do mérito é seu. Não importa o que eu lhe conte, quanto esteja me sentindo estranha, você me faz *olhar* para a questão. Evan aceita todas as minhas ideias fixas e loucuras – bem, talvez não neste momento. Mas não creio que ele realmente entenda por que faço as coisas que faço, ou talvez ele apenas não precise saber por quê.

Eu sempre questioneei tudo – um traço de personalidade que tirava meu pai do sério. Tudo bem, a maioria das pessoas na minha vida. Mas você foi a primeira pessoa que me disse que não havia nada de errado em ter perguntas e as encorajou. Na verdade, foi a primeira pessoa que me disse que não havia nada de errado *comigo*. Até mesmo Lauren às vezes me diz para eu parar de ser tão... tão *Sara*. Mas você não.

Você disse que minhas obsessões eram paixões, que minha intensidade era um forte dom e minha determinação era admirável. Que as coisas que eu considerava meus pontos fracos também poderiam ser meus pontos mais fortes. Se John é um espelho que reflete as piores distorções de mim mesma, você é um espelho que reflete as boas. Às vezes me pergunto o que aconteceria se eu não contasse com seu apoio.



Quando voltei para casa depois da nossa última sessão, Evan havia deixado uma mensagem dizendo que estava exausto e iria desligar o celular e dormir. Senti-me mal por ele não saber que eu estava planejando me encontrar com John ao meio-dia do dia seguinte, mas aliviada por não ter de lhe contar. Deixei uma

mensagem dizendo que lamentava ter perdido seu telefonema e desejando boa noite. Então desliguei antes de lhe contar tudo.

Billy trouxe Ally para casa e esperou enquanto eu a punha na cama. Depois nós revimos a logística para o encontro. A polícia havia preparado contra-ataques na rodovia principal de Williams Lake para Vancouver e posto agentes de conservação da natureza parando pessoas nas estradas secundárias, mas, pelo que sabiam, John já havia escapado. Tínhamos de prosseguir com nosso plano.

Dessa vez, Billy se faria passar por um jardineiro paisagista do parque trabalhando perto do banco onde eu estaria sentada. Senti-me muito melhor sabendo que ele estaria por perto. Billy é muito grande e forte, definitivamente alguém que você desejaria ter do seu lado se fosse entrar em um beco escuro – ou se encontrar com um assassino em série. Fiz algumas piadas e em todas as vezes ele sorriu, mas depois apontou de volta para um croqui do parque. Sua crença em que o plano deles funcionaria reforçou minha crença em que eu estava agindo certo. Tudo o que eu precisava fazer era me sentar em um banco por algum tempo, e então todo esse pesadelo terminaria.

Depois que Billy foi embora, por volta das dez da noite, me joguei na cama e caí em um sono sem sonhos. Mas, na manhã seguinte, acordei do lado que Evan ocupa na cama e, abraçando seu travesseiro e sentindo seu cheiro, minha confiança começou a diminuir. E se algo me acontecesse? E se aquela minha última conversa com Evan fosse nossa *última* conversa? Eu tinha de lhe dizer quanto o amava. Mas quando telefonei, ele não atendeu. Por um momento, fiquei tentada a ligar para Billy e cancelar tudo. Então pensei no que aconteceria se eu fizesse isso.



Ally quis me preparar o café da manhã: panquecas ao modo de Evan. Eu a deixei bagunçar toda a cozinha – minha filha estava muito fofa com seu pequeno avental e chapéu de chef quando me serviu – e depois me sentei à mesa com ela em vez de me apressar a limpar tudo. Enquanto ouvia seu tagarelar matutino e sorria à sua história do que Moose fez com o brinquedo de pelúcia dele, rezei para que essa não fosse a última recordação que ela teria de mim. Tentei me lembrar que John nunca havia me ameaçado, mas não conseguia me esquecer de que era um assassino. Quando

chegamos à escola de Ally, levei-a até a sala de aula e depois me ajoelhei na sua frente.

– Ally, você sabe quanto a mamãe ama você, não sabe?

– Sim.

– Quanto? – perguntei com uma voz provocadora.

– Mais que Moose ama o coelhinho dele!

Ela conteve o riso e eu a puxei para um abraço, apertando-a tanto que ela disse “Mãeeeeee!” e tive de soltá-la. Ela se juntou a um grupo de amigos e, dando-me um pequeno aceno por cima do ombro, entrou na sala de aula.

A caminho da delegacia para uma última reunião com Sandy e Billy, tentei telefonar para Lauren, mas ela não atendeu. Desesperada para falar com *alguém*, quase liguei para Melanie, e então me lembrei de que ainda não tinha ouvido o CD de Kyle. Quando tentei telefonar para o número de Evan de novo, a ligação caiu na caixa postal. Dessa vez telefonei até para a linha direta do escritório da pousada, o que não gosto de fazer porque Evan raramente está lá e sua recepcionista, de quem não gosto porque não tem nenhum senso de humor, disse que ele estava trabalhando em um dos barcos.

Depois da reunião na delegacia, eu estava a caminho de casa, com uma hora livre, quando passei por uma floricultura. Escolhi o maior buquê e fui até a casa dos meus pais. Quando minha mãe abriu a porta, seu rosto se iluminou.

– Sara, que ótima surpresa! Você já comeu?

Enquanto eu estava sentada lá, tomando café, brincando com meu pão de canela e me perguntando se estaria viva no final do dia, minha mãe ficou tocando em minha mão a cada dois minutos.

– Estou feliz por você ter vindo, querida. Há tanto tempo não temos uma chance de nos ver!

– Sinto muito, mãe, é que tem sido uma loucura trabalhar e planejar o casamento.

– Sempre estarei aqui, se você precisar de ajuda.

Quando ela sorriu, notei que havia passado blush nas bochechas, mas a maquiagem apenas destacou a palidez de sua pele. Tive vontade de tirá-la com a mão e substituí-la por um beijo.

Minha mãe sempre tentava estar presente para mim, apesar de sua doença. Mas não podia me ajudar com isso. Não podia me ajudar com nenhum dos meus crescentes problemas – não que algum dia eu tivesse lhe pedido ajuda. Eu adorava minha mãe por sua alma doce e gentil, mas eram essas mesmas características que me impediam de lhe contar qualquer coisa real. Eu faria tudo para evitar que ela sofresse.

– Eu sei, mãe. Você é maravilhosa.

Ela sorriu de novo. Era tão fácil contentar minha mãe! Tudo o que ela queria era que as filhas fossem felizes. Pensar em todas as mentiras que eu havia lhe dito nos últimos meses, e que ainda lhe dizia, fez surgirem pontinhos de lágrimas no fundo dos meus olhos.

– Meu pai nunca quis me adotar, não é?

Eu não podia acreditar no que havia perguntado e, a julgar pelas bochechas coradas da minha mãe, ela também não.

Ela olhou ao redor como se meu pai fosse entrar naquele minuto.

– É claro que sim, ele só...

– Tudo bem, não se preocupe com isso.

Já tinha a minha resposta. O rosto da minha mãe estava cheio de culpa. Eu sempre soube por que meu pai era tão distante, mas finalmente ter a confirmação doeu mais do que eu havia esperado.

Mudei o assunto: comecei a falar sobre Ally até chegar a hora de me encontrar com John. À porta, dei um beijo e um abraço em minha mãe, demorando-me por um momento e sentindo seu cheiro de canela. Então, com uma promessa de trazer Ally em breve, fui embora. Ao me aproximar do parque, tentei ligar mais uma vez para o celular de Evan. Ele continuava sem atender, por isso deixei uma mensagem. Não sabia o que dizer, então apenas lhe disse que o amava e “Desculpe-me por ser um pé no saco”.



No Bowen Park, encontrei o banco perto da quadra de tênis ao ar livre onde disse a John que o esperaria e depois observei cada caminhão e carro que entrava. Meu olhar percorreu o parque no caso de John vir andando de uma direção diferente e prendi a respiração todas as vezes que avistei alguém, soltando-a

rapidamente quando era um alarme falso. Billy, que tirava ervas daninhas em um canteiro à minha direita, olhou para mim algumas vezes dando-me um sorriso que dizia “fique aí”. Quando eu não estava procurando por John, estava monitorando o paradeiro dos policiais à paisana.

Dez minutos se passaram. Para ocupar as mãos, girei várias vezes meu copo de café. Outros dez minutos e ainda nenhum sinal de John. Os litros de café que eu havia bebido me fizeram precisar urinar, o que não era bom. Minha cabeça se encheu de imagens de minha bexiga explodindo. Graças a Deus dessa vez eu havia me lembrado de tomar meu comprimido. Estava prestes a me arriscar a falar pelo microfone quando o celular tocou. Era John.

– John! Onde você está?

– Sinto muito, Sara, mas não vou poder ir ao encontro hoje.

– Você deve estar brincando. Estou sentada aqui há quase meia hora. – Forcei-me a me acalmar. – Só estou confusa. Ontem você realmente estava animado com nosso encontro, então por que está...

– Mudei de ideia. – Ele pareceu nervoso.

Você acha que eu não queria mudar de ideia, seu idiota?

– Que pena, John. Eu realmente estava ansiosa por conhecer você.

– Sinto muito. Eu queria, mas isso simplesmente não será possível.

– Onde você está agora?

– Vancouver.

– Você está quase aqui. Por que não tenta pegar a próxima balsa?

– Não, teremos de nos encontrar daqui a alguns dias.

– Infelizmente isso não será possível para mim. Evan virá para casa amanhã.

Esse jogo só podia ser jogado por dois.

– E daí?

– E daí que estarei ocupada.

Ele elevou o tom de voz.

– Não quero me encontrar com você hoje. Quando acordei, isso não pareceu certo.

É claro que não pareceu certo, seu assassino filho da mãe! A polícia iria prendê-lo. Mas agora isso nunca iria terminar. Eu tinha de lhe dar mais uma chance.

– Não me importo de esperar um pouco mais para você poder refletir...

John desligou. Ele estava nervoso? Eu deveria apenas ir embora? Olhei de relance para Billy, mas não consegui decifrar a expressão dele.

O telefone tocou um minuto depois.

– Isso ainda não parece certo. Vamos tentar amanhã – disse John.

– Eu já disse que não será possível.

– Por causa de Evan?

Seu tom deixou muito claro o que ele pensava de Evan e percebi meu erro.

– Não, estarei muito ocupada com o trabalho, com a Ally, fazendo compras... – Eu precisava desligar rápido. – Acho que teremos de marcar em outra ocasião. Cuide-se, John. Dirija com segurança.

Desliguei antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. Ao passar por Billy, balancei a cabeça – sutilmente, para o caso de John estar observando. Quando entrei em meu carro, recebi um torpedo de Billy: *Encontre-nos na delegacia.*

Ótimo. Mais café e conversas. Ao menos eles tinham um banheiro. No caminho para lá, Evan telefonou.

– Oi, você tentou entrar em contato comigo?

– Ah, *Evan*. Você vai me matar.

Um de seus suspiros profundos.

– O que você fez agora?

– Não queria lhe contar em uma mensagem, por isso fiquei telefonando, mas sua recepcionista estúpida disse que você estava...

- Ei, seu monstrinho, acalme-se! O que você fez?
- Eu marquei um encontro.
- Meu Deus, Sara! Quando?
- Deveria ter sido hoje, mas...
- Hoje? *E você não me contou?*
- Eu *tentei* contar, mas você não atendeu o telefone.
- Quando será? Vou para aí e...
- Já aconteceu, mas...
- *O quê?*
- John não apareceu. Você tinha razão, ele só está me manipulando. – Eu contei tudo a ele. – Mas para mim chega. Estou farta disso, Evan.
- Já ouvi isso antes.
- Não, dessa vez é verdade. Vou trocar nossos números de novo. Talvez possamos nos mudar ou ficar na pousada, como você disse. Posso dar aulas para Ally em casa. Ou talvez devêssemos vender a casa. Não sei, mas direi à polícia que eles não podem mais grampear nossos telefones. Não vou ver tevê nem ler jornais...
- Fique calma. Estarei com um grupo grande aqui esta noite, mas assim que puder irei até aí e falaremos sobre isso.
- Tem certeza?
- Nós vamos resolver tudo, está bem? Só não tome nenhuma decisão antes de eu chegar e não mude nada, *por favor*.
- Está bem, está bem.
- Estou falando sério. Não quero chegar aí e encontrar uma placa de “Vende-se” no gramado.
- *Está bem*. Agora tenho de me encontrar com Sandy e Billy na delegacia. – Suspirei.
- Não deixe que eles a manipulem.
- Todos estão me manipulando agora.
- Por favor, Sara. Isso não é justo.
- Desculpe-me. Isso é simplesmente horrível. Queria não ter de encontrá-los. Só quero ir para casa.

- Mande-os para o inferno.
- Preciso falar com eles, mas não vão gostar do que tenho a dizer.



Evan, como eu, estava certo sobre a polícia. Assim que fechamos a porta da sala de interrogatório, Sandy disse:

- Da próxima vez acho que deveríamos...
- Não haverá próxima vez.

Ela me ignorou.

– Precisamos atraí-lo com um motivo mais forte para que venha à ilha. Acho que você deveria lhe dizer que afinal o deixará se encontrar com Ally...

- Não usarei minha filha como isca, Sandy.
- Ela não estará lá de fato, ele só precisa acreditar que estará.
- Não, isso acabou. Quero parar. Vou mudar meu número de telefone hoje e não autorizo mais que minha linha fixa seja grampeada. Nem minha linha móvel.

– Nós entendemos que você precisa de uma folga – disse Billy. – Isso tem...

– Não preciso de uma *folga*, preciso que isso acabe. Arrisquei minha vida, minha filha e meu relacionamento por nada. Evan tinha razão. John está me manipulando e vocês terão de pegá-lo sozinhos.

- E se ele machucar outra mulher? – perguntou Sandy.
- Será porque vocês não o pegaram – falei, fuzilando-a com os olhos.
- Se removermos todos os aparelhos de escuta, não conseguiremos protegê-la adequadamente – continuou ela. – O que vai fazer se ele vier atrás de você ou de sua família?

– Antes você dizia que achava que eu não corria perigo nenhum com John.

- Eu lhe disse que não podemos prever os passos dele.

– Muito interessante. Quando você queria que eu me encontrasse com ele, achava que eu não corria perigo, mas agora que não quero me encontrar com ele minha vida está em risco.

– Só estamos dizendo que não sabemos como ele reagirá ao ser rejeitado por você – observou Billy. – Da última vez houve um e-mail...

– Bloquearei os e-mails dele.

Eles me olharam fixamente. Respirei fundo.

– Olhem, eu pensei que se concordasse com um encontro isso iria terminar, mas não é o que está acontecendo. Minha vida está totalmente arruinada. Mal consigo trabalhar, brigo com Evan a todo o momento, não passo tempo suficiente com minha filha. Quanto mais ajudo vocês, mais arruinada ela fica. Só quero ir para casa e tocar minha vida como se John não existisse. É isso que eu deveria ter feito muito tempo atrás.

– Parece que você mudou de ideia, e tem de fazer o que achar melhor, mas acho que deveria... – começou Billy.

– Obrigada por entenderem – finalizei a conversa, levantando-me.

Sandy, que parecia tudo menos entender, balançou a cabeça e disse:

– Espero que você consiga viver em paz consigo mesma quando ele encontrar sua próxima vítima.

– Espero que *você* consiga viver em paz consigo mesma. Você sabe sobre ele há anos e nunca o fez parar. Eu lhe dei mais pistas do que jamais conseguiu sozinha.

Sandy ficou com o rosto vermelho enquanto se levantava, furiosa.

Dei um passo para trás quando ela disse:

– Sua...

Billy disse:

– Sandy?

Ela se virou e saiu da sala, batendo a porta.



Billy me seguiu até o carro. A adrenalina do dia intenso ainda estava correndo em minhas veias enquanto eu reclamava sem parar de Sandy.

– Está certo – disse ele, quando me acalmei. – Você vai ficar bem esta noite? Se quiser, posso levar comida chinesa mais tarde e ficar de olho em você e Ally.

– Isso é muito gentil, Billy, mas acho que você está certo: preciso de uma folga de tudo.

Também sabia como Evan reagira da última vez em que Billy me levou comida.

– Claro, mas se precisar de mim sabe meu número.

– Um-nove-zero?

– Cuide-se, garota.

Ele caminhou de volta para a delegacia, onde Sandy provavelmente estava atirando dardos em minha foto.



Então chegamos ao fim. E acho que também terminarei a consulta de hoje. Já falei o bastante por um dia. Sei que isso não é algo de que costume me queixar. Lembra-se dos tempos em que minha maior preocupação era o meu temperamento genioso? Nunca imaginei que pensaria neles como “os bons velhos tempos”, mas naquela época não fazia ideia de que fosse filha de um assassino em série – especialmente de um que muda de opinião tanto quanto eu.

Você disse que preciso começar a perguntar a mim mesma o que quero fazer, e não ficar pensando no que é certo ou errado ou no que os outros acham. E descobrir o que quero significa examinar objetivamente o que sinto e as consequências da minha decisão. Como o fato de que quero John fora da minha vida e de que temo que ele machuque alguém. Quero John preso e morro de medo de ele vir atrás da minha família. Então você disse que tenho de tomar uma decisão e me manter firme nela. É o que estou fazendo, porque quero minha sanidade de volta e temo que já seja tarde demais.

DÉCIMA NONA SESSÃO



ão sei mais a quem ouvir. Neste momento estou tão

confusa que provavelmente caminharia no meio do trânsito se você achasse isso uma boa ideia – o que com certeza resolveria as coisas de maneira rápida. Deus, este pesadelo não vai terminar! Tenha cuidado com aquilo que deseja. Tudo o que eu desejava era um pai que se importasse comigo. Ah, está certo, ele se importa. Importa-se tanto que poderia facilmente me matar, se não matar primeiro todos que eu amo.



Ontem à noite, John telefonou de novo. Só Deus sabe o que queria dessa vez, e nunca vou descobrir, porque desliguei o celular. Ele também tentou ligar algumas vezes para a linha fixa, mas o ignorei. Billy não telefonou para me dizer a localização de John, provavelmente esperando que eu ficasse curiosa, mas eu não quis saber. Mal podia esperar para mudar nossos números – a única coisa que me impedia era Evan ter me pedido que aguardasse. Mas fiquei muito irritada quando percebi que saí da delegacia sem que os policiais confirmassem que removeriam o grampo do meu celular e que provavelmente eles ainda estavam com a linha fixa grampeada. Mais tarde, quando Evan telefonou, ainda tinha muito a fazer antes de partir pela manhã, por isso apenas nos desejamos boa noite e concordamos em deixar as grandes decisões para quando ele estivesse em casa. Eu poderia ignorar John por mais um dia.

Esta manhã, que parece ter sido um milhão de anos atrás, deixei Ally na escola – é o último dia de aula dela antes das férias de verão. Depois limpei a casa correndo feito louca. Fiquei surpresa por Evan não telefonar ao sair da pousada, mas imaginei que estava apenas ocupado. Não é fácil para Evan sair no último

minuto. Minhas ligações caíam na caixa postal, por isso tive certeza de que ele estava na estrada – a cobertura de celular é péssima lá. Por volta das dez parei de passar o aspirador de pó para pôr outra pilha de roupas na máquina de lavar. Ouvi pneus no cascalho e então Moose disparou para a porta, latindo. Evan estava em casa!

Corri para a porta da frente – e vi Billy e Sandy saindo do carro de Sandy. Meu estômago se contraiu quando vi que usavam óculos escuros e tinham a fisionomia muito séria.

– Podemos entrar? – perguntou Billy.

– Evan deve chegar a qualquer momento, mas é claro que podem.

Dessa vez eu os levei para a sala de estar. Más notícias mereciam formalidade. Depois que eles se instalaram no sofá, tomei a iniciativa:

– Outra garota desapareceu, não foi?

– Sara... – Billy tirou os óculos. – Evan levou um tiro na pousada hoje de manhã e...

– O quê?

Olhei para eles por um momento, com o coração batendo disparado no peito. Então me ergui de um pulo.

– Ele está bem? – perguntei, alternando o olhar de um para o outro, tentando desesperadamente interpretar suas expressões.

– Ele ficará bem – disse Billy. – Foi levado de avião para o hospital em Port Alberni.

– O que *aconteceu*?

– Evan foi para a doca cedo hoje. Então levou um tiro, mas conseguiu se arrastar até um dos barcos e usou o kit de primeiros socorros para estancar o sangue, até que um dos guias o encontrou.

– Certo... Eu só... tenho que...

Virei-me, peguei minha bolsa no banco do corredor e procurei as chaves e o celular. Como faria para pegar Ally na escola? Será que Lauren poderia buscá-la? Ou ela deveria buscá-la no caminho?

– Nós a levaremos ao hospital – disse Sandy.

Moose. Eu precisava pedir a um vizinho que cuidasse dele. O que mais? Um cliente viria buscar uma cabeceira de cama. Abri o celular, mas Sandy pegou meu pulso.

– Espere.

Eu me soltei.

– Tenho que pedir a alguém que pegue Ally.

– Nós entendemos, mas antes precisamos repassar algumas coisas com você.

– Só pode ser coisa de John.

– É por isso que nós... – começou Billy.

– Tenho de contar à minha família. Eu não parava de pensar em como iria explicar isso a eles.

– Temos algumas ideias sobre o que você deveria dizer – sugeriu Sandy.

Virei-me para Billy.

– Ele não... não o matou. Então foi apenas um aviso, não foi?

– Achamos que não, que não seria apenas um aviso, Sara. Um dos cozinheiros saiu para fumar perto da hora em que Evan levou o tiro e ouviu algo nos arbustos. Achamos que Evan assustou John antes que ele pudesse terminar o serviço.

John quis matar Evan. Por minha causa. Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Tenho de pegar Ally na escola *agora mesmo*.

Sandy continuou:

– Alguns agentes estão no hospital com Evan e temos uma viatura vigiando a escola. Você pode ir com Billy ver Evan e mandaremos um policial pegar Ally. Apenas telefone para a escola e explique que é um amigo da família. Não queremos assustar as pessoas deixando-as pensar que há um assassino à solta.

Só que *havia* um assassino à solta. Alguém que realmente estava irritado comigo e que era ótimo em impor sua vontade.

– Ally sabe que não deve sair com estranhos. Eu poderia ligar para uma das minhas irmãs, mas teria que contar o que está acontecendo e...

– Não vamos fazer isso agora – disse Sandy. – Ally me conhece. Eu a pegarei e tomarei conta dela enquanto você visita Evan.

Balancei a cabeça.

– Eu disse a John que não poderia me encontrar com ele porque Evan viria para casa. Ele deve ter decidido... – Minha voz ficou presa.

– Você não sabia que ele faria isso, Sara – disse Billy, demonstrando aflição.

Olhei para Sandy.

– Mas *you* sabia. Você me avisou.

Eu deixara meus sentimentos, minhas opiniões sobre ela obscurecerem a verdade?

– Você não pode se concentrar no que já está feito, Sara – orientou Sandy. – Tem de ser forte para Evan. Nós cuidaremos do resto.

Pela primeira vez, ela disse algo que gostei de ouvir.



A caminho do hospital com Billy, telefonei para meus pais. Assim que ouvi a voz gentil de minha mãe, o dique emocional rompeu e comecei a chorar. Consegui me controlar o bastante para lhe contar a mentira: a polícia achava que Evan tinha sido baleado por um funcionário insatisfeito. Eu não sabia por quanto tempo essa história iria se sustentar, porque Evan nunca fora capaz de irritar ninguém na vida. Esse pensamento me fez chorar ainda mais.

Antes que eu pudesse impedi-la, ela pôs meu pai ao telefone.

– O que está acontecendo?

– Pai, Evan está no hospital. Ele levou um tiro lá na pousada. Agora está bem, mas o levaram de avião para Port Alberni e...

Novamente explodi em lágrimas.

– Sua mãe e eu a encontraremos lá – disse meu pai.

Essa era provavelmente a última coisa que a polícia queria. Mas era a que eu mais queria.

– Obrigada, pai. Você pode avisar os pais de Evan?

Meus sogros moram nos Estados Unidos e embora Evan e a família sejam unidos, ele não os vê com frequência. Minha mãe e meu pai cumpriam para meu noivo grande parte de seus papéis.

– Não se preocupe – disse meu pai. – Onde está Ally?

– Uma amiga está cuidando dela.

Seria a primeira e a última vez que eu chamaria Sandy dessa forma?

– Como você irá até lá?

– Billy, o policial que é meu cliente, se ofereceu para me levar de carro.

Meu pai parou por um momento e em seguida disse:

– Iremos imediatamente.

Ele desligou antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa. Billy me disse que saberia contornar a situação. Ele não tem a menor ideia do que é lidar com meu pai. Mas naquele momento não me importei. A única pessoa com quem me importava era Evan. Gostaria de ter dito isso a ele ontem.



A viagem até Port Alberni nunca é fácil: mais de uma hora por uma rodovia estreita e cheia de curvas através de montanhas íngremes, e é preciso competir por espaço com caminhões de madeiras. Mas dessa vez estava especialmente insuportável. Graças a Deus era Billy que estava ao volante. Se eu estivesse dirigindo à velocidade das batidas de meu coração, certamente teria sofrido um acidente. Mas não me lembro de nada do que falamos, só de fragmentos da conversa, em que Billy me tranquilizava, dizendo: “Nós vamos pegá-lo, Sara. Evan ficará bem.”

No hospital, o médico me disse que Evan fora baleado no ombro esquerdo. Estavam esperando que o estado dele se estabilizasse, e então o transfeririam para Nanaimo, onde seria operado. Ele tinha uma lesão muscular e um ferimento enorme, mas nenhum dano grave. Fiquei feliz de ele estar vivo – sobretudo quando o médico me disse que, se a bala tivesse entrado vinte centímetros à esquerda, teria ido direto para o coração. Ouvir isso quase fez o meu coração parar.

Eles lhes deram analgésicos e Evan estava inconsciente, mas me deixaram vê-lo. Uma grande atadura branca envolvia seu ombro e havia um cateter intravenoso em seu braço. Lágrimas escorreram por meu rosto enquanto eu beijava suas bochechas e acariciava seus cabelos. Odiei sua palidez e todos os tubos que saíam dele. Mas me odiei ainda mais por tê-lo posto em perigo.

Enquanto eu me debruçava sobre Evan, enfermeiras monitoravam seus sinais vitais e faziam anotações no prontuário. Uma delas me perguntou se eu precisava de alguma coisa. *Sim, preciso botar um assassino em série atrás das grades. Será que você poderia fazer isso por mim?* Então uma enfermeira mais velha me pediu que eu saísse por um momento enquanto trocavam o curativo do paciente. Eu estava prestes a discutir quando ouvi a voz alta de meu pai perguntando qual era o quarto de Evan.

Quando saí para encontrar meus pais, vi Billy falando com dois policiais em uma pequena sala de espera. Ele se empertigou ao ver meu pai e começou a caminhar em sua direção, mas meu pai passou direto por ele e veio até mim.

– Como está Evan?

– Está dormindo, agora. Ficar bem, mas terá que ser operado. Eles irão esperar até seu estado ficar estável e depois o levarão para Nanaimo e... – Parei quando vi minha irmã andando apressadamente pelo corredor.

– Lauren veio conosco – disse minha mãe. – Ela só estava telefonando para Greg.

Lauren e eu nos jogamos nos braços uma da outra.

– Não posso acreditar que Evan tenha levado um tiro. Você deve estar apavorada.

Seu corpo tremia, enviando uma nova onda de medo através do meu. *Sim, isso é ruim. Isso é realmente ruim.*

Nós nos afastamos e eu lhe disse:

– Obrigada por vir. – Minha voz estava grave.

– É claro que eu viria. Por que você não me telefonou?

– Eu ia telefonar, mas tudo apenas...

Billy se aproximou.

– Oi para todos. Sou Bill. – Ele se virou para meu pai e estendeu a mão. – Nós nos conhecemos na casa de Sara.

Meu pai lhe deu um forte aperto de mão.

– Está encarregado deste caso?

– Certamente vou ficar de olho nas coisas, mas não: é a polícia local que está conduzindo a investigação.

Meu pai olhou para o corredor.

– Há muitos policiais aqui. – Ele olhou fixamente para mim. – O que está acontecendo, Sara?

Senti meu rosto quente.

– Hã... o que você quer dizer? Evan levou um tiro e...

Então percebi o que estava passando na cabeça de meu pai.

– Isso tem algo a ver com o Assassino do Acampamento, não é?

Minha mãe sufocou um grito. Lauren pôs a mão na boca.

Meu pai se virou para mim e exigiu:

– Conte-me agora mesmo o que está acontecendo, Sara.

Olhei para Billy sem saber o que fazer. Ele me salvou mais uma vez ao dizer:

– Vamos encontrar um lugar reservado em que possamos conversar.

Billy nos levou para uma sala vazia e contou a eles o que estava acontecendo. Enquanto fazia isso, minha mãe ia ficando cada vez mais pálida. Lauren tremeu durante toda a conversa. Depois que Billy terminou, meu pai olhou para mim e balançou a cabeça.

– Esse tempo todo você escondeu tudo de nós.

– Pai, eu...

– Sara não queria esconder isso de vocês – interveio Billy. – Ela estava sob ordens rígidas de não falar sobre isso com ninguém, pois poderia prejudicar o caso e pôr sua família, todos vocês, em perigo. Ela tem sido de grande ajuda para nós.

– Você não explicou como Evan acabou levando um tiro – observou meu pai.

– John, o Assassino do Acampamento, queria se encontrar comigo de novo, pai. E eu lhe disse que não podia, porque Evan estava vindo para casa.

– Onde esse desgraçado está agora? – O rosto de meu pai se tornou sombrio. – Onde está Ally?

– Ela está com uma policial – respondeu Billy. – Está protegida.

– O que vocês estão fazendo para pegar esse homem?

– Tudo o que está ao nosso alcance, senhor. Sua filha foi parte importante da investigação, mas tomaremos um rumo diferente agora.

– Por quê?

– Porque decidi que não vou mais ajudar – respondi. – Desde o início Evan não queria que eu me encontrasse com John, mas fiquei com medo de que ele matasse outra mulher, e agora que Evan foi baleado não...

– Evan não queria que você se encontrasse com ele, mas você se encontrou mesmo assim?

Eu e meu pai nos olhamos. Minha mãe disse:

– Ela achou que estivesse fazendo a coisa certa, Patrick.

Meu pai andou até a janela e olhou para o estacionamento. Estava com os braços cruzados. Suas costas largas formavam um muro que nunca consegui transpor. Nós quatro permanecemos em silêncio – um silêncio desconfortável –, olhando para meu pai.

– É melhor eu ir falar com os outros policiais – disse Billy. – Se tiverem mais perguntas a fazer, estarei no corredor. – Ninguém disse nada enquanto ele se afastava.

Um momento depois, meu pai falou:

– Evan estava certo. Você devia ter ficado fora disso.

– Pai, eu estava tentando *ajudar*.

Ele se virou e olhou para mim, e seu olhar foi duro.

– De agora em diante, deixe a polícia cuidar disso, Sara. – E saiu da sala, dizendo: – Vou procurar o médico.

Minha mãe me deu um sorriso consolador e tocou em minha mão.

– Ele só está angustiado.

– Eu sei, mãe, mas eu também estou, você não acha? Ele não tem a menor ideia de como tenho estado sob pressão. A polícia, Julia, todos me pressionaram para que eu fizesse isso. Não fui eu que tive essa ideia.

– Julia?

– Minha mãe. – Minha mãe recuou como se tivesse sofrido um golpe. *Droga! Droga! Droga!* – Quero dizer, minha mãe *biológica*. Ela queria que eu me encontrasse com ele e...

– Você a viu de novo?

– Fui à casa dela algumas vezes, mas não contei a você porque só falamos sobre o caso. Há anos ela vive apavorada. Era importante para ela que ele fosse preso. E eu quis ajudar porque...

– Porque ela é sua mãe.

– Não é nada disso, mãe. Eu só me senti mal por ela.

– É claro que sim, querida. Você é uma pessoa afetuosa.

– Sim, bem, isso me prejudicou.

– Qualquer outra pessoa teria simplesmente se afastado, Sara. Você se dedica a tudo o que faz e a todas as pessoas que ama. – Minha mãe sorriu, mas seu olhar partiu meu coração. – É melhor eu ir ver se seu pai está sendo gentil com as enfermeiras. – E saiu rapidamente atrás dele.

Eu me virei para Lauren e disse:

– Ótimo, agora mamãe está angustiadíssima!

– Não se preocupe com isso por enquanto. Apenas se concentre em Evan.

– Você quer dizer a outra pessoa que magoei? – perguntei, suspirando.

– Não foi culpa sua, Sara.

– Não, papai tem razão: estraguei tudo. Disse a John que Evan era o motivo de eu não poder me encontrar com ele. Eu deveria saber quanto isso o irritaria.

– Você não tinha como saber que ele iria feri-lo.

– Evan queria que eu parasse com isso há muito tempo. Eu deveria ter ouvido seu conselho, acatado seu pedido.

– Não posso acreditar que você passou por tudo isso sozinha.

Ela deu um passo à frente e me abraçou. Eu me apoiei em seu ombro e comecei a chorar.



Nós esperamos do lado de fora do quarto de Evan por algumas horas. Billy permaneceu perto dos outros policiais, que falavam em voz baixa. Meu pai ficou sentado em uma cadeira, com os braços cruzados sobre o peito, quando não estava andando de um lado para outro no corredor. Minha mãe ficou folheando uma revista, mas observando meu pai, Lauren e eu. Lauren foi até a lanchonete e trouxe algo para comermos, mas só consegui tomar um café. Então ela se sentou ao meu lado, falando sobre os garotos, a casa e o jardim. A conversa foi confortadora, mas eu mal conseguia me concentrar no que ela dizia enquanto observava médicos e enfermeiras e me preocupava sempre que alguém parava do lado de fora do quarto de Evan.

Meu pai olhou para o celular e depois se levantou e andou pelo corredor. Alguns minutos depois, voltou.

– Tenho de ir a Nanaimo. A correia de um trator se partiu.

– Você ficará bem se formos embora, Sara? – perguntou minha mãe, levantando-se.

– Sim, mãe. É provável que eu espere sentada muito tempo.

– Eu posso ficar – disse Lauren.

– Não, você tem os garotos. Ficarei bem.

– Voltaremos depois – prometeu minha mãe.

– Obrigada, mãe. Mas eles devem transferir Evan para Nanaimo amanhã. Você poderia esperar e ir visitá-lo lá.

– Não deixe de nos informar se algo mudar ou se estiver precisando de alguma coisa, querida.

– É claro.

Esperei com Billy mais uma hora, mas agora era eu que andava de um lado para outro no corredor. Uma enfermeira veio dizer que Evan tinha acordado por um tempo breve e que

precisaram lhe dar mais analgésicos, então ele talvez fosse dormir pelo resto do dia. Se eu quisesse, poderia ir para casa e buscar algumas coisas dele.

Billy estava ao telefone quando fui ao seu encontro.

– Está tudo bem? – perguntei.

– Sim, só estava falando com Sandy.

– Ally está bem?

– Elas estão se divertindo muito.

Dei um pequeno suspiro de alívio.



Tínhamos saído da cidade havia apenas dez minutos quando meu celular tocou. Olhei para Billy.

– É John! O que eu faço?

– Se você acha que não conseguirá permanecer calma não deve...

– Mas se ele ainda estiver por perto vocês poderiam descobrir a localização e pegá-lo, não é?

– Essa é a melhor chance que temos, mas você precisa pensar no que dizer antes de...

Atendi no toque seguinte.

– O que *você* quer?

– Sara! Estou na ilha. A que horas podemos nos encontrar?

– Realmente acha que vamos nos encontrar depois de você ter atirado em *Evan*?

Silêncio.

– Você estragou tudo, John. Não volte a me ligar. Assunto encerrado.

Desliguei o telefone e todo o meu corpo tremia.

– Você está bem? – perguntou Billy, apertando meu ombro.

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça enquanto meu corpo se enchia de adrenalina. Percebi que estava trincando os dentes.

– Sim. Deus! Não, não estou! Sinto muito por não ter conseguido falar mais com ele. Perdi a cabeça. Mas acho... acho que

estou tendo um ataque de ansiedade. Meu peito... está todo duro e... – Tentei respirar.

– Apenas respire lenta e profundamente algumas vezes, Sara. Você precisa...

O telefone dele tocou.

– Aqui é o Reynolds... Está bem, vou dizer a ela.

– O que está acontecendo?

– O sinal do celular de John veio de uma torre em Nanaimo. Ele está na cidade.

Billy acelerou. Agora meu corpo tremia ainda mais.

– Deus, ele deve estar totalmente louco por eu ter desligado o telefone!

– Ele não ficará feliz com isso.

As mãos de Billy apertaram o volante com tanta força que os músculos de seus antebraços saltaram.

– Você acha que ele ainda quer me encontrar? Mas eu lhe disse que o assunto estava encerrado e...

– Esse é o tipo de homem que não gosta que lhe digam não.

Meu peito se enrijeceu de novo e senti meu rosto quente.

– Você acha que eu *deveria* me encontrar com ele? Que, se eu não fizer isso, ele irá atrás de Evan de novo?

– As emoções estão fortes dos dois lados agora, por isso essa pode não ser a melhor hora para vocês se encontrarem. Mas se ele agir de maneira impulsiva, a tendência é que cometa mais erros e...

– Acho que estou tendo outro ataque de ansiedade.

Apertei a mão contra meu coração disparado.

Billy pareceu preocupado.

– Talvez devêssemos voltar para o hospital e...

– Não. – Enchi meus pulmões de ar. – Não, tenho que falar com minha psiquiatra.

– Agora?

Rapidamente fiz que sim com a cabeça.

– Tenho que falar com ela, ou perderei o controle, Billy. Preciso me acalmar, mas não vou conseguir se não falar com ela e...

– Ligue para ela.



Eu não esperava que você quisesse me ver imediatamente. Achei que pudéssemos falar sobre isso ao telefone, mas acho que estava mesmo à beira da total histeria. Quero estar com Evan, mas todas as outras partes de meu corpo gritam que eu vá para casa o mais rápido possível e fique com Ally. É claro que você está certa: antes, preciso me acalmar. Afinal, para protegê-la, preciso me assegurar de que ela não verá a mãe ficando louca.

Pobre Billy! Ele está esperando lá no carro. Eu lhe disse que poderia ir comprar um café, mas ele respondeu que ficaria e se certificaria de que eu estava bem. O único modo de eu conseguir vir aqui foi telefonar para casa primeiro e falar com Sandy e depois com Ally, que está se divertindo muito. Quando passou o telefone de volta para Sandy, ela disse que a protegeria ainda que isso lhe custasse a própria vida. Acreditei nela. Posso não gostar dela, mas estou bem certa de que, se ela visse John, não pensaria duas vezes antes de atirar nele.

Quanto a mim, estou girando em várias direções, sendo jogada de um lado para outro. Só queria saber que tipo de forma John assumiu agora, se está em um estado totalmente maníaco. Mas tem de estar – por que outra razão atiraria em Evan? John deve estar piorando, e eu ainda por cima desliguei o telefone na cara dele. Sei como é perder o controle, como isso me faz sentir – como me sinto *agora* –, mas não tenho arma. Só Deus sabe o que eu faria se tivesse uma! Não, isso não é verdade: sei exatamente o que eu faria.

VIGÉSIMA SESSÃO



into muito pelo que aconteceu. Deus, ainda não consigo

acreditar que você quis me ver depois de tudo pelo que passou! Não importa quantas vezes você me diga que eu não deveria me culpar, não posso deixar de pensar que tinha de ter percebido alguma coisa. Eu estava tão perturbada que simplesmente não pensei direito. *Ainda* não estou pensando direito. Mas não acho que deveria estar incomodando você com nada disso. Portanto, se for demais, por favor me diga, que eu paro. Talvez você devesse me dizer isso algumas vezes, porque ambas sabemos bem que não paro facilmente – mais uma coisa que herdei do meu pai.



Depois da nossa última sessão, Billy me levou para casa, onde Sandy me esperava. Ally estava preocupada com Evan – Sandy lhe dissera que ele havia machucado o ombro no barco, como combinamos –, mas eu a convenci de que ele ficaria bem. Então Ally me falou sobre todas as coisas divertidas que tinha feito com Sandy. Fiquei surpresa por Sandy gostar tanto de crianças. Não tinha a menor ideia disso. Mas elas fizeram um forte e se fantasiaram e até apresentaram um festival de canto. Eu costumo ficar exausta depois de um dia com Ally, mas Sandy estava com as bochechas coradas e os olhos brilhantes. Bem, talvez fosse porque John tinha telefonado de novo.

Billy pôs no forno algumas pizzas congeladas enquanto eu falava ao telefone com amigos e funcionários da pousada, que estavam preocupados. Liguei para minha mãe e para Lauren e ambas se ofereceram para vir até minha casa, mas eu disse que estava bem. Não lhes contei que John tinha telefonado nem que ainda estava na cidade. Liguei também para o hospital – várias vezes –, mas não havia nenhuma mudança no quadro geral de Evan.

Quando ele acordou de novo, eles lhe deram mais analgésicos, então ele estava dormindo. Recebi alguns telefonemas de números desconhecidos, mas não atendi nenhum deles e verifiquei minha caixa postal com o coração disparado. Será que era John? Será que ele estava vindo atrás de mim? Mas não havia mensagens. A polícia rastreou as ligações, que vinham de telefones públicos em Nanaimo.

Depois que comemos – bem, eles comeram e eu olhei para a comida –, Billy e Sandy lavaram a louça enquanto eu dava banho em Ally. Então deixei que ela visse tevê na cama para que os adultos pudessem conversar no andar de baixo.

– Sua filha é maravilhosa, Sara – disse Sandy.

– Obrigada. Acho que Ally é realmente especial.

– É, sim. – Sandy tomou um gole de seu chá gelado. – Você refletiu mais sobre a possibilidade de se encontrar com John?

Eu não esperava que ela fosse direto ao assunto e com tamanha rapidez.

– Ainda não sei o que fazer. Evan, meu pai, minha psiquiatra, *ninguém* acha que seja uma boa ideia.

Sandy pousou sua xícara com força e se endireitou na cadeira.

– Mesmo ele tendo atirado em seu noivo, você não quer tentar fazê-lo parar?

– É claro que quero, mas minha psiquiatra acha que ele está piorando e que poderia me matar se...

– Por isso é importante conseguirmos prendê-lo logo.

Olhei de relance para Billy, esperando que dissesse alguma coisa, mas ele ficou calado.

– Sandy, você não pode garantir que algo não dará errado e John conseguirá fugir.

– Não, e agora também não podemos garantir sua segurança, nem a de Ally.

– Você está mesmo tentando usar minha filha para me assustar? Penso nisso todos os dias, não preciso que você...

– Não estou tentando assustá-la, mas quando John se sente rejeitado ele...

– Eu *sei*. Tenho pensado sobre isso desde que ele telefonou de novo, desde que atirou em Evan, mas, se o fizer, poderei perder meu noivo, minha família e talvez minha vida.

– Acho que Sara só precisa de uma folga esta noite, Sandy – disse Billy.

– Eu estou *bem*. Mas se mais alguém me disser o que eu deveria fazer, *perderei o controle*.

Sandy baixou a voz.

– Sara, entendo pelo que você deve estar passando, mas também sei que não quer deixar um assassino em série solto quando tem de pensar em Ally.

– Não aguento mais suas tentativas de fazer com que eu me sinta culpada. Você só está irritada porque não consegue pegá-lo.

A boca de Sandy se abriu como se ela fosse dizer alguma coisa, mas então uma voz à porta disse:

– Mãe, está na hora da minha história.

– Está bem, querida, estou indo.

Ao pegar a mão de Ally e levá-la para fora da sala, senti o olhar de Sandy queimando minhas costas. Mais tarde, quando voltei para o andar de baixo, ela havia ido embora e Billy estava sentado à mesa, jogando paciência.

– Onde está Sandy?

– Ela precisou ir à delegacia acompanhar um trabalho.

– Sandy me odeia. – Sentei-me, com um suspiro.

– Ela não a odeia, Sara.

– Bem, não se pode dizer que ela seja minha maior fã.

Ele sorriu.

– Não.

– Sabe, Nadine, a minha psiquiatra, na verdade não disse que achava que John iria me matar.

– Não?

– Só disse que ele parece em um estado psicótico e que então poderia ser ainda mais perigoso. Então estou pensando no que você

disse, que, se ele agir impulsivamente, talvez seja mais fácil pegá-lo. Quero fazer isso, e se ele não tivesse atirado em Evan...

– Você não precisa decidir isso agora. Apenas se lembre de que “um falcão destrói sua presa na investida, tamanha sua precisão”. Ele está à distância de um golpe, Sara.

– Eu sei, eu sei. – Suspirei. – Bem, eu disse a Nadine que pensaria sobre isso antes de tomar uma decisão. Telefonarei para ela de manhã antes de ir ver Evan.

– É ótimo ter alguém assim em sua vida.

– Evan também acha. – Eu ri. – Poupa a ele muito sofrimento quando converso primeiro com ela sobre as coisas. – Então pensei em Evan sozinho no hospital e uma nova onda de ansiedade me atingiu. – Vou telefonar para o hospital de novo.

– A enfermeira me disse que Evan encontrava-se estável, mas ficaria sedado durante o resto da noite, por isso era melhor eu voltar de manhã.

– Eu deveria estar lá com ele, Billy. Odeio isso.

– Também me sinto assim, mas está escurecendo e aquela estrada não é segura mesmo quando as condições são favoráveis.

– Mas e se ele piorar ou John for lá e...

– Então esse seria o último local em que você deveria estar. Em primeiro lugar, Evan está bem protegido. Os agentes que estão de guarda são oficiais superiores. Em segundo, estou certo de que os médicos estão atentos a ele. Telefonarão se houver complicações. Se você fosse minha noiva e eu estivesse no hospital, gostaria que ficasse em um lugar seguro.

– Evan provavelmente diria o mesmo.

– Com John na cidade você deve ter proteção. Nós podemos telefonar para Sandy ou eu posso...

Ergui a mão.

– Não, Sandy não. Vou preparar o quarto de hóspedes.

– Provavelmente eu deveria ficar aqui embaixo no divã, mais perto da porta.

– É claro.

Embora ainda fosse início de noite, levei para baixo alguns cobertores e comecei a arrumar o divã. Billy foi me ajudar. Quando ele estendeu a mão para pegar a beira do lençol, nossos braços se tocaram e minha pele se arrepiou. Naquele momento, pensei: *Billy tem um cheiro bom.*

Recuei rapidamente.

Billy parou de enfiar o lençol para dentro do divã e se aprumou.

– Você está bem?

Meu rosto ardeu quando respondi:

– Sim, totalmente. Mas meu pescoço está um pouco dolorido. Acho que vou tomar um banho quente e dormir. – Dirigi-me à escada. – Foi um longo dia. E eu disse a Nadine que lhe telefonaria cedo. Esta noite ela fará uma pesquisa sobre assassinos em série. Não que eu vá conseguir dormir.

Cale a boca, Sara.

– Por que você não toma alguma coisa? Não disse que sua psiquiatra prescreveu um comprimido para ansiedade?

– Sim, mas é seguro eu tomar esse remédio, com John lá fora?

Billy abriu os braços e sorriu.

– Quem passará por mim?

Forcei-me a sorrir de volta.

– Obrigada por ficar, Billy.

– Só estou fazendo meu trabalho, senhorita – disse ele com uma voz de John Wayne, fingindo andar com arrogância. – Mas espere, qual é seu código de alarme? Vou ligá-lo.

Eu disse os números, ainda andando. No patamar da escada, acrescentei:

– Então boa noite.

Mas não esperei para ouvir sua resposta antes de fechar a porta do quarto. Meu Deus, Billy devia se perguntar por que eu estava agindo de maneira tão estranha! Eu me perguntava isso. Observando o peito de Ally subindo e descendo, coberto de lã cor-de-rosa – ela estava dormindo na minha cama com Moose –, revi mentalmente aquele momento.

Por que de uma hora para outra notei como Billy cheira bem? Durante todo o tempo em que estou com Evan, nunca achei outro homem atraente – nem uma vez sequer. O único motivo de nunca ter me sentido mal em passar tanto tempo com Billy era que isso não significava nada. Nem para ele nem para mim, pensei.

Não, aquilo era uma bobagem. Ainda não significava nada. Eu podia notar quanto ele era bonito – não estava morta. E não era como se eu fosse jogá-lo no sofá e ir para cima dele. Com certeza havia mulheres na pousada que Evan achava bonitas. Isso não significava nada. Provavelmente era uma daquelas coisas de transferência. Billy representava segurança e eu estava me distraindo do meu medo real, que era perder Evan.

Preparei um banho quente de banheira e mergulhei nas bolhas com cheiro de alfazema. Mas não conseguia parar de pensar em Evan levando um tiro. Embora eu não estivesse lá, podia ver seu corpo se movendo com o impacto, vê-lo caindo e se arrastando para o barco. Minha mente me torturou com pensamentos sobre o que poderia ter acontecido se John tivesse sido bem-sucedido. Então pensei em todas as vezes em que fui grosseira com Evan nos últimos tempos ou o ignorei totalmente por estar envolvida demais com meu drama.

Desisti do banho e tomei um ansiolítico. Depois vesti uma das camisetas de Evan e me deitei na cama com Ally e Moose. Ally estava do lado em que eu dormia, mas a deixei lá e lhe sussurrei um boa-noite, enquanto beijava sua bochecha e afastava os cabelos de seu rosto. O livro que Billy tinha me dado ainda estava na mesa de cabeceira, onde eu o pusera no dia em que saímos para dar uma volta de carro. Esperando que ele pudesse me distrair, folheei as páginas. Uma citação – “Toda guerra se baseia em enganação” – chamou minha atenção. Eu havia tentado enganar John, mas ele vencera facilmente aquela batalha. Ao examinar mais páginas, vi como Billy poderia ter usado algumas das estratégias, especialmente as sobre espionar e guerrear.

Então vi outra citação, e essa me fez estremecer: “Em todo exército, ninguém deveria estar mais próximo do comandante que seus espões, e ninguém deveria ser mais altamente recompensado e tratado de modo mais confidencial que eles.” Billy estava usando alguma dessas estratégias comigo?

Ótimo, Sara. Você achou o homem atraente e se sente culpada, por isso procura modos de fazê-lo parecer um babaca. Billy era apenas um policial dedicado. Coloquei o livro de volta sobre a mesa. Depois enterrei o rosto no travesseiro de Evan, sentindo seu cheiro de limpeza e dizendo a mim mesma repetidamente, *Tudo ficará bem. Tudo ficará bem. Tudo ficará bem.*



Na manhã seguinte, preparei o café da manhã enquanto Billy entretinha Ally. Mas parecia que era Ally quem entretinha Billy ao tentar tirar um de seus bichos de pelúcia da boca feroz de Moose. Fiquei feliz ao ver que eles estavam se divertindo, já que Billy cuidaria dela enquanto eu fosse ver Evan. Billy disse que Sandy poderia ficar com Ally para ele ir comigo ao hospital, mas, depois da minha reação estranha na noite anterior, eu precisava ficar um pouco longe dele. Claro que eu não lhe disse isso, mas apenas que precisava dirigir para clarear as ideias, e perguntei se uma viatura policial poderia me seguir.

– Eu mandaria que a seguissem mesmo que você não quisesse – disse ele. – Alguém tem de ficar de olho em você.

– Então ele sorriu e tentei sorrir de volta, mas minha mente estava girando de preocupação. Eu tinha tentado ligar para você algumas vezes naquela manhã e me preocupei quando você não atendeu. Ao comentar sobre isso com Billy, ele disse que você provavelmente havia tido uma emergência com outro paciente, mas pensei: *O que poderia ser mais importante que um assassino em série?*

A caminho do hospital, tirei tudo o mais da mente e me concentrei no que queria fazer em relação a John. Atirando em Evan, ele acabara de provar que não sairia do caminho facilmente. Pensei em parar na casa de Lauren ou dos meus pais na volta para discutir isso, mas parte de mim não queria mais opiniões, principalmente quando eu já sabia quais seriam. Minha mente não parava, mas ficava voltando para meu pensamento original: encontrar John era o único modo de sair dessa confusão.



Antes de entrar para ver Evan, fiquei sentada no estacionamento do hospital tentando me recompor. Queria ser otimista e positiva para ele. A última coisa de que Evan precisava

agora era de meu medo e minha ansiedade. Eu conseguiria fazer isso. Minha determinação foi recompensada quando entrei em seu quarto e ele deu o mais alegre dos sorrisos.

– Oi, querida. Acho que seu pai não gosta de mim.

Explodi em lágrimas.

– Puxa, Sara, não chore. Isso deveria fazê-la rir.

Atirei-me na cadeira ao lado da cama dele e me inclinei sobre o colchão.

– Sinto muito, Evan. Por tudo isso.

– Sua boba, você não atirou em mim. Espere, você *atirou*? – Ele sorriu.

– *Não*.

– Então cale a boca e dê um beijo no seu noivo.

Depois de um longo beijo eu lhe contei tudo o que acontecera. Quis lhe contar que John telefonara de novo, mas as enfermeiras ficavam interrompendo. Então o médico entrou. Ele havia acabado de nos dizer que Evan seria levado para Nanaimo naquela tarde quando um dos policiais entrou no quarto.

– Com licença, Sara. O policial Reynolds gostaria que ligasse para ele.

Olhei para Evan, que disse:

– Vá.

– Saí e liguei para o celular de Billy.

– O que foi?

– Aconteceu uma coisa, Sara.

Senti um baque no estômago.

– Ally...

– Ally está bem. É sua psiquiatra. Alguém a atacou quando ela estava saindo do consultório na noite passada.

Senti um alívio momentâneo por Ally estar segura e depois assimilei as outras palavras.

– Ah, meu Deus! Ela está bem?

– Ela foi derrubada com uma pancada e bateu com a cabeça no meio-fio. Ficar bem, mas está em observação no hospital de Nanaimo.

Desabei em uma cadeira no corredor. *Derrubada com uma pancada...* Vi sua cabeça batendo no meio-fio, seus cabelos prateados se tornando vermelhos. E se você entrasse em coma? E se *morresse*? Forcei-me a respirar. *Não entre em pânico*. Nadine ficará bem. Então tive um novo pensamento.

– Foi John? – perguntei.

– Estamos pensando nessa possibilidade e também em pacientes com quem ela tenha tido problemas recentemente. Ela perdeu brevemente a consciência e foi atacada por trás, portanto não viu o agressor. Ele fugiu quando algumas pessoas saíram do escritório vizinho. Sei que ela é importante para você, por isso Sandy me substituirá aqui enquanto vou conversar com os investigadores. Tudo bem por você?

– É claro. Não posso acreditar nisso.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Vou mantê-la informada. Sandy cuidará bem de Ally até você chegar em casa.

– Obrigada, Billy.

Assim que desliguei, corri de volta para contar a Evan o que havia acontecido.

– Realmente lamento saber disso. *Você está bem, querida?*

– Não! Deus, ele atira em você e agora ataca *Nadine*?

Fiquei andando de um lado para outro no quarto.

– Mas eles não têm certeza de que foi ele?

– Quem mais poderia ter sido? Eu fui ao consultório dela na noite passada. Provavelmente ele me seguiu e o levei direto para ela. – Balancei a cabeça. – Esse não é o padrão de John. Ele deve estar perdendo totalmente o controle.

– Você teve notícias dele?

– A última vez foi ontem. John telefonou quando Billy estava me levando de carro para casa. Queria um novo encontro. Desliguei na cara dele, mas...

– Você não pode se encontrar com ele.

– Mas John está atrás de Nadine agora. Quem será o próximo? Isso é *inaceitável*. Estou enojada e farta dos jogos dele. John precisa saber que não pode simplesmente...

– Sara, você não pode...

Quando Evan tentou pegar minha mão, a parte superior do seu corpo mudou de posição e ele deixou o braço cair de volta na cama com um gemido. Respirou fundo algumas vezes.

– Quer que eu chame a enfermeira ou...

– Vou sair daqui agora mesmo se você for se encontrar...

– Está bem, está bem. Não chegarei perto dele.

– Prometa.

Coloquei uma das mãos sobre o coração.

– Eu *prometo*.

Evan pareceu exausto.

– Você vai ver Nadine?

– Vou ficar com você até eles estarem prontos para levá-lo a Nanaimo.

– Eu estou bem. Mas você tem que vê-la ou não conseguirá se concentrar em mais nada.

– Provavelmente ela não pode receber visitas.

Evan encolheu os ombros e depois fez uma cara de dor.

– Diga que é filha dela.

– Isso pode dar certo. Acho que Nadine realmente tem uma filha mais ou menos da minha idade, embora eu tenha quase certeza de que ela não mora aqui. Mas Nadine nunca fala sobre a filha. Só vi uma foto dela em seu consultório uma vez. Você sabe, Nadine é viúva. Meu Deus, gostaria de saber se ela está totalmente sozinha.

– De qualquer modo, logo me levarão para Nanaimo. Você pode me encontrar lá depois de vê-la.

– Quero ficar aqui até eles o colocarem na ambulância e ter certeza de que você está bem.

– Sim, é exatamente disso que eu preciso. De você toda estressada por causa da Nadine. Vá logo. Nós nos encontraremos no hospital daqui a algumas horas. Além do mais, quero tirar um rápido cochilo e não vou conseguir se você ficar sentada aqui.

– Eu também poderia cochilar.

Ele me deu uma olhada.

Suspirei.

– Está bem. Levarei Ally comigo depois se a polícia achar que é seguro.

– Sinto falta da minha gatinha. Agora vamos brincar de médico antes de você ir embora. Eu a deixarei ver minha temperatura...

Ele levantou as sobrancelhas algumas vezes e riu enquanto eu fingia tirar o cateter de seu braço.

Depois que Evan e eu nos despedimos com um beijo – algumas vezes –, dirigi-me para fora. Quando passei pelo posto de enfermagem, uma das enfermeiras segurava um telefone.

– É para você.

Parei e olhei para ela. Quem me telefonaria no hospital?

Eu não chegaria a ver você naquele dia, Nadine.

VIGÉSIMA PRIMEIRA SESSÃO



Desde que John atacou você, tenho vivido em um inferno.

Você é que deveria estar apavorada, e estou certa de que está. Mas sinto que estou perdendo o juízo – o que restou dele. Acordo e durmo envolta em um manto de ansiedade. Todos os músculos do meu corpo doem. Massageio as panturrilhas para aliviar a tensão. Mas não adianta. Então tomo relaxantes musculares e um banho quente. Depois volto para a cama meio grogue. Fico em posição fetal e me consolo com palavras tranquilizadoras, dizendo a mim mesma que isso terminou. Mas ainda acordo agarrando as pernas.



Quando a enfermeira me entregou o telefone, pensei que poderia ser meu pai ou Lauren. Talvez não tivessem conseguido ligar para meu celular. Mas no momento em que atendi, John disse rapidamente:

– Nós precisamos nos encontrar hoje.

Estiquei o fio o máximo que pude e me afastei do balcão.

– Como você soube que eu estava aqui?

– Nós *precisamos* nos encontrar.

Olhei por cima do ombro, perguntando-me se as enfermeiras poderiam ouvir, mas uma delas tinha ido embora e a outra estava no final do corredor, anotando algo em um prontuário.

– Não posso simplesmente abandonar tudo por sua causa. Tenho de pensar...

– Não há *tempo*.

– Você teve tempo para atacar minha *psiquiatra*. – A raiva fez minha voz tremer. – Acha que machucar as pessoas de quem gosto me tornará igual a você?

Houve um silêncio mortal do outro lado da linha.

Olhei de relance para o corredor. O policial sentado do lado de fora do quarto de Evan folheava uma revista, alheio ao fato de que eu estava falando com o homem do qual deveria me proteger.

John ainda estava em silêncio, e então eu disse:

– Você *precisa* parar com isso.

– Você precisa me ajudar. É a única pessoa que pode, Sara.

Ele parecia desesperado. Não tanto quanto eu. O que eu deveria fazer? Aquilo era apenas um truque? E se não fosse? Isso não importava. Eu sabia o que iria fazer. Fechei os olhos.

– Vou me encontrar com você, está bem? E falaremos sobre isso. Mas não posso sair agora.

– Ally também tem que vir.

Meu corpo se contorceu como se ele tivesse me batido e apertei o telefone.

– Eu já disse que não.

– Ela *tem* que vir. Você e Ally têm de vir morar comigo.

– Morar com... Não podemos *morar* com você. Isso não é possível.

– Vocês *têm* que fazer isso. – A voz dele soava nervosa. – Se vierem, não machucarei mais ninguém. Pararei para sempre. Mas se não vierem, vou... vou matar sua psiquiatra e Evan também. Lamento que tenha que ser assim, mas é uma *emergência*.

– John, por favor, não faça nada com...

– Não farei nada se vocês vierem. Eles ficarão seguros.

Minha mente girou. *Pense, Sara! Pense!*

– Podemos nos encontrar, está bem? Podemos nos encontrar e falar sobre isso.

– Não, isso não basta. Ou você vem com Ally, ou darei um fim neles.

– *Está bem*. Apenas me dê um tempo para traçar um plano. A polícia está vigiando o hospital e nossa casa porque não sabe quem atirou em Evan. Não é seguro eu me encontrar com você imediatamente. Tenho de encontrar um modo de escapular.

– Se eles descobrirem sobre este telefonema, matarei Evan. Se você lhes contar que se encontrará comigo, matarei Evan. Se os trouxer com você, matarei Evan. Se...

– Pare de me *ameaçar*! Tenho de tomar cuidado com a maneira de fazer isso. Preciso de mais tempo. Para pensar. Você não pode simplesmente...

– Tem que ser hoje à tarde... no parque.

Nesta tarde?

– Ally está na escola. Se eu a buscar, as pessoas farão perguntas. E uma viatura policial a está vigiando.

Ele parou por um momento e depois disse:

– Esta noite no parque. Às seis horas. Certifique-se de que *ninguém* a estará seguindo. Conte a alguém, e Evan estará morto.

Ele desligou.



Minhas pernas tremiam quando voltei para o quarto de Evan. Parei à porta e olhei para dentro. Ele estava dormindo. Observei-o por um momento, ainda tentando entender tudo o que acabara de acontecer. Não havia sentido em acordá-lo para lhe perguntar o que fazer – eu já sabia sua resposta. Então fui embora. O policial que o protegia estava pegando um café na máquina no final do corredor. Eu deveria lhe contar sobre o telefonema? E se John estivesse observando de algum lugar do hospital?

Eu tinha de pensar, tinha de me concentrar. Será que eu deveria me encontrar com John sozinha ou falar com a polícia? Mas e se eu falasse e John cumprisse sua ameaça?

Não, eu tinha de contar à polícia. Isso era perigoso demais. Mas e se John descobrisse? Ele disse que mataria Evan. *Pare, Sara! Reflita*. Não havia como John saber que eualaria com a polícia. Ele só estava tentando me assustar. Mas quando tentei ligar para Billy, ele não atendeu. Devia estar no hospital com você. Eu tinha de conversar com alguém *imediatamente*.

Sandy atendeu no primeiro toque. Comecei a enchê-la rapidamente de informações.

– Você tem de falar mais devagar, Sara. Não estou entendendo tudo.

– Não há a menor chance de eu levar Ally para se encontrar com ele, Sandy. Eu lhe disse que ela estava na escola. Mas não sei o que fazer.

– Ontem você não queria saber de se encontrar com John. Como se sente em relação a isso agora? – Sua voz estava tensa.

Por um momento entrei em pânico. Meu pai e Evan teriam um *treco*. Então tudo se encaixou. Não importava o que os outros pensassem. Só havia um modo de isso algum dia terminar.

– Quero fazer isso. Estou pronta. Mas não posso levar Ally. Se eu aparecer, como uma isca ou seja lá o que for, você conseguirá prendê-lo antes que ele perceba que Ally não está comigo?

– Se ele estiver observando a distância e vir que ela não está lá, poderá cumprir suas ameaças.

– Deve haver algum modo de fazê-lo dar as caras sem envolver minha filha.

Ela ficou quieta por um momento e em seguida disse:

– Vamos falar sobre isso quando você chegar. Apenas dirija para casa devagar e não faça nada de anormal, para o caso de John a estar seguindo. Não alerte os policiais no hospital, eu cuidarei disso. Nem pegue seu celular enquanto estiver dirigindo. Ele poderá entrar em pânico se achar que você está telefonando para nós. Pense em John como uma bomba, Sara. Não é preciso muito para detoná-la.

– Mas e se ele ligar?

– Não fale de novo com ele até termos um plano.

– Você vai reforçar a segurança de Evan e Nadine?

– Eles já estão sob proteção. Se enviarmos mais policiais e John estiver observando, saberá que você nos alertou.

– E quanto a Billy? Eu deveria telefonar para ele e...

– Eu o informarei disso. – A voz dela foi firme. – Apenas fique calma e conversaremos mais quando você chegar aqui.



A próxima hora dirigindo foi a mais longa da minha vida. Já era um dia quente, mas eu estava com o corpo encharcado de suor e com as mãos pegajosas ao volante, de tanto nervosismo. A maior

parte do caminho não tinha cobertura de celular, por isso eu não sabia se John havia tentado me ligar de novo. Olhava pelo espelho retrovisor constantemente, perguntando-me se ele estaria em Nanaimo ou me seguindo. E se estivesse observando a escola de Ally e percebesse que ela não estava lá?

Ao me aproximar de casa, ainda vendo em minha mente os piores cenários, passei por um sinal amarelo e a viatura policial atrás de mim parou no vermelho. Ligou suas luzes, mas uma grande carreta estava passando pelo cruzamento. Quando virei na entrada da garagem, notei que a viatura normalmente estacionada na estrada não estava lá. Ela devia ter sido substituída pela que me seguia. Saltei do carro e corri para a porta da frente.

Enfiei a chave na fechadura e gritei:

– Sou eu, Sara. Cheguei em casa.

Nenhum som de pés correndo. Nenhum latido de Moose.

Ao virar a chave, percebi que a porta não estava trancada. Sandy nunca a deixaria destrancada. Hesitei. John poderia estar lá dentro? A adrenalina correu pelo meu corpo. Minha *filha* estava.

Abri a porta.

A casa estava em silêncio.

– Sandy? Ally? Olá?

Subi a escada correndo até o quarto de Ally. Ela não estava lá. Um dos seus sapatos estava no meio do quarto. Ela o usara naquela manhã.

Corri pelo corredor até meu quarto. Vazio. Eles estavam no quintal? Disparei para o andar de baixo e abri a porta de vidro corrediça. Assim que saí, vi Sandy amarrada no chão aos meus pés.

Por um minuto minha mente não conseguiu processar a imagem, e então a ficha caiu. Ajoelhei-me ao lado dela.

– *Sandy!*

Quis sacudi-la e gritar “Onde está Ally?”, mas seu rosto estava virado para o lado e um filete de sangue escorria de seu nariz. A parte de trás de sua cabeça estava ensanguentada. Avistei um envelope perto de seu ombro com meu nome escrito. Havia um celular e uma folha de papel dobrada dentro. Abri o bilhete. A letra era confusa, mas as palavras saltaram: *Se você quiser ver Ally de*

novo, não conte a ninguém... Antes que eu pudesse ler o resto, algo caiu de dentro do envelope. Era um cacho de cabelo de Ally, um cacho macio e escuro. Um longo gemido saiu de minha garganta.

Um homem gritou de dentro da casa:

– Está tudo bem? A porta está aberta!

O policial.

Abri a boca para gritar que Ally estava desaparecida. *Pare, pense.* E se John a matasse? Se eu dissesse à polícia que ela estava desaparecida nunca me deixariam sair dali.

Ouvi-me gritando:

– Sandy está ferida!

Os passos dele eram pesados.

– *Policial ferida. Policial ferida!*

Ele entrou pela porta de vidro corrediça falando por um rádio. Enfiar o celular e o bilhete no bolso e me levantei com as pernas trêmulas.

– Ela está respirando, mas com a cabeça sangrando e...

O policial me afastou do caminho e verificou o pulso de Sandy. Fiquei olhando para as costas dele. Deveria lhe falar sobre o bilhete?

Se você quiser ver Ally de novo...

Afastei-me cambaleando. Na sala de estar, parei e li o resto do bilhete. As palavras dançaram diante dos meus olhos.

Dirija para o norte. Venha sozinha. Eu telefonarei dando instruções. Se alguém a seguir, ela morrerá.

Sirenes soaram a distância. Será que eu deveria esperar? Uma voz em minha cabeça gritava: *Vá, pegue Ally, não há tempo!* Disparei para a frente, peguei as chaves da porta, pulei para dentro do carro e liguei o motor. Saí de ré e quase bati na lateral da viatura estacionada. No final da entrada da garagem, engatei a marcha e pisei fundo no acelerador.

Enquanto eu corria pela estrada, minha mente tentava traçar um plano, mas tudo em que eu conseguia pensar era em Ally. Tinha de pegá-la – depressa. Agora a prioridade dos policiais era Sandy, mas a qualquer momento eles notariam nossa ausência. Eu tinha de me livrar do carro. Poderia ir até a casa de Lauren? Não, era

longe demais. Um vizinho! Gerry, o velho algumas casas adiante, tinha uma caminhonete que nunca usava e uma longa entrada para automóveis. Virei nela, parei em uma pequena área escondida da casa por árvores e corri até a porta dele.

Ele não respondeu às minhas batidas desesperadas. Bati na porta de novo. Estava prestes a ir embora quando ela se abriu. Os cabelos brancos de Gerry estavam espetados para cima e ele usava um roupão.

– Sara, você está suja de sangue!

– Gerry, preciso da sua caminhonete. Eu estava andando e Moose foi atropelado. Não tenho tempo de correr de volta para casa.

– Que horrível! É claro.

Ele arrastou os pés até a cozinha e remexeu em uma cesta no balcão enquanto eu me continha para não tirá-lo do caminho.

Quando ele ergueu as chaves eu praticamente as arranquei de sua mão e gritei um “obrigada” por cima do ombro enquanto saía correndo pela porta na direção de seu velho Chevy vermelho.

John não disse por qual rodovia sair de Nanaimo, por isso peguei a estrada que contornava a cidade e dirigi para o norte. Como a estrada fica no interior, só há floresta dos dois lados e longos trechos entre cada saída. A cobertura de celular é instável e temi perder o telefonema de John. O celular que encontrara perto de Sandy estava no meu colo e toquei nele várias vezes.

Vamos, seu idiota. Diga-me onde está minha filha.

Minha cabeça girava com imagens terríveis de onde Ally poderia estar e o que John poderia estar fazendo com ela. Eu deveria telefonar para a polícia? Estava lhes custando um tempo precioso? Em um minuto isso parecia a coisa certa a fazer e no minuto seguinte eu entrava em pânico pensando na possibilidade de John descobrir e matar Ally.



Depois de trinta minutos na rodovia, meu corpo ainda vibrava com a adrenalina e meus pensamentos eram confusos. Eu olhava para a estrada, mas não via nada. Avancei um sinal vermelho. Pneus cantaram quando carros se desviaram para me evitar. Outro espasmo de medo sacudiu meu corpo. Percebi que estava chorando

quando uma lágrima caiu em meu braço. A voz de Billy era audível em meio ao barulho em minha cabeça: *quando você sentir que está entrando em pânico, simplesmente respire, se recomponha e se concentre em sua estratégia.*

Respirei profundamente pelo nariz e soltei o ar com força pela boca, repetindo o processo até enfim conseguir me ater a um só pensamento. Qual era o próximo passo? John telefonará. E aí? Ele me dirá onde encontrá-lo. Então o que farei? Tudo o que tinha de fazer era fingir que concordava, dizer o que ele queria ouvir e esperar por uma chance de...

O celular tocou.

Procurei o aparelho e gritei:

– *Onde ela está?*

– Você está dirigindo?

– Ally está bem?

– Alguém a seguiu?

– Se você machucar minha filha, eu...

– Eu não a machucaria.

– Você machucou a policial.

– Ela ia atirar em mim. E você mentiu de novo. Ally não estava na escola.

– Porque fiquei com medo de você fazer uma loucura, e eu estava *certa*. Você não pode simplesmente levar minha filha e ameaçar... – Minha voz se tornou entrecortada.

– Esse era o único modo de você vir. Sei que tem falado com a polícia. Explicarei tudo depois.

– Por favor, não machuque Ally. Farei o que você quiser, só não a machuque. Estou lhe *implorando*.

– Não a machucarei. Ela é minha neta. Não sou um monstro. Mas se você contar à polícia ou a levar até mim, nunca nos verá de novo.

Ele *era* um monstro. Um dos piores que já existira.

– Eu não vou...

– Cale a boca e escute.

Mordi a língua. Ele estava com Ally.

– Vire à esquerda na Horne Lake Road e estacione perto do velho divisor de concreto na primeira clareira. Na galeria de escoamento há uma caixa com uma venda para olhos. Coloque-a e fique deitada no banco da frente do jipe.

Ele sabia que eu tinha uma Cherokee. *Devia* ter me seguido.

– Peguei a caminhonete de um vizinho.

– Você herdou a inteligência do seu velho. – Ele riu e depois disse: – Eu a verei em breve. – Eu estava prestes a desligar quando ele acrescentou: – Toc, toc.

Trinquei os dentes.

– Quem é?

– Sara, por que você não está rindo?

Minha voz saiu rouca quando falei:

– Estou com muito medo por causa de Ally.

– Ela está segura. Eu a amarrei para que não possa ir a parte alguma.

– O que quer dizer com...

– Vai dar tudo certo. Vocês duas se divertirão comigo, você vai ver.

Ele desligou.

Eu gritei diante do para-brisa.



O celular estava quente em minhas mãos. Minha respiração, rápida e curta. Isso era ruim, realmente ruim. Eu tinha de telefonar para a polícia. Eles eram profissionais; saberiam o que fazer. Mas e se John tivesse um rádio com acesso à frequência da polícia? Desapareceria com Ally e nunca a encontraríamos. Pensei no cacho de cabelo em meu bolso, no corte irregular, como se tivesse sido feito com uma faca, e uma nova onda de terror inundou meu corpo. Larguei o telefone.

Vinte minutos depois, finalmente vi a entrada para Horne Lake e, assim que estacionei na clareira de cascalho, localizei a galeria de escoamento. Havia uma caixa ali, é claro. Ao voltar para a

caminhonete, examinei meu celular, mas estava fora da área de cobertura. Eu estava sozinha.

Com o coração loucamente disparado e a boca seca, coloquei a venda nos olhos e me deitei no banco da frente. O sol atravessava o para-brisa e eu não bebia água havia horas. O suor escorria pelo lado do meu rosto. Uns dez minutos depois, ouvi um veículo vindo pela estrada. Meu corpo se retesou. Quando o veículo saiu da estrada, entrou na clareira e parou ao lado do meu, comecei a tremer.

Uma porta se abriu e bateu, e então ouvi passos pesados. A porta da minha caminhonete se abriu e senti a mão acariciando meu queixo. Encolhi-me, batendo com a cabeça na armação da porta.

– Aposto que isso doeu. – John pareceu preocupado. – Você está bem?

– Posso tirar a venda?

– Ainda não. Se arraste para a ponta do banco e eu a guiarei para fora.

Uma grande mão segurou minha perna, impedindo-me de chutá-lo. Ao tentar me soltar, meus joelhos bateram em algo e me preparei para levar um soco, mas nada aconteceu. Agora eu estava em pé e sentindo a presença dele na minha frente. Perguntei-me onde Ally estava e ergui o queixo tentando ver por baixo da dobra do tecido que amarrara frouxamente ao redor dos olhos, mas não consegui enxergar nada. Com sua mão segurando de leve meu cotovelo, ele me conduziu alguns passos à frente e depois parou. John tirou a mão do meu braço e me sobressaltei quando ele bateu com a porta da caminhonete de Gerry atrás de mim...

– Onde está Ally? – perguntei.

– No acampamento.

– Você a deixou *sozinha*? Ela só tem 6 anos. Você não pode simplesmente...

– Ally não acredita que sou avô dela. Você tem de lhe dizer. Ela não para de chorar.

John pareceu frustrado. Fiquei com o coração partido, pensando em quanto minha filha devia estar apavorada.

– Ela ficará bem quando me vir.

Rezei para que isso fosse verdade.

John me conduziu por mais alguns passos e então uma porta se abriu.

– Cuidado onde pisa – disse ele, erguendo uma das minhas pernas e a pondo dentro do veículo.

Encolhi-me ao sentir suas mãos quentes em minha panturrilha, mas ele não se deteve nelas. A porta bateu ao meu lado. Minha garganta se fechou de pânico. E se isso fosse apenas um artifício dele para ficar a sós comigo? E se Ally ainda estivesse nos fundos da casa, talvez amarrada na garagem com Moose? Minha mente não conseguia encarar a outra – e muito pior – possibilidade. Em vez disso, me concentrei no que os livros diziam sobre como lidar com um assassino em série: *não* há meios de argumentar com eles. Negociar, implorar e resistir são atitudes que geralmente não terminam bem. A melhor opção é fugir. Eu tinha de mantê-lo calmo até encontrar Ally e então procurar uma chance de escapar.

John ligou o caminhão, produzindo um som metálico. Um padrão. Eu não tinha a menor ideia de se essa informação era útil ou não, mas me senti melhor sabendo *alguma coisa*.

– Então aqui estamos, finalmente juntos.

– Não entendo por que você foi lá em casa mais cedo. Achei que iríamos nos encontrar mais tarde no parque e...

– Você não iria se encontrar comigo, Sara.

Fiquei em silêncio, tentando pensar em uma resposta que não parecesse mentira. Finalmente, falei:

– Você não me deu chance de pensar...

– Eu lhe disse que não havia tempo. Não sou louco. Sei o que estou fazendo. – John suspirou. – Explicarei mais tarde. – Então ele prosseguiu: – Trouxe algumas das minhas armas para lhe mostrar: minha Browning .338 e minha Ruger 10/22. Realmente queria lhe mostrar minha Remington .223, que é uma *ótima* arma, mas o gatilho quebrou na semana passada e ela ainda está no conserto. – Ele parou.

Embora eu não pudesse ver seu rosto, percebi que ele esperava uma resposta.

– Isso parece ótimo.

Seria ainda melhor se eu conseguisse convencê-lo a me deixar segurar uma. Minha mente se encheu de imagens minhas atirando nele e fugindo com Ally. John mudou de assunto, explicando como a viçosa floresta costeira da ilha é diferente do terreno mais seco e coberto de arbustos do interior. Eu não sabia ao certo se John estava apenas animado por ter uma plateia ou nervoso, mas ele mal respirava.

Quando parecia que já estávamos sacolejando sobre buracos havia algum tempo, falei:

– Desculpe-me por interromper, mas Ally está bem onde você a deixou? Está quente. Você a deixou com água e...

– Eu sei cuidar de uma criança. – Ele estava aborrecido de novo. – Ela só ficou assustada porque não me conhece. Mas quando vir você, ficará bem.

Eu me senti satisfeita por ele parecer desejar nos ver felizes. Mas o que aconteceria se eu não conseguisse acalmar Ally? Ela sem dúvida estaria apavorada.

– John, havia uma policial lá em casa. Ally viu você machucá-la?

– Não. – Graças a Deus! Isso era melhor do que nada. – Eu não queria bater naquela mulher tantas vezes, mas ela não caía.

Meu corpo começou a tremer.



O caminhão desacelerou em algumas curvas e depois sacolejou e entrou em um terreno acidentado, como se estivéssemos em uma velha estrada de madeira. Após mais cinco minutos, parou. John saiu e bateu a porta. Um instante depois minha porta se abriu.

– Você pode sair agora.

Assim que saí do caminhão, ele ergueu minha venda e fiquei diante de meu pai. Em meus pesadelos, seu rosto era sempre raivoso e retorcido, por isso fiquei chocada ao ver que ele tinha uma beleza rude. Não conseguia parar de olhá-lo. Estava tudo lá: meus olhos verdes, minha estrutura óssea e até mesmo minha sobrancelha esquerda ligeiramente mais arqueada que a direita.

Seus cabelos eram curtos, mas de um tom de ruivo muito parecido com o meu. Ele era muito mais alto e largo que eu, mas ambos tínhamos braços e pernas longos. Usando jaqueta jeans, camisa xadrez e calças jeans largas desbotadas, ele parecia um lenhador. Ou um caçador.

Quando John puxou suas calças para cima, seus olhos se desviaram dos meus e ele sorriu, constrangido.

- Então... aqui estou eu.
- Você se parece comigo – falei.
- Não, é você que se parece comigo.

Ele riu e eu me forcei a rir também, mas meus olhos estavam examinando o acampamento. *Onde será que está Ally?* Estávamos em uma pequena clareira cercada de abetos. À minha direita havia um trailer estacionado a alguns metros do caminhão de John – um Tacoma vermelho. Uma mesa de plástico dobrável estava armada perto de um forno escavado no chão, cercada por algumas cadeiras de lona e uma cadeira de plástico menor cor-de-rosa, com a cabeça da Barbie estampada atrás. John se virou seguindo meu olhar.

- Você acha que ela vai gostar disso?

Olhei-o de relance. Seus olhos estavam ansiosos.

- Vai adorar.

John pareceu aliviado.

- Onde ela está?

John deu um tapa na própria cabeça como se não pudesse acreditar que tivesse se esquecido e depois fez um gesto para que eu o seguisse até o trailer. Ele pegou sua chave e abriu a parte de trás.

Assim que a porta foi aberta, falei:

- Mamãe está aqui, Ally.

Espreitei ao redor das costas largas de John e embora não conseguisse ver nada na escuridão do trailer, ouvi um ruído.

- Querida, você pode sair agora.

Um som de algo se arrastando e depois um movimento sob a mesa. Só consegui vislumbrar o alto da cabeça de Ally quando ela

rastejou para fora, mas, ao ver John, minha filha voltou rapidamente para debaixo da mesa.

– Diga-lhe que não tenha medo, que não vou machucá-la.

John pareceu tenso. Se eu ao menos pudesse acreditar no que ele dizia!

– Ally? – chamei, entrando no trailer.

Quando espiei por baixo da mesa, os grandes olhos verdes de Ally se fixaram em mim. Sua boca e seus pulsos estavam amarrados com uma bandana. Ela se atirou em meus braços, com soluços abafados.

– Ah, meu Deus! Você a *amordaçou*!

Meus dedos tentaram soltar o nó amarrado atrás de sua cabeça.

– Eu me certifiquei de que ela conseguia respirar. Eu lhe disse: ela não parava de gritar.

Retirei a bandana, mas Ally estava quase sufocando. Forcei-me a manter minha voz calma.

– Ally, respire fundo. Vou soltar suas mãos, está tudo bem. Só faça o que a mamãe disser, está bem?

Ally ainda respirava com dificuldade enquanto eu tentava soltar o nó em seus pulsos. Precisava acalmá-la. Então me lembrei de um jogo que costumávamos fazer quando ela era menor e conseguia se manter concentrada por menos tempo ainda.

– Você se lembra de *wiz-a-boo*, querida?

O corpo de Ally ficou quieto.

– O que é isso? – perguntou John. – O que você está lhe dizendo?

– É só uma palavra que significa que podemos confiar em alguém, porque é um amigo – expliquei.

Na verdade, significava prestar muita atenção na mamãe porque as fadas estavam ouvindo. Se ela fosse uma boa menina, as fadas lhe deixariam pequenos presentes por toda a casa: flores de vidro, pequenos sinos e sapatinhos de cristal. Logo Ally percebeu que era eu quem deixava as bugigangas, mas eu esperava que ela entendesse o que estava lhe dizendo agora – ela *tinha* de me ouvir.

Ally ergueu a cabeça e fitou meu rosto com olhos cheios de lágrimas.

– O homem cortou meu cabelo, amarrou minhas mãos, me pôs aqui e...

– Eu não queria que você se machucasse – disse John. Olhei de relance para fora. Ele estava andando de um lado para outro na parte de trás do trailer. – Diga a ela! Diga a ela quem eu sou!

Respirei fundo.

– Lembra-se de quando a mamãe lhe disse que era adotada? Bem, este é o seu avô.

Ally olhou para mim e disse com a voz trêmula:

– Não é!

– Sim, ele é seu avô, Ally. É meu pai verdadeiro. Mamãe tem dois pais, como você. Mas eu só soube dele recentemente. Ele quer conhecer você, mas agiu do modo errado e lamenta tê-la assustado.

– É verdade, Ally. Sinto muito – disse John.

– Ele machucou minhas mãos – resmungou Ally, soluçando.

Ela escondeu o rosto no meu pescoço. Seu corpo tremia contra o meu. Tive vontade de matar John.

– Ele não quis fazer isso, querida. Não é, John?

– Não, é claro que não! Tentei não amarrar com força, mas ela estava se debatendo.

– Está vendo? John realmente sente muito. Ele tem uma cadeira nova lá fora todinha para você. Vamos vê-la, está bem?

– É uma cadeira da Barbie – disse John. – Mas eu não sabia de qual você gostava, então comprei a loura. Não sabia que você tinha cabelos escuros.

Ele pareceu preocupado, por isso falei:

– A loura é a favorita de Ally.

A cabeça de Ally se ergueu e sua boca começou a se abrir. Deixei rapidamente um sorriso e uma piscadela. *Por favor, por favor, por favor.*

Ally parou por apenas um momento.

– Ela é a mais bonita.

– Sim, é – disse ele com um grande sorriso.

Olhei de relance para a porta para ver se John acreditara no que tínhamos dito. Ele pôs a mão sobre o coração.

– Ufa! Passei horas tentando escolher a certa. – Ele fez um gesto com a mão. – Saia, e então poderemos nos sentar perto do fogo e conversar.

Levantei-me e peguei a mão de Ally. Olhei ao redor do trailer em busca de possíveis armas, mas só havia coqueteleiras de plástico sobre a mesa. Ally me deixou conduzi-la até a porta. Pulei para fora primeiro e me virei para segurá-la, mas, quando tentei colocá-la no chão, ela se agarrou ao meu pescoço. Eu a carreguei até o fogo, onde John estava arrumando as cadeiras. Ele puxou uma para mais perto, depois para trás e, em seguida, para mais perto de novo. Fiquei em pé esperando, com o rosto de Ally enterrado eu meu pescoço. Finalmente quebrei o silêncio:

– Assim está bom.

John deu um passo para trás.

– Então tudo bem. Mas me diga se você sentir muito calor. Podemos afastar a cadeira sempre que quiser.

Enquanto eu me sentava – com Ally ainda abraçada a mim – John atirou um pouco de lenha no fogo. Em seguida se sentou, mas seu corpo estava tenso. Ele coçou a lateral da cabeça e me deu mais uma vez aquele sorriso constrangido enquanto seus olhos se dirigiam para além dos meus.

– Você quer lanchar? As crianças estão sempre com fome. – Ele se levantou. – Tenho alguns hambúrgueres na caixa térmica.

– Não quero comer hambúrguer – disse Ally.

– Cacei um alce enorme nesta primavera e transformei a maior parte dele em salsicha e hambúrguer – disse John rindo. Ele caminhou na direção do trailer. – A carne derrete na boca. Não tem nenhum gosto de carne de caça.

Quando Ally fez uma careta, balancei a cabeça e coloquei meu dedo nos lábios.

– Parece delicioso – falei, de costas para John.

John tentou alcançar uma caixa térmica azul debaixo do trailer. Enquanto ele estava ocupado, olhei ao redor, mas não vi

nada que pudesse agarrar. Avistei alguns blocos de madeira e me perguntei se poderia derrubar John com um deles, mas eram grandes e eu não conseguiria erguê-los facilmente, o que significava que não contaria com o elemento surpresa. Talvez mais tarde, quando ele estivesse dormindo? A ideia de passar a noite com ele fez uma nova onda de terror percorrer meu corpo.

John pôs sobre a mesa um pacote de salsichas e uma caixa de ovos e depois entrou de novo no trailer. Meu corpo se encheu de adrenalina ao ouvi-lo se mover ruidosamente lá dentro e meus músculos se retesaram com todas as células do meu corpo dizendo: *Corra!* Mas me contive. Embora ainda não tivesse visto suas armas, sabia que ele as tinha. E para carregar uma criança de 6 anos eu precisava de uma grande vantagem inicial – Ally não corria rápido o suficiente sozinha. Esperar o momento propício e tentar convencê-lo a me deixar ir ainda era minha melhor chance de escapar.

John saiu do trailer com vários condimentos, colocou-os sobre a mesa, voltou para dentro e saiu com alguns copos e pratos de plástico.

– Você não vai experimentar sua cadeira, Ally? – perguntou ele enquanto montava a mesa.

– Não – respondeu ela, depois de se virar e o encarar.

Ele franziu as sobrancelhas e pousou o último prato. Depois pôs suas grandes mãos sobre a mesa. A ansiedade zuniu em meu peito enquanto eu segurava Ally com mais força.

– Pensei que você tivesse dito que gostava dela – disse John.

A boca de Ally se abriu e respondi rapidamente:

– Ela gosta. Só está com medo de quebrá-la. Mas você não vai ficar zangado com ela se quebrar, não é, John?

– Por quebrar uma cadeira? É claro que não! – respondeu John, rindo.

Ally olhou fixamente para mim. Sorri e disse:

– Está vendo? Tudo bem. Você pode se sentar nela.

Com o queixo abaixado para que a cabeça de Ally bloqueasse a visão de John, falei sem emitir som: *Sente-se agora.*

Ela saiu do meu colo e, de olho em John, puxou a cadeira para perto de mim e agarrou minha mão. Tentei lhe dar um sorriso

tranquilizador, mas ela estava observando John. Notei marcas de lágrimas em seu rosto e me senti mal. Ela devia estar muito confusa. Ali estava um homem que a machucara e agora eu lhe dizia para fazer o que ele mandava.

John tinha posto tudo sobre a mesa: sal, pimenta, manteiga, calda doce, pão. Ele organizou os pratos e depois olhou para mim.

– Comprei os pratos ontem, mas não sabia de que cor...

– Verde é bonito. Obrigada.

– É? – Seu rosto se iluminou.

Assenti com a cabeça e rezei para que ele fosse estúpido o suficiente para me dar uma faca, mas ele não pôs nenhum talher sobre a mesa. Em vez disso, colocou uma grade de metal no meio do fogo e depois pegou uma frigideira de ferro fundido no trailer e a pôs sobre a grade.

– Mal posso esperar para lhe mostrar a fazenda que comprei para morarmos juntos – disse ele, enfileirando salsichas na frigideira.

– Não quero morar em uma fazenda – disse Ally.

Eu lhe dei um olhar de aviso. John usou uma espátula para mover as salsichas, depois quebrou alguns ovos numa frigideira menor.

– Tudo bem se forem ovos mexidos? – O sorriso constrangido de novo. Ele olhou para Ally. – Há galinhas na fazenda, portanto teremos ovos frescos todos os dias. Eu lhe mostrarei como pegá-los. Há também algumas vacas, por isso teremos leite e eu lhe ensinarei a fazer queijo.

– Tem cavalos também? – perguntou Ally.

Prendi a respiração.

– Podemos comprar alguns cavalos, é claro – disse John, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça. – Você pode até ter um só para você. Talvez um pônei.

Soltei o ar e disse:

– Isso foi realmente gentil da sua parte. Não foi, Ally?

– Posso escolher o nome dele? – perguntou Ally.

Por favor, Ally, não o irrite.

– É claro, o que você quiser – assentiu John.

As salsichas agora chiavam e ele girou algumas.

– Posso levar meu cachorro?

John balançou a cabeça.

– Não podemos voltar para pegá-lo.

Meu corpo se enrijeceu. Lá vamos nós. O rosto de Ally ficou corado.

– Não quero ir para a sua fazenda *estúpida*.

Meu pulso se acelerou. John apontou a espátula para Ally.

– Agora escute, mocinha...

– *Não quero ir*. – Ally se levantou.

O rosto de John ficou vermelho enquanto ele se inclinava para a frente na cadeira. Sua mão se ergueu.

Levantei-me e chutei o mais forte que pude a parte de baixo da grade de metal. Ela virou no ar, lançando a grande frigideira na direção de John e o atingindo bem na testa com um som alto e oco e respingando gordura em todo o seu rosto. Ele gritou, agarrou o rosto e começou a rolar no chão. Peguei Ally nos braços e corri feito louca.

VIGÉSIMA SEGUNDA SESSÃO



ão estou pronta para falar sobre o que aconteceu,

mas tenho de falar. Preciso encontrar um modo de lidar com isso ou as lembranças irão me comer viva. Sempre que fecho os olhos, tudo volta, inundando-me de pensamentos apavorantes. Acordo no meio da noite com o coração disparado, o corpo encharcado de suor e a mente acelerada. E um pensamento se repete: *Se você parar de correr, morrerá.*



O terror me empurrou para a floresta, na direção do som de um rio. Um segundo depois, percebi que deveria ter ido na direção da estrada, onde haveria chance de conseguir ajuda, mas era tarde demais. Enquanto corria mato adentro, árvores e galhos rasgavam meus braços. John berrou meu nome lá no acampamento. Ally gritou.

– Ally, pare. Você tem que ficar quieta!

Eu movia minhas pernas rápido e saltava sobre troncos. Meus braços se arqueavam com o peso de Ally. John berrou meu nome de novo. Corri ainda mais.

Corra! Corra! Corra!

Corri pela margem do rio, esperando que o rugido da água abafasse todos os sons. Meu pé bateu em uma raiz exposta e escorreguei por todo o caminho até a beira do rio. O celular caiu do meu bolso na água e por pouco não fui parar em cima de Ally. Ela gritou e cobriu sua boca com a mão.

– Shhhh! – Seu rosto estava branco de pânico. Ajoelhei-me e lhe disse: – Suba nas minhas costas e ponha as pernas ao redor da minha cintura.

Quando ela estava sobre mim e segurando bem firme em meu pescoço, voltei a correr. Estava seguindo a margem do rio, forçando-me a atravessar a densa vegetação, arrastando-me sobre árvores caídas, escorregando em pedras cobertas de musgo e me esquivando de galhos quando ouvi o grito de John ecoar pela floresta.

– Sara! Volte!

Meu corpo novamente se encheu de adrenalina enquanto eu corria o mais rápido que podia, escorregando e deslizando nas pedras. Perdi o equilíbrio quando Ally mudou de posição e caí com força sobre o joelho esquerdo. Projetei meu cotovelo esquerdo para fora a fim de evitar que ela caísse e ralei a palma da mão em uma pedra.

Levante-se, Sara! Corra!

O som de água se tornou mais alto quando nos aproximamos do topo de algumas cachoeiras. À minha frente, a margem terminava em uma parede de densos arbustos e troncos arrastados pelas enchentes de inverno. Eu estava encurralada. Como contornaria aquilo?

Olhei de relance para o lado oposto do rio, mas a água corria com muita rapidez. Olhei para a margem à minha esquerda e avistei uma abertura estreita sob os galhos mais baixos de um abeto. Subi para lá, com o peso de Ally dificultando cada passo. Finalmente consegui passar e segui uma trilha por alguns metros até ela recuar e terminar na borda superior das cachoeiras. Parecia que animais tinham aberto um caminho que descia ao lado delas, mas era íngreme e acidentado.

Ao olhar para baixo, senti uma onda de vertigem. Segurei-me em um galho e fechei os olhos. Não poderia descer por ali carregando Ally. O que fazer? Não conseguiria correr mais que John. Ouvi a voz de Julia em minha cabeça: “Eu me escondi na floresta durante horas...”

Nós poderíamos nos esconder. Mas e aí? Uma hora eu teria de sair com Ally e John ainda estaria na floresta – esperando. Isso nunca iria terminar. Um tetraz assustado saiu correndo do arbusto a nossa frente, arrastando suas asas e fingindo estar ferido para não notarmos seu filhote. Era disso que eu precisava – uma isca,

algo que o distraísse. Olhei para dentro da floresta e depois para baixo, para o rio. O rio...

John me disse que não sabia nadar.

Virei para a esquerda e me dirigi à floresta. Felizmente só tive de andar alguns metros antes de avistar uma pequena caverna em um penhasco. Coloquei Ally dentro dela e me ajoelhei à sua frente.

– Ally, agora preciso que você realmente me escute. Quero que fique nesta caverna e não diga nada, nem espie lá fora, até eu vir buscá-la.

– Nãooooooooo! – Ela começou a chorar. – Não me deixe sozinha, mãe. Por favor. Eu vou ficar muito, muito quieta.

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas segurei suas mãos e as apertei.

– Não quero deixá-la, querida, mas vou tirar nós duas daqui. Eu *prometo*.

A voz de John gritou na floresta.

– Saaaraaa...

Ele estava perto.

– Preciso que você seja supercorajosa, gatinha. Vou fazer muito barulho e gritar seu nome várias vezes, mas é só para enganá-lo. Tudo será fingimento. Então você não pode sair daqui, está bem?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça, com os olhos arregalados. Beijeí sua bochecha com força.

– Agora vá, depressa como um coelhinho. – Quando ela se virou para se esconder na caverna, eu disse: – Lembre-se, Ally: você está me ajudando a enganá-lo. Por isso, aconteça o que acontecer, não saia.

Em minha mente, surgiu a imagem horrível de seu esqueleto sendo encontrado anos depois e rezei para estar fazendo a coisa certa. Agarrei sua mão e beijeí seus pequenos dedos uma última vez.

Quando ela estava encolhida o máximo possível no fundo da caverna, sussurrei:

– Voltarei logo.

Respirei fundo e deixei minha filha para trás.

Voltei pela trilha na direção do rio. Logo antes de sair da floresta para o alto do caminho que descia ao lado das cachoeiras, parei para ouvir John, mas, por causa do rugido da água, não conseguia escutar nada. Sabia que não teria muito tempo, por isso escorreguei pelo caminho íngreme apoiada nas mãos e nos joelhos, segurando-me em samambaias e galhos para não despencar sobre a margem. Então cheguei lá embaixo, onde as cachoeiras formavam uma piscina verde-jade de água gelada da montanha.

Tirei meu tênis de corrida e olhei para o rio.

– Sara! – gritou John de algum lugar floresta acima.

Respirei fundo e mergulhei. A água gelada me fez perder o ar e fui para a superfície tossindo e cuspiendo. Depois de encher meus pulmões de ar, mergulhei de novo e, quando voltei à superfície, gritei “Ally!” o mais alto que pude, morrendo de medo de que ela se esquecesse do meu aviso e viesse correndo. Mergulhei várias vezes. Entre os mergulhos olhava para a margem à procura de John.

Finalmente o avistei descendo pelo caminho ao lado das cachoeiras. Bati freneticamente na água, girando meu corpo, e depois mergulhei de novo e voltei à superfície gritando:

– Ally! Alguém, *me ajude!*

Mergulhei de novo e, quando emergi, John estava em pé na margem, segurando um rifle. Marcas vermelhas causadas pela gordura quente riscavam seu rosto e sua testa estava coberta de bolhas.

– John, Ally caiu da cachoeira! – Coloquei todo o terror possível em minha voz. – Ela vai se *afogar!*

Ele correu para a frente e ficou na beira da pedra lisa que se projetava para a água.

– Onde ela afundou?

Procurando na água, balancei a cabeça e respondi com uma voz sufocada:

– Não sei. Não consigo encontrá-la. – Meus dentes batiam quando falei: – Ajude-me. Sinto muito, John. Ajude-me!

Ele hesitou por um momento e depois disse:

– Deveríamos procurar rio abaixo. A correnteza pode tê-la levado para mais longe.

Estendi o braço para a grande pedra lisa sobre a qual ele estava como se fosse me arrastar para cima e depois deixei minhas mãos escorregarem da superfície molhada e baterem de novo na água. Ele se inclinou sobre a água e estendeu o braço. Nadei para mais perto.

Eu só tinha uma chance de fazer isso.

Apoiei os pés em uma grande pedra submersa. Ao agarrar uma das mãos de John, deixei meus dedos escorregarem, de modo que ele se inclinasse mais para me pegar. Quando toda a parte superior de seu corpo estava inclinada sobre a água, agarrei sua mão e puxei com toda a força, ao mesmo tempo que girava meu corpo para o lado.

John caiu na água atrás de mim. Veio à superfície cuspendo e batendo com as mãos na água.

– Sara, não sei nadar!

Cambaleei rapidamente para a margem e tentei subir na pedra, mas John agarrou a parte de trás da minha perna e me puxou para o rio. Minha garganta se encheu de água.

Consegui me soltar e voltei à superfície, tentando tomar ar. Ele segurava minha blusa e subiu comigo. Agarrei seu rosto e enfiei o joelho em sua virilha sob a água. Ele me soltou um pouco e me joguei para trás.

Nossa luta havia nos levado rio abaixo e para perto da margem, onde a água era mais rasa. John logo conseguiria alcançar o fundo. Quando meus pés encontraram pedras soltas, tentei me erguer. John estava atrás de mim de novo, mas em seu pânico não percebeu que a água ali não era muito funda. Ele agarrou minha cintura e me puxou para baixo. Quando subi para tomar ar, bati meus pés e meu calcanhar atingiu seu queixo.

Minhas mãos agarraram as pedras debaixo da água e as usei para me impulsionar para longe. Dessa vez, John também encontrou as pedras e já começava a se erguer atrás de mim. Então minhas mãos encontraram uma grande pedra irregular e eu me desviei quando ele tentou me pegar.

– Sara, eu só estava tentando...

Levantei-me e bati com a pedra na têmpora de John com o máximo de força que pude. Seus dedos se estenderam para tocar no corte ensanguentado aberto na lateral da cabeça. Ele caiu de joelhos.

– Sara... – Sua voz estava angustiada e o sangue jorrava da ferida aberta.

Ergui-me com dificuldade. Segurando a pedra com as duas mãos, virei-me com força e rapidamente, atingindo de novo a têmpora dele. O choque produziu um estrondoso estalo. A pedra escorregou das minhas mãos e caiu espirrando água alguns centímetros rio abaixo.

John caiu para a frente na água, depois se ergueu apoiado nas mãos e nos joelhos, cambaleando. Ele balançou a cabeça e tentou me alcançar enquanto eu recuava. Seu tronco caiu sobre minhas pernas. Esquivei-me para o lado e me levantei. Ele se ergueu instavelmente. Chutei a lateral de seu joelho. John cambaleou e perdeu o equilíbrio, caindo de costas. Pulei sobre ele e coloquei todo o meu peso sobre seu peito. Sua cabeça afundou e ele se debateu, agarrando minhas pernas. Deixei um dos joelhos sobre seu peito e apertei o outro com força em sua garganta. Ele resistiu de novo, quase me derrubando. Minhas mãos agarraram outra pedra na água. Bati com ela em sua cabeça. Ele lutou mais, e suas mãos seguravam minhas pernas. Bati nele de novo, de novo e de novo. Percebi que estava gritando. A água ao redor de sua cabeça ficou vermelha.

John ficou imóvel.

Com o coração disparado, tentei tomar fôlego. Continuei ajoelhada, por mais tempo do que seria possível ele prender a respiração debaixo d'água. Finalmente ergui o joelho e me levantei, cambaleando para trás com as pernas subitamente fracas. O corpo de John emergiu um pouco. Seu rosto parecia uma máscara, com uma expressão chocada, a boca aberta e os cabelos ruivos misturados com o sangue. O ferimento da lateral de sua cabeça deixava à mostra o osso branco.

Subi com dificuldade as pedras escorregadias e fui para a margem. Depois fiquei curvada, vomitando água e medo na areia.

Eu o matara. Matara meu pai. Olhei para seu corpo imóvel sendo levado pela correnteza enquanto o meu tremia violentamente.



Subi o caminho cambaleando. Exausta, escorreguei várias vezes, agarrando raízes e samambaias para puxar meu corpo machucado para cima. Quando cheguei ao topo, fiquei desorientada e não conseguia encontrar a trilha na qual deixara Ally. Passei alguns minutos angustiantes reconstituindo mentalmente meus passos até reconhecer um velho cedro retorcido e encontrar a caverna.

– Ally, sou eu, pode sair agora.

Como ela não respondeu, entrei em pânico, mas então ouvi um movimento e Ally se atirou em meus braços, quase me derrubando. Ficamos agarradas uma à outra, chorando.

Finalmente a afastei.

– Eu ouvi você gritando, mas fiquei escondida, como você mandou.

– Você foi ótima, Ally. Estou muito orgulhosa de você.

Ela franziu o nariz.

– Você está toda molhada.

– Caí na água.

Ally olhou ao redor, com seus olhos arregalados, e depois sussurrou:

– Onde está o homem mau?

– Ele se foi, Ally, e nunca mais vai voltar.

Ela me abraçou com força.

– Quero ir para casa, mãe.

– Eu também.



Quando voltei para o acampamento, o fogo ainda ardia lentamente e senti um arrepio nas costas à visão das frigideiras no chão e da cadeira de John tombada de lado. Eu havia perdido o celular no rio e esperava que ele tivesse deixado o dele no acampamento ou no caminhão. Mas ao olhar rapidamente ao redor, não vi o telefone nem as chaves.

Agora que a adrenalina diminuía um pouco, eu não conseguia parar de tremer. Peguei uma jaqueta que John pendurara no trailer, nauseada com o cheiro dele misturado ao da fumaça, e procurei as chaves do caminhão. Dez minutos depois, sem tê-las encontrado, comecei a entrar em pânico. Ally, apavorada com sua provação, seguia-me de perto enquanto eu vasculhava o acampamento e o caminhão.

As chaves de John deviam estar em seu corpo ou no rio. Analisei minhas opções: voltar para o rio e ver se ainda estavam com ele ou ir para a estrada com Ally e procurar ajuda. Eu tinha percorrido um longo caminho com John e em momento algum ouvira o barulho de outro veículo. Ally se cansaria rápido e eu não sabia por quanto tempo conseguiria carregá-la.

Ainda estava tentando descobrir o que fazer quando Ally disse:

– Estou com *fome*.

Enquanto examinava as provisões de John, sentia um calafrio toda vez que notava algum detalhe sobre sua vida. Ele gostava de leite integral e de pão branco. Tinha enlatados estocados por toda parte. Gostava de Fanta Laranja e M&M's. Foi o último item cuja visão mais me abalou, porque era o meu favorito. Finalmente encontrei um pouco de manteiga de amendoim e fiz um sanduíche para Ally. Então disse:

– Gatinha, você vai precisar esperar um pouco por mim aqui enquanto vou até o rio, está bem?

– Não! – Ela começou a chorar.

– Ally, isso é *realmente* importante. Não vou demorar e você pode se esconder no acampamento se...

Ela começou a gritar:

– *Não, não, não, não!*

Ally largou o sanduíche e agarrou meus joelhos. Não havia como deixá-la ali, mas também não queria que ela visse o corpo de John. Caminhamos por mais de uma hora quando finalmente ouvi um veículo que vinha pela estrada. Quando me virei e vi o caminhão da Administração Florestal, acenei com os braços. O caminhão parou ao nosso lado e um velho sorridente abriu a janela.

– Vocês estão perdidas?

Comecei a chorar.



Depois que os policiais tiraram o corpo de John da água e investigaram a cena, encontraram sua carteira debaixo do banco do caminhão. Ele se chamava Edward John McLean e, após algumas investigações, descobriram que era um ferreiro que viajava pelo interior. Isso se encaixava com as bonecas de metal, e Billy disse que os barulhos que eu ouvia ao fundo durante alguns telefonemas provavelmente eram de cavalos. Depois eles encontraram o trailer de John com todas as suas ferramentas estacionado em um motel perto de Nanaimo.

Sandy está bem. Ela teve uma concussão cerebral e passou alguns dias no hospital, em observação. Esteve lá no mesmo período em que Evan. No dia seguinte, logo depois que prestei depoimento sobre a morte de John, fiz os policiais me levarem direto até meu noivo. Quando a polícia contou a ele que Ally e eu estávamos desaparecidas, ele quis adiar a cirurgia, mas os médicos disseram que isso seria muito arriscado e então ele não teve escolha. Evan estava acordando quando nós duas chegamos ao hospital e chorou ao nos ver.

Ally e eu compramos flores para Sandy. Quando Ally as entregou, disse:

– Obrigada por tentar me salvar.

Sandy pareceu se esforçar para não chorar. Achei que me perguntaria tudo o que tinha acontecido com John, mas não disse nada, nem mesmo quando Ally lhe contou que se escondera na caverna. Eu estava tão acostumada a ver Sandy sempre tão ligada em tudo que foi estranho vê-la pálida e parecendo deprimida. Provavelmente estava chateada por não ter conseguido ela mesma pegar John.

Billy já tinha me contado como John conseguira sequestrar Ally. Ele ateara fogo em um depósito de madeira na estrada, o que fez com que o policial estacionado do lado de fora de nossa casa tivesse de sair para investigar. Então John escondeu seu caminhão na entrada da garagem de nosso vizinho e voltou pelos jardins de minha casa. Estava no quintal, provavelmente planejando entrar, quando Sandy desligou o alarme e abriu a porta de vidro para que Moose saísse para urinar. John pulou sobre ela e a derrubou, mas

não sem que ela sacasse sua arma. Como ele deixara o portão dos fundos aberto, Moose fugiu, porém foi encontrado por um vizinho mais tarde, naquele mesmo dia.

Ally estava em seu quarto quando o “homem mau” entrou e lhe disse que Sandy queria que ele a levasse para ver a mãe no hospital. A princípio Ally não acreditou nele, mas John disse que Moose já estava no caminhão. Isso foi o bastante.

Os policiais não gostaram de eu ter ido embora depois de Sandy ter sido ferida, mas não havia muito que pudessem fazer quanto a isso agora. Contudo, tive de prestar depoimento sobre a morte de John e a polícia irá investigar, mas Billy me disse que não há possibilidade de os acontecimentos não serem considerados legítima defesa.

Evan me deu a maior bronca por eu ter ido atrás de Ally sozinha, sem esperar pelos policiais, mas acabou deixando tudo para lá – acho que ficou extremamente abalado com o fato de termos chegado muito perto de perder um ao outro. Ele não foi o único.



Acho que sou ainda mais parecida com meu pai do que pensávamos. Sei que aquilo foi legítima defesa, mas ainda assim *matei* um homem. E não foi qualquer homem, mas meu próprio pai. Pergunto-me como Deus se sente em relação a isso. E ainda não sei bem como eu me sinto. Acho que o que mais me assusta não é o que eu fiz, mas o fato de não ter nem mesmo hesitado em fazê-lo.

VIGÉSIMATERCEIRASessão



Estou me sentindo muito frustrada agora. O que mais

me chateia é que depois de nossa última sessão eu realmente estava começando a me sentir bem de novo. Estava tão feliz por tudo ter terminado que a vida assumiu esse aspecto eufórico. O frenesi da imprensa diminuíra. Evan e eu nunca mais brigamos, minha filha não poderia estar melhor, eu amava minha família e todos me amavam. Até a comida estava mais saborosa. Porém quanto mais as coisas se tornam normais, mais elas... bem, voltam ao normal.



Hoje de manhã, Melanie veio pegar a lista de músicas que Evan e eu fizemos para o casamento. Eu passara todo o fim de semana revirando a casa na tentativa inútil de encontrar o CD que ela me dera. Então achamos que seria mais fácil deixar Kyle tocar que provocar uma guerra na família. Agora ando mais tranquila. Mas na noite passada Evan encontrou o CD – eu tinha conseguido colocá-lo na capa errada mesmo sem ouvi-lo. Nós o ouvimos e não era de todo ruim, porém o que de fato se destacava era a mulher que cantava ao fundo: sua voz era maravilhosa, uma mistura de Sarah McLachlan com Stevie Nicks.

Quando Melanie chegou, eu estava no quintal com o regador, levando a cabo minha tentativa patética de ter um jardim. Entramos e lhe entreguei minha lista.

– No CD há uma mulher cantando ao fundo – falei enquanto seus olhos examinavam a folha que eu lhe passara. – Você sabe como entrar em contato com ela?

Melanie ergueu a cabeça.

– Por quê?

– Eu gostaria que ela também cantasse no casamento.

O rosto de Melanie ficou corado enquanto ela baixava os olhos para o CD.

– É *você*? – perguntei.

– Não precisa ficar assim tão surpresa... – disse ela, erguendo os olhos brilhantes.

– Bem, mas eu estou. Você nunca tinha cantado antes. Ao menos não que eu soubesse.

Ela deu de ombros.

– Às vezes canto no pub.

– Você deveria se dedicar ao canto, Melanie. Poderia realmente fazer algo especial.

– Em vez de ser *apenas* uma bartender?

– Não foi isso que eu quis dizer. – Lembrei-me do voto que fizera desde minha quase morte: ser mais paciente e disposta a perdoar. – Mas lamento que você tenha entendido desse modo. Só acho que você é incrível. Adoraria que cantasse no casamento. Faria esse favor a nós?

Ela olhou para mim e deu de ombros.

– Se você quiser. Mas não todas as canções, porque também vou querer dançar.

– Obrigada, isso seria ótimo. – Ficamos em silêncio por um minuto e perguntei: – Quer tomar um café?

Ela pareceu surpresa.

– É claro.

Levamos nossas canecas para a sala e nos sentamos em sofás diferentes, uma de frente para a outra. Nós nos olhávamos, tomávamos goles de nosso café e então desviávamos o olhar que voltávamos a trocar. O silêncio foi aumentando. Eu queria perguntar a Melanie algo que nos últimos tempos andava me incomodando, mas não desejava começar uma briga. Evan me dissera que eu deveria deixar isso de lado. Na época eu concordara com ele, no entanto agora minha irmã estava diante de mim e parecia que estávamos nos dando bem. Esperei mais dois segundos.

– Você viu as fotos do meu pai biológico no jornal? – Ela assentiu com a cabeça. – Chegou a vê-lo no bar?

Ela negou com a cabeça e perguntou:

– Por quê?

– Ele sabia algumas coisas sobre Ally e eu estava me perguntando...

– *Inacreditável*. Você *ainda* acha que fui eu que contei essa história àquele site e agora acha que falei com um assassino em série sobre *Ally*.

Ela pousou ruidosamente sua caneca e se levantou.

– Não! Só pensei que você, por não saber quem ele era, pudesse ter...

– Você acha que sou estúpida a ponto de falar com um estranho sobre minha sobrinha?

– Isso não tem nada a ver com ser *estúpida*. Ele parecia um bom homem e podia ter conseguido lhe arrancar coisas sem que você ao menos...

– Acredite ou não, Sara, quando estou trabalhando, estou trabalhando. Não estou conversando com malucos no bar. Mas obrigada por me culpar mais uma vez.

– Não estou culpando você, Melanie. Só estou tentando juntar todos os pedaços dessa história.

Ela riu enquanto pegava sua caneca e ia para a cozinha.

Eu me levantei e a segui.

– Aonde você vai?

– A algum lugar onde as pessoas não me acusem de causar o sequestro de seus filhos.

Ela pôs a caneca sobre o balcão com um baque.

– Melanie, você está exagerando. Eu não...

– Olha só quem está falando. Você é a *rainha* do exagero.

Ela pegou a bolsa e saiu batendo a porta.



Eu ainda estava furiosa quando Billy telefonou, meia hora depois. Pensei que a morte de John seria o fim de tudo, mas a polícia ainda estava tentando descobrir mais sobre ele. Billy disse que isso os ajudaria a compreender outros assassinos em série. Eles descobriram algumas coisas, porém não o que esperavam, isto é, um porão cheio de corpos e pilhas de filmes pornográficos. A casa de John era arrumada, no estilo de um homem solteiro, e os únicos filmes que encontraram eram vídeos sobre caçadas. No entanto, ele não parecia passar muito tempo ali. Não havia nada de pessoal no lugar, nenhuma foto ou lembrança, e ele dormia em um saco de dormir sobre o colchão.

Eles tentaram ligar casos de mulheres desaparecidas a locais nos quais John poderia ter estado em determinados anos – ele tinha uma vida nômade –, mas não conseguiram estabelecer nenhuma relação. As pessoas que o haviam contratado disseram que ele era agradável e que sempre tinha uma piada para contar. Mas ao longo dos anos se envolvia em brigas com alguns clientes que ele achou que o haviam “enganado” em seus pagamentos. Uma coisa era certa: ele era conhecido na maioria das cidades das quais me telefonara. Além disso, era um ávido colecionador de armas e membro de alguns clubes de tiro.

– Vocês encontraram a arma que ele usou para atirar em Evan? – perguntei a Billy.

– O relatório da balística disse que o cartucho recuperado na cena era de uma Remington .223. Combinava com alguns cartuchos encontrados em outras cenas de crime, por isso sabemos que se tratava da mesma arma, mas ela não estava entre os pertences de John. Estamos verificando com alguns comerciantes de armas, mas duvido que algum dia a encontremos. A propósito, você já terminou de trabalhar naquela mesa de cerejeira? Outro dia vi em um antiquário uma parecida e ela também precisa de restauração. Acha que poderia olhá-la qualquer hora dessas e me dar sua opinião?

– É claro, quanto eles estão pedindo por ela?

Durante o resto do telefonema falamos sobre antiguidades e então Evan entrou na chamada em espera para me pedir algo, por isso tive de desligar. Mas depois, enquanto tentava limpar o ateliê, lembrei que John tinha me dito que a Remington .223 era sua

favorita e que estava no conserto. Como ele poderia ter atirado em Evan com uma arma que não estava com ele?

□

A porta da frente bateu. Evan estava em casa. Enquanto ele enchia a mochila de hóquei com roupas para levar para a pousada, sentei-me na cama e lhe falei sobre minha manhã, a começar pela briga com Melanie.

– Não posso acreditar que ela tenha agido daquela maneira quando lhe perguntei sobre John.

– Eu disse a você que deixasse isso para lá.

Ele revirou as gavetas, jogando meias na mochila com a mão boa. O braço esquerdo ainda estava em uma tipoia.

– Foi só uma pergunta, Evan.

Ele me olhou de relance por cima do ombro, com as sobrancelhas erguidas.

– Sara, suas perguntas nunca são simples.

– Gostaria que você não tivesse de voltar para a pousada agora.

– Eu também, porque terei de pegar uma carona com Jason e ele dirige como um velho. – Evan riu, mas fiquei emburrada. – Ora, vamos, querida! Eu não vou lá há semanas e está tudo uma bagunça. Você disse que também queria voltar ao trabalho.

– Eu tentei depois que Melanie foi embora, mas então Billy telefonou e comecei a ficar obcecada de novo.

– Com o quê?

– Billy disse que o cartucho que encontraram na pousada era da Remington .223 de John, mas eles não conseguiram encontrar a arma. Então, mais tarde, pensei sobre isso. John me disse que a arma estava no conserto. Você não acha que isso é estranho?

– Provavelmente ele tem várias desse tipo e se livrou de uma delas logo depois de atirar em mim.

– Talvez... mas tenho a sensação de que ele realmente adorava *aquela* arma. Por que teria duas?

– Bem, ninguém mais teria atirado em mim.

Parei por um momento.

– Sabe, é estranho o fato de John ter apenas machucado você. Tive a impressão de que ele era um bom atirador, de que nunca deixara de acertar uma vítima.

– Querida, foi ele.

Evan entrou no closet, saiu com algumas calças jeans e as enfiou na mochila.

– Eu sei. Só estou dizendo que essa história da arma está me parecendo muito esquisita... Ainda não sabemos ao certo se foi ele que atacou Nadine. Ela não levou um tiro, apenas uma pancada na parte de trás da cabeça, e isso foge totalmente ao padrão de John. E não viu quem a atacou, também. Eu gostaria de saber se já investigaram algum dos seus pacientes. Talvez eu devesse falar com Billy e ver o que ele pensa sobre isso.

– Sara, deixe o homem em paz.

– O que você está *querendo dizer*?

– Você deve estar deixando a polícia maluca. O caso está encerrado, mas você ainda os está importunando. – Ele foi de novo ao closet e voltou com mais uma calça jeans. – Onde está meu boné de beisebol da Nike? Você o usou ontem?

– Não sei, mas não consigo acreditar no que você acabou de dizer. Eu não estou importunando ninguém, e sim *ajudando*. Tenho de contar a Billy sobre a arma. Eles poderiam ligá-la a um caso antigo ou a alguma outra coisa. E se John tiver matado uma mulher da qual eles não tenham conhecimento e a família a esteja procurando há anos e...

– Sara, se não está fazendo com a polícia, está fazendo comigo: você está *me* deixando maluco. Acabei de pôr seis calças jeans na mochila e nenhuma camisa.

– Certo. Então sairei da sua frente – falei e me levantei.

– Você não tem de sair, só fale sobre outra coisa.

Mas quando ele disse isso, eu já estava deixando o quarto.



Estava olhando para uma mesa no ateliê, pensando em tudo o que Evan dis-sera e entrando em um estado de total tensão quando ele veio me procurar.

– Estou indo – falou.

Estudei os veios da madeira e passei os dedos sobre eles.

– Venha – disse ele.

Evan se aproximou e me abraçou, mas me mantive rígida.

– Estou chateada com você.

– Eu sei, mas me abrace assim mesmo.

– Detesto isso: você não leva a sério nada do que eu digo.

– Isso não é verdade, Sara. Eu só queria que você não interpretasse tanto as coisas.

– Então você acha que estou tendo uma reação exagerada?

– Vejamos: você acusou sua irmã de conversar com um assassino em série e agora acha que outra pessoa atirou em mim sem nenhum motivo? Ei, talvez tenha sido *Melanie* quem atirou.

Lágrimas de frustração arderam em meus olhos.

– Só estou dizendo que não sabemos...

– Querida, Jason está esperando lá fora. Vou telefonar de noite, está bem?

– Ótimo, vá.



Ele viajou algumas horas atrás e fiquei tão irritada que passei todo o tempo antes da nossa consulta revendo o caso em minha mente. Até reli todas as minhas anotações, a cronologia dos fatos, tudo. Essa história da arma está me deixando louca.

Talvez eu só esteja me agarrando a qualquer coisa, principalmente porque Evan não me levou a sério, e talvez esse lance da arma não seja importante, mas telefonei para Billy e lhe disse que algo no caso estava me incomodando. Ele estava no meio de uma reunião e disse que passaria na minha casa mais tarde. Por que Evan não pode ser assim? Billy nunca me faz sentir como se eu fosse viciada em drama.

VIGÉSIMA QUARTA SESSÃO



gora você vai me fazer chorar. Entendo que precise de algum tempo de folga antes de decidir se quer mudar seu consultório para Victoria. Ultimamente você tem passado por muitas coisas. Deus, não sei como continuou a atender com tudo isso! E obrigada por me indicar ao seu amigo. Provavelmente tentarei me consultar com ele, ao menos até você decidir o que vai fazer. Mas não consigo acreditar que esta possa ser a última vez em que me sento em seu divã, a última vez em que venho a este consultório. Espero que não seja. Mas acho que o tempo dirá. O tempo diz muitas coisas. Toda a minha vida lutei contra o tempo – geralmente porque ele não estava passando rápido o suficiente para mim. Mas há momentos em que ele corre contra você e que então você faria qualquer coisa para parar o relógio.



Billy veio quando Ally já estava na cama. Eu o fiz entrar e lhe disse que se sentasse à mesa enquanto eu terminava de lavar a louça, mas ele pegou um pano de prato. Trabalhamos em amigável silêncio durante um ou dois minutos e então Billy perguntou:

- Onde está Evan?
- Ele teve de voltar para a pousada – resmunguei. – Não via a hora de estar longe daqui.
- Ah, puxa! Vocês andam brigando?
- Só pelas coisas de sempre – suspirei. – Evan quer que eu siga em frente e me esqueça do caso, mas isso não é fácil para mim. Os fios soltos estão me deixando louca.
- O que a está incomodando?
- Lembra quando você me disse que Evan foi baleado com a Remington .223 de John? Bem, depois me lembrei que John tinha

comentado comigo que a arma estava no conserto. O gatilho tinha quebrado.

– Hum, interessante. Mas é provável que ele tivesse outra.

– Evan também disse isso, mas John sempre falou que a Remington era sua *favorita*, como se fosse a única para ele. Quero dizer, você ouviu as fitas. Ele falava sobre armas como se elas fossem suas namoradas. Então comecei a pensar... Olhe, sei que isso parece loucura, mas como podemos ter certeza de que foi John quem atirou em Evan?

– Em quem mais você poderia pensar? – perguntou Billy, franzindo as sobrancelhas.

– Bem, essa é a lacuna em minha teoria. – Fiz uma careta e sorri. – A única pessoa que também poderia desejar Evan fora do caminho é Sandy.

– Nossa, Sara! Sei que você não gosta dela, mas isso é cruel.

– Não é que eu não goste dela, é ela que não gosta de *mim*. Odeio isso! De qualquer modo, sei que não foi Sandy. Só estou dizendo que essa questão da arma me parece estranha. Provavelmente ele tinha duas, como você disse, mas será que você poderia investigar e me livrar de minha recente obsessão por isso? Se John fazia parte daqueles grupos de colecionadores eles não deveriam ter uma relação de todas as armas dele?

– É claro, vou investigar isso. Mas só para completar essa linha de raciocínio, se não foi John, quem mais teria um motivo para atirar em Evan? Não se esqueça de que um cartucho da arma de John foi encontrado na cena.

– Sei que John é o único suspeito possível, mas isso da arma não está se encaixando. – Ri. – É como as luvas de O. J. Simpson para as mãozinhas de uma menina.

Quando Billy terminou de enxugar a última louça, tirei o pano de prato da mão dele.

– Vou guardar a louça. Sente-se.

Ele se virou e puxou uma cadeira da mesa.

– Só por curiosidade, por que você achou que Sandy queria Evan fora do caminho?

Dei de ombros.

– Porque ela estava com a ideia fixa de pegar John e sabia que Evan era o motivo de eu não me encontrar com ele. Também achava que minha psiquiatra estava me desaconselhando a fazer isso. Teria sido fácil para ela plantar um cartucho na cena e culpar John. Sucesso total.

– Isso é tudo?

Estendi o braço para guardar o último prato.

– Bem, Nadine foi atacada depois da minha última briga com Sandy. John sempre atirava nas pessoas, não saltava sobre elas em estacionamentos. Quando ele me telefonou no hospital, estava realmente nervoso e ficou dizendo que tinha de se encontrar comigo. Não como se estivesse ansioso, mas como se estivesse assustado.

Pendurei o pano de prato. Billy me olhava atentamente, com a cabeça inclinada para o lado. Meu Deus, como era bom falar com um homem que realmente ouvia e não ficava apenas me pedindo que *deixasse as coisas para lá!*

– E hoje – continuei –, eu estava pensando que é estranho John ter vindo direto para a minha casa depois de me telefonar no hospital naquele dia. Como ele sabia que Ally estava aqui vigiada por uma policial apenas? Além disso, John sabia que eu andava falando com a polícia. Disse que me explicaria depois, mas não chegou a ter chance de fazer isso. Talvez ele estivesse fazendo contravigilância, como você disse, e então tivesse visto algo. – Moose desceu a escada vindo do quarto de Ally e eu o deixei sair pela porta de correr. – Você não acha tudo isso um tanto estranho?

Sentei-me à mesa diante de Billy, que suspirou.

– Em casos em que o suspeito morre, é difícil encaixar todas as peças, Sara. Mas isso não significa que há mais a fazer, apenas que não temos todas as respostas. Vou investigar a respeito da arma, mas me pergunto se você está tendo dificuldade em deixar isso para lá por outro motivo.

– O que quer dizer?

A voz dele foi cautelosa:

– Talvez você ainda esteja tentando lidar com a morte de John. Ou tendo dificuldade de enfrentar outras coisas em sua vida. Seu casamento está próximo e...

– Não é isso. São só esses pequenos mistérios que me incomodam. E me fazem sentir que isso ainda não está totalmente terminado. Mais tarde vou dar uma olhada em alguns fóruns de armas na internet. John passava muito tempo diante do computador. Aposto que consigo descobrir alguma coisa.

– É muito improvável que John relacionasse armas não registradas ou usasse seu nome verdadeiro em um fórum. Mesmo que encontrássemos uma lista em algum lugar, nunca saberíamos se era exata. Não há como verificar quantas armas ele tinha.

– Bem pensado. – Respirei fundo e deixei o ar sair em um longo suspiro enquanto refletia sobre tudo. – Talvez eu esteja olhando para isso do modo errado. Se não podemos provar que John *não* atirou em Evan, vamos ver se há alguma evidência além do cartucho que prove que ele atirou. Tofino fica a quase três horas daqui. John teria de ter posto gasolina em algum lugar ao longo do caminho. Vocês encontraram algum recibo em seus pertences?

– Creio que não, mas isso...

– Acho que ele poderia ter pagado em dinheiro. Ah! Deveríamos ir a todos os postos de gasolina que existem ao longo do caminho com uma foto dele. Isso não seria difícil. Só há uma estrada principal. A maioria dos postos não tem câmeras hoje em dia? As pessoas geralmente abastecem seus carros em Port Alberni porque é a última parada. Deveríamos começar por lá. Depois que eu deixar Ally na escola de manhã podemos...

– Pare! Não tenho tempo para investigar postos de gasolina – pediu Billy, erguendo uma das mãos.

– Está bem. Mas não conseguirei relaxar enquanto não descobrir alguma coisa. Se for preciso, irei eu mesma a todos os postos. – Sorri. – Sou incansável.

– É verdade. – Ele sorriu de volta. – Deixe-me pensar sobre isso. Você tem café?

– É claro.

Eu lhe servi uma xícara e depois me virei.

A arma de Billy estava apontada para mim.

Ri.

– O que você está... – Então vi a expressão em seus olhos.

– Ponha a xícara sobre o balcão – disse ele.

Não movi nenhum músculo.

– O que está acontecendo, Billy?

– Você nunca deixa nada quieto.

– Não entendo...

– Isso estava *terminado*, Sara. Ninguém jamais descobriria.

Ele balançou a cabeça.

Recuei até a beirada do balcão e me encostei nele. Que diabos estava acontecendo?

– Billy, você está me assustando. – Examinei o rosto dele à procura de algum sinal de que aquilo fosse uma piada horrível, mas ele parecia sério. – O que eu...

– Largue a xícara.

Quando me virei para pôr a xícara sobre o balcão, minha mente estava embaralhada. *Isso é real? Preciso de uma arma? Deveria tentar atirar a xícara nele? Posso pegar uma faca?* Olhei de relance para a ponta do balcão.

– Nem pense nisso. Tenho o triplo do seu tamanho e da sua rapidez.

Billy se levantou e caminhou em minha direção.

– Por que você está fazendo isso? Sandy...

– Sandy não fez nada.

Ele parou na minha frente. Examinei seu rosto.

– Então por que você está...

– Porque você tem razão. Realmente abasteci o carro em Port Alberni. Mas não vou esperar para ver se havia uma câmera.

– Foi *você*? Você atirou em Evan?

– “O guerreiro habilidoso que deseja incitar o inimigo se mostra, e o inimigo certamente o seguirá.” – Billy me fitou com olhos apertados. – Evan estava atrapalhando e você precisava de um incentivo. Eu também sabia que isso faria John aparecer. Ele queria protegê-la.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Você tentou matar Evan para John pensar que alguém estivesse atrás de *mim*?

– “Eu ataco o que ele é obrigado a salvar.”

Tudo começou a se encaixar.

– John sabia que algo estava errado – falei. – Era por isso que estava em pânico quando me telefonou no hospital e fez todas aquelas ameaças. Foi *por isso* que não ligou para meu celular. Ele estava *salvando* Ally. – Prendi a respiração. – Você também atacou Nadine?

– Não toquei nela. E se tivesse tentado matar Evan, ele estaria morto. Eu só quis feri-lo, para que meu plano funcionasse... E estava certo: você reagiu, John reagiu e nunca mais ele machucará nenhuma mulher. – Billy se aproximou. – Mas agora temos um problema.

Fiquei com as pernas bambas.

– Não vou contar nada, Billy. Juro.

– Infelizmente, não posso correr esse risco.

– Não há nenhum risco. Não vou contar nada a ninguém. Você cometeu um erro, mas só estava tentando capturar John. Mesmo se alguém descobrisse, você não estaria muito encrencado... – As palavras jorravam de minha boca.

– Eu não cometi um erro. – Ele pareceu mais calmo que nunca. – Atirei em uma pessoa, Sara. Isso é tentativa de homicídio. Eu ficaria preso por muito tempo. Mas isso não vai acontecer.

O modo como Billy disse isso me apavorou. Ele não estava assustado nem em pânico, muito menos desesperado. Parecia confiante. Meu corpo começou a tremer.

– O que... o que você vai fazer, Billy? Não pode atirar em mim. Ally está lá em cima e...

Ele pôs os dedos nos lábios.

– Preciso pensar.

Calei a boca. Ele olhou para mim com olhos sombrios. O relógio da cozinha tiquetaqueava. Comecei a chorar.

– Billy, por favor, você é meu amigo. Como pode...

– Eu gosto de você, Sara, mas “o líder sábio sempre leva em consideração as vantagens e as desvantagens”. Não há nenhuma vantagem em deixá-la viva. E certamente há muitas desvantagens.

– Não, eu *juro*. Não há nenhuma...

Ele ergueu uma das mãos.

– Já sei. Você não vai fazer nada, não é? – Meu coração se acalmou por um momento, mas então seus olhos se fixaram nos meus e ele disse: – O problema é que isso não é verdade.

Minha visão ficou embaçada enquanto o sangue pulsava em meus ouvidos. Por um momento, a cozinha girou e agarrei o balcão atrás de mim. Minha cabeça latejava, mas eu não conseguia me concentrar em nada, não conseguia pensar.

– Vamos subir a escada para pegar aqueles comprimidos que sua psiquiatra receitou – disse ele –, e depois você tomará todos e escreverá um bilhete de despedida.

– Billy, isso é loucura! Como você pode fazer isso? E quanto a Ally?

– Ela ficará bem se você fizer tudo o que eu mandar.

– Você não pode me obrigar a escrever...

– Você ama sua filha, Sara?

Seus olhos estavam resolutos. Eu não sabia se ele realmente machucaria Ally, mas não queria descobrir.

– Sim, mas...

Ele fez um movimento com a arma.

– Vamos.

– Não podemos apenas falar sobre isso por um...

Ele segurou meu braço com força e me puxou para longe do balcão. Então, encostando a arma em minhas costas, empurrou-me em direção à escada. A cada degrau, minha mente tentava traçar um plano, mas tudo em que eu podia pensar era: *Por favor, Ally, não acorde!* No alto da escada, nós nos viramos e seguimos pelo corredor, passando pelo quarto de minha filha. Meu coração batia com tanta força que doía. Quando entramos em meu quarto, lágrimas começaram a escorrer por meu rosto.

– Onde estão os comprimidos, Sara?

– No... no banheiro.

Aquilo realmente estava acontecendo: eu iria morrer.

– Abra o armário de remédios, pegue os comprimidos e nada mais.

Vi meu reflexo no espelho. Estava com os olhos enormes e o rosto pálido. Abri o armário e peguei o frasco.

– Encha aquele copo de água. – Billy apontou para o copo que eu deixara mais cedo sobre o balcão. – Rápido.

Abri a torneira.

– Billy, *por favor*, você não precisa fazer isso.

A voz dele se tornou mais grave:

– Tome-os.

Coloquei todo o conteúdo do frasco em minha mão trêmula e olhei para os pequenos comprimidos brancos. O copo estava frio em minha outra mão.

– Se não os engolir, terei de atirar em você – disse. – Ally vai ouvir e virá para...

Empurrei os comprimidos boca adentro, engasgando com o sabor amargo que subia por trás do meu nariz.

– Aqueles também.

Ele apontou para um pequeno frasco de analgésicos que eu tomava para aliviar minhas enxaquecas.

Quando terminei, Billy fez um sinal afirmativo com a cabeça e disse:

– Agora temos de desarrumar sua cama.

– Mas eu não...

– Você estava tentando dormir, mas se sentia tão deprimida que decidiu acabar com tudo de uma vez por todas.

Com a arma ainda apontada para minhas costas, retirei a colcha que cobria minha cama.

– Agora tire a roupa.

– Billy, você não quer fazer isso.

Ele ergueu a arma e a apontou para mim.

– Certo. Não quero. Mas de jeito nenhum vou para a prisão.

Os livros diziam que as vítimas deviam lutar. Mas não diziam o que fazer se a ameaça fosse um policial. E não diziam o que fazer se sua filha estivesse no quarto ao lado. Imaginei Ally entrando para me acordar de manhã e se deitando na cama perto do meu corpo frio.

Puxei o suéter por cima da cabeça. Billy apontou a arma para minhas calças. Abri o zíper e as tirei, deixando-as no chão.

Fiquei em pé na frente dele de calcinha e sutiã. Billy olhava ao redor do quarto, para a cama e para a porta, como se estivesse se certificando de que a cena estava certa.

Ele se aproximou até seu corpo enorme ficar diretamente na minha frente.

– Tire o sutiã.

Depois que meu sutiã caiu no chão, cruzei os braços sobre os seios. Toda a parte superior do meu corpo tremia.

– Abaixei os braços.

– Billy, *por favor*, eu não...

– Se você não fizer isso, eu mesmo terei de fazer.

Abaixei os braços.

– Agora tire a calcinha.

Lágrimas escorreram por meus olhos enquanto eu a tirava. Reprimi um soluço.

– Você vai me estuprar? – Pensei em Ally no quarto ao lado. Eu não podia gritar, não importava o que ele fizesse comigo. – Não precisa ser assim. Eu dormirei com você e...

– Não vou estuprá-la. – Ele pareceu ofendido. – Não sou como seu pai. Não preciso pegar mulheres à força.

Minha raiva aumentou, mas eu a contive. *Cale a boca por Ally. Faça isso por Ally.*

Ele apontou para o armário.

– Vista seu pijama.

Peguei uma das camisetas de Evan – uma que sei que ele detesta – e uma de suas cuecas samba-canção, que nunca uso,

esperando que ele notasse esses detalhes depois que eu estivesse morta. Vesti-as.

– Agora vamos pegar um papel para seu bilhete de despedida.

Depois de eu encontrar uma caneta e um bloco de papel no escritório, fomos para o andar de baixo. Quando estávamos na cozinha, Billy apontou para uma garrafa de vinho pela metade sobre o balcão.

– Beba isso e sente-se à mesa.

Eu me sentei e olhei para ele.

– Beba direto da garrafa.

Tomei um gole.

Ele disse:

– De novo.

Bebi, ficando com ânsia de vômito no último gole. Um pouco da bebida caiu em minha camiseta. Pensei na mistura letal já se espalhando por minhas veias e me perguntei quanto tempo levaria para que meu coração parasse. Billy olhou ao redor da cozinha e atrás de mim, avaliando novamente a cena.

– Ótimo. Agora comece a escrever. Quando os comprimidos começarem a fazer efeito, deite-se no divã.

– Ally vai me encontrar de manhã...

– A primeira coisa que farei será passar aqui e encontrar seu corpo antes de Ally acordar. E me certificarei de que ela esteja fora da casa quando a polícia chegar.

– Prometa que não deixará que ela me veja.

– É claro.

Minha mão tremia violentamente quando peguei a caneta. Eu tinha de pensar em algo que o detivesse, de forma que pudesse traçar um plano. Mas ainda que eu conseguisse chegar ao alarme, o que poderia fazer?

– Escreva o bilhete, Sara.

Não foi difícil escrever um triste bilhete de adeus. Eu disse a eles quanto os amava, quanto lamentava e sentiria sua falta, mas que isso era a única coisa que eu podia fazer. Enquanto escrevia,

chorei o tempo todo. Tive vontade de golpear o olho de Billy com a caneta, mas não se pode golpear um homem quando ele está apontando uma arma para você. Ally ficaria bem. Evan cuidaria dela. Ela cresceria me odiando, achando que eu a abandonara. Mas ao menos cresceria.

Quando terminei, Billy disse:

– Agora vamos esperar.

Com o medo apertando a garganta, falei:

– Você não escapará impune.

– Ninguém suspeitará de mim, e você sabe disso.

O telefone tocou e nós dois nos sobressaltamos. Olhei para o andar de cima, rezando para Ally não acordar.

– Vamos esperar que ela tenha um sono profundo – disse Billy quando o telefone tocou pela segunda vez.

E ela tem, mas só depois que está ferrada no sono. E não fazia muito tempo que tinha ido dormir. Prendi a respiração e esperei que me chamasse. Felizmente ela ficou em silêncio e o telefone não tocou de novo – a ligação devia ter ido para a caixa postal. Lembrei que o número de Melanie estava no visor quando cheguei em casa. Pensando que ela havia telefonado para me criticar, eu a ignorara, mas agora desejava poder ligar para ela e me desculpar um milhão de vezes. Meu peito se elevou em um esforço para conter soluços de pânico.

Fazia ao menos quinze minutos que eu tomara os comprimidos. Agora não conseguia evitar que as lágrimas escorressem por meu rosto. Morreria sem beijar minha filha. Mal me despedira de Evan com um abraço. Não tivemos a chance de nos casar. *Pare com isso, Sara! Acalme-se! Só assim você poderá pensar em uma saída.* Se eu continuasse falando, talvez conseguisse permanecer alerta o suficiente para ganhar tempo e traçar um plano.

– Talvez não suspeitem de você imediatamente, mas não acreditarão que me matei. Minha família, Evan, minha psiquiatra, todos sabem que eu não faria isso com Ally. E vou me casar. Acabei de falar com uma das minhas irmãs sobre minha despedida de solteira. Por que eu iria...

– Há um bilhete de despedida escrito com sua letra. Eles acreditarão.

Mas algo tremulou em seus olhos.

– Meus registros telefônicos mostram que conversamos hoje à noite. Você foi a última pessoa a me ver viva. Suas digitais estão em toda a louça.

– Vim conversar porque você estava perturbada. – Billy deu de ombros. – Não percebi que era uma suicida.

– Mas você é um profissional treinado, deveria ter percebido. Haverá uma investigação, Billy.

– Lidarei com ela. Vai dar tudo certo.

Billy estava calmo demais. Nada nele tremia. Subitamente meu pânico voltou, paralisando todos os meus pensamentos, exceto o de que o tempo estava correndo. Eu iria morrer.

Olhei para Billy. Tudo começou a parecer distante e lento, como se eu estivesse me movendo debaixo da água. Ouvi um zumbido nos ouvidos e me perguntei se estava morrendo. Então Billy mudou de posição e meus olhos pousaram em suas tatuagens.

“A fraqueza provém de se preparar para deter um ataque.”

“A força provém de obrigar o inimigo a se preparar para deter um ataque.”

Era isso. Eu tinha descoberto minha estratégia. Tinha de prosseguir com o ataque. O medo deixou meu corpo quando minha mente clareou.

– Vai dar certo como o seu plano para pegar John?

Seus olhos se estreitaram.

– Meu plano realmente deu certo.

– Você não o pegou. Eu o matei. Tive de fazer o trabalho por você.

A mão de Billy apertou a arma. Lembrei-me de nossa conversa sobre ele ter sido genioso no passado. Ele havia sido treinado para canalizá-lo e contê-lo, mas isso não significava que seu temperamento irascível não existisse mais. O que ele tinha dito sobre kickboxing? O adversário que perde a serenidade perde a

coordenação. Talvez, se eu o provocasse, ele baixasse a guarda e eu tivesse uma chance de usar o telefone ou o alarme.

– *A arte da guerra* não ajudou. É só um monte de besteiras.

– Este caso *prova* que funciona.

Ele disse as palavras com convicção, mas houve um ligeiro rubor em seu pescoço. Eu havia cutucado uma ferida.

– Ninguém vai levar a sério aquele livro estúpido que você está escrevendo. Definitivamente não a polícia. Nem mesmo Sandy presta atenção em você.

O rubor em seu pescoço se tornou mais forte.

– Ela irá prestar. Quando o ler e souber como o livro ajudou no caso.

– Mas você vai deixar de fora a parte em que atirou em Evan, não é? É por isso que está me matando. Porque se a verdade vier à tona, todos saberão que você é um mentiroso, que todas as suas estratégias e planos são bobagens. Você infringiu a *lei*.

– Isso dá certo. Eu só precisava de um caso importante para prová-lo. E provei.

– Não, Billy, você fracassou. Você me disse que eu tinha de ser paciente, mas você resolveu as coisas por conta própria. Então uma policial, sua *parceira*, foi ferida. Você apressou as coisas e isso fez John piorar.

– John precisava ser detido. Graças às minhas ações ele nunca matará outra mulher.

– Mas se você *me* matar será um assassino também e...

– Eu já lhe disse que não serei preso. Não por salvar vidas.

– Você não estava interessado em deter um assassino *nem* em salvar vidas. O tempo todo, tudo o que fez foi por si mesmo. – Os olhos Billy ainda estavam sombrios, mas ele havia conseguido se acalmar. Eu estava começando a me sentir sonolenta e tonta. Tinha de fazer outra tentativa. – Você não liga para nenhuma das pessoas que ele matou.

– Você não sabe nada sobre mim.

– Sei que a Polícia vai rir quando descobrir o que você fez. Essa não é a primeira vez que você fracassa. Lembra da senhora que levou um tiro porque você entrou na casa daquele estuprador?

Billy se levantou.

– Sua idiota filha da mãe! Você não...

– Você não conseguiu controlar o caso e não conseguiu se controlar. Infringiu a lei para fazer o caso se encaixar na estratégia, não o oposto.

– Se eu fosse você, calaria a boca agora.

Uma veia começou a pulsar na testa de Billy e ele deu um passo na minha direção.

Nós dois ouvimos ao mesmo tempo o ranger de pneus no cascalho lá fora.

– Não se mexa – disse Billy. – Droga, é sua irmã! Se você disser uma palavra, estourarei a cabeça dela.

Ah, Deus, Lauren!

Eu quis gritar e preveni-la, mas Ally estava em casa e era tarde demais. Billy já estava abrindo a porta.

– Oi, Melanie. Sua irmã está na cozinha.

Melanie? Por que ela estava aqui?

Melanie entrou e me viu sentada à mesa.

– Oi, esqueci meu celular. Tentei ligar...

Ela viu meu rosto e se virou para olhar para Billy. Ele estava com a arma apontada para a cabeça dela. Quando Melanie sufocou um grito e deu um passo para trás, deixei escapar o soluço que estava preso em minha garganta.

Billy andou para a frente com a arma ainda apontada para ela.

– Sente-se à mesa com sua irmã. – Melanie se virou e olhou para mim, e depois de relance para a porta de vidro. – Nem pense nisso. Sara já percebeu o que acontecerá com Ally se ela fizer algo estúpido.

Os olhos de Melanie encontraram os meus. Assenti com a cabeça.

– Sente-se, Melanie – disse Billy.

Ela puxou a cadeira ao meu lado.

– Ponha as mãos sobre a mesa onde eu possa vê-las.

Ela fez isso, devagar.

– Sara estava no meio do suicídio dela. Já tomou os comprimidos.

O olhar de Melanie voou para meu rosto. Meus olhos lhe disseram que era verdade.

Ela se virou para Billy.

– Você não pode fazer nós duas nos matarmos...

– Cale a boca. Só tenho de ajustar meu plano.

Ele começou a andar de um lado para outro.

Melanie tentou se levantar. Billy lhe deu um soco no rosto. Ela caiu da cadeira com um grito curto.

– Você quer acordar Ally? – perguntou ele.

– Ela está certa, Billy – falei. – Como você vai explicar duas mortes?

Ele apontou a arma para mim.

– Eu lhe disse que *calasse a boca*. – Ele continuou a andar. Então parou e se virou. – John tinha muitos fãs, todos admiradores de assassinos em série. Estão zangados por você tê-lo matado. Um deles decidiu se vingar. – Ele assentiu com a cabeça. – Posso fazer isso dar certo.

Billy se dirigiu à gaveta de facas, pegou a maior delas e a segurou como se estivesse sentindo seu peso. Brandiu-a no ar, uma, duas vezes.

– Ou eu posso ajudá-lo – disse Melanie. Respirei fundo. Mas ela não olhou para mim. Continuou: – Suicídio é muito mais verossímil. As drogas já estão no corpo de Sara. Não precisamos machucar a criança. Mas seria melhor para você se fosse eu a encontrar o corpo de Sara. Eu podia ter tentado ressuscitá-la, mas... – Ela deu de ombros.

– Você acha que vou cair nessa?

No entanto, ele pareceu tenso. Sabia que ela estava certa.

– Eu odeio a Sara. – Melanie cuspiu as palavras. – *Sempre* a odiei. Ela nem é minha irmã de verdade. Se ela morrer, ficarei lhe devendo esse favor pelo resto da vida. – Melanie caiu de joelhos para fora da cadeira. Surpreso, Billy deu um passo para trás com a arma apontada para o rosto dela, mas Melanie se arrastou para a frente. – Até direi à polícia que a vi hoje e que ela estava realmente deprimida.

De lado, vi um brilho no olho de Melanie. Quis dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas minha língua parecia grossa e minha visão estava um pouco embaçada. Os comprimidos definitivamente estavam fazendo efeito.

Melanie agora estava diante de Billy. Ele não se moveu.

– Essa é sua melhor chance de se safar disso – disse ela.

Billy estava com o rosto tenso e em sua testa havia um leve brilho de suor.

Com as mãos ao lado do corpo, Melanie se ergueu, ainda de joelhos, de modo que sua boca ficou bem na frente dos órgãos genitais de Billy. Ele olhou para baixo, paralisado de espanto.

– Eu farei *tudo* o que você quiser, Billy.

Finalmente consegui falar.

– Não importa o que ela diga. Você nunca escapará impune. E quando seu *pai* descobrir, ele...

Billy ergueu os olhos.

– Sua filha da mãe...

Melanie bateu com a cabeça nos órgãos genitais de Billy. Ele deu um urro, cambaleou para trás e soltou a faca, que escorregou e caiu do meu lado esquerdo. Tentei alcançá-la, mas a reação do meu corpo foi lenta e caí no chão com um baque.

Melanie e Billy lutavam pela posse da arma. Ele agarrou Melanie pelos cabelos e bateu com sua cabeça na geladeira. Estendi a mão para pegar a faca, porém meus dedos se fecharam ao redor do ar. Olhei para a esquerda e vi Billy tentando pegar a arma no chão, mas Melanie a chutou para longe a tempo.

Ele lhe deu um soco. Ela caiu e continuou no chão. Agora ele estava vindo para mim. Apesar de estar com a visão embaçada, consegui ver a arma em sua mão. Procurei freneticamente no chão.

Quando meus dedos se fecharam ao redor da faca, as mãos de Billy seguraram meus pés e ele me puxou, tirando-me de baixo da mesa. Tentei agarrar a perna da mesa com uma das mãos, mas ele puxou com mais força. Então ouvi uma voz fina.

– Mãe?

Billy largou minha perna e se aprumou. Enfie a faca em sua coxa. Ele gritou e pôs a mão na coxa. Eu ainda estava segurando o cabo da faca quando ele deslocou seu corpo para trás.

– Mãe!

O sangue da perna de Billy escurecia a parte da frente de suas calças jeans. Ele caiu de joelhos. Minha visão estava piorando.

Ally ainda gritava. Billy se arrastou na direção da arma, que fora parar perto da porta de vidro. Moose estava ficando louco do outro lado.

Com a faca nas mãos, arrastei-me atrás de Billy, mas meu corpo balançava. Concentrei minha visão embaçada em suas costas no instante em que ele se esticou para pegar a arma. Quando eu estava bem atrás dele, ergui a mão com a faca. Ele viu meu reflexo na porta e deu um chute para trás, atingindo-me debaixo do queixo e me atirando contra o armário. Ally gritou e correu em minha direção.

– *Fique aí!* – gritei.

Billy se virou com o rosto vermelho de raiva e apontou a arma para mim. Usei a pouca força que me restava para me apoiar em meus cotovelos e enfiar o calcanhar com força na ferida em sua coxa. Ele gritou e chutei de novo, conseguindo bater em sua mão e jogar a arma através da cozinha.

A arma foi parar nos pés de Ally. Ela estava com as mãos sobre os ouvidos, gritando sem parar. Eu e Billy tentamos pegar a arma. Subi em suas costas e tentei pôr meus braços ao redor de seu pescoço. Billy se levantou comigo agarrada a ele e urrou enquanto cambaleava para trás.

Nós batemos na porta de vidro com tanta força que fiquei sem fôlego. Quando Billy deu um passo para a frente, escorreguei de suas costas e caí pesadamente no chão, tentando respirar. Senti o gosto metálico de sangue em minha boca. Billy se virou e começou a me dar chutes. No peito, nas pernas, na cabeça. Espremida

contra o vidro, eu não tinha para onde ir. Atrás de mim, Moose latia descontroladamente.

Ouvi a voz de Melanie.

– Deixe minha irmã em paz, seu *desgraçado*!

O som alto de um tiro. As imagens estavam embaçadas, mas consegui ver a expressão atônita no rosto de Billy e um círculo de sangue se abrindo na frente de sua camisa. Outro som de tiro e ele caiu em cima de mim.

Tudo ficou escuro. Havia mãos em meus braços, alguém me puxando com força e depois um dedo em minha garganta.

– Sara, vomite!

Lutei com o dedo, mas ele entrou mais fundo.

A voz de Melanie disse:

– Ally, disque 911.



Peço a Deus que você nunca tenha de fazer uma lavagem estomacal, Nadine. Isso não é nada divertido, como também não é divertido ficar dois dias no hospital. Você não acreditaria em como às vezes aquilo lá é barulhento, principalmente à noite. Mas, de qualquer maneira, eu nunca dormia. O fato de John ter assumido a culpa por atacar você e atirar em Evan ainda me assombra. Ele deve ter suspeitado de alguém na polícia. Mas é difícil saber o que estava passando pela cabeça dele. Às vezes me pergunto por que John simplesmente não me contou que não tinha sido ele, mas provavelmente eu não teria acreditado. E ele devia saber disso.

John também deve ter sabido o tempo todo que eu estava trabalhando com a polícia e marcado os encontros para me testar. Mas não entendo por que ele continuou a telefonar. Deve ter percebido que estava se arriscando a cada telefonema. John acreditava que não o pegariam, ou queria tanto um vínculo comigo que estava disposto a correr o risco? Eu o traí repetidas vezes, mas ele continuou a tentar me proteger. Se antes eu sentia um pouco de culpa por tê-lo matado, agora ela é muito grande. Entendo sua teoria de que eu poderia estar me concentrando em meu pai me salvando para me conformar com o fato de ele ser um assassino em

série. Mas é o oposto: saber que ele não era de todo mau é muito mais difícil.

Fico pensando na última noite com John – meu único dia com ele –, em como ele tentou me agradar. E quando o ataquei no rio... Pergunto-me o que ele estava tentando me dizer. Nunca saberei. Há muitas coisas que nunca saberei sobre este caso e é isso que torna tudo mais difícil. Aceitar e deixar para lá não é realmente meu forte. Mas preciso fazer isso se algum dia quiser encontrar algum tipo de paz.

A polícia foi dura com a gente na primeira vez em que tomou nossos depoimentos, mas assim que eles descobriram a Remington .223 no sótão de Billy e um cartucho faltando em uma caixa com evidências, mudaram de tom. Sandy veio me ver no hospital. Descobri que foi Billy que convenceu Julia a falar comigo sobre me encontrar com John. O tempo todo ele a estava informando sobre o caso como parte de sua estratégia para assustá-la e fazer com que me pressionasse. Sandy só falou com ela algumas vezes. No final das contas, Julia não estava mentindo.

Sandy se desculpou por ter ficado tão obcecada pelo caso e admitiu ter sido dura comigo. Mas aquilo era parte de um plano. Depois que ficou claro que Sandy e eu não estabelecemos um vínculo, Billy sugeriu que ela fizesse o papel de agressiva e ele o de bom moço. Sandy ainda se sente mal por John ter levado Ally e mortificada por nunca ter sabido do que seu parceiro era capaz. Quando eu lhe disse que sabia que ela tinha feito o melhor que podia, juro que vi lágrimas em seus olhos. Agora eu a vejo de um modo diferente – ou talvez apenas agora a esteja vendo.

Quando fizeram uma busca na casa de Billy, também encontraram alguns livros sobre *A arte da guerra* e outros clássicos chineses. Em seu computador acharam o arquivo do livro que ele estava finalizando, intitulado *A arte do trabalho da polícia*. Billy havia usado vários casos famosos como exemplos, mas a maioria das estratégias foram aplicadas ao seu “único grande caso”: a caçada ao Assassino do Acampamento. Ele também tinha blocos de notas sobre John e cópias de todos os arquivos.

Outro mistério foi resolvido quando pesquisaram o histórico do navegador de Billy e descobriram todos os sites em que ele postara um link para a matéria original que dizia que o Assassino do

Acampamento era meu pai. Ele fez questão de espalhar isso pela internet, obviamente na esperança de atrair John. Quando a polícia investigou, descobriu que ele até postara a matéria em alguns fóruns sobre onde acampar na Colúmbia Britânica, usando o apelido de Cavaleiro das Trevas. A pior parte é que Billy criou um link para meu site profissional, e provavelmente foi assim que John descobriu o número do meu celular.

Quando saí do hospital e voltei para casa, li *A arte da guerra* do início ao fim, ainda tentando entender as ações de Billy. Mas, no final, apenas fiquei com a sensação de que ele interpretara cada citação de acordo com os próprios objetivos. Havia uma frase lá que basicamente resumia toda a sua amizade comigo: “Comande-os com civilidade, una-os com disciplina marcial e conquistará a confiança deles.” Agora percebo quanto Billy me manipulou o tempo todo – mantendo-me animada, trazendo-me comida, preparando-me para a próxima “batalha” e até mesmo roubando Moose para poder me ajudar a encontrá-lo.

A primeira coisa que meu pai disse foi: “Eu sabia que havia algo estranho nele. Ele não se vestia como um policial.” Comecei a argumentar que o fato de Billy se vestir bem não significava nada e então percebi que estava na defensiva por gostar de Billy. Essa era a pior parte: eu gostava dele. Mas talvez você estivesse certa e não fosse de Billy que eu gostava tanto, mas do que ele me ensinava. Sei que Billy só precisava me acalmar para poder me usar. Mas ele realmente ajudou. Mesmo agora, quando fico estressada ou começo a entrar em pânico, penso: *Respire, recomponha-se e se concentre em sua estratégia.*

Se aprendi algo com toda essa situação foi que embora eu ficasse apavorada 95% do tempo, realmente encarava tudo o que surgia. Agora só tenho de me lembrar de continuar seguindo em frente quando tudo estiver me desviando do caminho. Duvido que algum dia eu consiga ficar calma em uma crise – simplesmente não fui feita para isso. Mas talvez eu pare de surtar com o fato de que surto.

A polícia ainda não sabe quem atacou você. Billy pode ter saído furtivamente naquela noite – eu até mesmo lhe disse o código de alarme depois que ele me incentivou a tomar um Ativan. Mas ele teria se gabado disso. Sandy ainda acredita que foi John, mas acho que não foi ele. Não se preocupe: não me envolverei nisso. Quando

falei isso a Evan, ele apenas riu e disse: “Ceeerto.” Mas juro que desta vez deixarei isso para a polícia.

Evan se sente um idiota por ter desconsiderado minhas preocupações com a arma, mas também muito orgulhoso de si mesmo por nunca ter confiado em Billy. Ele está se aproveitando demais disso, porém, em geral, tem sido realmente maravilhoso. Todas as brigas que tivemos me assustaram, no entanto, no final me fizeram perceber que podemos ter diferenças e ainda sermos certos um para o outro. Se conseguimos sobreviver a dois assassinos, o casamento será uma moleza.

Evan levou Ally para me ver no hospital. Na primeira vez, ela ficou perturbada – é muito difícil ver sua mãe cheia de tubos –, mas um dos médicos lhe explicou tudo e Ally se acalmou. Depois disso, ela adorou vir porque eu lhe dava meus pudins.

Ally dormiu em nossa cama nas duas noites em que estive no hospital. Evan disse que ela acordava gritando. Nós a estamos levando àquele terapeuta e ela está melhorando, mas ainda está bastante carente. Também está tendo *grandes* ataques de raiva, e temos de trabalhar nisso. Porém, no último mês foi sequestrada, viu a mãe e a tia serem agredidas e um homem ser morto com um tiro. Tem de extravasar de algum modo.



Melanie veio me ver no primeiro dia em que fiquei no hospital. Eu estava dormindo, mas quando abri os olhos, ela estava sentada na cadeira ao meu lado, folheando uma revista. Evan me disse que ela teve uma pequena concussão, por isso não fiquei surpresa ao ver a atadura em sua testa. Mas o olho escuro foi um choque.

Limpei minha garganta, que provavelmente ainda estava inchada em virtude da sonda que enfiaram nela.

– Belo olho roxo.

Ela sorriu para mim.

– Mais que o seu.

Sorri de volta e gracieji:

– Gosto de roxo, faz meus olhos parecerem mais verdes.

Nós rimos, mas então gemi.

– Pare, isso dói.

Nossos olhos se encontraram e nosso último momento com Billy pairou sobre nós. Ela se remexeu na cadeira.

– As coisas que eu disse... – Ela pigarreou. – Não eram verdade.

– Eu sei. Mas nosso relacionamento realmente é uma droga.

A raiva brilhou em seus olhos, no entanto ergui uma das mãos.

– Eu tenho uma reação exagerada quando estou de mau humor. – Respirei fundo, o que me fez tossir e doeu à beça. Melanie me entregou um copo d'água. Depois de beber um gole, continuei: – E você está certa: às vezes eu a julgo. Mas sinto ciúmes por causa do modo como papai a trata.

– Bem, não sinta, porque ele está envergonhado por eu ter sido uma grande decepção. Está sempre falando sobre como você se tornou bem-sucedida por si mesma. E ele *odeia* meu namorado.

Eu nunca vira as coisas da perspectiva dela, nunca percebera quanto ela também queria a aprovação de nosso pai.

– Você não é uma decepção. Mas ele realmente odeia Kyle.

Melanie riu.

– Não ajuda em nada ele achar Evan perfeito. Sei que Kyle é diferente, mas ele é divertido e faz com que eu me sinta bem. Você nunca tentou realmente conhecê-lo.

– Tem razão. Agora tentarei, está bem?

– Sim. – Ela sorriu. – Mas não nos vejo saindo juntas.

Ri e depois coloquei a mão do lado do corpo e cerrei os dentes. Quando a dor passou, falei:

– Provavelmente você está certa. Mas nunca se sabe. – Toquei sua mão. – Ei, sabe de uma coisa? Quando você era bem pequena entrei escondida em seu quarto. Achei que se a desse para outra pessoa papai me amaria. E o que aconteceu foi que fiquei em seu quarto durante horas vendo-a dormir.

– Você ia *me dar*?

Sorri ao ver a expressão em seu rosto.

– O importante é que decidi ficar com você. Graças a Deus, ou agora estaria morta.

Ela riu. Então pousou a testa em minha cama e começou a chorar.

– Ah, Sara, eu achei que você *estivesse* morta. Você desmaiou e eu não conseguia acordá-la. Só conseguia pensar que você iria morrer acreditando que eu a odiava.

Acariciei seus cabelos macios.

– Sei que você não me odeia. E também não a odeio, nem quando você me irrita. Lauren diz que eu e você somos muito parecidas e que é por isso que brigamos tanto.

Melanie ergueu a cabeça.

– Não somos nada parecidas.

– Foi o que eu disse a ela. – Nós nos olhamos.

– Ah, dane-se! – disse Melanie.



Quando Lauren veio me trazer algumas roupas, contei a ela sobre meu encontro com Melanie.

– Acho que poderíamos nos dar bem. Sei que ainda vamos brigar, porém agora ao menos estamos falando sobre isso. Ainda me pergunto como John ficou sabendo de todas aquelas coisas sobre Ally, mas nunca realmente pensei que Melanie tivesse algo a ver com isso, e agora tenho certeza.

Lauren se virou e começou a abrir minha sacola.

– Evan deveria lhe comprar alguns chás de ervas quando você for para casa.

– Lauren?

Ela continuou a tirar minhas coisas da sacola.

– Hortelã fará bem ao seu estômago. E vocês precisam comprar alguns purificadores à base de ervas na loja de produtos naturais. Eles ajudarão a eliminar as toxinas.

– Lauren, você pode olhar para mim por um minuto?

Ela se virou com uma das minhas calças na mão. Eu examinei seu rosto sorridente e seus olhos muito brilhantes. Meu estômago se contraiu.

– Você sabe de alguma coisa?

Minha voz ainda estava rouca por causa da sonda.

– Sobre o quê?

O rosto bondoso de Lauren não foi feito para mentir.

– O que você fez, Lauren?

Ela parou por um momento e depois se deixou cair na cadeira ao lado da minha cama.

– Eu não sabia que era ele.

– O que *aconteceu*?

Sua boca se curvou para baixo.

– Um homem telefonou e disse que era do jornal e estava pesquisando em que tipo de artigo as crianças de hoje estão interessadas. Disse que conseguira meu nome com uma mãe que eu conheço, Sheila Watson, uma vizinha, por isso eu lhe falei dos garotos. Então ele perguntou se meus filhos tinham parentes e quando respondi que tinham uma prima ele quis saber do que ela gostava. Eu lhe disse, mas quando fez mais perguntas sobre Ally, eu pedi que repetisse seu nome e ele desligou. Contei isso a Greg e ele falou que não deveríamos lhe dizer nada porque você ficaria assustada.

Pela primeira vez na vida tive vontade de bater em Lauren.

– Não posso acreditar que você não me contou, especialmente depois que Evan levou um tiro!

– Eu não tinha certeza se havia sido o Assassino...

– Ah, certo. – Meu rosto estava quente. – Você não quis dizer nada porque sabia que eu ficaria irritada. Ele sabia como chegar a Ally!

Lauren mordeu o lábio.

– Greg disse que ele teria feito isso de qualquer maneira. Eu me sinto péssima por ter contado a ele sobre Ally. Mas ele parecia tão *bom*!

Nós duas ficamos caladas enquanto eu olhava seu rosto corado. Então algo se encaixou.

– Você contou a alguém que o Assassino do Acampamento era meu pai? Foi assim que isso vazou?

O rosto dela agora estava escarlate.

– Greg... Às vezes ele fala demais quando bebe. Ele não sabia que um dos homens do campo estava namorando uma repórter daquele site ou ele...

– Você contou a ele, mesmo eu tendo lhe pedido que não contasse a *ninguém*, nem a Greg? Você começou tudo isso? – Eu estava agarrando uma revista com tanta força que minha mão doía. Então percebi outra coisa. – Espere um minuto. Greg conta piadas estúpidas quando está bêbado, mas não faz fofoca. Ele sabia que isso realmente poderia estragar minha vida. Por que deixaria escapar alguma coisa?

As bochechas de Lauren ficaram coradas de novo. Eu a olhei fixamente. Ela desviou os olhos.

– Ele fez isso *de propósito*?

Lauren ainda não conseguia me olhar nos olhos e seu rosto mostrava desespero, como se ela quisesse dizer alguma coisa mas não conseguisse. Eu não acreditava que aquilo tivesse sido um vacilo de bêbado. Greg estava com raiva de mim porque achava que Lauren havia me contado sobre seu hábito de beber? Não, não era isso. Lauren era muito leal, e ele sabia disso. Tinha de haver outra razão – ou pessoa.

– Ele estava tentando constranger papai? – perguntei devagar.

Então Lauren olhou para mim e finalmente tive minha resposta.

– *Foi isso?*

Eu não sabia o que doía mais: se Greg ter me atirado debaixo do ônibus para atingir meu pai ou se o fato de ele saber que eu era o meio de conseguir isso.

– Acho que sim. – A voz de minha irmã soou resignada. – Ele jura que não sabia da repórter. Mas ficou com tanta raiva quando papai promoveu o outro capataz...

– Você ficou sentada lá, ouvindo papai me dizer o diabo quando, na verdade, foi seu *marido* que deixou isso vazar?

Os olhos de Lauren se encheram de lágrimas.

– Sinto tanto...

– Tem razão em sentir.

Eu respirava rápido, o que provocava dores intensas em minhas costelas, mas estava tão irritada que não conseguia me importar com isso.

– Tentei lhe contar algumas vezes – disse Lauren –, mas fiquei com medo de que Greg perdesse o emprego, de que papai ficasse louco de raiva e...

– Tratasse você como lixo?

– Ele é o único pai que tenho.

– Também é o único que tenho, Lauren.

Lauren olhou para o cobertor em minha cama e seu rosto ficou triste.

– Sei que as coisas foram diferentes para você – disse ela. – Não é certo o modo como ele a trata.

Fiquei em silêncio com todas as palavras raivosas morrendo em minha garganta.

– Sinto muito. Nunca a defendi quando estávamos crescendo. Nenhuma de nós a defendeu.

Agora era eu quem chorava.

– Você era apenas uma criança.

– Mas agora não sou mais. – Ela respirou fundo. – Vou contar ao papai.

– Ele vai demitir Greg.

– Estou cansada de me esconder. Tenho de fazer algumas mudanças em minha vida. Você é mais importante, é minha irmã. – Seus olhos encontraram os meus. – Só quero que seja feliz.

– Eu *sou* feliz.

E então percebi que era. Eu que tinha tudo de que precisava.



A última visita que recebi no hospital foi a última pessoa que eu esperava ver. Enquanto mudava os canais da tevê, ouvi alguém bater à porta. Olhei de relance na direção da entrada, pensando que era uma das enfermeiras, e vi Julia. Ela estava elegante em seu terninho de linho. Também parecia *realmente* desconfortável.

– Posso entrar?

Demorei um instante para conseguir falar.

– Sim, é claro. – Desliguei a tevê. – Sente-se.

Fiz um sinal com a cabeça, indicando a cadeira ao lado da cama, mas ela entrou e ficou em pé perto da janela. Mexeu nervosamente em uma das flores no vaso, arrancando uma pétala e enrolando-a no dedo. Finalmente se virou e disse:

– Não falei com você desde que o matou...

Sua voz foi desaparecendo e lutei contra a vontade de pôr fim ao silêncio: *Por que você está aqui? Está feliz porque ele morreu? Ainda me odeia?*

– Eu queria lhe agradecer – disse ela. – Agora consigo dormir. – Antes que eu pudesse responder, ela me olhou nos olhos. – Katharine foi embora.

Sem saber ao certo por que ela estava me contando aquilo, falei:

– Sinto muito.

Seu rosto se tornou pensativo.

– Era fácil culpá-lo por tudo de errado em minha vida.

– O que ele fez foi...

– Agora ele se foi. E vejo as coisas que fiz, o que isso fez com as pessoas ao meu redor. Como as afastei... – Seus olhos se fixaram na foto em minha mesa de cabeceira. – É a sua filha?

– Sim, é a Ally.

– Ela é muito bonita.

– Obrigada.

Julia ainda estava olhando para a foto quando minha mãe entrou no quarto com o café que eu lhe pedira alguns minutos antes. Quando viu Julia, ficou surpresa.

– Ah, sinto muito. Voltarei depois.

– Tudo bem, mãe. Por favor, fique.

– Preciso ir – disse Julia, segurando a bolsa e com o rosto corado.

– Espere um segundo. Por favor – pedi e ela se retesou. – Julia, gostaria que conhecesse minha mãe, Carolyn.

Minha mãe olhou de Julia para mim e seu rosto se iluminou. Eu lhe dei um sorriso, meus olhos dizendo tudo o que eu queria dizer. Ela sorriu de volta para mim.

Ela se virou para Julia e lhe estendeu a mão. Prendi a respiração. Julia estendeu a dela. Minha mãe a segurou por um momento com suas duas mãos e disse:

– Obrigada por ter nos dado Sara.

Julia piscou os olhos algumas vezes e disse:

– Você deve estar orgulhosa. Ela é uma jovem corajosa.

– Nós estamos *muito* orgulhosos, sim.

Minha mãe sorriu e senti um nó na garganta.

– Preciso ir – repetiu Julia. Então ela se virou para mim. – Ainda tenho as ferramentas de marcenaria do meu pai. Quando melhorar, vá dar uma olhada. Pode haver algo que queira.

– É claro que irei. Será ótimo.

Fiquei surpresa tanto com o oferecimento quanto com a possibilidade de, afinal de contas, meu lado criativo não ter vindo de John.

Julia acenou rapidamente com a cabeça e saiu do quarto a passos largos.

– Ela parece gentil – disse minha mãe.

– Sêrio? – perguntei, erguendo uma das sobrancelhas

– Ela dá a impressão de ser um pouco inflamada. E isso me lembra seu pai.

– Como você consegue perceber *isso*?

– Eles agem raivosamente quando estão assustados. – Ela se instalou na cadeira que havia perto da minha cama. – Sabia que seu pai ficou ao seu lado durante toda a noite passada enquanto você dormia? – Ela sorriu e depois olhou de novo para a porta pela qual Julia acabara de sair. – Você tem as mãos dela.



Ontem eu estava preparando o café da manhã de Ally e, ao lhe servir panquecas com framboesa e chantilly – eu a ando mimando muito –, ela me perguntou:

– Mamãe, para que servem óculos vermelhos?

– Para proteger os olhos.

Ela revirou os olhos e explicou:

– Isso é uma *piada*, mãe.

Meu coração começou a palpitar.

Ela perguntou novamente, com uma voz monótona:

– Para que servem óculos vermelhos?

Entrei na brincadeira.

– Não sei.

– Para “vermelhor”. – Ela deu uma gargalhada.

– Onde você ouviu essa piada?

– Não sei. – Ally encolheu seus pequenos ombros. – Gosto de piadas.

Ela deu seu sorriso desdentado e tive vontade de lhe dizer que essas piadas eram bobas. Quis retirar dela qualquer parte de John. Mas ao observá-la dando uma grande mordida na panqueca, seu rosto ainda sorridente, pensei em um pai que não deixava o filho pequeno contar piadas.

– Também gosto, Ally.



Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.**

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.